



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TIAGO LESSAS JOSÉ DE ALMEIDA

REDES SOCIAIS E A TEORIA DA RELEVÂNCIA: cognição e hipertextualidade na
dinâmica das redes

Recife
2024

TIAGO LESSAS JOSÉ DE ALMEIDA

REDES SOCIAIS E A TEORIA DA RELEVÂNCIA: cognição e hipertextualidade na
dinâmica das redes

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de Doutor em Letras. Área de
concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Virgínia Martins Pereira

Recife

2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Almeida, Tiago Lessas José de.

Redes sociais e a teoria da relevância: cognição e hipertextualidade na dinâmica das redes / Tiago Lessas José de Almeida. - Recife, 2024.
272.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

Orientação: Sônia Virgínia Martins Pereira.

1. Hipertextualidade; 2. Redes sociais; 3. Teoria da Relevância; 4. Hiper-ostensividade; 5. Inferenciação; 6. Vídeos curtos. I. Pereira, Sônia Virgínia Martins. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

TIAGO LESSAS JOSÉ DE ALMEIDA

REDES SOCIAIS E A TEORIA DA RELEVÂNCIA: cognição e hipertextualidade na
dinâmica das redes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras. Área de concentração: Linguística.

.

Aprovado em: 18/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sônia Virgínia Martins Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Ricardo Rios Barreto Filho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Cleidson Jacinto de Freitas (Examinador Externo)
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

Profa. Dra. Maria Eduarda Giering (Examinadora Externa)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

A minha esposa, que sempre me apoia em tudo.

AGRADECIMENTOS

Dentro de nossos espaços de convivência nunca fazemos nada só. Estou convencido de que como seres sociais dependemos uns dos outros em níveis que ainda não compreendemos bem. Cada pessoa com quem interagimos deixa uma marca que de alguma forma nos torna quem somos hoje.

Por isso, sempre incorremos em injustiças ao fazer uma lista de agradecimentos, pois com toda a certeza deixamos alguém de fora.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar até esta etapa da minha jornada profissional.

Minha fé me dá a certeza de que sem o meu Deus Jeová eu não teria chegado muito longe. Por isso, tenho em conta que toda que qualquer conquista em minha vida se deve a Sua força e orientação acima de tudo.

Agradeço a minha esposa Mirella, a minha cunhada Emmeline e a sobrinha Acsa. São essas as mulheres com quem divido o mesmo teto e que me dão o suporte necessário à minha existência, me garantindo que tudo ficará bem, mesmo quando nem eu tenho mais fé em mim mesmo.

Agradeço também ao grupo de amigos que encontrei nessas andanças pelo meio acadêmico: Jambo, Nestor e Berg. São amigos que a Universidade me deu e os quais levarei para sempre comigo.

Agradeço a Antonio Carlos Xavier, sem o qual esse projeto não teria início.

Agradeço imensamente à minha orientadora Sônia Virgínia Pereira, sem a qual esta tese não chegaria à conclusão.

À Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal do Jaboatão dos Guararapes, expresso minha gratidão na qualidade de servidor, pois o direito que me foi concedido de licença para estudo foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa.

Estendo também meus agradecimentos a toda a equipe técnica e docente do PPGL UFPE. Vocês fazem o programa acontecer e promovem a ciência no nosso Estado.

**"Ninguém pode despir-se de sua condição cognitiva para analisar sua
condição cognitiva."
— Luiz Antônio Marcuschi**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central analisar os padrões enunciativos no contexto da hipertextualidade a partir de três vídeos curtos publicados em algumas das principais plataformas de redes sociais contemporâneas, a saber TikTok, YouTube e Instagram. Nesse sentido, foram selecionados três vídeos curtos de três perfis distintos: (1) @rita_von_hunty, no TikTok, (2) @jonathanbynoe, no YouTube e (3) @peixoto.recife, no Instagram. Para a condução da pesquisa, fizemos uso de uma abordagem investigativa dedutiva com base nas estratégias ostensivo-inferenciais subjacentes ao processo comunicativo do que compreendemos como hipertextualidade (Xavier, 2009). No que se refere aos nossos pressupostos teóricos, tomamos tais estratégias como parte dos dispositivos cognitivos dos usuários de redes sociais em contextos de uso. Consideramos, assim, os aspectos enunciativos como parte essencial dos elementos técnicos disponíveis na hipertextualidade das plataformas de redes sociais para o processo de inferenciação; ou seja, nos encarregamos de assumir um posicionamento pragmático como orientador para a interpretação dos dados hipertextuais e linguísticos (Levinson, 2010; Sperber e Wilson, 1995[1986]; Marcuschi, 2008). Para tanto, fizemos uso do arcabouço teórico da Pragmática Cognitiva que tem na Teoria da Relevância sua maior contribuição para os estudos da modularidade da mente. De acordo com Sperber e Wilson (1995[1986]), qualquer estímulo informacional provoca o acionamento de dispositivos representacionais que contribuem com processamento inferencial. Nesse sentido, a compreensão alcança seus objetivos quando as intenções são mutuamente manifestas para ambos o comunicador e sua audiência. O reconhecimento da presunção de relevância é a base para o Princípio Cognitivo de Relevância, o qual explica as etapas do cômputo inferencial quando um indivíduo interage com textos (Clark, 2013; Silveira e Feltes, 2002; Sperber e Wilson, 2020). Nosso pressuposto central é que essas funções perceptuais são subjacentes à produção e difusão de informação na hipertextualidade. Enquanto fenômeno comunicativo, a hipertextualidade é definida nesta tese como o processo de produção textual a partir da mesclagem intencional e propositiva de módulos linguísticos que se constituem enunciativamente e se valem do processamento ostensivo-inferencial para o direcionamento ótimo da compreensão dos usuários ao interagirem com hipertextos. Os resultados obtidos ajudam a sustentar que as

características enunciativas particulares à hipertextualidade apontam para o fenômeno da inferenciação como um processo operacional em sistemas de hiper-ostensividade, pois a hipertextualidade nas redes sociais é diversa, construída em níveis de ostensividade que variam de acordo com as propostas enunciativas do ato comunicativo em questão. Assim, nossa pesquisa em hipertextualidade compreende que lidamos com sistemas de interpretação complexos, dependentes de estímulos múltiplos em construções enunciativas significativas e particulares.

Palavras-chave: hipertextualidade; redes sociais; Teoria da Relevância; hiper-ostensividade; inferenciação; vídeos curtos.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the enunciative patterns in the context of hypertextuality based on three short videos published on some of the main contemporary social media platforms, namely TikTok, YouTube, and Instagram. In this regard, three short videos from three distinct profiles were selected: (1) @rita_von_hunty on TikTok, (2) @jonathanbynoe on YouTube, and (3) @peixoto.recife on Instagram. For conducting the research, we employed a deductive investigative approach based on the ostensive-inferential strategies underlying the communicative process of what we understand as hypertextuality (Xavier, 2009). Regarding our theoretical assumptions, we consider these strategies as part of the cognitive devices of social media users in context of communicative usage. Thus, we view the enunciative aspects as essential elements of the technical components available in the hypertextuality of social media platforms for the process of inference; that is, we take a pragmatic stance as a guide for interpreting hypertextual and linguistic data (Levinson, 2010; Sperber and Wilson, 1995[1986]; Marcuschi, 2008). To this end, we make use of the theoretical framework of Cognitive Pragmatics, which has the Relevance Theory as its primary contribution to studies on the modularity of the mind. According to Sperber and Wilson (1995[1986]), any informational stimulus triggers representational devices that contribute to inferential processing. In this sense, understanding achieves its goals when the intentions are mutually manifest to both the communicator and their audience. The recognition of the presumption of relevance is the basis for the Cognitive Principle of Relevance, which explains the stages of inferential computation when an individual interacts with texts (Clark, 2013; Silveira and Feltes, 2002; Sperber and Wilson, 2020). Our central assumption is that these perceptual functions underlie the production and dissemination of information in hypertextuality. As a communicative phenomenon, hypertextuality is defined in this thesis as the process of textual production arising from the intentional and propositional blending of linguistic modules that are enunciatively constituted and rely on ostensive-inferential processing for the optimal direction of users' comprehension when interacting with hypertexts. The research results help support the notion that the particular enunciative characteristics of hypertextuality point to the phenomenon of inference as an operational process in systems of hyper-ostensivity, since hypertextuality on social media is diverse and constructed at levels of ostensive

clarity that vary according to the enunciative proposals of the communicative act in question. Thus, our research on hypertextuality recognizes that we deal with complex interpretive systems, dependent on multiple stimuli in significant and particular enunciative constructions.

Keywords: hypertextuality; social media; Relevance Theory; hyper-ostensivity; inference; short videos.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar los patrones enunciativos en el contexto de la hipertextualidad a partir de tres videos cortos publicados en algunas de las principales plataformas de redes sociales contemporáneas, a saber, TikTok, YouTube e Instagram. Para ello, se seleccionaron tres videos cortos de tres perfiles distintos: (1) @rita_von_hunty en TikTok, (2) @jonathanbynoe en YouTube y (3) @peixoto.recife en Instagram. Para la investigación, utilizamos un enfoque investigativo deductivo basado en las estrategias ostensivo-inferencial subyacentes al proceso comunicativo de lo que entendemos como hipertextualidad (Xavier, 2009). En cuanto a nuestros supuestos teóricos, consideramos estas estrategias como parte de los dispositivos cognitivos de los usuarios de redes sociales en contextos de uso. Así, consideramos los aspectos enunciativos como elementos esenciales de los componentes técnicos disponibles en la hipertextualidad de las plataformas de redes sociales para el proceso de inferencia; es decir, adoptamos una postura pragmática como guía para la interpretación de los datos hipertextuales y lingüísticos (Levinson, 2010; Sperber y Wilson, 1995[1986]; Marcuschi, 2008). Para ello, nos basamos en el marco teórico de la Pragmática Cognitiva, que tiene en la Teoría de la Relevancia su mayor contribución a los estudios sobre la modularidad de la mente. Según Sperber y Wilson (1995[1986]), cualquier estímulo informacional activa dispositivos representacionales que contribuyen al procesamiento inferencial. En este sentido, la comprensión alcanza sus objetivos cuando las intenciones son mutuamente manifiestas tanto para el comunicador como para su audiencia. El reconocimiento de la presunción de relevancia es la base del Principio Cognitivo de Relevancia, que explica las etapas del cálculo inferencial cuando un individuo interactúa con textos (Clark, 2013; Silveira y Feltes, 2002; Sperber y Wilson, 2020). Nuestro supuesto central es que estas funciones perceptuales son subyacentes a la producción y difusión de información en la hipertextualidad. Como fenómeno comunicativo, la hipertextualidad se define en esta tesis como el proceso de producción textual a partir de la mezcla intencional y proposicional de módulos lingüísticos que se constituyen enunciativamente y se valen del procesamiento ostensivo-inferencial para la orientación óptima de la comprensión de los usuarios al interactuar con hipertextos. Los resultados obtenidos apoyan la idea de que las características enunciativas particulares de la hipertextualidad apuntan al fenómeno

de la inferencia como un proceso operativo en sistemas de hiper-ostensividad, ya que la hipertextualidad en las redes sociales es diversa, construida en niveles de ostensividad que varían según las propuestas enunciativas del acto comunicativo en cuestión. Así, nuestra investigación sobre hipertextualidad comprende que lidiamos con sistemas de interpretación complejos, dependientes de estímulos múltiples en construcciones enunciativas significativas y particulares.

Palabras clave: hipertextualidad; redes sociales; Teoría de la Relevancia; hiper-ostensividad; inferenciación; videos cortos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Reels</i> do perfil @saquinhdelixo à época das eleições 2022	49
Figura 2 –	Postagem do perfil @mosseri sobre mudanças na estrutura do Instagram	61
Figura 3 –	Ferramentas de criação do TikTok - Por que o TikTok?	63
Figura 4 –	Sobre (blog do Instagram)	65
Figura 5 –	Aparência da interface do feed e do perfil pessoal de usuário no Instagram	67
Figura 6 –	Representação aproximada da aparência da interface de usuário do YouTube de como era poucos meses depois do seu lançamento	71
Figura 7 –	Aparência da interface principal do YouTube em aparelho Android	73
Figura 8 –	Aparência da interface principal do TikTok em aparelho Android	75
Figura 9 –	Descrição da Missão do TikTok publicado no seu site oficial	77
Figura 10 –	Captura de tela da seção <i>Reels</i> do Instagram (esquerda), da seção Shorts do YouTube (centro) e área inicial do TikTok (direita)	79
Figura 11 –	<i>Frames</i> (1-3) do Vazou o áudio da Vira-lata “Resistência” que causou na cerimônia de posse do perfil @gutotvreal no Instagram	88
Figura 12 –	Legenda da publicação de @gutotvreal	90
Figura 13 –	Comentário da publicação de @gutotvreal	91
Figura 14 –	Diagrama representativo da convergência dos módulos linguísticos	107
Figura 15 –	<i>Frames</i> (1-3) do vídeo Deshabiliofobia do canal @Linguriosa no YouTube	122
Figura 16 –	<i>Frames</i> (1-4) do vídeo Funcionários de lojas caminhando pelo shopping do perfil @julianovgoncalves no TikTok	137
Figura 17 –	<i>Card</i> do vídeo Conhecendo <i>Karl Marx</i> por Rita von Hunty de @rita_von_hunty	185

Figura 18 –	Destaque algumas ferramentas de interface (TikTok)	187
Figura 19 –	<i>Frames (1-4) do vídeo Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty</i>	191
Figura 20 –	<i>Frame de abertura do vídeo Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty</i>	192
Figura 21 –	<i>Frames (5-7) do vídeo Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty</i>	200
Figura 22 –	Imagem divulgada da entrevista coletiva Deltan Dallagnol ao MPF com o auxílio do seu PowerPoint com acusações contra Lula (PT)	203
Figura 23 –	Recorte de captura do <i>Frame 7</i> do vídeo <i>Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty</i>	206
Figura 24 –	Shorts do canal @jonathanbynoe	208
Figura 25 –	Captura de tela da postagem <i>The pastor just tryna get to the word #shorts</i>	210
Figura 26 –	Captura de tela do site YouTube da postagem <i>The pastor just tryna get to the word #shorts</i>	213
Figura 27 –	Captura de tela da interface de indexação de faixas áudio no YouTube da postagem <i>The pastor just tryna get to the word #shorts</i>	217
Figura 28 –	<i>Frames (1-4) do vídeo The pastor just tryna get to the word</i>	220
Figura 29 –	Captura de tela de alguns comentários da postagem <i>The pastor just tryna get to the word #shorts</i>	226
Figura 30 –	Interação ao comentário postado por @acedemigod1343	230
Figura 31 –	Galeria de Reels do perfil @peixoto.recife	232
Figura 32 –	Bio do perfil @peixoto.recife	233
Figura 33 –	Card da postagem <i>QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA</i> de @peixoto.recife	235
Figura 34 –	Acesso à galeria de áudio da faixa usado por @peixoto.recife	237
Figura 35 –	Descrição da postagem <i>QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!</i>	240

Figura 36 –	<i>Frames (1-3) do vídeo curto QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!</i>	247
Figura 37 –	Captura de tela da caixa de comentários da postagem <i>QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!</i>	249
Figura 38 –	Captura de tela do comentário de @biellreis2006	250
Figura 39 –	Contínuo do sistema de hiper-ostensividade	258

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Informações das plataformas de rede social de Rita von Hunty	166
Quadro 2 –	Informações das plataformas de rede social de Jonathan Bynoe	169
Quadro 3 –	Informações das plataformas de rede social de Taxista Peixoto	171
Quadro 4 –	Objeto 1: Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty	174
Quadro 5 –	Objeto 2: The pastor just tryna get to the word	175
Quadro 6 –	Objeto 3: Quando lembro que sou crente no desafio de Léo Santana!	176
Quadro 7 –	Das categorias analíticas	182
Quadro 8 –	Principais ferramentas de interface de usuário do TikTok	188
Quadro 9 –	Principais ferramentas de interface de usuário do YouTube	212
Quadro 10 –	Grau de ostensividade dos inputs	215
Quadro 11 –	Principais ferramentas de interface de usuário do Instagram	236

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

API	Interfaces de Programação de Aplicativos (do inglês)
CEO	<i>Chief Executive Officer</i>
CNN	<i>Cable News Network</i>
EP	<i>Extended Play</i>
IA	Inteligência Artificial
IoT	<i>Internet of Things</i>
IVC	Instituto Verificador de Comunicação
PB	Português Brasileiro
PE	Pernambuco
PL	Partido Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USM	Unidade Semiótica de Manipulação
USP	Universidade de São Paulo
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
TR	Teoria da Relevância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	22
1.2 OBJETIVOS.....	34
1.2.1 Geral.....	34
1.2.2 Específicos.....	35
1.3 SEÇÃO 2 - Referencial teórico.....	35
1.4 SEÇÃO 3 - Metodologia.....	37
1.5 SEÇÃO 4 - Análises.....	37
1.6 SEÇÃO 5 - Considerações finais.....	38
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	39
2.1 MÍDIAS E REDES SOCIAIS.....	40
2.1.1 Cibercultura.....	40
2.1.2 Cultura da Convergência.....	45
2.1.3 As redes sociais no processo de mesclagem midiático.....	52
2.1.4 As plataformas de redes.....	57
2.1.5 Formas de contingenciamento comunicativo das redes sociais atualmente.....	59
2.1.6.1 INSTAGRAM.....	64
2.1.6.2 YOUTUBE.....	69
2.1.6.3 TIKTOK.....	74
2.2 HIPERTEXTUALIDADE.....	80
2.2.1 Noção de texto.....	80
2.2.2 Da fala para a escrita: textualidade e a quebra de paradigma.....	85
2.2.3 Do hipertexto à hipertextualidade.....	92
2.2.4 Da convergência à bricolagem digital.....	99
2.2.5 O módulo do movimento na interface de usuário.....	103
2.3 TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	109
2.3.1 Teoria da Relevância: uma abordagem cognitiva da linguagem.....	109

2.3.2 Das máximas de Grice à teoria cognitiva da intenção.....	111
2.3.3 Forma lógica e a constituição dos segmentos de linguagem para o processamento das suposições.....	117
2.3.4 Princípio Cognitivo da Relevância e a hipertextualidade.....	125
2.3.5 Modelo ostensivo-inferencial na produção hipertextual.....	135
2.3.6 Ambiente cognitivo, contexto e circunstancialidade.....	144
3 METODOLOGIA.....	160
3.1 DO MÉTODO E DOS TIPOS DE PESQUISA.....	160
3.1.1 Do corpus.....	164
3.1.1.1 Rita von Hunty.....	165
3.1.1.2 Jonathan Bynoe.....	168
3.1.1.3 Taxista Peixoto.....	170
3.1.2 Descrição do objeto de estudo.....	173
3.1.3 Procedimentos de coleta de dados.....	177
3.1.4 Abordagem de análise no contexto da hipertextualidade.....	178
4 ANÁLISES.....	184
4.1 Objeto 1: Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty.....	184
4.1.1 Nível 1: Interface.....	186
4.1.2 Nível 2: Enunciação.....	190
4.1.3 Nível 3: Mesclagem.....	199
4.2 Objeto 2: The pastor just tryna get to the word.....	207
4.2.1 Nível 1: Interface.....	209
4.2.2 Nível 2: Enunciação.....	216
4.2.3 Nível 3: Mesclagem.....	224
4.3 Objeto 3: Quando lembro que sou crente no desafio de Léo Santana!.....	231
4.3.1 Nível 1: Interface.....	234
4.3.2 Nível 2: Enunciação.....	238
4.3.3 Nível 3: Mesclagem.....	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	254

REFERÊNCIAS..... 263

1 INTRODUÇÃO

Acordar ao som do alarme de um *smartphone* programado todos os dias para a mesma hora. Pegar o aparelho para verificar as últimas notificações. Responder mensagens pelos aplicativos de conversa. Verificar as redes sociais para se atualizar com as últimas notícias da esfera política ou social. Seguir para o trabalho usando o navegador de GPS. Atender chamadas e continuar a responder inúmeras mensagens de texto ao longo do dia. Chegar em casa e assistir a vídeos no *YouTube* ou em alguma plataforma de *streaming* (vídeos sob demanda) enquanto responde mais mensagens e checa, mais uma vez, as redes sociais simultaneamente. Por fim, antes de ir definitivamente dormir, assistir às últimas postagens dos amigos, *stories* aleatórios, vídeos curtos e engraçados e dar *likes*, repostar e enviar carinhas nos comentários.

É bem provável que, com as devidas especificidades e ressalvas, as atividades acima descrevam em grande medida a rotina de um sujeito da massa da classe trabalhadora¹ contemporânea. As variações de uso dos equipamentos eletrônicos ligados à internet tendem a se intensificar à proporção do recorte de classe social em que este sujeito se encontra. Levantar ao som da sua assistente virtual caseira, abrir a geladeira *smart* e usar um *smartwatch* juntamente com seu fone de ouvido conectado via *bluetooth* enquanto segue para alguma prática de exercícios, dirigir um carro conectado diretamente ao celular e trabalhar com um *tablet* e *notebook* ao mesmo tempo, pedir comida por meio de algum aplicativo de *delivery* na hora do almoço, podem não necessariamente fazer parte da rotina de todos os brasileiros nos últimos anos, mas certamente não nos parece estranho que nossas vidas estejam cada mais mediadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

De uma forma geral, estamos cercados por conteúdos comunicativos produzidos em ambientes digitais, produzidos intencionalmente e sob condições circunstanciais específicas, que mobilizam a difusão de informações no contexto da

¹ Sustentamos que a opção por termos como classe trabalhadora explicitam uma visão materialista do mundo tangenciado por essa pesquisa. Evidentemente, trata-se, não de um estudo social, mas do desenvolvimento de uma abordagem explicativa oriunda do campo da linguística e da cognição. Ainda assim, não negamos que compreendemos que as TDICs e os indivíduos se encontram em relações de produção e reprodução sob uma lógica essencialmente capitalista, e portanto, não nos refreamos em usar o léxico que mais apropriadamente define essa relação quando necessário.

cibercultura. A estes chamamos de hipertextos (Xavier, 2013). Porém, assumimos que a lógica de produção desses textos deve se constituir sob determinadas condições enunciativas e materiais (ou técnicas) específicas. Por isso, compreendemos que é a hipertextualidade, enquanto sistema enunciativo desses conteúdos, a qual tem um papel cada vez mais primordial na mediação das relações comunicativas em ambientes digitais. Isso demonstra que dentro dos estudos linguísticos é necessário um modelo cognitivo que explique como interagimos com hipertextos, bem como quais os processos que sinalizam os padrões de compreensão e interpretação.

Em alguma medida as TDICs parecem controlar nossas vidas a tal ponto que imaginar um horizonte futuro onde elas não existam simplesmente pode não parecer mais possível. Textos digitais têm servido a diversos propósitos, desde aquisição de informações a atividades de locomoção. Os hipertextos expressam o que Xavier (2009) entende como a linguagem digital, a qual aprofunda as práticas de combinação e mesclagem de diversos modos de linguagem na tela e em dispositivos conectados à internet.

A bem da verdade, seria justo afirmar que tais tecnologias não são autônomas e estão, mesmo de alguma forma invisibilizadas, condicionadas a modos operacionais direcionados por interesses de corporações e organizações que se beneficiam da capacidade que aparelhos como o celular têm de explorar diversos aspectos da nossa vida. Por outro lado, os usos que fazemos dos hipertextos tendem a ser complexos e contraditórios. Compartilhar informações, por exemplo, tornou-se uma atividade corriqueira e, nas redes sociais, estamos à distância de apenas um toque para nos atualizarmos sobre as novidades e últimos acontecimentos do dia, conteúdos sérios e/ou de divulgação científica, ou até mesmo amenidades cômicas.

Sejam quais forem as possibilidades de uso, ao que parece as redes sociais se tornaram plataformas de grande importância. Nos últimos anos, redes sociais digitais como *YouTube*, *Facebook*, *X* (anteriormente *Twitter*), *Instagram* e *TikTok* se converteram em centros de conexão para além do compartilhamento de vídeos divertidos e fotos de fim de semana. Martins (2020) aponta estudos que classificam o *X* e o *Facebook* como grandes plataformas de mobilização de massa, tendo um papel fundamental nas chamadas jornadas de 2013, as quais eventualmente levaram ao golpe da Presidenta Dilma Rousseff em 2016. Outro movimento social

emblemático de cobertura nacional, *#EleNão*, que teve início a partir dos movimentos feministas no Brasil mobilizados através das redes sociais, ganhou força à medida que as eleições presidenciais de 2018 se aproximavam.

A *hashtag*² foi usada para compartilhar vídeos, memes e informações em oposição ao então candidato à Presidência Jair M. Bolsonaro (PL). A proporção das manifestações ficou ainda mais evidente com os protestos de rua no dia 29 de setembro do mesmo ano, totalizando, segundo estimativas, cerca de 114 cidades e deixando uma marca histórica como a maior movimentação de mulheres no Brasil (Rossi, Carneiro e Gragnani, 2018).

Nesse cenário, compreendemos que as TDICs têm exercido um papel crucial na sociedade de mercado nos últimos anos. O ciberespaço e as plataformas digitais têm proporcionado relações complexas e atenuado ainda mais as fronteiras territoriais, tanto na esfera doméstica como na geopolítica mundial (Castells, 1999; Martins, 2020).

Por outro lado, pode ser importante pensarmos que os processos de ordem mais macro, como manifestações, disputas políticas, tomadas de decisões administrativas, etc., podem estar de alguma forma relacionados a processos de ordem mais micro, como as práticas de leitura e compreensão. Alguns autores destacam o papel que as tecnologias digitais têm desempenhado no que se refere aos nossos hábitos com textos e à nossa capacidade interpretativa (Koch, 2007; Charney, 1994). Segundo Wolf (2019 p. 16), “[c]ada mídia de leitura favorece certos processos cognitivos em detrimento de outros”. Isso pode significar, na visão da autora, que a imersão em mídias digitais esteja associada à incapacidade de alguns leitores de realizar o que ela chama de “leitura profunda” (Wolf, 2019 p. 16).

Ler profundamente seria uma atividade de imersão concentrada, que implica a construção de repertórios de conhecimentos próprios e potencializa a prática de reflexão crítica. Em oposição a isso, a leitura em dispositivos digitais parece proporcionar um modo de leitura mais rápido, e devido ao conjunto de elementos disponíveis na tela, a autora advoga que esse tipo de leitura resulta em práticas de compreensão mais superficiais e menos atentas (Wolf, 2019).

² *Hashtag* é uma ferramenta de indexação em redes sociais acionada através do símbolo de cerquilha (#) antes de alguma palavra, termo ou expressão. Quando a publicação é ativada a *hashtag* torna-se um *hiperlink* dentro da plataforma de rede social na qual foi gerada, o que permite aos usuários acessar outras publicações indexadas à mesma *hashtag*.

Essas preocupações são razoáveis e surgem no momento em que a textualidade impressa, apesar de não ter desaparecido, tem perdido certos espaços antes privilegiados. Segundo dados coletados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), entre os anos de 2016 e 2021 foi observado uma queda de 12,8% na circulação impressa dos principais jornais brasileiros (Yahya, 2022). Por outro lado, o mesmo estudo aponta que houve um avanço de 5,8% no número de assinaturas de mídias *online*. Essa tendência pode indicar que textos digitais têm potencial para se consolidarem como elementos centrais em certos espaços de comunicação social.

Considerando essas informações, pensamos que as redes sociais podem exercer um papel relevante nas práticas de leitura de hipertextos. Publicações nas redes sociais (leia-se postagens), como o Instagram, YouTube e TikTok, demonstram fazer uso dos novos modos de veiculação de informações até mesmo em portais e agências de notícias da mídia tradicional³ no contexto da hipertextualidade. Assim, nosso pressuposto faz referência a como os hipertextos em formatos audiovisuais podem apontar evidências sobre o modo como os indivíduos processam informações na rede. Devido ao fato de textos online potencializarem a mescla de modos variados de linguagem de forma não hierárquica — considerando imagem, som e linguagem verbal em uma perspectiva não *verbocêntrica* (Cavalcante e Custódio Filho, 2010) —, compreendemos que seja possível perceber quais estratégias de compreensão são mobilizadas para o processo de interpretação de tais hipertextos (Xavier, 2009).

Hipertexto pode ser definido como uma tecnologia da informação; protocolos online inerentemente digitais, criados e desenvolvidos como ferramenta de comunicação e indexação de múltiplos textos (Xavier, 2009). Ou seja, consideramos o processamento de leitura de uma forma mais abrangente e desconsideramos qualquer implicação que define o processo de interagir com vídeos como uma atividade de menor complexidade cognitiva em relação à leitura de textos dispostos graficamente.

³ O conceito de que podemos considerar como mídia tradicional ou, *mainstream media* (grande mídia) se apoia nos argumentos de Herman e Chomsky (2002) que definem as redes de televisão, rádio e mídia impressa como partes de conglomerados econômicos que se configuram em monopólios de mídia. Assim, todo objeto de mídia que não perpassa pela lógica de aparelhos privados de hegemonia (Casimiro, 2018) é o que sustentamos como mídia não tradicional. Isso não implica que a internet não o seja. A questão essencial é que esta última tem maior potencial de escape para a produção de conteúdos fora dos círculos tradicionais.

Nesse sentido, destacamos que a hipertextualidade não poderia ser tomada pura e simplesmente como transposição do texto impresso para a tela. Sendo esta uma posição defendida também por Xavier (2009), tomamos a hipertextualidade como fator particularmente pertinente à cognição, sendo possível extrair dela implicações específicas sobre a forma como interpretamos informações e processamos hipertextos. Por isso, objetivamos também compreender como certos dispositivos cognitivos contribuem para o processo de leitura e interpretação no contexto das plataformas de redes sociais, que além de conter especificidades linguísticas pertinentes à hipertextualidade, também parecem otimizar o processo de inferenciação, possivelmente para dar conta de um modo de leitura mais fugaz, menos atento (Wolf, 2019).

Destacamos, no entanto, que tomamos hipertexto como toda a produção semiótica produzida enunciativamente no ciberespaço e conectados online. Sustentamos ainda que para além da leitura de caracteres, o processo de leitura de produções audiovisuais tem ganhado bastante espaço nas redes sociais nos últimos anos. Segundo um recente levantamento realizado pela *Buzzmonitor*⁴, o volume das publicações em redes sociais no formato de vídeo apresentou aumento considerável entre os anos de 2020 e 2023. Segundo o estudo, os vídeos foram os conteúdos com maior crescimento no consumo. Por exemplo, no Instagram, esse crescimento é 3,5 vezes maior em 2023 do que em 2020, o que deve ser justificado também pela presença das ferramentas de produção de *Reels*⁵ desenvolvidas pela plataforma.

De um modo geral, compreendemos que a presença dos vídeos, em especial dos vídeos curtos (Monteiro, 2020), tem tomado bastante espaço do tempo geral relativo ao consumo de conteúdos na internet. Isso representa uma espécie de ruptura comportamental entre as práticas sociais de salas de bate-papo e o processo de produção e difusão de informações de maneira mais potencialmente engajadora e atraente.

⁴ Levantamento publicado pelo portal Olhar Digital sob o título: *Mais vídeos e menos textos: pesquisa aponta mudança nas redes sociais* (Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/12/15/internet-e-redes-sociais/mais-videos-e-menos-textos-pesquisa-aponta-mudanca-nas-redes-sociais/>). Acesso em: 03 jun. 2024).

⁵ *Reels* é o espaço de armazenamento de postagens direcionada a publicação de vídeos curtos no Instagram. A ferramenta permite a criação e publicação de publicações audiovisuais que mesclam músicas, partes de outros vídeos e gravações em tempo real. Os *Reels* ainda permitem ao usuário criar vídeos a partir da sua própria biblioteca ou através da gravação diretamente no seu aparelho de celular.

Nesse sentido, para fins operacionais, neste trabalho objetivamos analisar, à luz dos fundamentos de uma abordagem pragmático-cognitiva, as publicações em formato de vídeo curto nas redes sociais (a saber Instagram, YouTube e TikTok especificamente). Nosso interesse se refere a compreender como se dá o processamento de inferenciação na dinâmica das publicações dessa natureza. Para a construção do nosso corpus de pesquisa, temos selecionado algumas postagens publicadas em formato de *Reels* (Instagram), *Shorts* (YouTube) e *vídeos curtos* (TikTok) de perfis com propostas e posicionamentos distintos nas redes.

Compreendemos vídeos curtos publicados em redes sociais como hipertextos, de maneira ampla, pois estes também veiculam informações e dependem de estratégias de compreensão para sua plena interpretação. Em certo sentido, nossa definição de vídeo curto é oriunda da terminologia usada pela plataforma de rede social TikTok (2024), que se popularizou como um dos principais espaços de compartilhamento deste tipo de publicação. Apesar de a ideia inicial se referir a vídeos de até 30 segundos (Monteiro, 2020), tomamos como tácito que qualquer vídeo que disponha de uma proposta enunciativa para ser consumido em um espaço de tempo menor do que 5 minutos deve ser classificado como curto, pois esse é o espaço de tempo que atualmente se apresenta como o mais geral para esse tipo de publicação nas plataformas mencionadas acima (Monteiro, 2020).

Para essa pesquisa, partimos do pressuposto de que há implicações particulares à cognição no que se refere às tecnologias do hipertexto e sua relação com o processo de interpretação. Consideramos que tecnologia aplicada à hipertextualidade não se trata apenas de informações verbais; são essencialmente processos de mixagens (ou melhor, mesclagens) de modos linguísticos/semióticos contingenciados pelas ferramentas disponíveis em plataformas digitais. Essa consideração nos leva a questionar: Qual a base cognitiva da hipertextualidade materializada em vídeos curtos? Como se dá o processo de compreensão desse tipo de conteúdo no ambiente hipertextual? Quais processos cognitivos interferem no processamento inferencial no contexto da hipertextualidade?

Compreender como se desenvolve o processamento de informações na atividade de leitura a partir de uma base cognitiva é, como diria Ferrari (2018 p. 53), sempre uma “aposta” nas funções mentais como possibilidade de explicação para o processo interpretativo. Vale ressaltar que marginalmente também tentamos entender como determinadas funções inferenciais são mobilizadas em vídeos curtos

veiculados em plataformas de redes sociais para orientar o processo de compreensão dos usuários. Considerando que todo texto tem uma intencionalidade retórica, pensamos que deve ser a Pragmática uma das chaves para se compreender o processamento da hipertextualidade, tomando-a como um elemento teórico central para a explicação acerca da produção de textos em ambientes midiáticos, multissemióticos e linguisticamente convergentes (Xavier, 2009; Jenkins, 2009)

Dentro do escopo da Pragmática, e à medida que levamos em consideração os aspectos intencionais da linguagem, apostamos na Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, 1995[1986]; 2005) como modelo teórico cognitivo-pragmático com condições de elucidar questões centrais sobre o processo de inferenciação e interpretação de hipertextos. De acordo com Sperber e Wilson (1995[1986]), “todos os seres humanos se concentram no processamento de informação mais eficiente”⁶ (p. 49). Isso indica que há um aparato cognitivo inato que nos faz perseguir as evidências mais fortemente evidentes de elementos informacionais para a construção de um cômputo inferencial satisfatório. Esse é, na hipótese da Teoria da Relevância, um princípio cognitivo. O que postulamos a partir do estudo do nosso objeto é que os produtores de conteúdo fazem uso estratégico das plataformas de redes sociais como o Instagram, YouTube e TikTok para potencializar, em um direcionamento de pouco esforço de processamento⁷, a atividade de leitura de hipertextos dos usuários na rede.

O fato de tomarmos o Instagram, YouTube e TikTok como redes sociais constitutivas do *locus* de pesquisa se deve às suas características técnicas e à dinâmica da difusão de informações nas plataformas. O Instagram, por exemplo, tem uma configuração de interface que privilegia, primeiramente, a leitura em dispositivos móveis, e em segundo lugar, tem a imagem como o elemento de otimização da informação. Segundo Vilicic (2015), a plataforma foi gestada desde seus primeiros rascunhos como um aplicativo de compartilhamento de fotografias. Todavia, com o destaque que o TikTok ganhou nos últimos anos, tanto o Instagram como o YouTube passaram por mudanças consideráveis nas suas estratégias de

⁶ Do original: “all human beings automatically aim at the most efficient information processing possible”.

⁷ O conceito de esforço de processamento é parte do arcabouço teórico da Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, (1995[1986]) e faz referência à hipótese cognitiva de seleção de suposições e encadeamento inferencial para compreensão de segmentos comunicativos. O conceito é detalhadamente explorado na seção 3.1.

difusão de publicações. Espaços privilegiados e ferramentas foram desenvolvidos para produção e compartilhamento dos chamados vídeos curtos, que em certo sentido viraram um dos tipos de hipertexto mais populares graças em parte ao TikTok (Stokel-Walker, 2022).

Nossa contribuição teórica a partir dessa pesquisa tem como fundamento principal a base cognitiva que o Princípio Cognitivo da Relevância defende, a saber, tendemos a pouco esforço de processamento com tanto que nossas suposições sejam satisfeitas. Assim, defendemos que as plataformas de redes sociais, através da veiculação dos chamados vídeos curtos, projetam formas de direcionamentos de pouco esforço de processamento para otimização do processo inferencial.

Nosso levantamento nos termos do Estado da Arte revelou que nos últimos dez anos pouca pesquisa tem sido produzida no escopo da Teoria da Relevância e da Hipertextualidade. Dentre as plataformas de repositório de pesquisa analisadas (1. Portal de Periódicos da CAPES⁸, 2. Plataforma Sucupira⁹, 3. ATTENA — Repositório digital da UFPE¹⁰, 4. Google Acadêmico¹¹ e 5. Portal JSTOR¹²), apenas quatro pesquisas foram identificadas como tangenciando o tema. Ainda assim, os trabalhos analisados não se propõem a estudar as implicações que plataformas de redes sociais podem ter para o processo de inferenciação no processamento cognitivo.

Todavia, damos atenção especial à dissertação de mestrado intitulada *O processo inferencial da linguagem politicamente incorreta da Web 2.0: Uma abordagem em interfaces* (Marchi, 2013). Esse estudo tem como proposta de análise os processos inferenciais em ambientes virtuais a partir de uma abordagem teórica das interfaces, de forma que há uma forte base cognitivista e semântica em articulação com uma perspectiva pragmática dos estudos do diálogo. Apesar de combinar a Teoria da Relevância juntamente com sua fundamentação teórica e ter a inferenciação como objeto de investigação, Marchi (2013) faz uso acessório dos conceitos da teoria ostensivo-inferencial nos estudos da linguagem; na verdade, sua fundamentação teórica apresenta os princípios da Teoria da Relevância apenas

⁸ Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em: 18 jul. 2022.

⁹ Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/50>. Acesso em: 18 jul. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://scholar.google.com/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹² Disponível em: <https://www.jstor.org/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

como justificativa para a consolidação da abordagem das interfaces nas análises linguísticas.

A dissertação intitulada *What do you meme?: Humor, comunicação e relevância* (Vanzan, 2020) é uma proposta de aplicação das categorias da Teoria da Relevância às práticas de produção e circulação de memes na internet. A autora se baseia em um arcabouço teórico-filosófico para explicar o conceito de memes, ao mesmo tempo em que analisa os efeitos ostensivo-inferenciais da mixagem de imagens e textos para a interpretação do humor.

Seguindo uma proposta similar, a dissertação de mestrado do autor Pereira (2015), sob o título *O aspecto viral das mídias sociais — Uma abordagem pragmática*, visa investigar os aspectos sócio-enunciativos dos memes virais nas redes sociais. Com base nas categorias cognitivas da Teoria da Relevância, o autor procura explicar a estrutura desses hipertextos no ambiente virtual sob um ponto de vista comunicacional. Os dois trabalhos destacados tentam dar conta de compreender como o princípio cognitivo da relevância fundamenta o processamento de hipertextos, mediando as formas de interpretação e interação no contexto pragmático do humor. Todavia, percebemos que há espaço para uma abordagem de investigação linguística que articule o processamento inferencial e as categorias enunciativas da hipertextualidade nas redes sociais de forma a analisar a construção de ambientes cognitivos sócio-politicamente mobilizados.

Compreendemos, portanto, como importante um modelo teórico explicativo que opere no plano enunciativo, a partir de uma relação entre pragmática e cognição, que seja capaz de articular os aspectos semióticos da linguagem de forma a demonstrar as proposições de significação dos enunciados no contexto das redes sociais. Por isso, apostamos que o Princípio Cognitivo da Relevância demonstra ter condições de se articular a uma abordagem teórica pautada na hipertextualidade.

Apesar de nossa pesquisa ter um caráter cognitivo de base, não nos escapa ao nosso horizonte, mesmo que implicitamente, que vídeos curtos publicados em redes sociais fazem parte de um processo sociotécnico amplo, de implicações reais, e que mobilizam a capacidade de interpretação do mundo nos indivíduos. De outro modo, isso equivaleria a compreender as tecnologias digitais sob um ponto de vista instrumental, despregado de capacidade de autogestão e de relativa autonomia, como se elas só existissem e fossem parte de um processo de desenvolvimento

tecnológico quase que natural. Concordamos com Lemos (2015) quando este afirma que

todo dispositivo técnico deve ser reconhecido não como uma individualidade, fechada, acabada e autonomamente agindo sobre outras, mas como uma mônada, como um *ator-rede* que age e é agido a depender das associações formadas (p. 31, *grifos do autor*),

Uma mônada é um sistema muito simples e diminuto, mas ainda assim constituído de complexidade. Na verdade, o que há é um “jogo de associações em que um conjunto de actantes executam dobras e desengates específicos em dado momento” (Lemos, 2015 p. 47). Ou seja, toda tecnologia encontra sua perspectiva técnica em uma complexa relação dialética¹³ no uso que os indivíduos fazem e na forma como se apropriam de tais ferramentas em um dado momento histórico. Para nós, é fundamental que tenhamos em mente que dispositivos como as plataformas de rede social mobilizam os indivíduos a práticas de leitura de hipertexto, articulando determinadas funções cognitivas no processamento de informações cotidianas.

Quanto ao fato de escolhermos as redes sociais digitais como *loci* da pesquisa, destacamos que estas concentram alguns aspectos sociotécnicos relevantes enquanto objeto de difusão de informações. Devido a questões de ordem social e econômica, o Brasil configura-se muito desigual quanto ao acesso à internet em larga escala para todas as regiões do país, o que equivale a dizer que os usos em demanda por redes de computadores ainda são, de certa forma, restritos a uma parcela urbana da sociedade. Nesse respeito, no que se refere aos usos e acessos das TDICs no Brasil, é preciso notar como tais tecnologias estão indissociavelmente atreladas às condições socioeconômicas da população. Esse aspecto, como

¹³ É importante que esclareçamos os sentidos pelos quais tomamos o termo dialético/a nesta pesquisa. A tradição hegeliana compreende a dialética como um método de análise que observa o objeto na sua processualidade contraditória. O esforço de compreensão nesse sentido diz respeito à abstração da lógica dualista, ou seja, o objeto é percebido em sua totalidade dual, deduzindo-se categorias que se negam sem que a negação extinga o próprio objeto (Fernandes, 2012). No processo de síntese, é o resultado da negação da negação é constitutivo da lógica interpretativa que tem o compromisso de explicar o objeto a partir das suas facetas contraditórias. O problema dessa tradição, como apontado por Marx (2011[1867]), é o fato de que a realidade material é uma exteriorização do pensamento, do ideal (no sentido lógico do pensamento) *a priori*. Marx (2011[1867]) critica e reelabora o conceito, pois para ele, é justamente “ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (p. 129). Portanto, para a tradição marxista, a dialética expõe o método de análise que objetiva “apreender a essência (ou seja: a estrutura e a dinâmica) do objeto” (Netto, 2011 p. 22) no seu movimento real de constituição. Assim, reiteramos que apesar de um método dialético não ser o movimento motriz desta pesquisa, a compreensão do objeto na sua constituição real em contextos situacionais, tomando as contradições da sua essência, definem a base da nossa compreensão da realidade objetiva. Essa perspectiva é a base semântica dos usos do termo dialético/a ao longo do texto e nos ajuda a explicar as complexas relações que o objeto de análise estabelece com outros fenômenos a partir do processo investigativo.

compreendemos, deve se refletir na relação estabelecida entre as informações veiculadas nas redes, bem como nos dispositivos de acesso às mesmas.

É possível observar, por exemplo que, segundo dados do Cetic.br¹⁴, houve um aumento significativo na proporção de domicílios com acesso à internet entre os anos de 2019 e 2020, onde o Brasil passou de 71%, em 2019, para um total de 83%, em 2020. Todavia, a presença de computadores em domicílios brasileiros vinha sofrendo uma tendência de redução — de 50%, 2014, para 39%, em 2019 — chegando a um aumento discreto em 2020, com a marca de 50% desses tipos de dispositivos em residências ao redor do território nacional (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021).

Esses dados ajudam a identificar como o recorte socioeconômico está diretamente relacionado aos usos dos dispositivos eletrônicos, pois no geral, aparelhos de celular tendem a ser mais baratos quando comparados com computadores ou *notebooks*. Nesse sentido, os dispositivos móveis fazem parte de um ciclo de consumo particular: uma vez que aplicativos como os de plataformas de redes sociais são costumeiramente mais utilizados via dispositivos móveis, as redes sociais disponíveis para esse tipo de aparelho são tendencialmente mais acessadas para difusão de informação via internet.

Não é à toa que as plataformas de redes sociais ganharam um foco de atenção tão singular por grande parte dos setores produtivos, e especialmente pelas empresas de comunicação. Segundo Vilicic (2015), somente o Instagram, um dos grandes representantes dos aplicativos especialmente desenvolvidos para dispositivos móveis, depois da sua aquisição pelo Facebook por 1 bilhão de dólares, “bateu um recorde até mesmo diante dos valores exagerados da indústria de tecnologia”, pois “cada dia de existência do Instagram custou em torno de 2 milhões de dólares ao Facebook” (Vilicic, 2015 p. 17). Isso demonstra que as grandes empresas de mídia e o mercado de tecnologia estão atentos aos padrões de uso de consumo e não desconsideram o potencial de produção de capital, bem como os impactos sociais que tais plataformas vêm exercendo nos últimos anos.

Nesse panorama, a política de *zero rating* adotada pelas operadoras de telefonia móvel no país impulsiona o acesso a informações através de redes sociais,

¹⁴ Dados disponíveis no estudo publicado sob o título *Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020* (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021).

em detrimento de outros tipos de plataformas como sites de leituras e blogs. A prática de *zero rating* se refere aos acordos entre as companhias de telecomunicações provedores de internet e as empresas que desenvolvem aplicativos — *Big Techs*. Nesses acordos geralmente são definidos alguns aplicativos ou funcionalidades — no geral, redes sociais — que não serão contabilizadas nos custos do pacote de dados dos usuários. Os planos tendem a oferecer algumas redes sociais, ou parte de suas funcionalidades, com acesso ilimitado. Segundo o portal Núcleo Jornalismo, a *Meta* foi umas das primeiras *Big Techs* a oferecer esse tipo de serviço no Brasil com uma versão mais leve do *Facebook* (Spagnuolo e Martins, 2022).

Essas questões podem ser um fator relevante no que se refere à forma como as pessoas interagem com as informações em redes sociais. Como já discutido em Almeida (2021), publicações em redes sociais, devido ao seu caráter imediatista e fugaz, usam padrões de construções que tendem à espontaneidade na compreensão do leitor, direcionando o processamento de leitura para interpretações que reduzem as possibilidades de múltiplas implicações. Esse tipo de padrão chamamos de *hiper-otimização* do processamento inferencial. Alguns dados iniciais apontados no referido estudo, indicam que as redes proporcionam uma tipo de leitura mais otimizada, o que parece se conformar às práticas de redução do tempo de interesse dos indivíduos em contextos ciberculturais.

Por outro lado, isso não parece indicar que estamos tratando de formas de processamento menos complexas quando comparados a textos impressos, por exemplo. A partir desse plano sociotécnico¹⁵, levamos em consideração que a hipertextualidade das redes não deveria ser definida apenas como um setor de leitura rasa, como se a atividade de inferenciação dos hipertextos fosse de alguma forma um modelo subvalorizado de leitura. Nossa pesquisa procura entender quais são as estratégias de processamento de informações, tomando como ponto subjacente o fato de que qualquer atividade representacional de informações implica em mobilização complexas de sistemas cognitivos.

¹⁵ O termo técnico, no âmbito desta pesquisa, faz referência aos usos das ferramentas tecnológicas como expressão da capacidade de aplicação técnica das práticas científicas. Consideramos, assim como Lemos (2015), que as relações estabelecidas entre sujeitos e máquinas evidenciam, de alguma forma, comportamentos dialéticos particulares na interação entre indivíduos e dispositivos eletrônicos, sendo essa relação um processo de mediação por algoritmos e máquinas. Essa parece ser uma questão importante para destacarmos que as práticas de interação e leitura na hipertextualidade comporta, de alguma maneira, aspectos particulares às TDICs.

Refletir sobre essas implicações nos ajuda a entender a importância de pensarmos sobre as práticas de leitura e compreensão no âmbito da hipertextualidade em redes sociais e seu papel no processo de interpretação de informações. Por esse motivo, defendemos um modelo teórico explicativo que opere no plano cognitivo, a partir de uma relação entre intenção e estratégia, bem como que este seja capaz de articular os aspectos pragmáticos da linguagem de forma a demonstrar as proposições de sentido dos enunciados em contexto. A Teoria da Relevância, a partir do Princípio Cognitivo da Relevância, parece ter condições de ser articulada à hipertextualidade de forma a apontar propostas explicativas sobre, como efetivamente, se dá o processo interpretativo de hipertextos. Este princípio implica que todas as formas de processamento de informações se referem à capacidade que os interlocutores têm de tornar suas intenções mutuamente manifestas para direcionar o sentido da interpretação (Sperber e Wilson, 1995[1986]).

No centro epistemológico da nossa pesquisa tentamos responder a pergunta de base: *Qual é o processo cognitivo subjacente à produção hipertextual que orienta os usuários para o processamento inferencial?* Aventamos esse questionamento como necessário para procedermos ao estudo de objetos sob uma teoria cognitiva da hipertextualidade, pois qualquer modelo explicativo que se comprometa em compreender os dispositivos mentais acionados no momento da interação com as mídias digitais deveria levar em consideração a arquitetura sistêmica da cognição (Fodor, 1985) e a estrutura técnica e semiótica da hipertextualidade.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Analisar vídeos curtos publicados em redes sociais YouTube, Instagram e TikTok, à luz de uma abordagem pragmático-cognitiva, de forma a compreender as estratégias ostensivo-inferenciais subjacentes ao processo comunicativo no contexto da hipertextualidade.

1.2.2 Específicos

- Examinar as estruturas linguístico-pragmáticas no contexto da hipertextualidade de postagens audiovisuais nas plataformas de redes YouTube, Instagram e TikTok .
- Investigar os elementos não-linguísticos manifestamente ostensivos e tecnicamente articulados às proposições enunciativas no contexto da hipertextualidade.
- Compreender como os aspectos de mesclagem de módulos linguísticos/semióticos constituem-se enquanto parte do processamento de hipertextos no plano cognitivo.

Abaixo destacamos as partes essenciais de cada seção que compõe a tese como estratégia de visualização geral do projeto de relato de pesquisa desenvolvido:

1.3 SEÇÃO 2 - Referencial teórico

Os aspectos teóricos contidos nesta seção fazem parte do eixo de sustentação dos argumentos centrais defendidos na tese. Intencionamos fazê-lo seguindo uma lógica do mais geral para o mais específico no sentido de como abordamos nosso objeto de pesquisa, isto é, vídeos curtos publicados nas principais plataformas de rede sociais da atualidade. Com isso, nos preocupamos em subdividir a seção 2 em três subseções:

1. *Mídias e redes sociais*: nessa subseção nos concentramos em compreender como a cibercultura, entendida como um movimento cultural que incorpora a lógica do esfacelamento das fronteiras nacionais para provocar conjuntos de conexão de pessoas em grupos descentralizados e influencia a produção do assim chamado hipertexto. Este, por sua vez, é definido como um protocolo, expressa um movimento mais amplo que sustentamos como hipertextualidade, a qual representa um fenômeno da linguagem e da comunicação a partir dos dispositivos digitais conectados a redes de servidores. Nesse sentido, enxergamos as redes sociais como um dos ambientes digitais mais representativos desse movimento, onde as conexões estabelecidas dependem de padrões interacionais de todos-para-todos, em

detrimento de formas de comunicação centralizadas. A seção visa ainda articular nossa proposta de definição da hipertextualidade com uma abordagem da semiótica do hipertexto para sustentar que uma vez que as plataformas de redes sociais são ambientes de interação hipertextual que otimizam a mesclagem de variados módulos semióticos de comunicação, estas contribuem para descentralizar os interlocutores de suas posições verbalmente convencionais, a saber, produtor-receptor e comunicador-audiência.

2. *Hipertextualidade*: A partir de uma posição teórica enunciativa e técnica, o escopo teórico apresentado na subseção nos ajuda a entender que a hipertextualidade representa um tipo de fenômeno semiótico que depende em grande parte do que chamamos de mescla de módulos linguístico-semióticos para a produção e difusão de informações, de forma que os textos veiculados nas redes sociais, por exemplo, se constituem de uma complexa técnica de mixagem de formas variadas de linguagem para a produção de sentidos. Nesse sentido, a seção referente ao conceito de hipertextualidade argumenta: (1) a hipertextualidade é um modo enunciativo que deve sua constituição às TDICs no que diz respeito à capacidade que elas têm de convergir variados módulos linguísticos e (2) a hipertextualidade é subjacente aos hipertextos e, sendo estes protocolos de transferência de dados, seus limites enunciativos são difusos a ponto de assumirmos que qualquer recorte a partir da hipertextualidade é em si um procedimento sempre arbitrário.
3. *Teoria da Relevância*: Por fim, encerramos a seção teórica discutindo os aspectos teóricos de base pragmático-cognitiva. Nossa fundamentação epistemológica se concentra na Teoria da Relevância, a qual deve aos cognitivistas Sperber e Wilson (1995[1986]; 2005) sua origem. A Teoria da Relevância defende que a comunicação humana tem como sistema de funcionamento as expectativas de relevância e seus índices de orientação para o cômputo inferencial, isto é, dependemos em grande parte dos estímulos ostensivos disponíveis no ato cognitivo para reconhecimento mútuo das intenções. As implicações dos enunciados são o resultado do processo de representação das formas lógicas a partir das informações comunicadas, de forma que a compreensão é realizada quando as intenções são mutuamente manifestas para ambos o comunicador e a audiência. A partir

desses parâmetros linguísticos, a terceira seção do capítulo argumenta que a hipertextualidade tem como princípio operacional a otimização do processamento cognitivo ostensivo-inferencial.

1.4 SEÇÃO 3 - Metodologia

A seção referente à Metodologia explica em linhas gerais os fundamentos de uma pesquisa pragmático-cognitiva, tendo em vista que para realizá-la entendemos como necessário a formulação de uma abordagem centrada tanto na busca qualitativa de dados como em um tipo de raciocínio indutivo. Essa questão ajuda a compreender que procedemos, em certos aspectos, a padrões de análise lógica da comunicação, o que nos dá suporte para acessarmos as formas representacionais das implicaturas e suposições dos enunciados. Por outro lado, faz-se necessário que consideremos os aspectos contextuais e os efeitos perceptuais destes para as formas de representação das informações comunicadas. A seção ainda explica que tipo de padrão metodológico seguimos para proceder ao recorte do objeto em hipertextualidade, os critérios definidos para a sua escolha e uma descrição detalhada dos mesmos. Nesse sentido, ressaltamos que selecionamos três vídeos curtos (um para cada) de três plataformas de rede social distintas (Instagram, YouTube e TikTok, não necessariamente nesta ordem).

1.5 SEÇÃO 4 - Análises

A seção de análise cumpre seu objetivo no que tange a esclarecer os aspectos destacados na fundamentação teórica. O quadro de categorias desenvolvido para a pesquisa serve de dispositivo de análise para acessar o objeto, de forma que possamos descrever tanto suas características enunciativas como seus aspectos mais tecnicamente relevantes para a otimização do processamento inferencial.

Nossa análise segue um protocolo de desenvolvimento em três níveis. O primeiro nível se refere ao setor da interface da enunciação hipertextual. Nesse nível agrupamos os elementos técnicos relacionados às *affordances*¹⁶ dos dispositivos

¹⁶ *Affordances* nesse contexto se refere às possibilidade de manipulação das ferramentas técnicas disponíveis nos ambientes digitais. Mais informações na subseção 2.2.3

digitais e nos preocupamos em analisar as implicações das ferramentas técnicas para a construção dos efeitos contextuais.

O segundo nível analisa o setor operacional dos aspectos enunciativos, onde identificamos os processamentos informacionais. A este nível dedicamos a análise dos processos inferenciais conectados aos aspectos perceptuais das formas lógicas mais verbalmente orientadas.

Finalmente, o terceiro nível está destinado aos processos correlatos à mixagem dos variados módulos semióticos. Isso significa que neste nível nos debruçamos sobre os efeitos de mescla de módulos de linguagem, tomando-os como estímulos ostensivos constituídos de valores de esforço de relevância.

1.6 SEÇÃO 5 - Considerações finais

Adiantamos que nossa pesquisa leva a considerações acerca das características enunciativas particulares à hipertextualidade que apontam para como o fenômeno opera em padrões do que entendemos como aspectos *hyper-ostensivos* de direcionamento ótimo da compreensão. Isso parece indicar que o processo de inferenciação em sistemas de comunicação mediadas por mídias digitais não significa uma aposta incondicional na hipertextualidade como uma forma revolucionária de textualidade, a ponto de considerar qualquer coisa produzida no ambiente digital como imprescindível para a subjetividade dos indivíduos contemporâneos. Também não supomos que os padrões de leitura na hipertextualidade são menos importantes do que a leitura em textos impressos. O que sustentamos é que a hipertextualidade constitui-se em sistemas de interpretação complexos, dependentes de estímulos múltiplos em construções enunciativas significativas e particulares. Nosso pressuposto sustenta que a hipertextualidade nas redes sociais é diversa, construída em níveis de ostensividade que variam de acordo com as propostas enunciativas do ato comunicativo em questão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apresenta os principais elementos teóricos que embasam nossa pesquisa e sustentam sua prática de análise no que se refere ao objeto e suas determinações. Inicialmente apresentamos uma discussão acerca das redes sociais no contexto do Cibercultura e da Cultura da Convergência (Lévy, 2010b; Jenkins, 2009), de forma a compreendermos as formas de construção das práticas de difusão de informação em ambientes digitais de fortes implicações para o contexto da convergência das mídias a partir da tecnologia da internet (Recuero, 2020; Boyd e Ellison, 2007). Essas questões são a base social para refletirmos sobre o processo de plataformização no contexto das redes sociais digitais, de forma a compreender os sistemas de produção e difusão de conteúdos em ambientes hipertextuais interativos (Poell, Nieborg e Dijck, 2020; Gillespie, 2018).

Posteriormente, discutimos o quadro geral da hipertextualidade. Tomamos cuidado em propor a preferência pelo conceito de hipertextualidade em detrimento de hipertexto por compreendermos as condições comunicativas que sustentam a primeira como processo. Além do mais, entendemos os estudos do texto na abordagem sócio-interacionista de base cognitiva como uma ruptura com as abordagens tradicionais da Linguística devido ao seu caráter anti-dicotômico. Nesse sentido, optamos por explicar a tradição teórica que dá fundamento ao conceito de hipertextualidade dentro dos estudos do texto, para então, elaborarmos as condições categoriais que sustentam uma explicação linguística das práticas de comunicação em ambientes digitais (Marcuschi, 2008; 2012; Xavier, 2013; 2009).

Por fim, abordamos os meandros teóricos que satisfazem a perspectiva cognitiva neste trabalho através da Teoria da Relevância (por vezes, TR) (Sperber e Wilson, 1995[1986]). A TR é uma proposta teórica de base pragmática que tenta dar conta de explicar o processo interpretativo através do cômputo inferencial. Essa abordagem teórica nos ajuda a entender as implicações cognitivas. Nesta pesquisa transpomos as discussões em Relevância para as práticas enunciativas no contexto da hipertextualidade, de forma a proporcionar a reelaboração de categorias teóricas aplicáveis à análise de objetos hipertextualmente direcionados.

No quadro geral da pesquisa, compreendemos que esses pontos contribuem para um conteúdo explicativo amplo. Entretanto, tendo em vista a complexidade do

objeto de estudo, faz-se necessário que tenhamos em mente que os aspectos sociais, enunciativos e cognitivos como eixos epistemológicos para a análise.

2.1 MÍDIAS E REDES SOCIAIS

Esta subseção se concentra no debate acerca das redes sociais digitais na atual era da *Web 2.0*¹⁷. Partimos dos aspectos mais gerais no que diz respeito à cultura digital, adentrando o processo das relações sociais mediadas pelas tecnologias da informação para, então, pensarmos mais particularmente as práticas de produção e difusão de informações a partir de plataformas de redes sociais. Esse debate mostra-se necessário para que consigamos desenvolver um modelo explicativo de base linguística que leve em consideração a dinâmica, a estrutura e as implicações interativas da hipertextualidade nas redes sociais digitais.

Além disso, entendemos que o processamento da linguagem a partir de dispositivos tecnológicos não se limita às ferramentas disponíveis em ambientes virtuais mediados por máquinas e/ou de interação entre usuários, mas faz parte de um movimento cibercultural mais dinâmico. Nesse sentido, no que tange às plataformas de redes sociais, sustentamos nesta seção o argumento em (a)¹⁸:

- (a) As plataformas de redes sociais são ambientes de interação hipertextual que otimizam a mesclagem de variados módulos simbólicos (ou semióticos) de comunicação, ao passo que descentralizam interlocutores de suas posições verbalmente convencionais.

2.1.1 Cibercultura

A primeira metade do século XXI tem sido marcada por grandes mudanças no campo da produção midiática, especialmente no que se refere ao papel que a

¹⁷ O conceito de *Web 2.0* deve ser tomado como parte de um bojo mais amplo de definições acerca dos parâmetros estruturais da internet. Recentemente, a Comissão Europeia publicou um estudo no qual define o conceito do desenvolvimento de uma modalidade 4.0 para a internet (European Union, 2023). O ponto central, no entanto, é termos em mente que todas as estruturas transicionais de internet, em certo sentido, parecem conviver simultaneamente, dando à rede suas características complexas, fluidas e contraditórias.

¹⁸ Cada seção teórica é acompanhada de um argumento para sustentar a sua função retórica no conjunto da fundamentação. Essa estratégia visa dar conta de construir o argumento central que compõe nosso pressuposto.

internet tem tomado em diversas áreas da sociedade. Xavier (2009) vislumbrava uma era na qual a digitalização da produção da informação corresponderia a uma proporção midiática nunca antes observada em qualquer outro tipo de tecnologia anterior. Em um certo sentido, o debate proposto por Xavier (2009) tem relação com a configuração da fase *Web 2.0* na qual nos encontramos. O termo aparentemente cunhado por Tim O'Reilly¹⁹ descreve que a internet se encontra em uma fase de desenvolvimento mais particularmente intrincada nas mais variadas áreas da vida cotidiana e corporativa em sociedades economicamente desenvolvidas e subdesenvolvidas. Entre outras coisas, o termo *Web 2.0* compreende a internet a partir de características como a automação na troca de informações entre dispositivos conectados sem cabos — *Internet of Things* (IoT — Internet das Coisas, em inglês) —, do controle e garimpagem de dados de usuários e da presença massiva dos “tipos de empresa de mídia que utilizam redes sociais, conteúdo gerado pelo usuário ou conteúdo moderado pelo usuário” (Jenkins, 2009 p. 388).

Enquanto usuários, a experiência que temos vivenciado com a mídias digitais nos últimos anos nos faz crer que quase todas as esferas da vida urbana contemporânea estão de alguma forma mediadas pela rede de computadores. Existem ressalvas quanto às experiências de acesso devido a questões socioeconômicas, evidentemente. E é importante que tenhamos em mente que toda prática digital também perpassa por um recorte de classe. No entanto, com certa segurança, conseguimos supor que as mídias digitais, direta ou indiretamente, redesenharam as práticas culturais de uma parcela significativa da população mundial.

Martins (2020) é muito precisa ao afirmar que os

novos meios técnicos não são apenas novos canais de difusão, mas sim expressões da reorganização das relações sociais. Eles tornam possíveis novas formas de ação e interação, afetando o nosso sistema de referências inclusive por modificar a nossa percepção do tempo e do espaço, ou do público e do privado, noções que têm sido radicalmente alteradas atualmente (Martins, 2020 p. 185)

Atentamos para a percepção da relação dialética destacada pela autora quanto ao processamento das informações em ambientes e plataformas digitais. Os meios técnicos, como explica a autora, são ao mesmo tempo canais de difusão e formas de relações sociais. A distância entre o objeto técnico, desempregado do uso

¹⁹ Tim O'Reilly: *Web 2.0 Is About Controlling Data* (Disponível em: <https://www.wired.com/2007/04/timoreilly-0413/>. Acesso em: 21 jul. 2023).

não satisfaz a compreensão deste no centro da mediação da produção e difusão de informações entre usuários. Essa é uma reflexão fundamental para pensarmos os usos dos artefatos digitais enquanto vias de acesso a formas culturais, processos interacionais e experiências informacionais novas, possibilitadas e reconfiguradas por um ambiente marcadamente ubíquo²⁰.

Essas questões podem deixar em evidência o tipo específico de movimento cultural vinculado à virtualidade dos meios tecnológicos que, indispensavelmente, estão ligados à internet. Para Lévy (2010b), a virtualidade deve ser definida como uma tendência propagada pela cibercultura. O autor rejeita se conformar ao senso comum quando usualmente se faz referência a um suposto *impacto* promovido pelas tecnologias da informação sobre a sociedade e/ou cultura. Impacto, para o filósofo, remete a uma metáfora bélica, à medida que implica a personificação da sociedade como sendo atingida por “algo comparável a um projétil” (Lévy, 2010b p. 21). Na contramão desse raciocínio, Lévy (2010b) prefere explicar que as tecnologias digitais comportam em si mesmas a imaterialidade das práticas virtuais por fazerem uso de protocolos digitais, processamento de textos e indexação de informações em rede. Nesse sentido, virtual é “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (Lévy, 2010b p. 49).

Ressaltamos que o termo desterritorialização no pensamento de Lévy (2010b) deve ser levado em conta com uma medida de atenção no que tange à discussão que esboçamos aqui, pois compreendemos que dentre as muitas coisas que as práticas ciberculturais potencializam, sem sombra de dúvida, é a possibilidade de desprendermos a produção e veiculação de informações das fronteiras geopolíticas específicas. Esta é uma característica amiúde pertinente. A despeito do fato de que fundamentalmente tratam-se de servidores localizados e armazenados em espaços físicos, conectados a fluxos informacionais em larga escala, o ciberespaço provoca uma tendência ao imaterial e ao deslocamento, onde a noção de tempo-espaço se descola da temporalidade geofísica. Nesse sentido, as interações e o

²⁰ Aqui fazemos referência ao conceito de ubiquidade de Xavier (2009). Apesar de o autor compreender que a ubiquidade seja uma característica particular ao hipertexto, entendemos que essa noção tem potencial explicativo para descrever as relações culturais mediadas pelas TDICs uma vez que o processamento de informações hipertextuais, é em si mesmo, um processo, não um objeto dado e finito.

processamento de informações parecem se conformar aos aspectos mais virtuais no sentido técnico, isto é, virtual enquanto ubíquo. Essa definição serve para estabelecermos uma dicotomia entre um tipo de indexação geolocalizada²¹, como acontece com livros e jornais por exemplo, e um outro de tipo de indexação hipertextualizada, como experimentamos com dispositivos tecnológicos.

Apesar de evitarmos o termo virtual para nos referirmos às plataformas de redes sociais digitais, o conceito está compreendido dentro do aspecto técnico dos dispositivos eletrônicos, pois para Lévy (2010b p. 50) “o virtual existe sem presente”. Optamos por fazer referência aos aspectos digitais das TDICs de uma forma geral pela forma como o termo parece expressar a dicotomia da interação com informações em textos analógicos. Ainda assim, admitimos que Lévy (2010b) é inequívoco quanto à percepção de que há uma relação particular nesse movimento cultural patrocinado pelas entidades tecnológicas no campo da informação.

A cibercultura enquanto processo das relações sociais, corresponde à “globalização econômica, [ao] adensamento das redes de comunicação e de transporte”, resultando em uma tendência a “formar uma única comunidade mundial, ainda que essa comunidade seja [...] desigual e conflitante” (Lévy, 2010b p. 259). Essa tensão entre o universal e a não totalidade das práticas digitais é um elemento pertinente para compreendermos que a cibercultura tem reflexo contraditório em todas as esferas de seu desenvolvimento. Lévy (2010b) está menos interessado na crítica às TDICs e mais concentrado em tentar compreender as relações entre as forças de conexão e ruptura dimensionadas por essas mesmas tecnologias.

Barton e Lee (2015) são muito precisos em destacar o papel que a linguagem tem para as relações estabelecidas em sociedade, e que no caso específico das tecnologias da comunicação temos experimentado rupturas em relação aos hábitos culturais que adotamos. Não há como negar que a disseminação dos aparelhos tecnológicos de comunicação se estabeleceu de forma acentuadamente rápida em termos sociais. Concordamos com Barton e Lee (2015 p. 13) no que diz respeito ao fato de que a escrita vem “assumindo diferentes papéis em uma economia em que a informação é cada vez mais importante” ao passo que também observamos

²¹ Usamos o termo “geolocalizado” enquanto metáfora para explicar o conceito de que os elementos de indexação de informação e referencialidade em textos analógicos têm a tendência a existir materialmente em espaços concretos de gênese e reprodução da informação. Diferentemente disso, as TDICs possibilitam o protocolo de múltiplos pontos de indexação, com forte apelo ao apagamento da origem, ou fonte, inicial da informação.

“mudanças comunicacionais, nas quais o modo dominante foi deslocado da escrita para a imagem, alterando a lógica de nossas práticas comunicativas”.

De acordo com os autores, as expressões culturais da assim chamada linguagem online tem alterado a dinâmica da produção enunciativa de um modo geral, pois as pessoas “combinam imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita *online*” (Barton e Lee, 2015, *grifos dos autores*). Por outro lado, os mesmos usam de cautela ao concluir que a “imagem não está substituindo a linguagem; mas estamos percebendo novas formas de esses modos trabalharem poderosamente em conjunto” (Barton e Lee, 2015). De fato, também nos parece razoável chegar a conclusões similares quanto às formas de combinação de modos semióticos distintos que a cibercultura parece naturalizar na produção enunciativa.

Porém, discordamos quanto ao fato de os autores suporem que imagem se diferencia de linguagem. Levando em consideração que se trata de um problema de tradução (língua e linguagem são palavras vertidas de um mesmo termo no inglês *language*), ainda notamos que há uma certa dicotomia subjacente à noção de linguagem dos autores. Preferimos nos apoiar em tradições menos *verbocêntricas* da linguagem, o que parece ser mais coerente com o objeto de estudo extraído do ciberespaço (Cavalcante e Custódio Filho, 2010; Coscarelli, 2009).

Todavia, em termos sociais, a presença da cibercultura como prática diária ainda impõe uma certa dimensão de contradição entre as relações culturais mediadas pelas tecnologias da informação, como apontado por (Lévy, 2010b). Ao passo que observamos produções enunciativas menos centradas no grafismo, ainda temos que levar em consideração as implicações de possíveis segmentações de acessos à informação por setores específicos da sociedade, o que comprime a possibilidade de movimentos democráticos na difusão da informação online.

Ter essas questões em mente deve ajudar também a explicar a dinâmica do processamento de informações em contextos hipertextuais, pois enquanto alguns autores parecem apontar aspectos positivos particulares à leitura de hipertextos, outros tendem a olhar com ressalvas determinadas características presentes no processo de interação com textos dessa natureza (Xavier, 2007; Santaella, 2013, Ramal, 2002).

Essas questões têm um espaço reservado que tangenciamos ao proceder com o debate e a reflexão a partir dos dados apresentados nesta pesquisa. Por enquanto, vale ressaltar que estamos preocupados em demonstrar como as redes

sociais reproduzem com garantida precisão esse movimento cultural ubíquo e multifacetado, que afeta as práticas sociais de uma forma geral, mas particularmente as práticas de leitura e compreensão, com consequências sobre o próprio conceito de informação. Destacamos ainda que compreendemos que as redes sociais, as plataformas que as encapsulam, se destacam como modelos de padrões de comportamento do consumo de informações e das práticas de linguagens nos últimos anos, pois tendemos a refletir a partir do pressuposto de que os padrões de interação hipertextual em muitos aspectos têm se homogeneizado a partir da lógica hipertextual das redes sociais.

2.1.2 Cultura da Convergência²²

A definição de cibercultura de Lévy (2010b) é importante para pensarmos a dimensão da técnica em processo de relação com as expressões socioculturais que subjazem aos usos das tecnologias digitais. Do ponto de vista participativo, o conceito parece dar conta de esclarecer como o processamento de informações em dispositivos midiáticos se estabelece em condições contraditórias e complexas. Ainda assim, precisamos discutir a dimensão midiática desse movimento e as implicações para o processo interacional em ambientes hipertextuais, pois será necessário compreendermos como conteúdos hipertextuais são construídos, em certo sentido, através das experiências de uso coletivo.

Henry Jenkins (2009), no livro *Cultura da Convergência*, aponta algumas questões relevantes para o debate de como diferentes mídias são articuladas e sobrepostas para a construção e construção de conteúdos com forte apelo participativo. Frisamos, com acentuada precisão, que a discussão proposta pelo autor se concentra em descrever as complexas práticas com conteúdos de mídia no universo do entretenimento. Contudo, os conceitos apresentados ao longo do estudo são resultados de vários estudos de caso que compreendem desde a indústria do audiovisual, aos debates políticos, ao passo que se demonstra como a linha que separa a interação entre audiência e produtores tem se tornado cada vez mais tênue.

²² O conceito de Cultura da Convergência é atribuído à autoria de Henry Jenkins (2009), que no seu livro homônimo busca compreender vários aspectos dos fenômenos da mixagem de mídias, edição de conteúdos e exploração de objetos da chamada cultura pop como parte de movimentos de massa.

Xavier (2009) admite que determinadas mídias tanto eletrônicas como impressas parecem ter experimentado um período de maior dominância sobre as mídias anteriores devido a sua popularidade por um período de tempo específico. É o caso do cinema, por exemplo. Sua popularidade sobre o rádio parece ter se dado por conta de sua capacidade de compreensão de múltiplos módulos de linguagem em um único conteúdo, como já discutia McLuhan (2001[1964]).

Em termos de articulação teórica, essa tendência à inovação pode ter influenciado algumas análises a pensar os conteúdos de mídia de forma condensada nas suas produções particulares. É o caso de McLuhan (2001[1964]). O autor chega a afirmar o seguinte sobre o cinema e sua relação com outras mídias impressas: “filmes têm o poder de armazenar e transmitir uma grande quantidade de informações. Em um instante, apresenta-se uma cena de paisagem com figuras que, de outra forma, requereriam várias páginas de prosa para a descrevê-las”²³ (McLuhan, 2001[1964] p. 314)

O autor canadense parece tentar explicar como a linguagem do cinema tornaria a mídia sobressalente em relação à experiência de mídias impressas justamente devido à possibilidade técnica de condensar experiências sensoriais em um conteúdo só. Em cada caso, é possível pensarmos como de alguma forma cada segmento midiático manteve certa autonomia em relação uns aos outros. Isso pode significar que do ponto de vista particular da análise desses meios de comunicação, como televisão, rádio, cinema, livro, etc., cada conteúdo viabilizado tinha a tendência a ser investigado dentro da sua construção.

O advento das mídias digitais capitaneado pela internet impõe uma mudança nesta perspectiva, pois a mistura de linguagens que era possível de ser feita no plano artístico e composicional, pode então ser realizada também no plano da convergência. Essa é a percepção de Jenkins (2009) quando este desenvolve o conceito de Cultura da Convergência, sendo esta uma tentativa de explicar a disrupção das fronteiras dos conteúdos de uma mídia para outra mídia. Segundo o autor, no “mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (Jenkins, 2009 p. 29)

²³ Do original: “film has the power to store and to convey a great deal of information. In an instant it presents a scene of landscape with figures that would require several pages of prose to describe”.

Evidentemente, para Jenkins (2009), a convergência tem mais a ver com um processo cultural do que única e exclusivamente com o desenvolvimento técnico. A cultura da convergência deve ser entendida como uma dinâmica na qual os diversos setores da sociedade se utilizam das ferramentas digitais e do universo cibernético para construir conteúdos e difundir informações a partir da lógica da formação de comunidades, compartilhamento de conhecimentos e organização de movimentos de massa. A relação entre a esfera pública e privada tende a perder suas evidências de distinção. A participação coletiva é fator chave no processo, especialmente pelo fato de que os meios digitais proporcionam à audiência meios de desenvolverem sua autonomia na manipulação e difusão de conteúdos de maneira cada vez mais ativa. Com base nessa noção, recorreremos às palavras de Jenkins (2009 p. 29) para uma definição mais acurada do conceito:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos do meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imagina, estar falando.

Esse movimento pode ser mais bem compreendido na relação entre política e cultura popular. Segundo o autor, o Photoshop personifica o esforço em que setores e indivíduos se engajam ao produzir conteúdos e distribuir informações consideradas pertinentes ao debate político em determinado período. Um dos exemplos de Jenkins (2009) é o caso da colagem de Dino Ignacio do Beto (personagem de Vila Sésamo²⁴) e Osama Bin Laden. A imagem, resultado de um processo de manipulação de imagem, se difundiu na internet, a ponto de perder a referência de sua autoria e se tornar elemento de indexação em buscas pelas imagens do líder oriental. Após o atentado de 11 de setembro, a imagem foi usada por um editor de Bangladesh, possivelmente de forma acidental, uma vez que o personagem de Dino não é amplamente conhecido na região. A reprodução da imagem causou uma série de protestos anti-americanos noticiados pela *Cable News Network* (CNN), o que motivou os criadores de Vila Sésamo a ameaçarem a emissora de processo judicial por associação indevida da imagem do personagem.

As eleições de 2022 no Brasil marcaram um período de extrema relevância para o desenvolvimento histórico do país. Diante da ameaça da reeleição do então

²⁴ Do original, *Sesame Street* é um programa de televisão educativa infantil de origem estadunidense que combina personagens de marionetes, atores e animação.

presidente Jair M. Bolsonaro — representando a sigla do Partido Liberal (PL) —, a disputa entre este e o então candidato ao seu terceiro mandato Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT) proporcionou movimentos singulares no que se refere aos usos midiáticos das redes sociais, como se observa no exemplo abaixo (Figura 1).

Figura 1 — *Reels* do perfil @saquinhdelixo à época das eleições 2022²⁵



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 24 de julho de 2023.

**Código QR para acesso à
publicação**



Os memes talvez sejam as melhores expressões dessas experiências culturais apontadas por Jenkins (2009), e no caso das eleições nacionais, notou-se uma combinação de diversas linguagens para efeitos de humor e crítica política. A Figura 1 é resultado de uma captura de tela de um *Reel* postado no Instagram no

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CiWP6lnrkC-/>. Acesso em 20 jul. 2023.

perfil @saquinhodelixo. O perfil tem a proposta de produzir posts com conteúdo satírico de perfil sociopolítico. Na postagem em questão, podemos observar a cantora Anitta usando um vestido vermelho dentro de um automóvel ao som de uma música. A legenda sobre a imagem diz: “eu saindo do local de votação depois de ter arrancado e engolido a tecla 2 (sic.)”. Apesar de a figura da cantora Anitta ser o elemento ostensivamente mais saliente, há convergência de pelo menos dois módulos semióticos de linguagem que se complementam para gerar os efeitos meméticos²⁶ desejados, são eles: (1) audiovisual — o vídeo original postado pela própria Anitta enquanto ela mesma dubla a música *Alien Superstar*, de Beyoncé —, e (2) verbal — a legenda sobreposta a imagem já mencionada e a legenda complementar na caixa de comentários onde se lê “justiça eleitoral se estiver vendo esse post é apenas brincadeira palhaçada.. meme!!!!!!!!!!!!!! (sic.)”.

Esses elementos compõem o conteúdo completo da postagem, de modo que a sua compreensão não se restringe a apenas um dos módulos semióticos, isto é, o verbal. A proposição da mensagem alcança seus objetivos a partir da construção de sentidos em camadas, na qual cada componente é manipulado através dos dispositivos disponíveis na plataforma, resultando, em essência, em uma “bricolagem digital de modos de enunciação” (Xavier, 2009 p. 135). Além de a postagem usar um vídeo de Anitta, a cantora ainda aparece vestida de vermelho. A cor vermelha foi usada para referência ao Partido dos Trabalhadores (PT) e à campanha de Lula (PT), mas especialmente pelos membros usuários das redes sociais e pelo setor artístico que o apoiava, pois a campanha patrocinada pelo PT decidiu optar por uma paleta de cores que incorporava os tons da bandeira brasileira em determinado momento da campanha²⁷. Anitta foi uma das imagens que serviu como antagonismo aos ideais representados por Bolsonaro em vários momentos durante seu mandato, tendo sido associada à campanha de Lula através de memes como este representado na Figura 1.

Outra camada pertinente ao processo, que por hora chamamos de bricolagem, nessa postagem é a canção de Beyoncé. A letra expressa o sentimento

²⁶ Fazemos referência ao conceito de memes enquanto processo de viralização de conteúdos enquanto constituição intertextual a partir da manipulação de texto e imagem de acordo com a abordagem teórica presente no estudo de Silva e Cortez (2020).

²⁷ *Equipe de Lula ameniza vermelho e inclui azul e amarelo em peças de campanha*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/equipe-de-lula-ameniza-vermelho-e-inclui-azul-e-amarelo-em-pecas-de-campanha.shtml>. Acesso em: 24 jul. 2023.

de singularidade do narrador que se apresenta como sofisticado demais para os padrões da sua sociedade. A faixa é parte do mais recente álbum de estúdio da cantora intitulado *Renaissance*. Beyoncé já declarou²⁸ que o disco é uma homenagem à cultura *ballroom*²⁹ norte-americana, além de ser o resultado de inspiração à memória do falecido tio gay da cantora. Além da carga política, o vídeo usado pelo meme estabelece em si um ponto de contradição direta com os ideais associados ao direcionamento ideológico de partidos de direita e extremadireita, entrando propositalmente em conflito com tudo o que o movimento bolsonarista representou no país.

Esse é um fato particular à dinâmica das redes sociais digitais, pois o processo comunicativo tem a tendência a se estender e se difundir por entre usuários que se associam sob determinados pontos de identificação. A temporalidade do ciclo responsivo das redes parece estar associada a demandas contextuais mais gerais, no sentido de que sua relevância depende da atenção motivada por eventos com potencial viral.

Em paralelo a isso, os elementos verbais complementam e atualizam o sentido dentro do contexto enunciativo sociocultural no momento da publicação. A referência a engolir a tecla dois da urna eletrônica gera efeitos satíricos, pois o número 22 era o dígito disponível à candidatura de Bolsonaro (PL). Somado a isso, a mensagem em formato de advertência supostamente direcionada à Justiça Eleitoral pode estabelecer quebra de expectativa diante de fatos noticiados à época que descreviam apoiadores de Bolsonaro atacando violentamente as urnas eletrônicas na tentativa de inviabilizar a participação de outros no processo de votação³⁰.

É evidente que precisamos recorrer a fatores circunstanciais para processar as informações produzidas na referida publicação. De fato, na hipertextualidade se

²⁸ Beyoncé's "Renaissance" Shocks Some Life Into a Culture Gone Inert. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2022/08/15/beyonces-renaissance-shocks-some-life-into-a-culture-gone-inert>. Acesso em: 23 jul. 2023.

²⁹ O termo cultura *ballroom* (baile de dança, em inglês) faz referência ao movimento político/artístico da subcultura (no sentido subversivo do termo) da comunidade LGBTQIAP+ dos anos 80. Os eventos organizados por membros da comunidade patrocinavam festas e espaços de entretenimento *drag queen* e foi fortemente influenciado pela comunidade negra dos Estados Unidos.

³⁰ Várias imagens circularam nas redes durante o primeiro turno das eleições com eleitores de Bolsonaro depreciando aparelhos de votação (*Eleitor é preso após quebrar urna a pauladas em colégio de Goiânia*). Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/eleitor-quebra-urna-em-colegio-de-goiania.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2023).

observa uma arquitetura gráfico-estrutural que otimiza o resgate de informações contextuais, o que parece confirmar como a tendência à convergência se reproduz nas suas práticas comunicativas de uma forma geral.

Essa discussão ilustra os efeitos da Cultura da Convergência nos termos de Jenkins (2009). Por seu turno, advogamos que conteúdos hipertextuais difundidos nas redes sociais como este ajudam a compreender as formas de participação e colaboração mobilizadas pela convergência das mídias que se encapsulam particularmente nos usos linguísticos. As mídias tradicionais não permitiam a manipulação que os dispositivos digitais tornam possíveis. Mais especificamente, estes dispositivos fizeram da manipulação um convite à “participação e a inteligência coletiva” (Jenkins, 2009 p. 327).

Nesse âmbito particular da linguagem, os aparatos técnicos entram em relação dialética com processos sociais que, por sua vez, estabelecem relações com as próprias formas de processamento da linguagem. Esses são sintomas epistemológicos apontados, em termos linguísticos, por Xavier (2009) ao pensar o hipertexto como um construto resultante do trabalho com módulos semióticos diversos.

2.1.3 As redes sociais no processo de mesclagem midiático

As redes sociais como se configuram nos dias atuais detêm características de processos de plataformização a partir de grandes montantes de investimentos de corporações *Big Techs* e empresas no geral (Poell; Nieborg; Dijck, 2020). De uma certa forma, compreendemos que as características gerais das redes parecem ter sua gênese em comunidades virtuais, como salas de bate-papo³¹, fóruns de discussão³² e *blogs*. A noção de rede social, com toda certeza, mudou radicalmente desde o surgimento das primeiras comunidades na década de 90. Todavia, Xavier (2013) aponta com precisão que “a potência da catalização das comunidades deriva das várias identidades dos sujeitos que as compõem e agem centripetamente”

³¹ As salas de bate-papo eram muito populares nos anos 90 e se constituíam de sites que permitiam o encontro de duas ou mais pessoas para troca de mensagens escritas sobre temas diversos sincronicamente.

³² Normalmente, fóruns de discussão online são espaços abertos que permitem debates sobre temas propostos por usuários. As interações tendem a permanecer visíveis para a interação de outros usuários de forma assíncrona.

(Xavier, 2013 p. 102). Isso indica que o autor já percebia que na dinâmica das interações digitais, “essas múltiplas identidades constitutivas dos sujeitos contemporâneos são suas maiores forças de coalizão” (Xavier, 2013 p. 102) para construção de grupos virtuais.

As redes sociais em plataformas digitais são possivelmente a maior expressão da conectividade de comunidades em escala global naquilo que alguns autores concebem como ciberespaço (Lévy, 2010b; Ramal, 2002). É evidente que apesar de as redes se utilizarem de interfaces digitais inovadoras do ponto de vista tecnológico, sua base algorítmica depende em grande parte da estrutura de indexação da internet. Esse aspecto estrutural da rede de computadores explica, em certa medida, como a noção de conectividade está intimamente relacionada aos processos interacionais mediados pelas mídias digitais, e mais do que isso, condicionados ao seu processo de convergência.

Redes de informações e suas bases de dados em computadores são formas de “interfaces abertas à novas conexões” (Lévy, 2010a p. 103), possibilitando o que Xavier (2009) entende como um tipo de conexão em “rede (todos para todos) e não mais do tipo estrela (um para todos)” (Xavier, 2009 p. 44). Mídias como a televisão e o rádio podem ser consideradas artefatos técnicos que produzem a conexão tipo estrela, de forma que os usuários em sua maioria têm baixo potencial de interação direta com o produto veiculado. Além disso, as informações divulgadas dificilmente têm espaço para a discussão em tempo real com a audiência. Por outro lado, a internet potencializa o tipo de interação mais ativa entre o emissor de uma informação e o público. Com ainda mais ênfase, as plataformas de rede social, devido aos seus aspectos técnicos, são comumente referidas como o espaço digital para o tipo de interação onde a noção de emissor e receptor tende a se confundir.

Esse é um aspecto de tensão que merece atenção. Segundo Recuero (2017), o estudo das redes sociais deveria estar embasado na compreensão de que a ideia das “estruturas sociais é aquela de que os indivíduos, os atores sociais, estão inseridos em estruturas complexas de relações com outros atores” (p. 9). A complexidade nessas relações é fundamentalmente um processo antropológico recorrente nas experiências humanas. Nas redes sociais digitais há, todavia, a necessidade de reconhecimento de “afinidades compartilhadas”. Ou seja, é preciso que em interações online os sujeitos percebam “as identidades socioculturais para que as interações fluam proficientemente entre os envolvidos” (Xavier, 2013 p. 122).

Quanto ao conceito de rede, Recuero (2020) prefere tomar o termo como metáfora para explicar os padrões de conexão que os atores estabelecem entre si. Atores, nesta perspectiva, pode ser entendido como “pessoas, instituições ou grupos”, que agem comunicativamente sobre a rede. Para a autora, os atores são potencialmente “os nós da rede” (Recuero, 2020 p. 24), pois estes têm potencial de produzir formas de interação a partir da difusão de informações e interações com outros usuários. Portanto, essa abordagem ajuda a compreender o fenômeno de agrupamento de atores em interação dinâmica e demonstra que as redes sociais não estão vinculadas essencialmente ao ambiente virtual da internet, mas são o conjunto de conexões, os modos de interação e os tipos de investimento social com base na difusão de informação. Esses padrões de comportamento estabelecem os laços entre os atores, que buscam pontos de identificação para sua constituição dentro do ambiente de rede. Nesse sentido, o centro epistêmico que explica essa relação entre nós e laços é a estrutura social, ou seja, a constituição da interpessoalidade e da difusão da informação na dinâmica mediada por máquinas (computadores e/ou outros dispositivos eletrônicos).

A postulação acerca das redes sociais de Recuero (2020) contribui para compreendermos como os padrões de conexão integram as interações com a informação no ciberespaço, e conseqüentemente, como os hipertextos circulam entre os atores. Esse fundamento subjaz ao conceito de hipertextualidade defendido nesta pesquisa porque entendemos que a formas enunciativas em ambientes digitais impõe uma dinâmica complexa a qualquer tipo de uso que se faça dessas plataformas. Definir rede social apenas sob um ponto de vista técnico, onde a estrutura de indexação de textos digitais entre diversos servidores permite a difusão de conteúdos entre perfis diferentes, seria um esboço rústico do quadro geral da conexão aberta no ciberespaço.

Assim, para explicar a dinâmica das plataformas de redes sociais é preciso que entendamos a estrutura de difusão de informação nesse tipo de ambiente. O padrão de conexão em rede parece alcançar seu potencial de integração entre diversos atores em grande parte por causa da capacidade de mesclagem de diversas semioses em hipertextos. Como vimos, o módulo linguístico-semiótico constituído no digital é, em certo sentido, produto semiótico do padrão de interação no ciberespaço.

Lévy (2010a) destaca que é na base da transição do analógico para digital que outras tecnologias midiáticas de comunicação puderam ser integradas, de forma a verem “suas fronteiras se [dissolver] quase que totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem e da metamorfose das interfaces” (Lévy, 2010a p. 114). Mídias como cinema e televisão representaram formas de conexão unilateral (estrela), onde a interação tende a se restringir entre um emissor e uma audiência em potencial. Com o processo de digitalização, observamos que as inovações técnicas no campo da informática permitiram novas formas de usos e significações de mídias em convergência (Lévy, 2010a; Jenkins, 2009).

Esse aspecto técnico tem implicações cognitivas e sociais, pois não se trata de mera combinação. A bem da verdade, os sujeitos e atores sociais encontram formas de incorporar esse domínio técnicos aos seus objetivos, necessidades e aspirações. Nessa lógica informacional, as redes sociais vêm ganhando espaço no universo de plataformas midiáticas digitais com potencial de agregação de diversos serviços e atividades. É inegável, portanto, o poder de alcance e influências que esses coletivos em plataformas digitais podem exercer na atual configuração da sociedade de mercado.

A título de exemplo, o *Instagram* figura como umas redes sociais com forte influência entre os usuários nos últimos anos, juntamente com outras redes como *Facebook* e *TikTok*. Seu potencial de alcance supera a casa dos milhões de usuários no mundo todo, e lista entre as cinco redes sociais mais usadas. De acordo com um levantamento publicado pela Forbes, em 2020, o Instagram ficou atrás apenas do *TikTok* ³³ em popularidade, pontuando a marca dos 57,5 milhões de *downloads* (Bellan, 2022).

Recuero (2020) propõe dois tipos de rede social na internet: 1. redes emergentes e 2. redes de filiação (ou associativa). Redes emergentes são aquelas “expressas a partir das interações entre os atores sociais” (Recuero, 2020 p. 94). Nesse sentido, as redes emergentes são dinâmicas e surgem a partir do processo de interação, pois, nos termos da teoria de Recuero (2020), estas pressupõem padrões de interação imediatos, recíprocos e que demandam investimento social consistente no estabelecimento das relações entre atores e atores. *Blogs*, afirma a autora, são bons exemplos de sites de rede de filiação por serem espaços de

³³ *TikTok* é uma plataforma de rede social desenvolvida por uma empresa chinesa para criação e compartilhamento de vídeos curtos. Para mais informações, ver seção 2.1.6.3.

interação onde “poderíamos ver essas redes em seus comentários” (Recuero, 2020 p. 98). Ou seja, as redes de tipo emergente se definem pelo seu padrão de interação, não necessariamente pelas plataformas nas quais estas se concentram.

Por outro lado, as redes de filiação definem o conjunto de “conexões de pertencimento” (Recuero, 2020 p. 97). Em outras palavras, identificação e vínculo entre os usuários são aspectos da relação que potencializam a interação, não a pressupõe. Os atores podem pertencer a uma rede de filiação e terem a sua disposição “conexões forjadas pelo sistema” (Recuero, 2020 p. 98). Todavia, o padrão de interação é determinado pelo conjunto de práticas de difusão de informação. O que mantém os membros dentro de uma rede de filiação são valores e a possibilidade de gerar capital social.

No âmbito da explicação de Recuero (2020), esses ambientes digitais “são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (p. 102). Ou seja, as plataformas de redes sociais materializam o processo de interação em ambientes digitais, ou antes, hipertextuais, com implicações próprias para as modalidades de interação a partir dessa lógica. Elas têm as ferramentas práticas para interconexão de redes de filiação entre usuários diversos e exploram a capacidade de esses mesmos sujeitos criarem representações simbólicas valorizadas por compartilhamentos entre seus membros.

Segundo Boyd e Ellison (2007) sites de redes sociais têm três características: (1) permitem a construção de perfis públicos ou semipúblicos dentro do sistema, (2) articulam usuários com a sua lista de conexão e (3) permitem a visualização e interação cruzada entre membros da lista de conexões dos perfis. Para as autoras, os sites de redes sociais são ambientes de interação que se assemelham a outros tipos de site por se basearem na lógica da comunicação mediada por computador. Por outro lado, o que os diferencia é o fato de permitirem que indivíduos articulem e exibam seus laços na rede de conexões. Mais especificamente, no que tange ao processo comunicativo, Boyd e Ellison (2007 p. 211) ainda sustentam que os usuários “estão se comunicando principalmente com pessoas que já fazem parte de sua rede social estendida”³⁴.

³⁴ Do original: “they are primarily communicating with people who are already a part of their extended social network”.

2.1.4 As plataformas de redes

Sob um ponto de vista estrutural, entretanto, o conceito de rede social digital pode ganhar mais escopo quando adentramos o debate conceitual de plataformização das redes de infraestrutura na *Web 2.0*. Para Poell, Nieborg e Dijck (2020), plataformas são

infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados (p. 4).

O termo plataforma deve ser compreendido, portanto, sob um ponto de vista duplo: um estrutural e um econômico. No plano estrutural, as plataformas são infraestruturas digitais que permitem “interfaces de programação de aplicativos (APIs),” (Poell, Nieborg e Dijck, 2020, p. 4). Essas estruturas em APIs criam espaços de acesso para fluxo de dados de terceiros (empresas e usuários) e oferecem “kits de desenvolvimento de software” (Poell, Nieborg e Dijck, 2020, p. 4). Essas ferramentas viabilizam a integração às infraestruturas das plataformas, como o *Google*, por exemplo, que oferecem um grupo variado de ferramentas de desenvolvimento incluindo o sistema operacional Android, para integração de dados e criação de aplicativos.

No que se refere aos aspectos econômicos, o processo de plataformização depende dos imperativos financeiros para o desenvolvimento de integrações dos recursos de interface às plataformas de redes sociais. Por esse motivo, Nieborg e Helmond (2019, p. 200) argumentam que plataformas como o Facebook criaram modelos de mercado que integram os usuários finais à medida que promovem espaços para constituição de públicos-alvo. Nesse sentido, “a divisão entre o Facebook como plataforma de negócios e plataforma técnica pode parecer artificial”³⁵. Na verdade, os autores enfatizam “que ambas as dimensões estão mutuamente constituídas”³⁶ (Nieborg e Helmond, 2019 p. 200).

Chamamos atenção para essas dimensões das redes sociais por estas se constituírem em espaços midiáticos e de mercado. É claro que nossa preocupação se concentra nos aspectos essencialmente linguísticos do processo, porém, temos noção de como as circunstâncias socioestruturais parecem afetar, em certa medida,

³⁵ Do original: “the division between Facebook as a business platform and a technical platform might seem artificial”.

³⁶ Do original: “that both dimensions are mutually constituted” .

nossas práticas comunicativas. No que diz respeito à interface, por exemplo, observamos como determinados recursos ou lógicas de estrutura de conteúdos parecem estar contingenciados pelas práticas culturais articuladas às práticas de mercado.

O processo de plataformização das redes se desenvolve a partir de relações dialéticas. Todas as mudanças na esfera dos modelos de governança, investimentos e estruturas das redes sociais, bem como de praticamente qualquer outra plataforma digital, são resultado de processos complexos e, por vezes, contraditórios. Como atestam Poell, Nieborg e Dijck (2020 p. 7) “as mudanças nas relações de mercado não são simplesmente ‘institucionais’” (*grifo dos autores*) por se tratarem de movimentos culturais e de mercado simultaneamente. Dessa forma, o processo de plataformização deve ser considerado como um tipo de processo impulsionado “pelas práticas de usuários finais, produtores de conteúdo e outros ‘lados’ do mercado, como anunciantes e intermediários de dados” (Poell, Nieborg e Dijck, 2020 p. 7, *grifo dos autores*).

Por seu turno, essa questão impacta diretamente nos padrões de uso dessas plataformas, especialmente para usuários finais. Questões como troca de dados entre plataformas através de APIs e, por consequência, o resultante poder de imposição de mercado devido à dominância no setor de dados (como é o caso da Google e do Facebook em certo sentido), diz muito sobre as formas de relações assimétricas praticadas nas redes (Nieborg e Helmond, 2019). Isso resulta no que Nieborg e Helmond (2019) compreendem como a percepção que as plataformas de redes se vêm se tornando “utilitários de comunicação onipresentes”³⁷ (p. 203).

Em termos práticos, as plataformas de redes sociais, como TikTok, YouTube e Instagram, já não esboçam apenas os padrões de comunicação entre usuários para fins de manutenção de afinidades. Seus recursos podem ser condicionados a processos de comodificação, integrar esferas comuns da vida cotidiana e influenciar em nossos padrões de comportamento, socialização e comunicação.

São os recursos técnicos de interface com o usuário que se referem ao que preferimos chamar de formas de contingenciamento comunicativo das redes. Ao definir as redes sociais como metáforas para as relações sociais entre diversos atores, Recuero (2020) nos ajuda a compreender como parte do ambiente

³⁷ Do original: “ubiquitous communication utilities”.

cognitivo³⁸ desses sujeitos está associada à interação, seja com outros, seja com a própria máquina. Nesse caso, uma abordagem que compreenda a hipertextualidade inscrita na cognição pode ajudar a explicar como os padrões de leitura e difusão de informação são processados no contexto das redes, afinal os protocolos tecnológicos e os dispositivos eletrônicos, de uma forma geral, são expressões das relações sociais no fluxo da contradição histórica dos meios de comunicação (Martins, 2020). Consentimos com Poell, Nieborg e Dijck (2020 p. 7) quanto a isto:

Mais visivelmente, as plataformas estruturam como os usuários finais podem interagir entre si e com os complementadores por meio de interfaces gráficas do usuário, oferecendo vantagens específicas enquanto retêm outras, por exemplo, na forma de botões – curtir, seguir, avaliar, comprar, pagar – e métricas relacionadas a eles (Poell; Nieborg; Dijck, 2020 p. 7).

Por isso, compreendemos que as formas de contingenciamento comunicativo das redes estão em relação dialética com as práticas comunicativas em contextos enunciativos. Isso representa que temos como subjacente que a materialidade da hipertextualidade se reproduz integrada à experiência de uso das redes através de diversos recursos, sejam estes técnicos ou enunciativos. Apesar da dificuldade em determinarmos explicativamente como essas questões circunstanciais são mobilizadas cognitivamente, compreendemos que estas devem fazer parte do horizonte contextual do usuário de uma forma geral.

2.1.5 Formas de contingenciamento comunicativo das redes sociais atualmente

A discussão acerca da convergência das mídias em consonância com o processo de plataformização, sob nossa ótica, cria condições para dinâmicas complexas nos espaços de interação digitais que parecem influenciar as práticas de produção e difusão de conteúdos. Dentre essas práticas, apontamos para as técnicas de produção audiovisual como um dos principais dispositivos midiáticos no atual conjunto de mudanças infraestruturais das redes sociais vivenciado nos últimos anos.

Há um tempo as redes deixaram de ter o recurso da comunicação escrita como base privilegiada dos seus padrões de comunicação (como acontecia com as salas de bate-papo, por exemplo). Isso significa que as formas de produção e difusão de conteúdos, e consequentemente, os processos de leitura nas redes

³⁸ O conceito de ambiente cognitivo é discutido na seção referente à Teoria da Relevância.

sociais vêm passando por uma profunda transformação no que tange à relação entre usuários e hipertextos, especialmente em dispositivos móveis. Essas mudanças técnicas têm, sem sombra de dúvidas, razões sociais que as justificam. Por exemplo, os hábitos de leituras nos últimos anos têm sofrido um aumento considerável no que se refere ao consumo de textos em tela, o que por sua vez, parece indicar para o setor produtivo que existem demandas apontando para distribuição de *e-books*, jornais e revistas em formatos digitais.

Esse movimento, ao que parece, tem uma pressão tanto centrípeta como centrífuga. As variadas demandas sociais quanto às práticas midiáticas podem se referir ao tipo de pressão caracterizada como centrípeta, isto é, de fora para dentro, fazendo com as empresas de tecnologia e mídia reprogramem sua base infraestrutural e os seus modelos de mercado no setor. Ao mesmo tempo, as pressões centrífugas (de dentro para fora) fazem referência a algumas das decisões tomadas pelas *Big Techs* quanto às estruturas das suas plataformas. Tais mudanças, muitas vezes vistas como inovações, têm potencial de influenciar as práticas sociais com as mídias e os hipertextos inclusive em plataformas concorrentes, o que ajuda a explicar como essas mudanças técnicas também implicam formas de contingenciamento e controle dentro das plataformas.

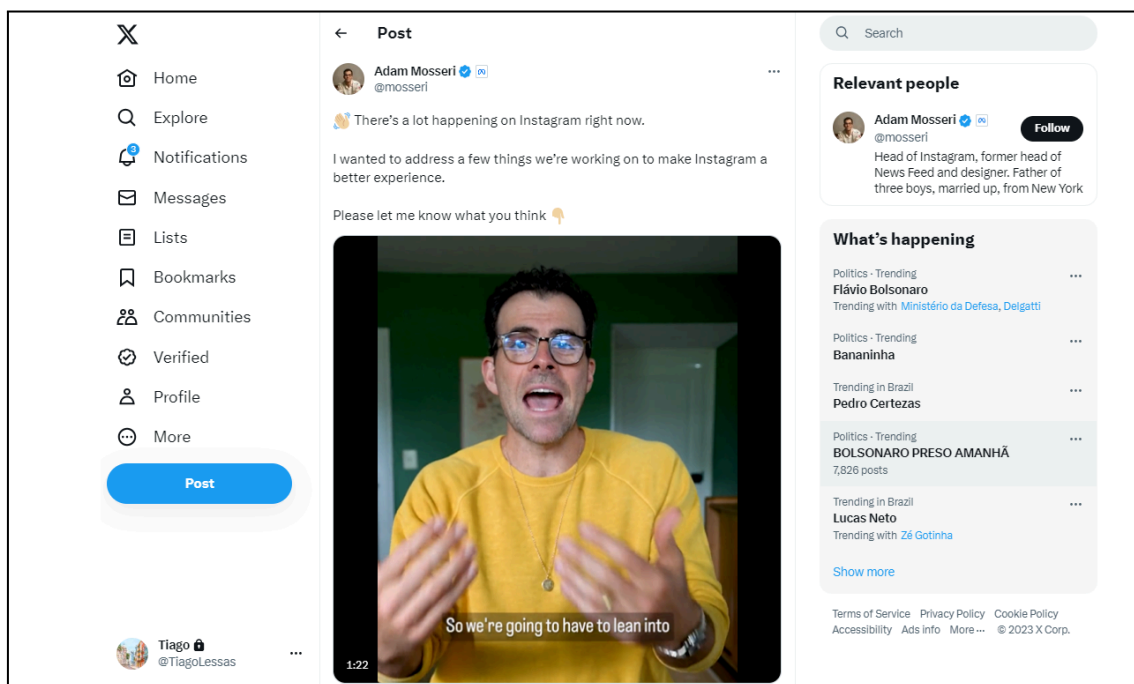
Em 26 de julho de 2022, o *Chief Executive Officer* (CEO, sigla em inglês para Diretor Executivo) do Instagram, Adam Mosseri, anunciou algumas mudanças que seriam implantadas na plataforma de rede a partir de então. Segundo consta, após receber algumas críticas de pessoas influentes nas redes sociais, Mosseri postou um vídeo na sua conta pessoal no X para justificar as mudanças recentes na plataforma do Instagram. A plataforma havia sido criticada por causa dos novos *features* e da codificação dos algoritmos que passaram a dar impulso às postagens em formato de vídeo ao invés de fotos³⁹. A Figura 2 é uma captura de tela da referida postagem de Mosseri.

Na postagem, o CEO explica que apesar de continuarem a dar suporte às fotos, naturalmente haveria mudanças quanto ao suporte de vídeo na plataforma. Segundo o próprio Mosseri na postagem, “cada vez mais o Instagram vai se

³⁹ After getting slammed by the Kardashians, Instagram CEO puts out a video to explain changes to the app (Disponível em: <https://www.cnn.com/2022/07/26/instagram-ceo-admits-test-pivot-to-video-is-not-yet-good.html>. Acesso 17 ago. 2023).

converter em vídeo com o passar do tempo. Vemos isso acontecer mesmo se não mudássemos nada”⁴⁰, afirmou.

Figura 2 — *Print* da Postagem do perfil @mosseri sobre mudanças na estrutura do Instagram⁴¹



Fonte: captura de tela em computador pessoal, 17 de agosto de 2023.

Código QR para acesso à publicação



Isso ajuda a explicar um pouco os últimos esforços de plataformas como o Instagram em impulsionar a criação e difusão de postagens em formato de vídeo. É fundamental destacar que a noção de vídeo, nesse caso particular da maioria das redes sociais, se refere às produções audiovisuais para dispositivos móveis, otimizadas para a visualização na vertical e de duração, no geral, não muito superior a 30 segundos. Nesse sentido, percebemos que há um certo movimento cultural e

⁴⁰ Do original: “more and more of Instagram is going to become video overtime. We see this even if we change nothing.”

⁴¹ Disponível em: <https://shrturl.app/TI0xQa>. Acesso: 17 ago. 2023.

de letramento nas redes que privilegia o consumo e difusão de vídeos curtos otimizados para a visualização na vertical.

Compreendemos os riscos de nos referirmos a esse tipo de publicação como vídeo curto devido ao fato de que a definição temporal de um vídeo não tem, por via de regra, nenhum parâmetro preestabelecido dentro dos estudos linguísticos⁴². Por outro lado, alguns autores preferem o uso do termo *curto* como uma forma de padronizar o conceito, de forma que a literatura e o senso comum parecem ter aceitado o termo como ideal para esse tipo de produção audiovisual nas redes sociais (Coscarelli, 2009; Turato e Santos, 2021).

O que se sabe, de uma forma geral, é que muito provavelmente o TikTok tenha sido uma das redes sociais mais bem sucedidas em basear sua estrutura na produção e difusão de conteúdos em vídeos de cerca de 15 segundos. De acordo com informações disponíveis pela própria plataforma, o TikTok tem como principal atrativo ser o local ideal para a publicação de vídeos desse tipo, pois seria uma forma de expressão e uma forma de encontrar instrumentos de identificação com comunidades de interesse. A exemplo do TikTok, é o vídeo o principal atrativo das redes sociais nos últimos tempos, de forma que a noção de interação em rede tem se personificado cada vez mais no consumo desse tipo publicação em detrimento dos gêneros escritos ou mesmo das imagens estáticas. A Figura 3 abaixo faz referência às propostas de produção e difusão de conteúdos da plataforma.

⁴² Reconhecemos, entretanto, que o campo da comunicação social tem se debruçado sobre questões dessa natureza por algum tempo. A tradição do cinema e TV, por exemplo, demonstram que os gêneros do universo audiovisual compreendem parâmetros temporais para definições como as que discutimos em termos de vídeos curtos. Porém, nossas questões no âmbito desta pesquisa fazem referência a necessidade de haver mais discussões acerca deste gênero comunicativo no campo dos estudos da linguagem.

Figura 3 — Ferramentas de criação do TikTok - Por que o TikTok?⁴³



Fonte: captura de tela em computador pessoal, 17 de agosto de 2023.

No que tange à popularidade desse tipo de produção, o que se tem observado é uma transição do gesto de teclar para o gesto de tocar (e suas variantes) no que diz respeito ao consumo de vídeos em contextos e ambientes virtuais menos linguisticamente controlados como as redes sociais. O TikTok tem sido apontado como a rede social que se utiliza dessa estratégia com maior sucesso no mercado de aplicativos até o momento. Segundo um estudo publicado pelo portal *Business of App*⁴⁴, o TikTok obteve um total de 1,4 bilhões de usuários mensalmente ativos somente em 2022 com uma projeção de alcançar cerca de 1,8 bilhões até o fim de 2023 (Iqbal, 2023).

Alguns estudos observam que interagir com textos curtos tem sido a tendência das práticas de leitura em tela na era das redes sociais com resultados prejudiciais tanto para o letramento como para a saúde mental (Sua, Conghui; Zhoua, Hui; Gong, Liangyu et al, 2021; Wolf, 2013). Não obstante, temos presenciado uma massiva produção e procura pelo audiovisual em detrimento de outros módulos semióticos dentro das redes. Tal tendência se expressa inclusive nos investimentos em *marketing* de marcas de produtos divulgados nas plataformas de redes. Segundo estimativas da empresa dinamarquesa *Influencer Marketing Hub*, em uma estatística publicada em 2023, somente no TikTok, cerca de 56% das marcas fizeram uso de *marketing* digital através de influenciadores, tornando a rede social a mais popular no segmento, superando inclusive o Instagram, que registrou

⁴³ Disponível em: <https://www.tiktok.com/creators/creator-portal/pt-br/>. Acesso: 17 ago. 2023.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.businessofapps.com/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

uma porcentagem de 51% no mesmo parâmetro (Geyser, 2023). Isso pode representar a percepção de que as redes que mais otimizam a produção de conteúdos em vídeos têm recebido mais investimentos expressos na forma de *marketing* digital, o que parece ser um movimento cultural digital centrípeto fortemente retroalimentado pelas práticas e pelas estruturas das plataformas.

Essas práticas hipertextuais demandam, supomos, formas de processamento cognitivo específicas, com questões relevantes para o estudo da compreensão no campo das práticas enunciativas. É possível que estejamos presenciando formas de consumo de informações não experimentadas massivamente em tempos anteriores. É claro que mídias como a TV e o cinema proporcionaram a base para o desenvolvimento de práticas comunicativas audiovisuais. Entretanto, há fortes indícios de que existem questões particulares à produção e difusão de vídeos compactos por usuários não profissionais, de forma que esta pesquisa tenta compreender como e quais funções cognitivas estão subjacentes à hipertextualidade das redes em práticas de convergência de linguagens, como as experimentadas nesse tipo de produção. Destacamos ainda que parece haver um fio de similaridade nas práticas de linguagem das redes para esse tipo de comunicação, pois tanto o Instagram quanto o YouTube têm, de certa forma, investido em mudanças na estrutura de suas plataformas para se adequar à demanda por vídeos ao estilo TikTok.

Nesse sentido, é importante que consigamos compreender, ao menos em termos gerais, os aspectos centrais do processo de desenvolvimento das plataformas de redes sociais discutidas nesta pesquisa. Esse contexto histórico deve ajudar a compreender como suas estruturas de interface e interação hipertextual representam, no nível semiótico, os fundamentos comunicacionais da cibercultura e das práticas culturais de convergência.

2.1.6.1 INSTAGRAM

Atualmente parte da empresa *Meta*, o Instagram, enquanto rede social digital, também comporta características centrais de uma estrutura de plataformização no que se refere às formas impostas por sua governança, pois sua estrutura e objetivos parecem estar pautados a partir da dinâmica econômica e algorítmica (Poell; Nieborg; Dijck, 2020). De acordo com as informações disponíveis no *blog* da

plataforma⁴⁵, o Instagram enquanto projeto de rede social, tem ao menos cinco prioridades, como se pode verificar na Figura 4.

Figura 4 — Sobre (*blog* do Instagram)



Fonte: captura de tela em computador pessoal, 19 de agosto de 2023.

zDentre esses pontos elencados pela empresa como prioridades, incluem-se (1) dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo; (2) promover uma comunidade segura e acolhedora para todos; (3) ajudar os usuários a se expressarem de novas maneiras com os recursos mais recentes do aplicativo; (4) conectar os usuários a mais pessoas, aumentando sua influência e criando conteúdo atraente; e (5) compartilhar e expandir marcas com a comunidade global e diversificada na rede. Enquanto objetivos corporativos, essas prioridades demonstram que o Instagram há muito deixou de se comportar apenas como mais um aplicativo de compartilhamento de fotos.

Concordamos com Vilicic (2015) quanto ao fato de que o Instagram demonstra ter a capacidade de encher a “vida de #selfies e #foodporn, e também de relatos visuais de protestos, golpes de Estado, terremotos e bastidores de disputas eleitorais” (Vilicic, 2015 p. 18). De fato, o aplicativo anteriormente projetado como um dispositivo de geolocalização para publicar fotos, “virou plataforma tanto para coisas

⁴⁵ Informações extraídas da seção *Sobre nós* disponíveis em no endereço <https://www.instagram.com/pt-br/> (Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/>. Acesso em: 30 jul. 2022).

tidas como fúteis quanto para discussões impactantes” (Vilicic, 2015 p. 18). O autor continua explicando que “isso evidencia que o Instagram protagonizou, e ainda protagoniza, uma transformação sem volta” (Vilicic, 2015 p. 18).

Embora se possa afirmar que o Instagram tende a ser a terceira rede social mais utilizada no mundo, é inegável sua relevância no que diz respeito à informação. Mais importante ainda é refletirmos sobre como a rede parece ter contribuído para moldar, em certa medida, os modos de interação com o hipertexto e a relação com os padrões de leitura na rede, especialmente no contexto jornalístico. Particularmente, o Instagram tem, desde sua origem, a vantagem de ter sido projetado para dispositivos móveis. Nesse sentido, Vilicic (2015) afirma que essa era uma das principais razões de o Facebook sinalizar interesse em sua aquisição.

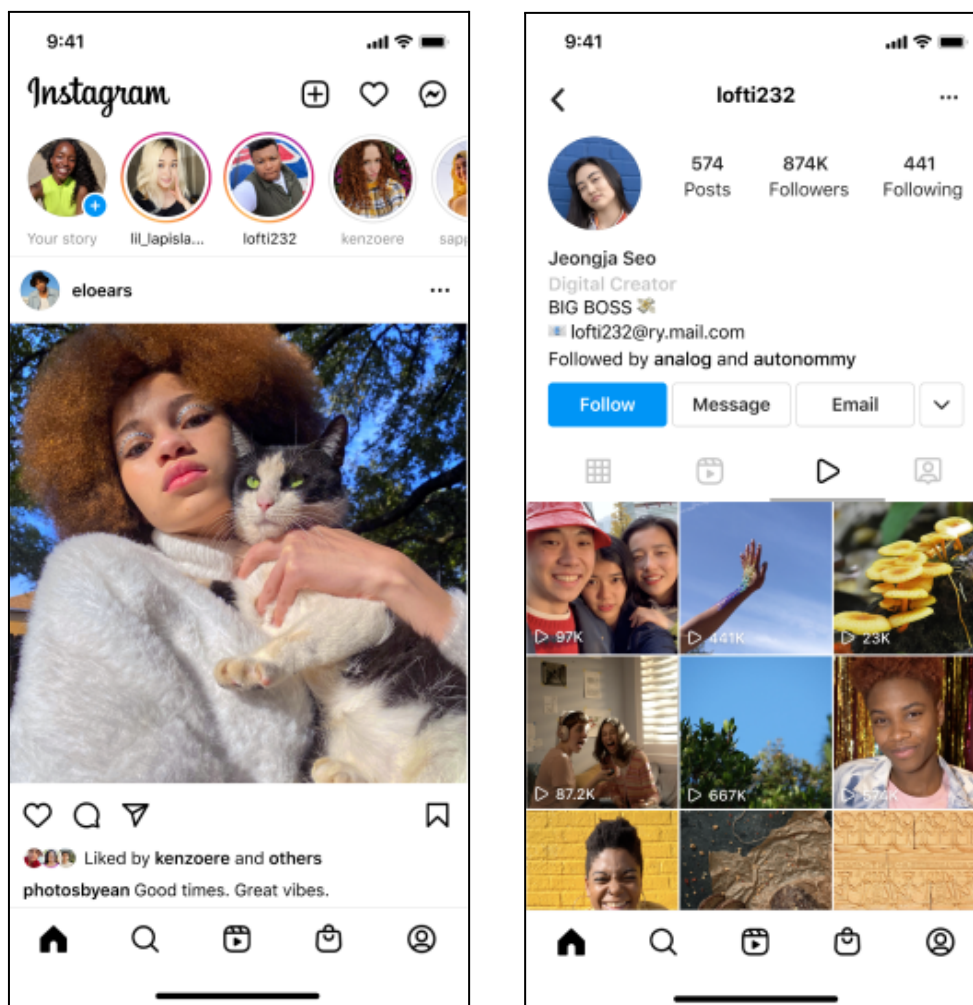
O Facebook, que passava por dificuldade para se firmar em smartphones e tablets (apesar do domínio pleno na web), e dava cada vez mais atenção ao conteúdo visual (fotos, principalmente), já planejava investir pesado nessas duas áreas de fraqueza (Vilicic, p. 176).

Em 28 de outubro de 2021, Mark Zuckerberg anunciou, durante o *Facebook Connect* (evento anual patrocinado pela companhia para promover e divulgar novidades relacionadas aos seus produtos), que mudaria o nome da empresa para *Meta*⁴⁶. Segundo o próprio CEO, a mudança reflete as ambições da empresa em desenvolver projetos para plataformas em ambientes de realidade virtual, como o seu protótipo chamado de Metaverso (ambiente virtual para interação imersiva).

Desde a aquisição do Instagram pela Meta, a interface do usuário da plataforma sofreu várias alterações, tanto em relação à estética gráfica, quanto no que se refere à usabilidade. A chamada tendência TikTok impulsionou a plataforma a priorizar seus *Reels* (vídeos curtos publicados no feed do usuário) e *Stories* (postagens de duração de 24 horas). Toda a interface da plataforma parece privilegiar a produção e o consumo de conteúdos audiovisuais. Desde ícones classicamente associados a vídeos à otimização do espaço central da tela de dispositivos móveis, percebemos que conteúdos formatados para a dimensões 16:9 (tela vertical) têm espaço de destaque. A Figura 5 (abaixo) serve de exemplo nesse sentido por apresentar o modelo padrão de interface do Instagram como mais ou menos se apresenta hoje em dia.

⁴⁶ *Facebook changes company name to Meta.* Disponível em: <https://www.cnn.com/2021/10/28/facebook-changes-company-name-to-meta.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Figura 5 — Aparência da interface do *feed* e do perfil pessoal de usuário no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/>, 04 de agosto de 2023.

Fonte: <https://www.instagram.com/>, 04 de agosto de 2023.

Como se pode observar, no topo da tela inicial, o usuário tem acesso às sugestões de *Stories* dos perfis que segue. Apesar de nem toda publicação nos stories ser uma produção de audiovisual compacta, devemos lembrar que o algoritmo impulsiona publicações no formato de *Reels*, que podem ser compartilhadas nos stories do usuário também. Na imagem do perfil pessoal de usuário podemos observar que dentre as quatro opções de publicações, a plataforma possui dois formatos específicos de postagens ao lado da grade: *Reels* e vídeos em geral⁴⁷. Essas formas de hipertextualidade caracterizam as demandas de interação nas atuais plataformas de redes sociais e indicam formas de leitura e

⁴⁷ Atualmente, a opção de vídeo foi integrada ao espaço dos *Reels*.

consumo de informações fortemente pautadas em conteúdos como resultado de convergência de modos diversos de linguagem.

Essa relação com o hipertexto e as possibilidades de leitura em rede tem, aparentemente, sido otimizada tanto pela estrutura de interface, quanto pela personalização algorítmica. Desde que Mike Krieger e Kevin Systrom (os dois são os criadores e desenvolvedores originais do Instagram) planejaram construir o Instagram como ele mais ou menos é hoje, desistindo de vez do então projeto de geolocalização de fotos chamado *Burbn*, o objetivo central era construir uma rede social que expressasse a estética e usabilidade minimalistas. Os primeiros rascunhos do projeto retiravam do *Burbn*

tudo o que era confuso, o que não dava certo, e ver o que sobrava. Sobrou pouco: a câmera para fotografar; o feed, uma home simplificada; os elementos básicos de rede social, como a caixa de comentários e a possibilidade de 'curtir' as imagens de amigos; a 'popular', página com os trending topics (os assuntos mais comentados no app; hoje, é o 'explorar'); news (notícias), onde o usuário vê o que há de novo (curtidas de amigos, por exemplo); o perfil do usuário; e os preciosos filtros (Vilicic, p. 105).

Em essência, o *layout* de postagens na plataforma não mudou muito desde sua concepção. As imagens no *feed*, por exemplo, são otimizadas para proporções de 1:1, onde os usuários podem inserir textos em referência ao que é apresentado na postagens ou fazer uso de *hashtags* (ativadas através do caractere #) que indexam *hiperlinks* em conjuntos de assuntos, contas, pessoas etc. As postagens tipo *Stories* são outra forma de compartilhamento de informações do tipo temporário. O recurso visa a difusão de vídeos com limite de 15 segundos atualmente e parece servir como elemento fundamental na produção de vídeos que consigam otimizar e pensar informações. Os *Stories* ainda são visualmente identificados com traços no topo da tela do aplicativo, indicando a quantidade de vídeos em 15 segundos produzidos naquele dia por um determinado perfil. Aplicativos como o *Inshot* e o *Hyperlapse* (sendo este último um lançamento do próprio *Instagram*) foram desenvolvidos para ajudar os usuários a produzirem mais profissionalmente seus vídeos.

Compreendemos que, em certo sentido, esses investimentos realizados na transição da foto para o vídeo expressam um projeto geral de otimização de tempo e atenção às informações. Mesmo com as críticas de usuários, a plataforma tem buscado formas de investir no audiovisual de tempo reduzido, transformando o

projeto da plataforma Instagram em uma rede social orientada mais pelo vídeo do que pela imagem estática, na contramão do projeto inicial.

2.1.6.2 YOUTUBE

A plataforma YouTube pode ter tido uma história de desenvolvimento inicialmente um tanto despretensiosa, mas a sua estrutura posterior e o seu poder de influência não o são. O projeto de criação e configuração do YouTube remonta ao começo dos anos 2000. Devido ao contexto de seu surgimento, primórdios do que viria a ser conhecida como a *Web 2.0*, o YouTube não nasce de uma base de aplicativo para dispositivo móvel, afinal, aplicativos para aparelhos de telefone celular não tinham as mesmas configurações técnicas que conhecemos hoje em dia.

A bem da verdade, o YouTube aparentemente não teve em seu projeto inicial a proposta de desenho típico de uma rede social como largamente comum hoje em dia. Instrumentos como criação de comunidades e dispositivos de compartilhamento e edição de publicações ainda eram muito rudimentares ou inexistentes. Ao longo dos anos, para a maioria dos usuários há uma percepção geral de que a plataforma ainda mantém suas características técnicas particulares de produção e edição de vídeos, com investimentos mais robustos em manutenção de transmissões ao vivo e compartilhamento de produtos por profissionais e empresas do ramo audiovisual e fonográfico, ao mesmo tempo em que tem ganhado funcionalidades mais próximas do que se convencionou tecnicamente em uma plataforma de redes social, aos modos do Instagram e TikTok.

Segundo Kevin Allocca (2018), profissional responsável pela direção do departamento de *Culture and Trends* (Cultura e Tendências) no YouTube, a plataforma “foi desenhada para ser democrática, para permitir que as pessoas ‘Se Transmitssem’ e para conectar espectadores a quaisquer vídeos ou canais que eles provavelmente assistiriam”⁴⁸ (p. xii). O primeiro vídeo a ser publicado na plataforma foi gravado por um dos desenvolvedores originais da plataforma, Jawed Karim, quando este estava em um zoológico em San Diego em 2005. Karim decidiu ligar sua câmera digital, entregar para seu amigo Yakov Lapitsky e pedir-lhe que o filmasse. O vídeo tem uma duração de dezoito segundos e exibe Karim introduzindo

⁴⁸ Do original: “was designed to be democratic, to allow people to ‘Broadcast Themselves’ and to connect viewers to whatever videos or channels they would be most likely to watch”.

os elefantes do zoológico, sem nenhum comentário mais enriquecedor do que algo como “eles têm trombas muito, muito, muito longas”⁴⁹ (Allocca, 2018 p. 1).

O projeto da plataforma é atribuído a Kevin Karim, Chad Hurley and Steve Chen, que se conheceram após largarem a faculdade para trabalhar como os primeiros desenvolvedores do *PayPal*⁵⁰. Em 2004, após a saída dos três da plataforma de pagamentos online, eles decidiram investir em uma nova *startup*. A ideia da criação de um site para compartilhamento de vídeos tem uma origem bem convencional para os padrões de desenvolvimento de software da época: Eles imaginavam que “as pessoas pudessem gostar de criar perfis de vídeos sobre si mesmas e, notoriamente, decidiram configurar o site como uma plataforma de namoro”⁵¹ (Allocca, 2018 p. 3).

É compreensível que essa fosse uma projeção possível dos envolvidos no projeto, e, apesar de não termos condições de supor quais as possibilidades de aplicabilidade para a plataforma o grupo tinha em mente, podemos ao menos concordar com Allocca (2018) quanto ao fato de o site ter um potencial de difusão. O autor se pergunta: “E se existisse um lugar onde qualquer um pudesse publicar vídeos e qualquer um pudesse assisti-los?”⁵² (Allocca, 2018 p. 5). Em um certo sentido, essa resposta foi dada em pouquíssimo tempo. Segundo algumas estimativas, o YouTube saiu de zero a trinta milhões de usuários em apenas um ano, o que demonstra que a plataforma parece ter ocupado um espaço especial no âmbito da necessidade de consumo midiático pouco explorado até então, mas com forte potencial de engajamento (Allocca, 2018).

A Figura 6 abaixo é uma representação do que aproximadamente temos de registro dos primeiros meses de registro do YouTube. Seguindo o padrão de uma rede social como qualquer outra, o site sempre permitiu a criação de um perfil de usuário e seleção de arquivos favoritos.

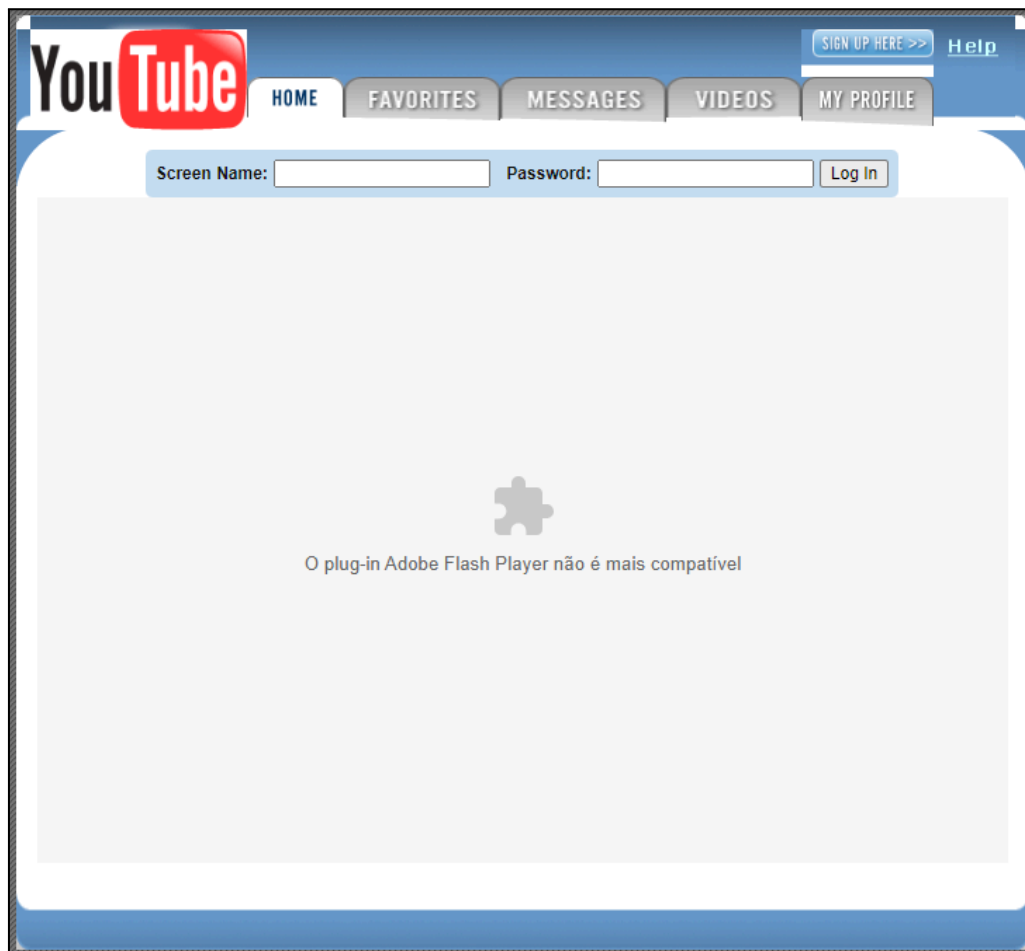
⁴⁹ Do original: “they have really, really, really long trunks”.

⁵⁰ *PayPal* é uma plataforma de pagamentos para transações online que funciona como uma carteira digital na qual o usuário permite que os débitos de compras sejam transferidos para algum cartão cadastrado na plataforma. A plataforma permite aos usuários realizarem compras internacionais usando seu cartão nacional comum, sem a necessidade de autorizações mais específicas de bancos.

⁵¹ Do original: “people might like to create videos profiles about themselves and, famously, set it up as a dating site at first”.

⁵² Do original: “What if there was a place where anyone could upload videos and anyone could watch them?”.

Figura 6 — Representação aproximada da aparência da interface de usuário do YouTube de como era poucos meses depois do seu lançamento



Fonte: <https://web.archive.org/web/20050507021216/https://www.youtube.com/>

As mudanças técnicas sofridas pela plataforma ao longo do tempo refletem, em certo sentido, uma série de fatores que contribuem para a construção e consolidação da plataforma como um espaço culturalmente dinâmico e pertinente à experiência de interação hipertextual dos usuários ao acessarem a internet. Como qualquer produto midiático, a dinâmica de uso articulada às demandas de investimento e desenvolvimento tecnológico interferiu nas possibilidades de articulação da plataforma. Concordamos novamente com Allocca (2018) quando este diz:

O YouTube é uma espécie de experimento de expressão humana, e nada disso foi planejado, na verdade. Os primeiros fundadores do YouTube, e os muitos funcionários que desde então seguiram os seus passos, não aderiram a um plano cuidadosamente traçado, mas trabalharam para ampliar os comportamentos e o interesse daqueles que usaram o serviço.

Ou seja, a experiência que você tem no YouTube foi moldada diretamente pela nossa atividade individual e coletiva⁵³ (Allocca, 2018 p. 10).

Sob um ponto de vista interacional, a experiência dos usuários com os hipertextos provoca mudanças tanto no que se refere ao uso e difusão dos conteúdos no ciberespaço, quanto tende a, de certa forma, forçar mudanças técnicas. Entretanto, Allocca (2018) deixa de mencionar que já em 2006 a empresa Google adquiriu o YouTube por US\$ 1,65 bilhão⁵⁴. Essa compra foi fundamental para a integração do YouTube ao pacote *suite* da Google, o que inclui uma série de aplicativos constitutivos da rede de utilidades de ferramentas disponíveis para diversos perfis de usuários. Essa integração permitiu ao YouTube expandir suas práticas de usabilidade e integração técnicas de edição e criação de conteúdos, negociação de direitos autorais, difusão midiática profissional e desenvolvimento de ferramentas.

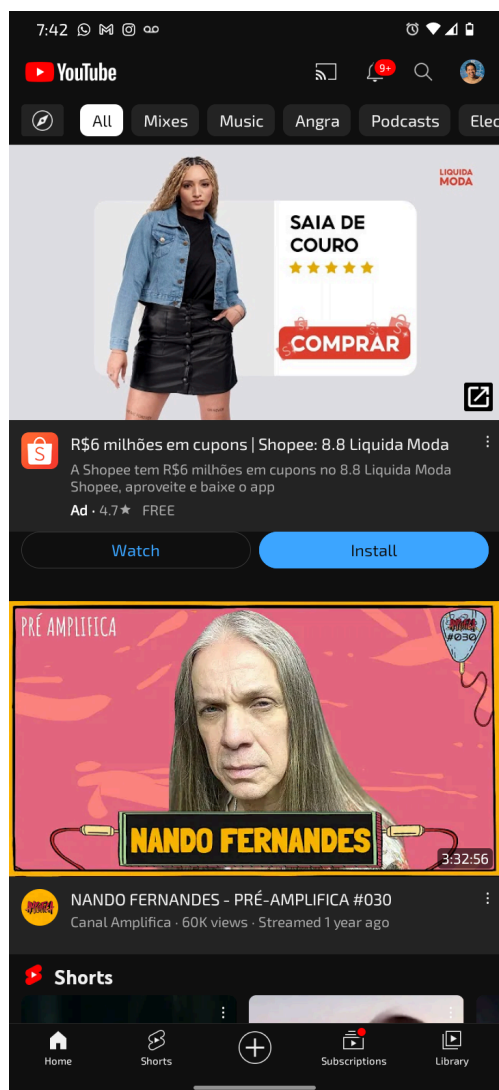
A Figura 7 abaixo compreende um recorte de uma captura de tela da página inicial do YouTube como mais ou menos este se encontra no momento em que esta pesquisa está sendo realizada. Vale ressaltar que a experiência da plataforma associada a aparelhos móveis implicou mudanças significativas. Desde o investimento em nichos de música, como o aplicativo paralelo YouTube Music, à popularização de vídeos curtos chamados de *Shorts*.

Segundo o próprio YouTube, o recurso do *Shorts* é um espaço dedicado ao usuário para criação de conteúdos de até 60 segundos com o objetivo de promover o compartilhamento e a “maratona de vídeos curtos”. O processo de edição também é relativamente intuitivo e promovido pelas ferramentas da plataforma, pois segundo o site, “Você pode usar clipes de áudio ou músicas de qualquer vídeo qualificado da biblioteca do YouTube, adicionar o som aos Shorts e fazer a mágica acontecer” (YouTube, 2023). Essas mudanças na interface da plataforma fazem referência às suas alterações na gestão das métricas dos algoritmos que tendencialmente implicam a expansão do tempo de atenção do usuário para vídeos (Harrison, 2019).

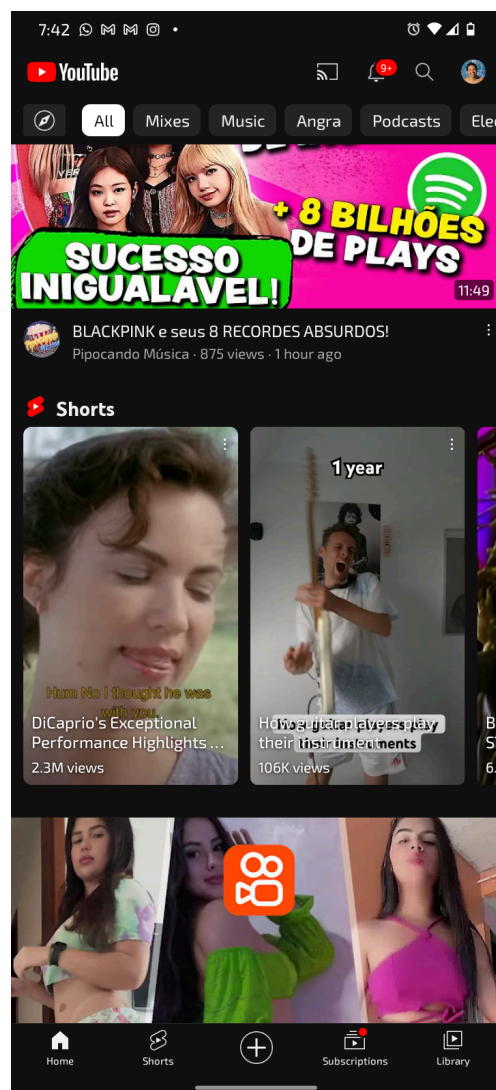
⁵³ Do original: “YouTube is a kind of experiment in human expression, and none of it was by design, really. YouTube’s first founders, and the many employees who’ve since followed in their footsteps, did not adhere to a carefully plotted plan, but rather worked to magnify the behaviors and interesse of those who used the service. In other words, the experience you have on YouTube has been shaped directly by our individual and collective activity”.

⁵⁴ GOOGLE COMPRA SITE YOUTUBE POR US\$ 1,65 BILHÃO. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1304481-6174,00.html>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Figura 7 — Aparência da interface principal do YouTube em aparelho Android



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 01 de agosto de 2023. Tela inicial.



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 01 de agosto de 2023. Tela inicial após rolagem de alguns quadros.

Como se pode observar, a interface inicial de usuário em dispositivos móveis está otimizada para deixar em evidência conteúdos de interesse do usuário tanto em vídeos mais longos como no espaço dedicados aos *Shorts*. Este último em particular, ganha um espaço de visualização de maior privilégio em aparelhos de celular, pois sua concepção foi projetada para a produção de vídeos na posição vertical. Essas características particulares aos conteúdos audiovisuais mais curtos na rede parecem compreender as práticas hipertextuais mais recentes, que além de mesclar módulos de linguagem diversos, otimizam o tempo de visualização para

parâmetros cada vez mais reduzidos. De certa forma, é possível atribuir essa prática à popularização de outra rede social que tem suas origens na China.

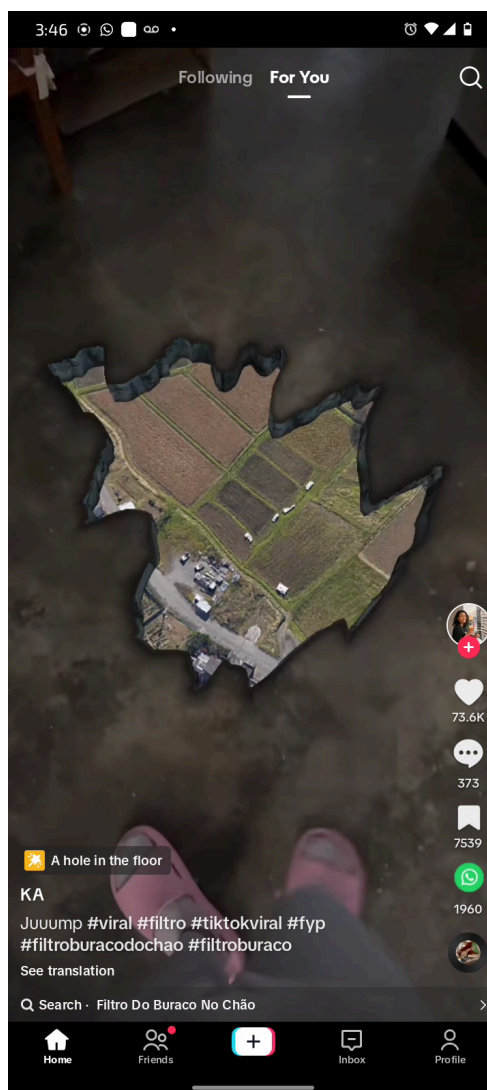
2.1.6.3 TIKTOK

Em termos gerais, o TikTok é um aplicativo desenvolvido para aparelhos móveis com o objetivo principal de divulgar vídeos produzidos por usuários a partir de técnicas de mesclagem e mixagem de linguagens. Desde sua origem, o aplicativo manteve, em sua base de desenvolvimento, a simplicidade e a praticidade, respeitando a categoria de usabilidade para praticamente qualquer pessoa com mínima intimidade com aparelhos *smartphones*. Stokel-Walker (2022) concorda com essa afirmação. Segundo o jornalista britânico autor do livro *TikTok Boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais*⁵⁵: “É muito fácil usar o TikTok. Basta pegar um celular, apertar o botão de gravar e fazer um vídeo com menos de quinze ou de sessenta segundos de duração usando uma variedade de filtros disponíveis ao toque de um dedo” (p. 12).

Assim como muitas plataformas de redes sociais, o TikTok promove a interação dos usuários comuns, incorporando aparatos técnicos ao dispositivo com base no que podemos compreender como o senso comum das práticas de usabilidade das redes sociais, a saber, ferramentas para valorar a opinião sobre o conteúdo (*likes*), para compartilhar (geralmente representada por algum símbolo que remete ao gesto de enviar), para publicar novos conteúdos (com algum botão de ação centralizado na barra inferior do aplicativo, etc. A Figura 8 mostra uma captura de tela da interface inicial do aplicativo de acordo com os parâmetros de atualização no momento em que produzimos esta pesquisa.

⁵⁵ *TikTok Boom: China's dynamite app and the superpower race for social media*, título original em inglês.

Figura 8 — Aparência da interface principal do TikTok em aparelho Android



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 01 de agosto de 2023.

Nota-se, que em termos práticos, o TikTok não difere muito de outras redes sociais anteriores ao seu desenvolvimento. As ferramentas de interação técnicas se valem do conhecimento gestual, ou do que mais ou menos se consolidou entre os usuários de redes sociais nos últimos anos. Elementos gráficos representados por símbolos como adição (+) para referência à ferramenta de criação e publicação de conteúdos, ou o símbolo de balão de diálogo para o dispositivo de comentários, expressam a tendência em otimizar o processamento da atividade de interação com o aplicativo.

O aplicativo pertence à empresa chinesa *ByteDance*, que em 2020 estava avaliada em quase 1,5 bilhão de dólares e foi adquirida pelo grupo *SoftBank Group* em 2018. O TikTok foi concebido por Yiming Zhang, executivo oriundo da cidade de

Longyan que decidiu criar seu próprio império tecnológico aos moldes das *BigTechs* do Vale do Silício (Stokel-Walker, 2022). Zhang estudou engenharia de software na Universidade de Nanka, em Tianjin e passou por várias *startups* chinesas, como alguns sites de viagens, tais como o *Kuxun* e o *Fanfou*, chegando a passar um tempo como empregado da Microsoft. Em 2011, decide montar sua própria empresa de tecnologia, a *99Fang* (mecanismo de busca de propriedade) (Stokel-Walker, 2022).

Nesse período, Zhang decidiu pôr em prática outra ideia de aplicativo, o qual viria a se chamar *Toutiao*⁵⁶. A base da plataforma de notícias consiste na utilização de Inteligência Artificial (IA) programada para oferecer ao usuários informações que combinem com seu perfil de interesse, essa inclusive seria a lógica de funcionamento do que viria o TikTok.

Essa expertise foi necessária para a criação e expansão do TikTok, mas não foi a única. Outro projeto que serviu de base para o desenvolvimento da plataforma foi o *Flipagram*. O aplicativo estava aos comandos de John Bolton e foi adquirido pela ByteDance no fim dos anos 2010 justamente por ter ganhado atenção do público por seus recursos como ferramentas de busca de “músicas de sucesso e uma enorme variedade de filtros e figurinhas muito cobiçadas e que podiam ser usados nas filmagens” (Stokel-Walker, 2022 p. 56) de criação de conteúdos.

Mas é, com toda certeza, a criação de Alex Zhu que dá ao TikTok a espinha dorsal que o projeto precisava para se tornar o que é hoje. Juntamente com seu amigo Louis Yang, Zhu contrata em 2013 uma pequena equipe para “desenvolver um aplicativo que os adolescentes não conseguiriam largar” (Stokel-Walker, 2022 p. 59). Com base na percepção de que uma grande parte dos adolescentes gostavam de dublar suas músicas favoritas e decoravam seus vídeos com efeitos e figurinhas, nasce o *Musical.ly*. Basicamente, o aplicativo foi desenvolvido para a criação de vídeos com base em trechos de músicas famosas, onde as pessoas têm acesso a ferramentas de edição, efeitos e compartilhamento, sendo a prática de *lip syncing*⁵⁷ a base criativa da plataforma.

⁵⁶ *Toutiao* é uma plataforma de notícias desenvolvida pela ByteDance.

⁵⁷ Técnica que combina o movimento dos lábios com a voz de uma gravação, seja de música ou outro gênero, em sobreposição. Muitas vezes a técnica é traduzida como dublagem em português.

A criação do Musical.ly, em certo sentido, serviu de base para a equipe do que viria a ser o Tik Tok. Foi com base em pesquisa nas lojas de aplicativos que perceberam o sucesso que o Musical.ly fazia entre os vídeos de curta duração. Sua configuração em tela vertical, proporcionando vídeos de alta definição, definiram o tom que o aplicativo chinês teria. Em 2016, portanto, a equipe de desenvolvimento da ByteDance lança o *Douyin* (TikTok é uma versão ocidental do aplicativo) - uma combinação das palavras “sacudir” (dou) e “som” (yin) (Stokel-Walker, 2022).

A criação de vídeos de curta duração tem se tornado parte essencial de uma grande parte das plataformas de rede social. A Figura 9 (abaixo) apresenta a Missão do TikTok como publicada no seu site oficial.

Figura 9 — Descrição da Missão do TikTok publicado no seu site oficial



Missão

O TikTok é o principal destino para vídeo móvel no formato curto. Nossa missão é inspirar a criatividade e trazer alegria.

A sede global do TikTok fica em Los Angeles e Singapura, e seus escritórios incluem Nova York, Londres, Dublin, Paris, Berlim, Dubai, Jacarta, Seul e Tóquio.

Fonte: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Os objetivos principais do aplicativo e sua base de desenvolvimento estão pautados na produção de conteúdos rápidos, chamativos e atraentes, com poder de captura de atenção. Assim como outros aplicativos do mesmo gênero, o TikTok vem expandindo as possibilidades de oferta de ferramentas de mesclagem de linguagens e dispositivos semióticos diversos de maneira cada vez mais intuitiva e prática.

As primeiras versões da plataforma apresentavam basicamente a mesma interface que encontramos nas suas últimas atualizações, a saber, “uma série de ícones na parte direita da tela, embaixo da foto de perfil do usuário; ferramentas que

permitem curtir, comentar e compartilhar vídeo” (Stokel-Walker, 2022 p. 69). Stokel-Walker (2022 p. 69) continua afirmando que o aplicativo “era projetado para deixar o usuário um pouco desorientado e capturar a atenção com uma exibição rápida e espetacular do ambiente, demonstrando sua criatividade, anarquia e energia”. Podemos dizer com certa segurança que a lógica de produção e usabilidade do TikTok levou em consideração projetos funcionais já estabelecidos, desde a otimização da tela de dispositivos móveis a ícones de compartilhamento. De fato, as maiores inovações do TikTok e do Douyin não foram necessariamente técnicas. Os aspectos interacionais e de usabilidade do usuário, como suas políticas de difusão e investimentos na área de captação de vídeo em alta definição, parecem ser, de certa forma, os responsáveis por seu sucesso, pois mostraram que era possível simplificar “o que era considerado um processo muito complicado de criação de vídeos” (Stokel-Walker, 2022 p. 70).

As três redes sociais apresentadas até aqui, isto é, Instagram, Youtube e TikTok, desenvolveram características tecnicamente muito semelhantes no que se refere à produção e difusão de conteúdos de vídeos curtos. Muito embora apenas o TikTok tenha sido projetado desde a sua fundação sob a base de mesclagem de linguagens para a produção de conteúdo audiovisual de poucos segundos, tanto o Instagram quanto o YouTube perceberam que as práticas linguísticas dos usuários nas plataformas de redes sociais vinham se concentrando cada vez mais em conteúdos de vídeos do que em outros módulos linguísticos.

Nesse sentido, é notável como a própria disposição dos elementos gráficos nas três redes parecem ser um reflexo uma da outra. A Figura 10 confirma alguns desses aspectos. Por exemplo, a disposição dos ícones para acesso ao perfil pessoal do usuário estão todos localizados na barra inferior direita; os elementos de interação são facilmente identificáveis e encontrados na lateral esquerda; o movimento de arrastar ativa a troca de conteúdos por rolagem infinita; o aplicativo otimiza o uso da tela cheia em vertical para os vídeos, de forma que conteúdos criados diretamente no aplicativo tendem a mitigar os efeitos de cortes de margens inferior e superior, para apenas mencionar alguns.

Figura 10 — Captura de tela da seção *Reels* do Instagram (esquerda), da seção *Shorts* do YouTube (centro) e área inicial do TikTok (direita).



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 23 de janeiro de 2024.

Em termos cognitivos, a antecipação das expectativas de uso podem funcionar como *input* ostensivo de atenção, reduzindo o nível de esforço do usuário. Isso deve servir aos propósitos corporativos das plataformas, que é bem resumido por Stokel-Walker (2022) quando o mesmo tece um comentário sobre o TikTok: “O TikTok e o Douyin foram desenvolvidos de modo a simplificar a forma de os usuários curtirem, engajarem e compartilharem conteúdo” (Stokel-Walker, 2022 p. 69). A verdade é que essas palavras poderiam, com segurança, se aplicar às três plataformas. Essa concepção expressa nosso esforço em destacar os aspectos mais macro, no nível socioeconômico da estrutura das plataformas, pois são essas configurações que projetam formas de representação cognitivas no processamento da hipertextualidade nos termos desta pesquisa.

Assim, é possível que ao entendermos melhor a história de desenvolvimento dessas três plataformas de rede social tenhamos em mente os aspectos centrais que compreendem suas características técnicas e sua relação cultural com os processos de usos pelos usuários. A capacidade que essas plataformas têm de

produzirem semelhanças no que diz respeito às suas interfaces e aspectos de usabilidade parece explicar em certo sentido como a hipertextualidade é em si também um processo sociocultural de mediação comunicativa.

2.2 HIPERTEXTUALIDADE

Esta subseção tem como objetivo central discutir os princípios fundamentais que constituem a definição de hipertextualidade em uma abordagem cognitivo-pragmática (Xavier, 2009; 2010; Lévy, 2010a). Partimos das principais discussões acerca do hipertexto para pensarmos as condições que fundamentam a prática da hipertextualidade enquanto atividade de produção e difusão de informação no contexto da convergência de linguagens (Xavier, 2009; Santaella, 2013; Jenkins, 2009). Destacamos ainda que o percurso teórico que contempla noção de hipertextualidade deve suas bases à discussão acerca das próprias condições de textualidade, não tanto como um procedimento de transferência de categorias, mas devido à proposta de abordagem contida em uma perspectiva sócio-interacionista/cognitiva da língua.

Portanto, sustentamos com isso ao menos dois argumentos que devem orientar a pesquisa, expressos em (b) e (c):

- (b) A hipertextualidade é uma modalidade da enunciação que deve sua constituição às tecnologias da comunicação no que diz respeito à capacidade que estas têm de convergir variados módulos semióticos.
- (c) A hipertextualidade é subjacente aos hipertextos, pois estes têm seus limites difusos, sendo o seu recorte a partir de enunciação hipertextual um procedimento sempre arbitrário para fins analíticos.

2.2.1 Noção de texto

Em toda atividade teórica os termos e os conceitos são constitutivos da prática epistemológica; no entanto, termo e conceito não estabelecem necessariamente uma relação referencial entre si. Segundo Lévy (2010a), a noção do que viria ser denominado hipertexto aparece pela primeira vez em um artigo de Vannevar Bush em 1945, onde este elabora um projeto de indexação e classificação

automática de documentos e textos⁵⁸. O termo hipertexto, todavia, seria cunhado mais tarde por Theodore Nelson para expressar a “ideia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (Lévy, 2010a, p. 29).

O conceito de hipertexto, por outro lado, não é estanque e se tornou objeto de investigação de diversas áreas do conhecimento, como a comunicação, a antropologia e a linguística. Inicialmente, destacamos que compreendemos a definição de hipertexto como corolário da noção de texto em uma perspectiva pragmático-discursiva. É esta, portanto, a base de orientação para a investigação a partir de concepção cognitiva, pois visamos construir um argumento que pauta nossa hipótese acerca da relação entre as estratégias de produção e difusão de informação em uma perspectiva hipertextual pragmático-discursiva.

A tradição linguística tem há muito devotado certa atenção ao texto enquanto fenômeno da linguagem que merece estudo sistemático e formas explicativas mais específicas acerca das suas especificidades. É o contexto dos estudos pós década de 60, segundo Marcuschi (2012), que vai desenhar novos rumos à pesquisa científica no campo dos estudos da linguagem. Sob um plano mais geral, é possível afirmar que os estudos de caráter mais literários se devotam ao estudo do texto sob abordagens variadas, o que a Linguística parecia reservar aos estudos abstratos da língua.

Pêcheux (2014) afirma, porém, que é o Curso de Linguística Geral de Saussure que deve marcar o paradigma científico-abstrato para os estudo da linguagem, de forma que até antes disso, “estudar uma língua era, maior partes das vezes, estudar *textos*” (Pêcheux, 2014 p. 59, *grifos do autor*). Para o autor, métodos como dedução frequencial e análise por categorias temáticas se enquadram no paradigma pré-linguístico, pois apesar de levarem em consideração a totalidade do texto para dentro de suas análise, “se colocam fora da linguística (Pêcheux, 2014 p. 61) à medida que não articulam categorias de análise linguística.

A crítica do filósofo francês se concentra nos modos de acesso ao objeto. Mesmo análises textuais que tangem o conteúdo do texto através dos conteúdos locais contidos nestes, se descolam e desviam de uma abordagem linguística por

⁵⁸ De uma forma geral, essa forma de indexação de documentos, ou textos, é o conceito central que encapsula a ideia do funcionamento da *internet*. A interconexão de diversos servidores computacionais, com dispositivos de entrada e saída de informação gerenciada por sistemas de códigos que viabilizam ao usuário o acesso, explica o modelo de *internet* que se convencionou nas sociedades capitalistas ocidentais.

não tomarem o signo *a priori*, isto é, não conseguem (ou não compreendem) propor uma constituição para o objeto linguístico a partir das suas condições semióticas. Modelos de estudo que fazem a pergunta recorrente ‘O que este texto quer dizer?’⁵⁹ contam apenas com a capacidade de interpretação do leitor, sem levar em conta as condições, a subjetividade e o processo cognitivo subjacente ao próprio texto.

Em certo sentido, os estudos da linguagem tomam uma virada estruturalista bastante significativa para a área a partir dos estudos publicados na obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Saussure (2006[1916]). Não se pode negar que o livro representa um empreendimento teórico-metodológico fundamental para os subsequentes trabalhos desenvolvidos dentro dos estudos da linguagem e da semiótica. É evidente que não há nenhum traço de preocupação com o texto, ou com qualquer processo de textualidade, no que se refere ao conjunto de textos que compõem o CLG. Ainda assim, vale frisar que a quebra de paradigma proposta pelo texto alegadamente saussuriano deixa em aberto questões que precisavam ser abordadas com método e racionalidade de análise.

A dicotomia língua/fala demanda do pesquisador a negação e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da interface linguística no encontro entre seus componentes imanente (codificado semioticamente) e transcendente (contexto de uso). Essas questões são especialmente caras aos estudos do texto pelo fato de prender aqueles que o estudam em uma encruzilhada teórica dialética, onde o código linguístico não pode ser negligenciado em função do contexto de uso; nem pode o contexto situacional desconsiderar o processamento do código como dispositivo comunicativo.

O próprio Hjelmslev (2019[1975]) chega a admitir que o texto é de interesse significativo da linguística, o que não significa que o autor tivesse uma definição satisfatória para o texto. Ainda assim, é digno de nota que a textualidade deve ser tomada como parte do interesse teórico da linguística por constituir-se enquanto lugar da materialidade dos dispositivos linguístico-enunciativos.

Marcuschi (2012) prefere uma definição que se alinha aos princípios da materialidade de sistemas epistemológicos. Segundo o autor, “o texto não é uma

⁵⁹ Essa, por sinal, é a tipologia de pergunta recorrente em ambientes e contextos educativos. Com relativa ênfase sobre o problema, tanto Marcuschi (2008) como o próprio Pêcheux (2014), apontam que o processo de compreensão redundava em decodificação. Apesar de não ser o objeto dessa pesquisa, é preciso concordar que o processo educativo de aprendizagem de línguas fornece experiência empírica para a observação dos fenômenos gerais da linguagem.

unidade virtual e sim concreta e atual; não é uma simples sequência coerente de sentenças e sim uma ocorrência comunicativa” (Marcuschi, 2012 p. 29). É claro que isso não resolve a questão da definição do que é o texto, mas aponta o caminho, a nosso ver, mais sóbrio e tangível para pensarmos as categorias textuais. O autor continua afirmando que deveria ser visto como “o resultado de operações e processos linguísticos em situações comunicativas” (Marcuschi, 2012, p. 30).

Marcuschi (2012; 2008) dialoga com a Beaugrande e Dressler (1997) neste aspecto. De acordo com a definição dos autores, um texto “é um EVENTO COMUNICATIVO que atende a sete regras da TEXTUALIDADE”⁶⁰ (1997 p. 35, *grifos do autor*). O sentido do termo evento parece dar conta de dois aspectos centrais ao debate: (1) o contexto sociocomunicativo dentro do seu fio histórico e interacional, levando-se em consideração a subjetividade dos interlocutores; (2) a quase impossibilidade de demarcação dos limites de um texto.

Em relação ao segundo aspecto, em especial, supomos essa orientação teórica como atributiva à explicação tanto de Marcuschi (2012) como de Beaugrande e Dressler (1997) devido ao reconhecimento da categoria da intertextualidade como elemento inescusável à produção textual. É com uma certa medida de certeza que afirmamos que Beaugrande e Dressler (1997) tinham em mente os textos escritos como objetos da textualidade. Marcuschi (2008), por outro lado, atribui à Linguística Textual (LT) a agenda teórica concernente à produção e compreensão de textos orais e escritos, pois compreende o princípio da textualidade como condição semiótica e cognitiva que converge gêneros e módulos linguísticos diversos.

Segundo Adam (2019), o texto pode ser definido como uma “unidade de comunicação” (p. 33), resultado do reconhecimento de relações discursivas de enunciados em série, verbais ou verbo-icônicas. Assim, toda prática de texto constitui “o traço languageiro de uma interação social” (Adam, 2019 p. 33), sendo também a materialização multissemiótica de ações sócio-históricas.

Enquanto que para Adam (2019) o texto pode ser compreendido como uma unidade, Marcuschi (2008) postula que este pode ser concebido como uma entidade comunicativa e como um “artefato sócio-histórico” (Marcuschi, 2008 p. 72). Apesar da relativa redução discursiva subjacente ao conceito em Adam (2019), os dois autores parecem concordar em pensar o texto como um resultado de “operações

⁶⁰ Do original: “es un ACONTECIMIENTO COMUNICATIVO que cumple siete normas de TEXTUALIDAD”.

que controlam e regulam” (Marcuschi, 2012 p. 30) os sistemas languageiros potencialmente significativos para o processo de comunicação e compreensão entre sujeitos interlocutores. O texto, nesse sentido, apesar de materializado em algum tipo de unidade, deve ser interpretado com uma “ocorrência na comunicação” (Marcuschi, 2012, p. 30), o que implica tomar sua produção duplamente: tanto como o resultado de, quanto resultante em relações contextuais, sociais e interacionais.

Essas definições provocam algumas inferências a respeito do texto que merecem atenção: (1) tomar o texto como unidade de comunicação significa admitir seu caráter particular, razoavelmente delimitado e relativamente fragmentário em relação à produção discursiva na qual este se insere e da qual é produto; (2) texto como entidade da comunicação esboça sua relativa autonomia significativa, a qual se expressa em unidades de sentidos construídas na relação entre os indivíduos interlocutores e o próprio texto; (3) e finalmente, o texto ser definido como um artefato ajuda a explicar sua propriedade cultural, resultado de movimentos históricos situados e atravessados ideologicamente em um evento comunicativo.

Essas reflexões não são excludentes. Na verdade, compreendemos que elas estão dialeticamente articuladas na operação de interpretação e análise de textos, pois o texto, como defende Koch (2015 p. 21), é em si “um lugar da ‘inter-ação’ entre sujeitos sociais [...] empenhados em uma atividade sociocomunicativa”. A metáfora escolhida por Koch (2015) dialoga muito bem com o projeto coletivo representado no texto, pois toda atividade textual demanda colaboração na construção de sentido. Mais do que a transmissão de informações, o texto consegue envolver os interlocutores em atividades de previsão de questionamentos, avaliação de exequibilidade da atividade textual, complementaridade na busca dos sentidos, etc.

Marcuschi (2008) vai além. Para o autor, o texto insere o sujeito em uma cultura. Segundo o autor, ao lidarmos com textos estamos dando conta de “operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como forma de ação linguística” (Marcuschi, 2008 p. 90). Marcuschi (2008) está claramente fazendo referência ao pensamento de Bazerman (2007) que entende o gênero como uma forma de ação social, como esquemas de permissões e contingenciamentos discursivo-pragmáticos, de forma que dominá-los requer além da instrução formal, a construção de certo *ethos* social.

Isso implica que não nos parece adequado tentar condicionar a análise de texto a elementos isolados da produção. O texto enquanto unidade atomizada é o

resultado do processamento de uma atividade mais abrangente. Seria preciso inclusive abranger o debate acerca da intertextualidade para justificarmos que essa atividade não se esgota por si mesma. Por ora, destacamos que a textualidade concebida como prática parece requerer do indivíduo diversas competências linguísticas, semióticas e pragmáticas que viabilizam a produção de sentidos. Nesse caso, tem-se que considerar que tomamos a textualidade, e eventualmente a hipertextualidade, como quadro investigativo geral no qual encontramos produções de sentido resultantes de atividades técnica e semioticamente orientadas.

Para além das questões essenciais à filosofia da linguagem, Marcuschi (2010) compreende a textualidade como condicionada aos fenômenos da linguagem como um todo. Isso demonstra uma perspectiva de ruptura com alguns estudos do texto, pois o autor considera como o contexto de uso e os elementos pragmáticos operam as funcionalidades da textualidade em níveis distintos a depender dos usos propostos pelo sujeito. Esse pensamento reverbera nos estudos da hipertextualidade justamente por considerar uma abordagem mais complexa, firmada na convergência semiótica para a construção de categorias da textualidade.

2.2.2 Da fala para a escrita: textualidade e a quebra de paradigma

Não é preciso frisar, portanto, que o texto não deve ser definido como uma sequência frástica ou vocabular (Marcuschi, 2008). O texto envolve uma convergência de condições e categorias de uso que Marcuschi (2008) interpreta como resultante de quatro implicações básicas:

1. o texto é visto como um *sistema de conexões entre vários elementos*, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.
2. o texto é construído numa orientação de *multissistemas*, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não-linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral *multimodal*;
3. o texto é um *evento interativo* e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma co-produção (co-autorias em vários níveis);
4. o texto compõe-se de *elementos que são multifuncionais* sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade. (Marcuschi, 2008 p. 80).

Essas implicações constituem o fundamento para a definição de texto e textualidade em uma perspectiva sociointeracionista de base cognitiva. É com Marcuschi (2008) que encontramos um forte compromisso em articular mente e

sociedade às categorias da textualidade de forma a construir um referencial teórico fortemente constituído na interface linguística.

Marcuschi (2010), evidentemente, estava interessado em discutir questões relacionadas ao processo educativo na aquisição da linguagem. Isso demonstra seu forte apego à temática do letramento na relação entre fala e escrita. Apesar do fato de nosso interesse de investigação não se concentrar no domínio do ensino-aprendizagem, as propostas teóricas do autor impõem ao paradigma da análise linguística uma quebra de perspectiva e tratamento dos dados.

Considerar o texto como o processo e não como produto confere aos estudos do texto a possibilidade de incorporar o conceito de convergência dos variados modos semióticos elaborados na atividade de comunicação. São os múltiplos elementos funcionais que caracterizam o texto e demandam a compreensão de que o mesmo se faz enquanto evento social. Mesmo textos com baixa interatividade, ou pouco apelo à ostensividade semiótica, como o gênero bula de remédio, dependem de fatores como extensão, organização textual, fatores de usabilidade e local de difusão (caixa de remédio, por exemplo) como parte integrante, não complementar, do processamento textual.

Bazerman (2007), em certo sentido, já se preocupava com essas questões quando afirma que os gêneros da fala⁶¹ “fornecem guias em tempo real para o ajuste constante do fazer-sentido e o ajuste do enunciado futuro” (Bazerman, 2007 p. 23). É como se a existência corporificada dos textos em situações reais tipificasse nossas ações comunicativas. Passamos a “seguir padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas”, de forma que “podemos antecipar melhor quais serão as reações das pessoas se seguimos essas formas padronizadas” (Bazerman, 2011 p. 30). Vale ressaltar que esse processo de padronização, ou tipificação, compreende a materialidade dos textos culturalmente reconhecíveis na forma dos gêneros, sejam orais ou escritos.

O que tentamos confirmar a partir dessa discussão é que o texto se processa a partir de diversos elementos, ou módulos variados de linguagens. Tais elementos estão presentes nos mais diversos aspectos que compreendem a materialização

⁶¹ É evidente que o autor se preocupa com outros gêneros do domínio da escrita, mas o ponto central para estudos no seu trabalho se refere ao fato de que este compreende que a fala fornece elementais imediatos que antecipam a compreensão, uma vez que parece que o tempo de processamento em interações orais deve ser menor.

textual, pois tanto fatores de tipificação dos gêneros, como os elementos mais ostensivos semioticamente disponíveis são fundamentais para a construção de sentidos.

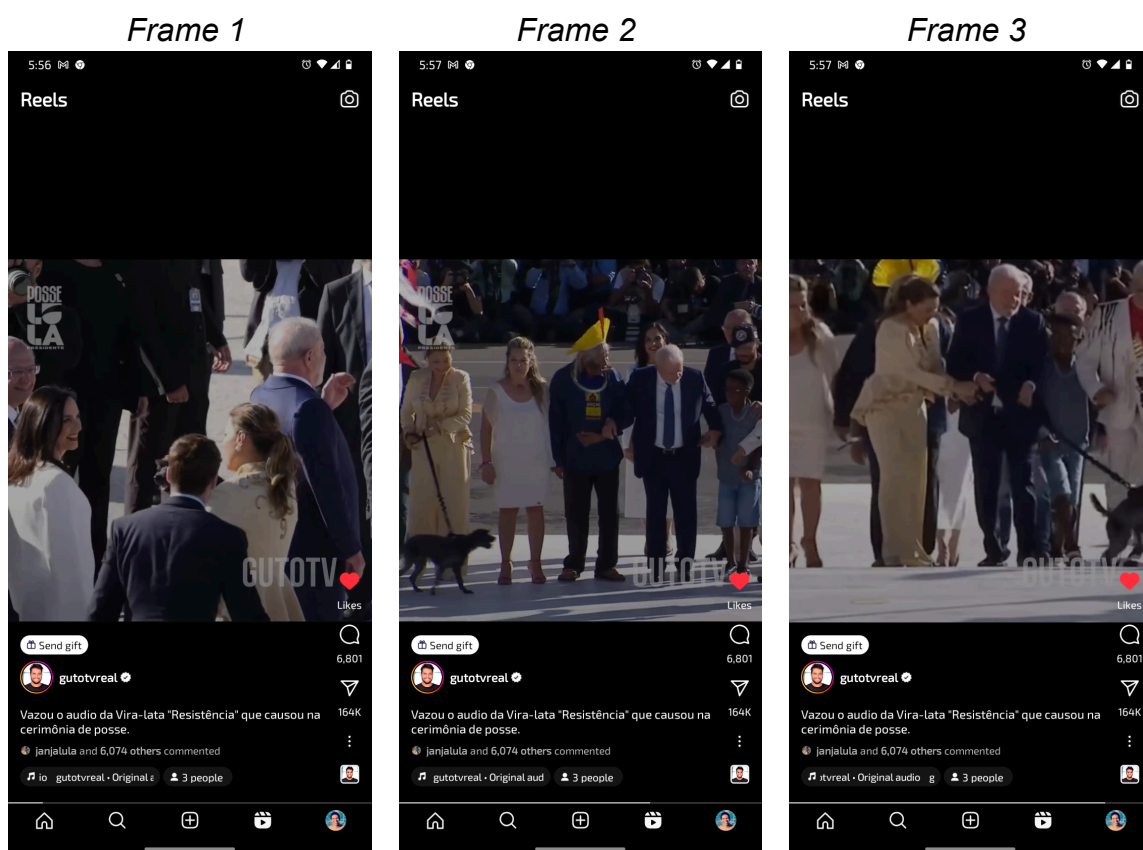
Se por um lado o texto deve ser tomado como um processo, por outro sua materialidade, produção e difusão na sociedade também devem ser levadas em consideração como parte integrante do mesmo processo. Uma das questões que parece ser fundamental para os estudos de Marcuschi (2008) é o fato de o texto estar presente nas práticas sociais cotidianas, de forma que sua compreensão e processamento dependem de fatores enunciativos e conhecimentos compartilhados não imanentes ao texto em si (Marcuschi, 2008). Uma das consequências desse argumento é entender que o código linguístico é mais um elemento presente na multissemiotividade da produção textual. Essa relação não dicotômica entre os aspectos linguísticos e não-linguísticos esboça a preocupação de Marcuschi (2008; 2010) em desenvolver um pensamento não apenas antiestruturalista, mas principalmente anti-dicotômico ao tratar dos dados linguísticos.

Pensar o texto, e no nosso estudo em particular, o hipertexto, sob esses aspectos teóricos nos fornece a base para a construção de um posicionamento importante para os estudos do hipertexto: o processamento comunicativo em qualquer ambiente textual, seja este digital ou analógico, implica a mobilização cognitiva de diversos pontos de acesso informacionais disponíveis ao indivíduo no momento da interação. Isso significa que todo texto deve ser considerado como produto da convergência de dois ou mais módulos linguísticos, além dos elementos subjacentes implicados que serão reconhecidos, ou não, pelo interlocutor. A postagem a seguir exemplifica essa relação nas práticas enunciativas hipertextuais.

A Figura 11 faz referência a uma postagem no Instagram pelo perfil @gutotvreal à época da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao cargo de chefe do executivo pelo seu terceiro mandato. Para a visualização da postagem, decidimos capturar ao menos três *frames* do conteúdo publicado. Os *frames* são originalmente parte da cobertura da cerimônia de posse do presidente publicada nas redes sociais oficiais do governo. Entretanto, para fins comunicativos, é possível notarmos que o vídeo publicado pelo perfil @gutotvreal é um recorte de partes do momento da subida ao Palácio do Planalto, onde Lula, Janja, o vice, Geraldo Alckmin, acompanhado por Lu Alckmin, sua esposa, Francisco, 10 anos, que ficou

em primeiro lugar no campeonato da Federação Aquática Paulista, Aline Sousa, catadora desde os 14 anos, o cacique Raoni Metuktire, 90 anos, Wesley Viesba Rodrigues Rocha, metalúrgico do ABC, Murilo de Quadros Jesus, professor, Jucimara Fausto dos Santos, paranaense de Palotina, Ivan Baron, jovem potiguar que tem paralisia cerebral, Flávio Pereira, artesão e a cadelinha Resistência.

Figura 11 — *Frames* (1-3) do Vazou o áudio da Vira-lata “Resistência” que causou na cerimônia de posse do perfil @gutotvreal no Instagram⁶²



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 15 de agosto de 2023.

Código QR para acesso à publicação



⁶² Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cm5O9FePVNe/?igshid=M2MyMzgZODVINw==>. Acesso em: 15 ago. 2023.

A posse do presidente ocorreu no dia 1º de Janeiro de 2023 e, como já era esperado, a cerimônia do terceiro mandato do Presidente Lula fora planejada para simbolizar as diversas questões que sua retomada ao poder representava. Um desses elementos era a presença da sua cadela de estimação chamada de Resistência. Resistência é a segunda cadela do casal Lula e Janja que foi achada abandonada próxima à sede da Polícia Federal em Curitiba, Paraná, no ano de 2018. Ela foi batizada com esse nome pelo grupo que fazia a vigília do presidente durante os 580 dias que este esteve preso⁶³.

É, portanto, a cadelinha de pelo preto que sobe a rampa junto ao Presidente Lula, a Primeira Dama, e outras pessoas importantes escolhidas como representativas das pautas e lutas enfrentadas pelo país ao longo da sua história democrática. Com propósitos cômicos, o perfil @gutotvreal personifica as o comportamento do animal de estimação do presidente, bem como o da sua esposa Janja, dando voz a ela e reinterpretando a o momento da posse como se as duas estivessem mantendo um diálogo.

Em certo trecho da dublagem (segundos 00:57 a 01:00), mais ou menos a partir do ponto em que se encontra o *Frame 3* da postagem, Resistência insiste em ser passada para Lula, o que gera efeitos de humor, pois no vídeo de fato Janja passa a coleira para o presidente. Nesse momento, ouvimos o seguinte diálogo entre a “cadelinha” e “Janja”:

Resistência: “Eita, glória a Deus! Ai eu tô muito chique subindo essa rampa. Nem vou dizer o nome da última cadela que teve aqui” (sic).

Janja: “Garota!”

Esse pequeno diálogo final funciona como o clímax do arco narrativo proposto na publicação do perfil @gutotvreal, pois como em qualquer gênero da comédia, a quebra de expectativa tende a funcionar como o elemento condensador do sentido da piada. Entretanto, para além dos efeitos de quebra de expectativa, os efeitos de sentido da piada proposta só podem ser plenamente inferidos tendo em conta o contexto situacional, o conhecimento enciclopédico e a mesclagem das linguagens mixadas hipertextualmente. São esses fatores enunciativos, juntamente com os

⁶³ RESISTÊNCIA SOBE A RAMPA. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/resistencia-sobe-rampa-posse/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

conhecimentos compartilhados que devem provocar no indivíduo os efeitos de acesso à proposta intencional do produtor do conteúdo (Marcuschi, 2008).

Nesse caso específico, temos que levar em consideração o uso metafórico da palavra “cadela” como utilizado no vídeo, pois o fato de a próprio personagem personificada no animal chamar outra pessoa não presente na cena de cadela, deveria remeter o interlocutor a conteúdos intertextuais não imanentes na textualidade da mensagem. É como o uso da palavra “cadela” para referir-se a uma forma de xingamento, de modo que “Resistência” deve estar fazendo referência a alguma rival política do presidente Lula. Dessa forma, a suposição mais viável para o sentido proposto do enunciado “o nome da última cadela que teve aqui” só pode fazer referência a primeira dama do líder do executivo anterior, isto é Michele Bolsonaro, esposa de Jair Messias Bolsonaro (PL).

No comentário da publicação temos acesso a mais indícios da proposição do autor. Nesse caso, o comentário tem uma função pragmática de legenda para a publicação, o que adiciona elementos de sentidos extras para se combinar ao todo da mensagem. Lemos: “Vazou o áudio da Vira-lata ‘Resistência’ que causou na cerimônia de posse” (sic).

Figura 12 — Legenda da publicação de @gutotvreal



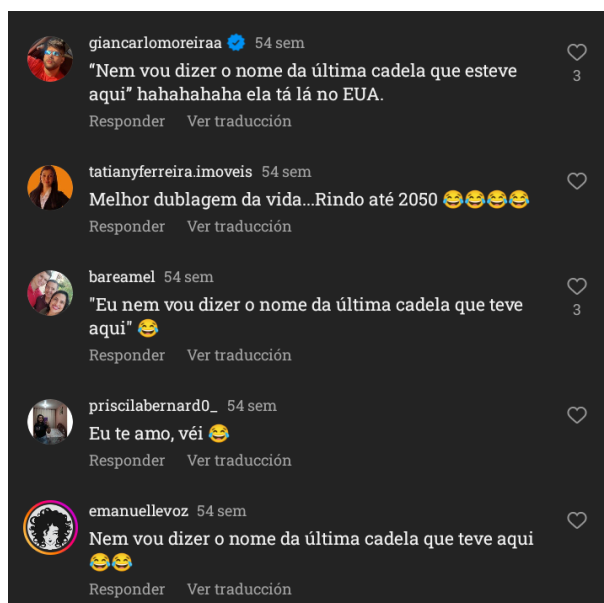
Fonte: captura de tela em aparelho Android, 15 de agosto de 2023.

Mais uma vez, o interlocutor é convidado a mobilizar conhecimentos em um processo de sistema de conexões entre vários elementos (Marcuschi, 2018). Em se tratando de uma postagem sobre o presidente Lula (PT), o uso do termo “vazar” estabelece uma relação interdiscursiva. Uma das possíveis suposições neste caso

é compreendermos que a comicidade vem da ironia entre vazou o áudio fictício e a relação implícita entre os eventos que circundaram tanto a investida do ex-juiz Sérgio Moro contra Lula (tendo uma ligação telefônica entre ele e a presidenta Dilma (PT) vazada e publicada em rede nacional), como a Operação Vaza-Jato que revelou uma série de ilegalidades no processo que levou Lula à prisão em 2018.

A hipertextualidade implica que os sentidos são construídos multifatorialmente. É evidente que poderíamos afirmar que todo o processamento de texto é um certo sentido multifatorial. No entanto, é na hipertextualidade que esses recursos ficam mais evidentes, pois os sentidos disponíveis ao interlocutor estão condicionados à mescla de linguagens, inclusive gestuais, de forma que na interação do sujeito com os recursos técnicos, bem como outros sujeitos, o fio de sentido tende a se estender para produzir sentidos. De fato, a constituição dos sentidos de certo modo dada a priori tende a guiar a compreensão do usuário/leitor. Notamos, por exemplo, que ao acionar os recursos de comentários na postagem em questão, o interlocutor tem acessos a outras pistas de sentidos compartilhadas pelos usuários da plataforma.

Figura 13 — Comentário da publicação de @gutotvreal



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 15 de agosto de 2023.

A Figura 13 se refere à barra de comentários disponíveis aos usuários do Instagram. Comentários como o do usuário @giancarlomoreiraa contribuem na imputação do sentido geral da postagem, pois o mesmo escreve: “‘Nem vou dizer o nome da última cadela que esteve aqui’ hahahahaha ela tá lá no EUA” (sic.). Com algum conhecimento do cenário político à época da posse, seria possível acessar a informação de que o casal Bolsonaro estaria nos Estados Unidos desde o mês de dezembro do ano de 2022, após a confirmação da sua derrota nas eleições para a presidência⁶⁴. Essa informação extra, compartilhada por outro usuário, adiciona um reforço inferencial à suposição do referente “cadela” na publicação. Ou seja, a compreensão da sátira se dá também, em certo sentido, através de acessos gestuais, e da busca pelo sentido compartilhado por usuários, que apesar de não serem os produtores do conteúdo principal, participam do processo de autoria ativa.

Esses fatos indicam como a hipertextualidade tem o potencial de produzir enunciados a partir de estímulos multissensoriais, sob uma dinâmica não hierárquica e onde as experiências de leitura e escrita - ou talvez, de consumo e produção de informações — se confundem (Xavier, 2009). Além do mais, essas evidências nos dão indícios de que, como já havia esclarecido Marcuschi (2008) ao se referir ao texto, o hipertexto enquanto objeto recortado, muito possivelmente não pode ser localizado no tempo-espço de um evento enunciativo específico. Sua existência é descentralizada e difusa, tendo o uso feito pelos sujeitos o elemento central de sua existência. Mais proveitoso, por tanto, para fins de análise, seria refletirmos sobre as implicações da hipertextualidade.

2.2.3 Do hipertexto à hipertextualidade

A percepção de que o hipertexto deve ser um objeto difuso serve como base que orienta nossa concepção acerca da hipertextualidade. Evidentemente, faz-se necessário salientar nosso esforço em não partir de uma definição ingênua de hipertexto — como se estivéssemos apresentando uma transposição do conceito de texto para um parâmetro de digitalização na materialidade textual. Afinal, nossa preocupação não recai exclusivamente sobre os elementos sintáticos, semânticos,

⁶⁴ Após viagem para os EUA, Bolsonaro recebe apelido de aliados. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/01/5064042-apos-viagem-para-os-eua-bolsonaro-recebe-apelido-de-aliados.html#google_vignette. Acesso em: 24 jan. 2024.

morfológicos, ou até mesmo iconográficos. A noção de hipertexto está alinhada à percepção da produção textual-comunicativa como uma atividade interativa, situada historicamente e inserida no que podemos chamar de prática cibercultural.

Concordamos com Xavier (2010) quando este afirma que hipertexto expressa uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (p. 208). O aspecto híbrido e intersemiótico essencial ao hipertexto é condição fundamental para sua imaterialidade digital, a qual é realizável em um ambiente informacional e ubíquo de interconexões entre sujeitos e máquinas.

Essa concepção de hipertexto está pautada em uma perspectiva sociointeracionista que se expressa pela sua capacidade de mesclar linguagens não hierarquicamente. Xavier (2009) afirma que a convergência de linguagens é uma condição do hipertexto, pois este “instaura o processamento de uma abordagem leitora multissensorial que se vale de todas as formas de enunciação disponibilizadas pela hipermídia” (Xavier, 2009 p. 118). É preciso que se reconheça esse aspecto como não exclusivo do hipertexto. Kress (2010) chama a atenção para o fato de que mesmo o texto *offline* depende em certa medida de aparatos semióticos múltiplos para a produção de sentidos — “A escrita usa meios gráficos — negrito, tamanho, espaçamento — para atingir efeitos semióticos [...]” (Kress, 2010, p. 80)⁶⁵. O hipertexto, por outro lado, além de permitir a aplicação de modos de enunciação múltiplos — som, imagem, vídeo, ícones, etc. —, “reúne todos esses modos enunciativos em torno de si e ‘distribui’ equilibradamente” (Xavier, 2009, p. 118) essa rede de sentidos sem privilegiar um em detrimento de outro.

Esse aspecto exerce uma dupla função enunciativa sobre o hipertexto, pois sendo este um compósito de modos de textualidades diversas é, tanto uma possibilidade técnica pertinente às ferramentas tecnológicas, como a própria essência da sua articulação intertextual dinâmica. Os recursos navegáveis do hipertexto criam uma ecologia cibernética onde gêneros digitais são produzidos e consumidos em redes de sujeito-usuários conectados a coletivos diversos, produzindo sentidos múltiplos e infinitos (Lévy, 2010).

Ademais, as possibilidades de leitura na rede são parte de uma das condições essenciais ao hipertexto. A hipertextualidade parece esboçar na sua

⁶⁵ Do original: “Writing uses graphic means — bolding, size, spacing — to achieve semiotic effects [...]”.

circulação a prática da leitura deslinearizada, não previsível e ao mesmo tempo ativamente responsiva. Essa condição de descontinuidade implica supor que o (hiper)leitor estabelece eixos de coerência particulares no processamento da leitura, de forma não sistemática e imprevisível. Além disso, a coerência temática parece estar pautada na relação tópica disparada interacionalmente, isto é, o hiperleitor navega por tópicos e estabelece conexões entre hipertextos a partir das conexões técnicas e interacionais entre outros sujeitos usuários.

Xavier (2009) compreende ainda essa condição como materializada nos vínculos hipertextuais dos *hyperlinks*. Essa função interacional, segundo o autor, deve ser tomada como estabelecida no eixo dialógico da linguagem. O autor esclarece que há uma certa garantia de “livre participação” e de “efetivo envolvimento interpessoal do outro no processo dialógico” (p. 219) proporcionada pela interação hipertextual. É mais do que um movimento navegacional; são efetivamente percursos de sentido que potencializam certa autonomia interacional em rede e conectam sujeitos usuários a outros sujeitos usuários horizontalmente.

Koch (2007) tem uma postura similar no que se refere à importância que as ferramentas de *hyperlink* têm para o estudo do hipertexto. Em certo sentido, a autora se concentra com certa ênfase neste aspecto do hipertexto. Segundo a mesma, “do ponto de vista cognitivo, pode-se dizer que o hyperlink exerce o papel de um “encapsulador” de cargas de sentido” (p. 27). Neste respeito, a autora parece definir o hipertexto a partir da sua característica técnica de interrelacionalidade de textos diversos. Koch (2007 p. 27) ainda explica que o hyperlink conduz o leitor “a inferir o que poderá existir por trás de cada um deles, formulando hipóteses sobre o que poderá encontrar ao segui-los”.

Concordamos com o fato de que os aspectos intertextuais do hipertexto são parte essencial para entendermos como os interlocutores devem operar os sentidos implicados pela disponibilidade de caminhos inferenciais diversos. De fato, é devido a estes aspectos que pressupomos que há estratégias de manipulação da atenção e direcionamento interpretativo em determinadas práticas enunciativas na hipertextualidade. Porém, tentamos não reduzir o hipertexto a *hyperlinks*, pois com o desenvolvimento das tecnologias de produção de audiovisuais encontramos processos experimentais relativamente distintos dos observados por Koch (2007), por exemplo.

Compreendemos que o aspecto deslinearizado se acopla ao caráter dialogal proporcionado em plataformas hipertextuais, o que não significa uma condição para todos os gêneros digitais. Mas, concordamos com Xavier (2013) que o efeito enunciativo dialógico é a essência de um protocolo técnico que se pauta pela intraconexão e inter-referenciação. Essa questão é fundamental para compreendermos a hipertextualidade, pois, como afirma Xavier (2009 p. 106), o hipertexto caracteriza-se justamente por “oferecer caminhos diversos através de *links*, fator que acentua a possibilidade de fazer uma leitura não-linear”.

A condição de não-linearidade da hipertextualidade parece estar relacionada à capacidade técnica do ambiente digital das máquinas de mesclar, ou melhor, “ancorar várias mídias” (Xavier, 2009 p. 110). Convergir linguagens multissemióticas é um fator condicionante para hipertextualidade, pois o hipertexto se tornou o *locus* ideal para acomodar “imagens em vídeos, ícones animados e sons” (Xavier, 2009 p. 118) de forma não hierárquica. O fato de as mídias digitais permitirem tecnicamente a mixagem de módulos variados de linguagem não deveria implicar todo texto digital como condicionado à hipertextualidade. Essa característica da hipertextualidade, de acordo com Xavier (2009), deve ser compreendida como parte do protocolo de indexação à rede *online* de servidores, o que possibilita ao leitor não apenas a leitura em tela pura e simplesmente, mas leituras imprevisíveis, hiper-referenciais, expansivas e não-regulares. Ou seja, a hipertextualidade tem como condição técnica a multissemiose, ao mesmo tempo em que conecta hipertextos em rede, permitindo múltiplos processamento de informação e múltiplos acessos.

Essa é uma questão que tangencia a dimensão cognitiva do processamento de informações no contexto da hipertextualidade, pois cabe ao leitor fazer as escolhas de percursos de leitura de forma a organizar mentalmente uma textualidade substancialmente “descontínua e fragmentada” (Xavier, 2009 p. 123). Xavier (2009 p. 121) ainda aponta alguns questionamentos nesse respeito:

Que consequências para o processamento cognitivo das informações acessadas a partir de tantas semioses juntas podem suscitar no hiperleitor? [...] Que estratégias de abordagem da informação o hiperleitor pode conscientemente utilizar para aproveitar todo o potencial comunicativo latente na experiência sinestésica de acionar simultaneamente os diversos estímulos sensoriais?

Essas são perguntas fulcrais para pensarmos a cognição no contexto da hipertextualidade e nos ajudam a refletir sobre a particularidade das formas de processamento de informação e interpretação em mídias digitais. De acordo com

Santaella (2013), as mídias digitais demandam do leitor imersividade, sendo necessário que este performe gestos de interação com hipertexto como clicar, tocar, expandir, acionar, explorar outros hipertextos, etc. Essa é uma noção um tanto distinta do conceito de leitura de Wolf (2019), para quem a leitura em tela provoca movimentos de leitura menos atentas, mais superficiais.

Apesar de não se concentrar exclusivamente no hipertexto, Santaella (2013) parece enxergar na prática de leitura midiática um caminho para a mobilização de múltiplos estímulos cognitivos para o processo de interpretação como resultado da convergência midiática. Para proceder à interpretação a partir de tantos estímulos, e de forma a produzir sentido no contexto da tessitura hipertextual, seria necessário do leitor a capacidade de captação de elementos linguísticos múltiplos mobilizados simultaneamente⁶⁶.

Segundo Araújo (2011), o hipertexto demanda processos de leitura específicos devido às suas características multissemióticas. Para a autora, a leitura em espaços hipertextuais “exige do leitor uma noção de coerência de forma mais aberta e interativa” (Araújo, 2011 p. 635). Essa interatividade é derivada do fato de que a construção da coerência não se dá localmente. Na verdade, se observa que os elementos de indexação do hipertexto influenciam a forma como os sentidos são construídos muito mais por conexões de conhecimentos referenciais do que por elementos textuais apenas. Araújo (2011) argumenta ainda que o hipertexto “exige também um maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao assunto buscado” (p. 635).

Quanto à questão dos processos de leitura, Marcuschi (2001) parece apoiar uma perspectiva similar ao afirmar que “para manter a coerência deve haver algum tipo de integração conceitual e temática que não se dá como virtude textual imanente”. Ou seja, para o autor, o hipertexto deve estabelecer pontos de conectividade entre elementos exógenos à textualidade. Nesse sentido, qualquer lacuna no sentido observada deve ser preenchida a partir do *ponto de vista organizador* do leitor.

Concordamos com Marcuschi (2001) quanto ao fato de que o hipertexto parece indicar que o seu processo de leitura demanda acessos cognitivos não

⁶⁶ Supomos que essa sensação de obtenção de informações simultâneas seja resultado de uma percepção cognitiva devido a velocidade de acionamento mental a partir dos estímulos externos no ato da leitura.

previstos nas teorias da textualidade. Porém, o autor parece muito preocupado em tentar compreender quais os processos subjacentes ao hipertexto na sua localidade de produção, ao passo que deixa passar o conjunto da produção contextual no qual se insere a hipertextualidade enquanto prática. Nosso interesse nesta pesquisa diz respeito a como as práticas na hipertextualidade parecem exprimir processos cognitivos gerais. Isso implica compreendermos que a leitura hipertextual deve ser vista tanto como um processo de práticas adquiridas como parte do processamento de informações a partir de nossa base cognitiva, ao invés de um processo subjetivo, individual ou particular apenas a experiências específicas.

Se esta compreensão estiver correta, faz-se necessário explicar no plano cognitivo como o leitor dá conta de tantos estímulos simultâneos no processamento do hipertexto, de forma a seguir um percurso inferencial em direção à interpretação. Nesse aspecto, o processamento de informações no contexto da hipertextualidade parece depender não apenas das formas lógicas da linguagem — isto é, o código linguístico em si no contexto do segmento verbal —, mas particularmente de estímulos ostensivos que explicitem elementos informacionais relevantes para a otimização da interpretação (Silveira e Feltes, 2002). Esse procedimento compreende que os variados módulos linguísticos no hipertexto parecem funcionar como segmentos enunciativos orientadores da compreensão, implicando suposições para o processo interpretativo.

Assim, parece que a hipertextualidade acomoda algumas dimensões essenciais, que nos ajudam a compreender como os módulos linguísticos devem interagir entre si para o processamento cognitivo do hipertexto:

(i) Dimensão técnica — indexação de textos, condicionamentos de interfaces em plataformas digitais, acoplação de dispositivos de navegação como *hiperlinks*, dispositivos gestual-interacionais, etc.;

(ii) Dimensão enunciativa — o fluxo de informações em rede permite interações em rede (todos para todos) em produções discursivas interconectadas e referencialmente não previstas, além de construções textuais poligeridas (Adam, 2019) e mediadas simbioticamente por máquinas;

(iii) Dimensão multissemiótica — a tecnologia empregada na construção do hipertexto potencializa em níveis não-hierárquicos a multiplicidade de modos languageiros de produção de sentidos, de forma que texto, som, imagem, ícones, e tantos outros signos semióticos são parte integral, não complementar, do hipertexto.

Essas dimensões, como as compreendemos, parecem ser o resultado da interpretação de que a hipertextualidade deve ser tomada tanto como uma prática técnica como parte de um espaço comunicativo. O processo de análise da hipertextualidade deveria levar em consideração suas dimensões em níveis de acesso, pois a decupagem de cada uma dessas características parece exigir procedimentos explicativos distintos.

Essas características dos hipertextos são resultantes das capacidades técnicas que as diversas *affordances*⁶⁷ digitais possibilitam, quanto das dinâmicas interacionais dos usuários, de forma que as plataformas, sites, aplicativos e dispositivos dispõem de recursos técnicos que são dialeticamente apropriados pelo uso enunciativo, produzindo efeitos interacionais e comunicacionais específicos à hipertextualidade (Steensen e Westlund, 2021; Xavier, 2009).

Segundo Gibson (1979 p. 127),

as *affordances* do ambiente são o que ele *oferece* ao animal, o que *proporciona* ou *fornece*, seja para o bem ou para o mal. [...] Eu entendo por isso algo que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal [...]. Isso implica na complementaridade entre o animal e o ambiente⁶⁸ (*grifos do autor*).

Para Barreto Filho (2019), o conceito de *affordance* serve aos propósitos de explicar como a aparente autonomia dos usuários está condicionada às possibilidades técnicas disponíveis nos ambientes digitais. Segundo o autor, há uma “relativa liberdade” (p. 60) projetada sobre os usuários que fazem usos dos recursos hipertextuais, mas não o fazem necessariamente apenas sob condições pré-determinadas.

Nesse sentido, as discussões propostas a partir das análises nesta pesquisa produzem reflexões sobre o potencial cognitivo que o hipertexto “tem de aumentar a autonomia do hiperleitor em relação ao lido” (Xavier, 2013 p. 44), ao mesmo tempo que levamos em conta as contradições que plataformas de redes sociais digitais parecem exercer sobre o processo interpretativo no âmbito das estratégias pragmáticas. No escopo teórico da hipertextualidade, compreendemos, portanto, que as *affordances* são os resultados de conjuntos de dispositivos técnicos

⁶⁷ O conceito de *affordance* foi introduzido por Gibson (1979) e determina os aspectos comportamentais de algumas espécies de animais na sua relação com o meio ambiente. O conceito nasce no campo da ecologia como uma categoria explicativa para determinar as formas como os animais parecem estar limitados aos recursos disponíveis no meio ambiente ao mesmo tempo em que os utilizam de acordo com as suas necessidades.

⁶⁸ Do original: “The *affordances* of the environment are what it *offers* the animal, what it *provides* or *furnishes*, either for good or ill. [...] I mean by it something that refers to both the environment and the animal [...]. It implies the complementarity of the animal and the environment.

conceptualizados e acumulados na experiência do usuários com a hipertextualidade em processos enunciativos. Não são apenas determinados em um espaço de uma plataforma específica, mas servem para explicar como os usuários registram suas habilidades de uso dos recursos disponíveis em sua memória enciclopédica e são capazes de, a partir da sua experiência acumulada, mesclar módulos semióticos distintos e produzir sentidos enunciativamente.

De uma forma geral, compreendemos que a hipertextualidade deve provocar implicações específicas à experiência de consumo de informações. Inclusive podemos evitar sempre que necessário, a terminologia de uma experiência leitora, por uma experiência de produção e difusão de informação, pois há evidências sólidas que sustentam que fazemos mais do que ler ao interagirmos com os hipertextos. Nesse sentido, a hipertextualidade toma um lugar privilegiado enquanto condição de dimensões técnicas, enunciativas e multissemióticas no que diz respeito a uma das suas principais condições: o processo de mesclagem de linguagens para efeitos pragmáticos.

2.2.4 Da convergência à bricolagem digital

Xavier (2009) celebra a chegada das tecnologias digitais afirmando que esta “incrementou as mídias e fez surgir a Internet, sua cria mais versátil e por isso promissora. A única que mescla todas em uma só, ela mesma. Síntese quase perfeita das invenções humanas nos campos da linguagem e da comunicação” (p. 24). Xavier (2009) e Jenkins (2009) chegam a conclusões similares porque estão atentos aos processos de mesclagem pelos quais as mídias e a linguagem vão passando com a propulsão tecnológica da internet.

Xavier (2009) argumenta ainda que o hipertexto elabora uma forma enunciativa específica à medida que combina linguagens distintas em plataformas digitais. É o que o autor compreende como o “modo de enunciação digital” (Xavier, 2009 p. 131). O autor esclarece que ao conceito de enunciação subjazem “expressão, comunicação e interação desenvolvidas e aperfeiçoadas pelo homem ao longo da história”, viabilizando a comunicação. Enunciar, portanto, se refere à prática comunicativa intencional, objetivamente direcionada a um interlocutor, sob condições contextuais específicas e articulada semioticamente para gerar efeitos semânticos.

Com base nisso, pensamos que a questão central para o debate do universo das práticas comunicativas digitais é que os “suportes” (Xavier, 2009 p. 132) sob os quais se ancoram os conteúdos da linguagem são produtos técnicos que implicam armazenamento, resgate, indexação e difusão de dados otimizados através de uma linguagem em códigos binários. O pesquisador ainda define que o

modo de enunciação digital se constitui com e dos outros modos enunciativos”, isto é, imagem, som e linguagem verbal, de modo que “o computador multimídia plugado à Internet não elege nenhum desses modos enunciativos especificamente (Xavier, 2009 p. 163, destaque do autor).

A não hierarquização da produção digital é constitutiva da enunciação digital justamente pelo fato de que esta consegue materializar na linguagem o movimento cultural de convergência de mídias. Mais do que isso, percebemos, como Xavier (2009), que no processamento da linguagem em suportes midiáticos digitais não há linhas divisórias que separam visivelmente os modos de enunciação digital e, por que não, analógico.

Essa distinção, supomos, tende à inexistência à medida que as tecnologias digitais são tecnicamente aperfeiçoadas e se entrelaçam à vida cotidiana em diversas esferas. Paveau (2021) tem uma compreensão relativamente distinta nesse ponto. A autora defende uma espécie de processamento sócio-pragmático da linguagem como exclusivamente digital. A pesquisadora francesa explica que as produções comunicativas “nativas” são aquelas “elaboradas on-line, nos espaços de escrita e com as ferramentas propostas pela internet, e não aquelas transpostas para o espaço digital conectado após a digitalização de espaços escriturais e editoriais pré-digitais” (Paveau, 2021 p. 57). Não fica muito claro, entretanto, a operacionalidade dessa definição, pois quais seriam os critérios práticos que determinariam com garantias uma produção transposta para um espaço conectado à rede e aquela que seria elaborada diretamente em suportes plugados?

Em certo sentido, compreendemos as intenções da autora em prever gêneros textuais que teriam por definição existência particular em plataformas digitais conectadas. O que ela chama de dados “tecnolinguageiros” faz referência aos objetos da linguagem acessíveis “pelas subjetividades do internauta no quadro da relacionalidade estrutural da internet [...]” (Paveau, 2021 p. 135) Como exemplo, a autora ainda acrescenta que podemos “coletar uma série de publicações de blogs com o objetivo de analisar as formas de comunicação ampliada” (Paveau, 2021 p. 135). Esclarecemos que ainda assim não há formas teóricas e modelos operacionais

que possibilitem a classificação de textos que foram diretamente processados em ferramentas de blogs diretamente conectados à internet e textos transpostos posteriormente. A definição de Paveau (2021) não dá conta de explicar como os conteúdos comunicativos resultantes da produção cibercultural, atravessados pelos elementos técnicos incorporados às relações sociais articuladas pelos dispositivos digitais, se constituem linguística e semioticamente para além da dicotomia entre *on-line/off-line* como padrão definidor de alguma gênese digital.

Isso também representa uma aposta em modelos agregadores de categorias analíticas de outras áreas do conhecimento, pois apostamos que a enunciação digital seria considerada como uma completa quebra de paradigma no uso da linguagem. Afinal, é justamente o fato de que é a partir dos nossos modelos semióticos usados como parâmetros de comunicação que a informática precisou desenvolver técnicas de interface com o usuário de forma a otimizar a comunicação em um sentido pleno. Nesse ponto, concordamos com Coscarelli (2009). Apesar de a autora tratar especificamente do hipertexto e dos ambientes digitais, as condições de textualidade e comunicação se aplicam ao seu comentário quando esta afirma que eles não deveriam ser “vistos como uma ruptura em relação ao impresso, mas como uma continuidade dele” (Coscarelli, 2009 p. 560).

Por isso enfatizamos que a produção comunicativa digital tem na dinâmica da convergência de modos enunciativos existentes o eixo axiológico fundamental para uma definição linguística. Xavier (2009) opta pela tríade *modo verbal de enunciar + modo visual de enunciar + modo auditivo de enunciar* como intersecção para a modo de enunciação digital. Em outras palavras, todas as formas de disposição da linguagem humana “contribuem globalmente para a construção do sentido, porque aparecem clivadamente na tela do computador” (Xavier, 2009 p. 135). Essa clivagem é resultado de ferramentas disponíveis em dispositivos eletrônicos, os quais dão aos usuários dispositivos técnicos de manipulação de conteúdos. Nos parâmetros da pesquisa de Xavier (2009) o computador era o aparelho mais representativo desse processo. É possível que tratemos menos da especificidade dos suportes de *hardware* e, a partir de agora, nos concentremos no ambiente digital de uma forma geral. Afinal de contas, com a quantidade de *wearables*⁶⁹ que

⁶⁹ *Wearables* são dispositivos tecnológicos vestíveis. São tecnologias desenvolvidas para agregar vestuários e interface digital, tais como relógios, pulseiras e óculos *smart* geralmente conectados à internet ou ao aparelho de celular pessoal do usuário.

surgiram nos últimos anos não podemos limitar a enunciação digital a apenas telas de computadores pessoais.

O que nos interessa, entretanto, é pensar como essa configuração convergente da enunciação permite uma produção potencialmente coletiva, autônoma e dispersiva. Xavier (2009) afirma que todos os modos de linguagem enunciativa disponíveis previamente “são amalgamados no digital, todos se fundem nele, preservando cada um a sua própria singularidade e potência sígnica” (p. 134). Esse é o processo que o pesquisador nordestino se refere como *bricolagem digital enunciativa*. O termo tem a conotação de improvisação e amadorismo, uma espécie de artifício prático desenvolvido para resolver alguma atividade com equipamentos e materiais não originalmente previstos para um determinado fim. De certa forma, é justamente isso o que observamos nos usos correntes de usuários em redes sociais.

Como demonstrado na Figura 1, a publicação no Instagram aposta em elementos intertextuais de conhecimento prévio dos seguidores, ao passo que produz um conteúdo satírico com elementos que não haviam sido originalmente pensados para servir a esse propósito. Não obstante esse ímpeto ao improviso, optamos por considerar a enunciação digital uma *mesclagem de módulos semióticos*. Por *mesclagem*, compreendemos que a fusão dos dados semióticos não deveria ser entendida como particular ao amadorismo em ambientes digitais. Nos encontramos em uma fase em que as TDICs agregam tanto espaços de convivência democráticos e ordinários, quanto contam com a massiva presença de plataformas, companhias e investidores de altos recursos, os quais fazem usos desses espaços de forma assertiva e profissional como vias de geração de valor e produção de mercadorias.

Quanto à noção de módulos semióticos, esclarecemos que a hipertextualidade deveria ser considerada um tecido de produção enunciativa. Ou talvez, um contínuo de práticas às quais subjazem componentes da produção linguística que são acionados, fundidos, indexados e manipulados tecnicamente para a construção e difusão de conteúdos digitais. Apreendemos a noção de produção comunicativa como parte do âmbito dos fenômenos linguísticos, sejam estes semióticos ou verbais. A decisão por nos apegarmos aos processos linguísticos se justifica pela compreensão de que todos os fatos do uso da linguagem são dispositivos de base cognitiva que entram em relação interpretativa para alcançar seus objetivos intencionais.

Tendo em vista essa discussão, notamos que há elementos presentes à enunciação digital ainda não contemplados nas categorias enunciativas de Xavier (2009). Como bem explica o autor, o digital implica o “tipo de tecnologia que utiliza uma corrente de *bits*, em código binário, formado por zeros e uns” (Xavier, 2009 p. 135). Na sua base algorítmica fundamental, todo processamento virtual tem nos códigos geridos em bits seu aparato técnico que o viabiliza. Entretanto, os usuários enquanto indivíduos que interagem com a superfície do hipertexto dependem de outras configurações práticas para a otimização da linguagem.

A superfície hipertextual faz referência à interface do usuário, sendo disponíveis em telas as ferramentas que o permitirão manipular em certa medida o hipertexto. Nesse sentido, é evidente que as soluções disponíveis em termos tecnológicos se vinculam aos movimentos humanos para além da textualidade linguística em si. Com certa medida de precisão, os dispositivos móveis e as redes sociais exploram esses elementos constitutivamente humanos e, por consequência, compreendemos que este seja um quarto módulo da mesclagem digital. Ou seja, essas são construídas na relação que os humanos podem estabelecer com as máquinas a partir dos seus aparatos cognitivos e motores.

2.2.5 O módulo do movimento na interface de usuário

Já na década de 70, o cientista Richard Dawkins (1989) no seu livro *O Gene Egoísta*, publicado originalmente em 1976, discutia sucintamente o papel da interface do usuário com equipamentos eletrônicos. Seu objetivo teórico tem a ver com relação cognitiva do processo evolutivo no que tange à capacidade das espécies de fazerem cópias de si e herdarem características amalgamadas de seus ancestrais, sem a possibilidade de estabelecermos com precisão seu ponto de surgimento no *pool* genético⁷⁰.

Apesar de escrever em um período ainda bastante primordial das tecnologias e mídias digitais, a definição que o autor faz dos aspectos interativos com a máquina é particularmente interessante. Notemos:

Os botões e os controles não são feitos de metal ou de plástico. São figuras numa tela, e nós os apontamos ou os fazemos deslizar através do

⁷⁰ *Pool* genético, *pool* gênico, é o conjunto de características arquivadas no DNA de uma determinada comunidade de espécie de seres vivos, as quais servem de base para a reprodução geracional da mesma (Dawkins, 1989).

movimento de um dedo virtual que também se vê na tela. Como seres humanos, sentimos que estamos no controle, pois estamos habilitados a mover coisas com nossos dedos (Dawkins, 1989 p. 456, *grifo nosso*).

O geneticista está se referindo às possibilidades de manipulação do texto a partir do uso do *mouse* viabilizado pela tecnologia de interface com o usuário que ficou famosa com o primeiro modelo Macintosh da *Apple*. O autor tenta descrever o efeito do que ele chama de “uso intuitivo” (Dawkins, 1989 p. 456) que os processadores passaram a fornecer ao usuário. A virtualidade criada a partir dos componentes eletrônicos que formam o circuito dos processadores ao executar softwares viabiliza a experiência de funcionalidade intuitiva a partir de outros componentes desenhados para permitir ao usuário fazer uso dos seus controles.

Essa lógica de movimento e manipulação tem sido aperfeiçoada nos últimos anos, especialmente em dispositivos móveis que dependem de gestos de toques na tela (*touchscreen*, em inglês). A prescindibilidade de controles, que funcionam como extensões do corpo humano, redefiniu a experiência de uso das tecnologias da comunicação. Em certos aspectos, a tecnologia *touchscreen* favoreceu a inserção de mais usuários à medida que dispensa a necessidade de algum tipo de letramento mais formal em tecnologias digitais.

As plataformas de redes sociais otimizam essa experiência em particular quanto ao uso de aparelhos celulares e dispositivos móveis. O Instagram, por exemplo, é sabidamente desenvolvido para operar em aparelhos *smartphones* (Vilicic, 2015). O resultado disso é refletirmos sobre os efeitos para o processo interacional com os hipertextos, e conseqüentemente, compreendermos isto como uma outra dimensão comunicacional da produção de informações em redes sociais.

Bouchardon (2021) admite que manipulações físicas em textos não são essencialmente uma novidade em si. Como bem explicamos anteriormente, o poder do digital é fornecer possibilidades de convergências de mídias e formas de comunicação pré-existentes, o que parece resultar em experiências novas em ambientes virtuais. Não obstante, o autor concorda que “o gesto adquire assim, um papel particular, contribuindo plenamente para a construção de sentidos”⁷¹ (Bouchardon, 2021 p. 38).

⁷¹ Do original: “le geste acquiert ainsi un rôle particulier, contribuant pleinement à la construction du sens”.

Quanto ao movimento de manipulação gestual, o autor francófono propõe um quadro explicativo em 5 níveis para a análise da manipulação, como segue: a) Nível 1 — O gesto; b) Nível 2 — O ato; c) Nível 3 — A unidade semiótica de manipulação (USM); d) Nível 4 — Acoplamento de mídia; e) Nível 5 — Discurso interativo (Bouchardon, 2021).

O primeiro nível (O gesto) é “o resultado de um acoplamento entre uma atividade física e uma interface de entrada”⁷² (Bouchardon, 2021 p. 39). O gesto define o módulo do movimento em um sentido amplo. É necessário que se especifique algumas das possibilidades fornecidas pelos dispositivos tecnológicos. Por isso, nível 2 (O ato) pode ser fragmentado em pelo menos três tipos: 1. Atuador, que se refere à mudança de estado do hipertexto, por exemplo, com o clique em um *link*. 2. Parametrizador, que se define como o tipo de gesto que altera a orientação referencial, como o gesto de rolagem na tela inicial do YouTube. 3. Disruptor, que faz referência aos controles que acionam funções inesperadas, como animações ou mudanças na aparência dos aplicativos (Bouchardon, 2021).

Quanto ao nível 3 (Unidade Semiótica de Manipulação, ou USM), temos uma definição que se acopla às práticas convencionadas em ambientes digitais e que, por vezes, compõem unidades interactantes, como botões para apertar, *links* para clicar, ou ícones para arrastar. Segundo Bouchardon (2021 p. 39) “o USM é uma reminiscência de ações no mundo físico”⁷³.

O quarto nível (Acoplamento de mídia) é, na verdade, o resultado do movimento interativo com a unidade de manipulação e os estados de resposta das funções da mídia. O acoplamento geralmente está associado a duas categorias de ativação, uma convencional e outra não convencional. A primeira diz respeito àquelas ações que resultam em gestos esperados, como clicar e ativar uma determinada página. A segunda, por outro lado, implica gestos que quebram a expectativa do leitor, como “o gesto de clicar em um link não leva à ativação, ou um ativação atrasada, ou à ativação de uma multiplicação de elementos”⁷⁴ (Bouchardon, 2021 p. 40).

⁷² Do original: “le résultat d’un couplage entre une activité physique et une interface d’entrée”.

⁷³ Do original: “l’USM fait penser à des actions dans le monde physique”

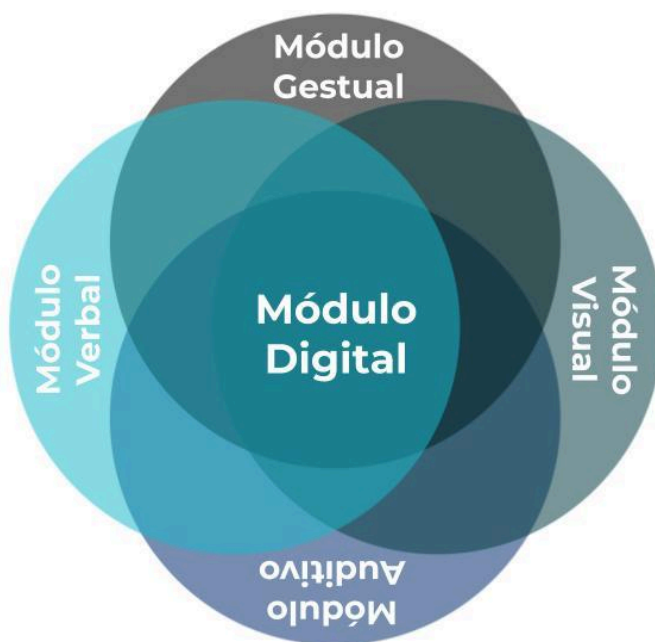
⁷⁴ Do original: “le geste de cliquer sur un lien n’entraîne aucune activation, ou bien une activation différée, ou encore l’activation d’une multiplication d’éléments”.

Por fim, o nível 5 (Discurso interativo) deve ser compreendido como o processamento da informação resultado do acoplamento de mídias. O conjunto de gestos define, em relação a outros módulos semióticos, os sentidos interpretados pelo usuário ao passo que interage com os conteúdos na tela. O último nível do esquema de movimento de Bouchardon (2021) é fundamental para pensarmos na construção de sentidos e na interface cognitiva que esse módulo aciona no processo de interação digital. O nível 5 compreende a totalidade da percepção interacional com o hipertexto, ou seja, temos em mente que determinados gestos se referem a determinadas funcionalidades em determinados ambientes.

Essas funcionalidades de manipulação gestual tendem a ser representadas mentalmente no arcabouço de conhecimentos dos usuários. Não parece haver manuais de uso das redes, por exemplo. De modo que é o uso que define o processo de aprendizado dessas manipulações. É pelo que os usuários constroem modelos de expectativas de uso, os quais combinados com as práticas de interface de usuários, projetam e antecipam formas pragmático-cognitivas de leitura hipertextual.

O módulo gestual, como entendemos, deve ser compreendido como um quarto aspecto da mescla linguística digital. O processo enunciativo dos gestos parece afetar processo de leitura, compreensão e produção hipertextual a ponto de definir padrões interpretativos. O esquema da Figura 14 atualiza o conceito de mescla linguística na lógica da convergência midiática contingenciada pelas tecnologias digitais disponíveis atualmente. Propomos uma atualização do modelo tripartido em Xavier (2013), pois compreendemos que a manipulação gestual se constitui como parte acessível dos módulos semióticos que compõem a representação da convergência de linguagens na hipertextualidade.

Figura 14 — Diagrama representativo da convergência dos módulos linguísticos



Fonte: Elaboração própria.

Bouchardon (2021) esclarece que seu esquema teórico tem como fundamento uma abordagem retórica e semiótica para a compreensão do movimento. É importante que se esclareça que buscamos entender a interface cognitiva das hipertextualidade na dinâmica multimidiática das redes sociais, pois estas parecem provocar padrões de leitura e interação particulares, os quais compreendemos como processamento de produção e difusão de informações.

O Módulo Digital como o compreendemos implica processos cognitivos e de práticas complexas. Charney (1994) argumenta que algumas teorias retóricas tendem a conceber o hipertexto como uma estrutura que facilita a leitura em comparação com textos lineares. Segundo a autora,

a própria noção de que designers/escritores de hipertexto podem criar redes significativas e úteis, em primeiro lugar, depende de uma série de suposições sobre como dividir e relacionar partes dos textos, incluindo quais segmentos de texto constituem nós significativos, quais tipos de links são pertinentes e importantes, e quais tipos de textos podem ou devem ser lidos de forma não linear⁷⁵ (Charney, 1994 p. 5).

⁷⁵ Do original: “The very notion that hypertext designer/writers can create meaningful, useful networks in the first place depends on a whole range of assumptions about how to divide up and relate parts of

Ou seja, a hipertextualidade demanda tanto do produtor como do leitor capacidades inferenciais e propositivas que computam vários elementos semióticos e enunciativos mesclados coerentemente. O módulo gestual, como vimos, é mais um desses elementos que faz parte do processo inferencial, particularmente pela capacidade que temos de antecipar movimentos e inferir seus sentidos no conjunto da enunciação. Na interação não hipertextual, observamos que somos capazes de inferir como certos movimentos devem indicar certas proposições. Nosso conhecimento acumulado de práticas comunicativas nos permite antecipar os possíveis sentidos de alguns gestos. Na hipertextualidade, nossa capacidade de antecipação deve ser otimizada, ainda não plenamente.

Segundo Marcuschi (2001 p. 106), o “autor não pode antecipar todos os espaços possíveis que o leitor pode navegar”. Porém a possibilidade de compreensão deve “estar presente ao produtor de um hipertexto que tomará decisões sobre os comandos que sugerirá ao seu leitor”. Os comandos aos quais se refere Marcuschi (2001) podem se referir aos acessos clicáveis e aos dispositivos de interface manipuláveis. Dessa forma, o módulo gestual permite aos interlocutores anteciparem, mas não necessariamente garante que estes escolherão todos os *inputs* gestuais disponíveis para o cômputo inferencial. Entretanto, é justamente essa capacidade de construção propositiva e articulada entre vários módulos semióticos que caracteriza a hipertextualidade como uma prática comunicativa de fundamentos cognitivos situados complexos, que exigem formas de leitura específicas e, portanto, processos inferenciais não imanentes ao texto.

Nossa perspectiva geral é de que todos esses módulos semióticos devem influenciar o processamento inferencial na hipertextualidade de tal modo que não parece haver formas simples de padrões de leitura. O hipertexto por essência depende de formas complexas de interpretação, pois mobiliza diversos componentes de entradas representacionais. Isso implica a afirmação de que qualquer experiência de leitura na hipertextualidade deveria ser explicada a partir de sua complexidade interna, ao invés de uma imputação da efemeridade.

Evidentemente, partimos de um pressuposto pragmático para alcançar nossos objetivos teóricos e isso requer que, além de compreender as características

texts, including what segments of text constitute meaningful nodes, what types of links are meaningful and important, and what types of texts can or ought to be read non-linearly”.

enunciativas basilares das redes sociais digitais, é de suma importância que consigamos aplicar uma abordagem teórica da cognição.

A tentativa de conciliar diferentes categorias de análises dos estudos enunciativos com uma abordagem cognitivo-pragmática nos ajuda a estabelecer os limites de uma teoria linguística da hipertextualidade dentro dos parâmetros do que compreendemos como o processamento de informações em ambientes difusos. É evidente que nesse processo precisamos compreender que uma abordagem assim deve levar em consideração os aspectos da estratégia intencional quanto ao processamento e difusão de conteúdos em redes sociais. Assim, a Teoria da Relevância parece apontar elementos promissores para o desenvolvimento dessa proposta.

2.3 TEORIA DA RELEVÂNCIA

Diante das categorias teóricas, esta subseção visa discutir o Princípio Cognitivo da Relevância e seus princípios gerais para a constituição de um modelo explicativo da linguagem com base na teoria de Sperber e Wilson (1995[1986]). O modelo ostensivo-inferencial nos ajuda a compreender o processo interpretativo a partir da dinâmica da produção estratégica de informação, a partir dos elementos pragmáticos das proposições, levando-se em consideração o processo da sua interpretação, o que deve ser adequado para compreendermos as bases cognitivas da hipertextualidade no contexto das plataformas de redes sociais digitais (Silveira e Feltes, 2002; Sperber e Wilson, 2005).

2.3.1 Teoria da Relevância: uma abordagem cognitiva da linguagem

A Teoria da Relevância (quando conveniente TR) pode ser classificada como uma teoria cognitiva semi-modular que tenta propor um modelo explicativo do processamento comunicativo através dos dispositivos linguísticos interpretativos que dispomos para inferir o sentido dos enunciados. Pode-se dizer que os autores Sperber e Wilson (1995[1986]) desenvolveram a teoria a partir de pelo menos três questões levantadas pelo teórico da linguagem Paul Grice (1957; [1967]1982). Primeiramente, notou-se a necessidade de elucidar mais detalhadamente a afirmação de Grice (1957) no que se refere à hipótese de que a maior parte do

processamento da comunicação humana se dá através do reconhecimento das intenções (Sperber e Wilson, 2005).

Em segundo lugar — e diante do fato de que o empreendimento da pragmática inferencial compreende explicar como os interlocutores interpretam os sentidos propostos pelos enunciados (Sperber e Wilson, 2005) —, a TR tem seus genes teóricos derivados das quatro máximas de Grice ([1967]1982), ou Princípio de Cooperação, a saber: máxima (1) da Qualidade (veracidade), da (2) Quantidade (informatividade), (3) Relação (relevância) e do (4) Modo (clareza).

É importante destacar que o projeto teórico griceano é fundamentalmente um esforço racional de desenvolver um modelo explicativo que consiste em explicar o processo de interação comunicativa humana como um empreendimento cooperativo. Ao extrair máximas, ou princípios da comunicação, Grice ([1967]1982) está afirmando que “pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos” são feitos pelos participantes no sentido de alcançar “uma direção mutuamente aceita” (p. 86). Em outras palavras, as quatro máximas definem um princípio comunicativo geral, no qual cada participante deveria fazer “sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional” (Grice, [1967]1982 p. 86) em que o mesmo encontra-se engajado.

O lastro explicativo extraído das máximas, segundo afirma Grice ([1967]1982), é que estas projetam “expectativas específicas ou presunções correlacionadas” (Grice, [1967]1982 p. 88). Ou seja, a convencionalidade do Princípio de Cooperação griceano gera precondições de interlocução, pois os participantes reconhecem antecipadamente os sentidos gerais das atitudes comunicativas.

Sperber e Wilson (2005) afirmam: “A abordagem teórica da relevância é baseada em outra das afirmações centrais de Grice: a de que os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o ouvinte na direção do significado do falante” (Sperber e Wilson, 2005 p. 222). Destarte, essa é a terceira questão que dá a Teoria da Relevância os insumos para seu desenvolvimento.

Com segurança, podemos afirmar que a TR ao mesmo tempo em que reitera a terceira máxima griceana, a coloca em evidência a ponto de sobrepujar todas as outras. A máxima da Relação, ou Relevância, se apresentou para Grice ([1967]1982) como um problema da comunicação que ocultava questões da ordem “de que tipos de foco de relevância podem existir” durante a atividade de

comunicação natural, “como se modificam” tais focos “no curso da conversação”, e se seria possível explicar “o fato de que os assuntos da conversação são legitimamente mudados” sem que os interlocutores percam os referenciais centrais do tópico abordado.

Sperber e Wilson (1995[1986]) se encarregam da empreitada de explicar como a Relevância é, em verdade, o princípio cognitivo que rege o processamento inferencial comunicativo. Seria, portanto, a *Relevância* a categoria da cognição que permitiria aos enunciados fazer sentido para os interlocutores, ao passo que estes têm instrumentos pré-condicionados para inferir as intenções subjacentes à enunciação.

Antes, porém, é razoável que entendamos as bases da construção de uma teoria assim, uma vez que para os parâmetros desta pesquisa sustentamos o seguinte argumento em (d):

- (d) A hipertextualidade tem como subjacente à sua prática o princípio operacional da otimização do processamento cognitivo ostensivo-inferencial.

2.3.2 Das máximas de Grice à teoria cognitiva da intenção

Grande parte da preocupação investigativa de Grice ([1967]1982) dizia respeito ao sentido atribuído aos enunciados a partir do discurso determinado pelas circunstâncias do uso. Sem sombra de dúvida, essa é em certa medida a empreitada geral da pragmática, de modo que determinar o sentido de alguma coisa dita por alguém em um determinado momento constitui a grande pergunta que orienta os estudos nesse campo de investigação. Uma das possíveis soluções apresentadas pelo autor tem a ver em parte com o valor de verdade dos enunciados em contexto de uso.

Grice ([1967]1982) percebe, no entanto, que a determinação da valoração de uma determinada proposição depende, além de diversos fatores circunstanciais, das condições que orientam a conversa entre interlocutores. Tais condições interferem diretamente no sentido a ser interpretado dos enunciados pelos falantes, porque estão ligados aos usos convencionais gerais, ao passo que dependem quase que exclusivamente do conhecimento circunstancial compartilhado. Essas condições gerais, ou usos gerais convencionais, são balanceados pelo conhecimento

situacional dos interlocutores e se refletem no que a pragmática convencionou chamar de implicaturas.

Se tomarmos como modelo a postagem apresentada na Figura 11, temos como referência o uso circunstancial de enunciados para efeito de chiste. No diálogo discutido previamente, a personagem Resistência faz o seguinte comentário em (1).

- (1) **Resistência:** “Eita, glória a Deus! Ai eu tô muito chique subindo essa rampa. Nem vou dizer o nome da última *cadela* que teve aqui” (sic).

O uso do termo *cadela* serve como elemento-chave para o efeito de sentido da postagem. Em combinação a isso, os elementos convergentes na postagem personificam ainda mais a personagem à medida que a publicação se apropria do conjunto de imagens e reinterpreta a cena da subida na rampa pelo presidente Lula e as pessoas que o acompanham. Portanto, o sentido do termo *cadela* não tem apenas força ilocucionária de metáfora, antes implica outra coisa, ou outra pessoa que não está presente no contexto da publicação, mas é inferida circunstancialmente.

Como já esclarecido anteriormente, a referência seria resgatável para o usuário que possuísse o conhecimento de mundo compartilhado requerido para a inferência da publicação. Em (2) a expressão em itálico explicita o conteúdo não dito, isto é implicado, pela personagem.

- (2) **Resistência:** “Eita, glória a Deus! Ai eu tô muito chique subindo essa rampa. Nem vou dizer o nome da última *cadela* que teve aqui” (sic).

+ > *Isto é, Michele Bolsonaro seria última pessoa que esteve presente a uma cerimônia como essa para tomada de posse do governo, sendo esta também do gênero feminino e, portanto, a única a quem eu poderia me referir pejorativamente como cadela por questões políticas circunstanciais devido ao que ela representa.*

Grice (1957) compreende que múltiplas possibilidades de sentidos são parte essencial dos usos linguísticos. Ele está tão convencido disso que adota o termo enunciação (*utterance*, em inglês) para se referir não apenas a enunciados linguísticos verbalmente realizáveis, mas também como referência a qualquer forma de comportamento comunicativo. De acordo com o próprio autor: “Eu uso

‘enunciado’ como uma palavra neutra para aplicar a qualquer candidato a significado_{nn}⁷⁶; tem uma ambiguidade ato-objeto conveniente”⁷⁷ (Grice, 1957 p. 380).

Levinson (2020) afirma ainda que a noção de implicatura pode ser atribuída aos trabalhos de Grice ([1967]1982) e remonta aos seus estudos do significado_{nn}. Ou seja, implicatura está intimamente relacionada à performance circunstancial atribuída aos usos criativos da língua. Nesse sentido, o conceito de implicatura “dá uma explicação até certo ponto explícita de como é possível querer dizer (em um sentido geral) mais do que é efetivamente ‘dito’ (isto é, mais do que se expressa literalmente pelo sentido convencional das expressões linguísticas enunciadas).”

Muito embora o foco da discussão não seja a noção de significado_{nn}, este é determinante para que entendamos os aspectos centrais da proposta de Grice ([1967]1982), pois este conceito expressa o modo como a comunicação é realizada mesmo na ausência de elementos explicativos convencionais para tanto. Os interlocutores parecem depender do conhecimento compartilhado para produzirem o cômputo necessário de forma a inferir o sentido, e assim, satisfazer o sentido coerente de uma proposição que não segue um critério convencional.

Ademais, como já exposto acima, o empreendimento do Princípio Cooperativo a partir das máximas conversacionais de Grice ([1967]1982) também faz parte do desenvolvimento do conceito de implicatura (Levinson, 2020). A evidência de que os interlocutores seguem as máximas como princípios norteadores indica que, mesmo sob uma aparência superficial de descumprimento de regras comunicativas, as máximas têm sua adesão “em um nível mais profundo” (Levinson, 2020 p. 127).

Por exemplo, a Figura 1, já discutida acima, faz referência a um *Reel* postado no Instagram no perfil @saquinhodelixo à época das eleições para presidente em 2022 no Brasil. Em (3) temos o que diz a legenda sobre a imagem:

- (3) “eu saindo do local de votação depois de ter arrancado e engolido a tecla 2 (sic.)”

Aqui, a contribuição comunicativa da postagem parece desrespeitar ao menos a Máxima da Qualidade (não diga algo que acredita ser falso) e a Máxima da

⁷⁶ Segundo Grice (1957), o uso do termo *significado* (*meaning*, em inglês) seguido dos caracteres subscritos (nn) se refere a uma forma de abreviação para expressar, nos parâmetros da sua teoria, a distinção entre *sentido não-natural*, ou *sentidos múltiplos*, do uso mais geral do que termo *significado*.

⁷⁷ Do original: “I use ‘utterance’ as a neutral word to apply to any candidate for meaning_{nn}; it has a convenient act-object ambiguity”.

Quantidade (não faça uma contribuição com mais informações do que é necessário). Em (4), temos uma tentativa de preencher as lacunas informacionais que dão o sentido implicado à postagem quanto à implicatura que faz referência à Máxima da Qualidade:

- (4) “eu saindo do local de votação depois de ter arrancado e engolido a tecla 2 (sic.)”

+ >⁷⁸ *A pessoa que posta essa publicação não é a cantora Anitta. Também não é possível que esta tenha arrancado qualquer tecla e a engolido, pois evidentemente isso constituiria um crime eleitoral, e ela provavelmente não estaria gravando um vídeo livremente para postar nas redes sociais depois de um ato dessa natureza.*

Quanto à Máxima da Quantidade, em (5), temos os elementos informacionais omitidos:

- (5) “eu saindo do local de votação depois de ter arrancado e engolido a tecla 2 (sic.)”

+ > Tecla 2 da urna eletrônica usada nas eleições no território brasileiro.

É apenas como base na suposição de que diante das evidências situacionais às quais a postagem faz referência que seria possível inferir o sentido de *tecla 2* e seus efeitos humorísticos no conjunto da mesclagem proposta hipertextualmente pela publicação. Ou seja, o sentido é alcançado por efeitos de complementaridade informativa, onde os interlocutores cooperam com a produção de sentidos implicada. Esse é a ideia proposta por Grice ([1967]1982) ao no que tange às suas *Implicaturas Conversacionais*, de modo que a partir do uso circunstancial e da capacidade de resgate a conhecimentos compartilhados, o sentido é construído a partir da adesão aos princípios norteadores de cooperação semântica.

O problema da proposta griceana, no entanto, é que ela implica uma dificuldade analítica em relação às expressões propositivas, pois o sentido parece emergir exclusivamente das hipóteses apenas conciliáveis com o sentido semanticamente reconhecível. Destarte, haveria pouco espaço para a autonomia intencional dos participantes, de forma que o sentido subjacente seria particularmente dado *a priori* e com base na observância de princípios discursivamente estabelecidos, mas não necessariamente desenvolvidos

⁷⁸ Segundo Levinson (2020 p. 130), o uso do + > significa que “enunciação da sentença anterior geralmente produzirá a implicatura seguinte”.

cognitivamente. Sperber e Wilson (1995[1986]) veem o problema mais ou menos pela mesma ótica, pois afirmam que apesar de o Princípio Cooperativo funcionar bem como um ponto de partida para a elaboração de uma teoria do significado, este não consegue se desvencilhar das “preocupações semânticas tradicionais como a análise do ‘significado da frase’ e do ‘significado da palavra’”⁷⁹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 21).

Por outro lado, Grice (1957) já tinha voltado sua atenção para a questão da intencionalidade enquanto categoria para uma teoria semanticamente orientada. No seu artigo *Meaning* (Grice, 1957), o filósofo passa a refletir sobre as consequências que uma abordagem pragmática assim pode incidir sobre os aspectos comunicativos, o que eventualmente parece desencadear a ideia básica resumida na pergunta: “*O que isso quer dizer?*” como seu princípio fundador. O autor elabora um exemplo comunicativo interessante para exemplificar como o processo de reconhecimento da intenção depende ou não da real intenção do produtor da mensagem. No seu relato, Grice (1957) toma como modelo a ação de franzir as sobrancelhas. Ele prossegue:

Se eu franzir a testa espontaneamente, no curso normal dos acontecimentos, alguém que olha para mim pode muito bem tratar esta expressão como um sinal natural de desagrado. Mas se eu franzir a testa deliberadamente (para transmitir o meu descontentamento), pode-se esperar que um observador, desde que reconheça a minha intenção, ainda conclua que estou descontente⁸⁰ (Grice, 1957 p. 383).

Espontânea ou deliberadamente, uma ação gestual manifestada, dentro das circunstâncias propostas pelo autor, tem pouco a dizer sobre a intenção particular daquele que a produziu, desde que o efeito de sentido seja alcançado. Esses são aspectos que, para Grice (1957), dificultavam a análise da intenção enquanto categoria de análise pragmática. O autor segue questionando:

Não deveríamos então dizer, uma vez que não se poderia esperar que fizesse qualquer diferença na reação do observador, se ele considera minha carranca espontânea ou intencional, que minha expressão desagrado (deliberada) não *significa_{nn}* nada?⁸¹ (Grice, 1957 p. 383, *grifos nossos*)

⁷⁹ Do original: “traditional semantic concerns as the analysis of ‘sentence meaning’ and ‘word meaning’”.

⁸⁰ Do original: “If I frown spontaneously, in the ordinary course of events, someone looking at me may well treat the frown as a natural sign of displeasure. But if I frown deliberately (to convey my displeasure), an onlooker may be expected, provided he recognizes my intention, still to conclude that I am displeased”.

⁸¹ Do original: “Ought we not then to say, since it could not be expected to make any difference to the onlooker’s reaction whether he regards my frown as spontaneous or as intended to be informative, that my frown (deliberate) does not mean_{nn} anything?”

Em resumo, a teoria do significado de Grice (1957) está baseada na inferência das proposições pelos falantes a partir do reconhecimento da adesão ou não aos princípios cooperativos em relação às evidências circunstanciais do ato comunicativo. O que ele em certa medida não admite como parte da sua categoria de análise é o elemento da intencionalidade como parte integrante do processamento comunicativo. Ao elaborar o esquema *[Falante] quis dizer alguma coisa através de x*, no qual x equivale ao enunciado, o autor está (em termos gerais) implicando que *[Falante] teve a intenção de que o enunciado x produzisse efeito em uma audiência através do reconhecimento da sua intenção*.

Para Sperber e Wilson (2005) a relação entre intenção e compreensão é essencial para a elaboração de uma teoria cognitiva da comunicação, pois esta envolve nossa capacidade de lançar mão de uma série de dispositivos simbólicos para manifestar intencionalidade. Os autores diriam que podemos ser capazes de “produzir um estímulo que provavelmente atraia” o outro, “ative um apropriado conjunto de suposições contextuais e aponte na direção de uma conclusão pretendida” (Sperber e Wilson, 2005 p. 227, 228).

Produzir estímulos intencionalmente requer planejamento enunciativo e mobilização de elementos comunicativos disponíveis com base na situacionalidade da interação. Assim, transmitir informações é, no fundo, um processo complexo de reconhecimento mútuo das intenções a partir da produção enunciativa em contexto de uso. Essa seria uma característica constitutiva da nossa cognição em termos de conceptualização simbólica, uma vez que parece que dependemos muito mais da manifestação comunicativa das nossas intenções do que de outros aparatos comunicativos.

De acordo com Sperber e Wilson (1995[1986]), normalmente atribuímos intencionalidade subjacente aos fatos comunicativos com muito mais frequência do que fazemos uso da descrição de ações e fatos, por exemplo. Os autores prosseguem afirmando:

Por exemplo, um conceito da linguagem comum como *dar*, *receber*, *atacar* ou *defender* aplica-se a várias formas de comportamento que não se enquadram em nenhuma descrição física característica e têm em comum

apenas o tipo de intenção que as governa⁸² (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 24).

Considerando essa hipótese como acertada, reconhecemos que a postulação teórica da comunicação baseada em inferência “envolve um nível adicional de intenção” (Sperber e Wilson, 2005 p. 228). Diferentemente do modelo tradicional de comunicação baseado em decodificação, a Teoria da Relevância admite a intenção como categoria central da sua epistemologia, de forma que a satisfação da compreensão dos enunciados se dá tão somente o alcance mútuo do seu reconhecimento fique evidente para ambos o interlocutor e a audiência.

Seja direta ou indiretamente, a manifestação de intencionalidade requer dos participantes o esforço de processamento necessário para considerar as suposições aceitáveis, tendo em vista as evidências circunstanciais do ato comunicativo. De fato, o comportamento manifestamente intencional de comunicar informações é em si uma forma de chamar “atenção para si mesmo e manifesta intencionalmente algumas suposições”⁸³ sobre quem o faz, a saber, “que este está ciente das informações básicas envolvidas e que está tentando ser relevante”⁸⁴ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 53, 54) para sua audiência.

Nesse sentido, é preciso que consigamos articular o componente da intencionalidade como categoria operacional para a construção de uma teoria pragmático-cognitiva da hipertextualidade. Esse esforço tem consequências profundas no que se refere à forma como compreendemos a empreitada inferencial e o processamento de informações de uma forma geral, pois precisamos partir de uma abordagem que tem no código linguístico parte do seu fundamento, mas explora outros fatores da cognição como elementos da conceitualização simbólica.

2.3.3 Forma lógica e a constituição dos segmentos de linguagem para o processamento das suposições

Se assumimos que a hipertextualidade tem como funcionamento subjacente a expectativa de relevância, realizada através do Princípio Cognitivo de Relevância

⁸² Do original: “For instance, an ordinary-language concept such as *give*, *take*, *attack* or *defend* applies to various forms of behaviour which do not fall under any characteristic physical description, and have in common only the kind of intention which governs them”.

⁸³ Do original: “some attention to himself and intentionally makes manifest a few assumptions”.

⁸⁴ Do original: “that he is aware of the basic information involved, and that he is trying to be relevant”.

(Sperber e Wilson, 2005), faz-se necessário que entendamos como as funções perceptuais do processamento da informação são operadas a partir dos *inputs* (ou estímulos) constitutivamente particulares a essa modalidade da textualidade. Em vista disso, destacamos inicialmente que para Sperber e Wilson (2005) o postulado principal do princípio de relevância é: “A cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância” (p. 227). Isso implica afirmar que o princípio regulador da nossa operacionalidade mental guia nosso dispêndio de energia em prol da busca por eficiência, ao passo que eficiência se materializa em otimização da relevância.

O acionamento desse princípio deve se dar a partir dos *inputs* coordenados dentro de um sistema geral da cognição como parte do processo de conceptualização. Esse sistema de *inputs* é reconhecido pela psicologia cognitiva como um procedimento de transformação de passagem de representações de um *nível de conceptualização inferior* para um *nível de conceptualização superior*. As percepções sensoriais, por exemplo, para Sperber e Wilson (1995[1986]), devem fazer parte do primeiro por serem respostas imediatas, mas ainda não plenamente elaboradas a partir de fatores simbólicos. Essas percepções podem alcançar o nível de representação acima quando as respostas sensoriais se acomodam dentro de um sistema de acúmulo informacional de onde derivamos informações armazenadas para processamento em contexto. Segundo os autores, as funções desse sistema de níveis “operam sobre *representações conceituais de modalidade neutra*⁸⁵ que os processos centrais podem integrar e comparar informações derivadas dos vários sistemas de entrada e da memória”⁸⁶ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 72, *grifos nossos*).

Nesse complexo processo de representações muitos fatores podem influenciar os resultados da passagem de um nível a outro. Os autores compreendem que há muitas variantes não-lógicas que entram em disputa no momento do processamento. Fatores como estados mentais e variações de humor

⁸⁵ Não fica muito claro o que os autores querem dizer com *representações conceituais de modalidade neutra*. No entanto, apostamos que o conceito tem a ver com as respostas sensoriais básicas das quais não podemos resgatar sua gênese, mas têm se amalgamado dentro do sistema de representação por acúmulo, de modo a formar conjuntos de conhecimentos conceituais acessíveis ao processo de comparação, derivação ou, por exemplo, generalização de informações em contexto de uso.

⁸⁶ Do original: “they operate over such modality-neutral conceptual representations that the central processes can integrate and compare information derived from the various input systems and from memory”

podem, em certa medida, influenciar o sistema central de representação conceitual. Porém, eles propõem que se retire “todas essas propriedades não lógicas” e assim

chamar as propriedades lógicas restantes de uma representação conceitual de sua *forma lógica*. É em virtude de sua forma lógica que uma representação conceitual está envolvida em processos lógicos e entra em relações como, por exemplo, contradição ou implicação com outras representações conceituais⁸⁷ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 72).

O caráter lógico das representações conceituais deve atuar como uma espécie de propriedade do mecanismo do sistema de representação. Essa aposta na racionalidade resulta do reconhecimento de que somos dotados de uma base inferencial de princípios lógicos, nos quais condicionais elementares como $\langle\langle \text{se } p, (\text{então}) q \rangle\rangle$ parecem explicar nossa tendência cognitiva a evitar contradições. Os autores ainda defendem que “[uma] forma lógica é uma fórmula bem formada”⁸⁸ ou seja, uma proposição que tende à coerência. A forma lógica também é “um conjunto estruturado de constituintes, que sofre operações lógicas formais determinadas pela sua estrutura”⁸⁹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 72).

Atentamos para o fato de que para autores como Levinson (2020), a forma lógica de uma proposição é a sua representação semântica. Entendemos que essa definição apenas explica parte do conceito, que a bem da verdade, deve ser compreendido como parte do sistema geral de representação. Em certa medida, a inferência dependerá também das condições de vericondicionalidade e da sua estrutura enquanto sistema de representação (Levinson, 2020; Sperber e Wilson, 1995[1986]). O problema geral de se tomar a forma lógica como dependente exclusivamente das condições de vericondicionalidade é que para qualquer representação seja logicamente processada esta deve

ser capaz de ser verdadeira ou falsa, ela também deve ser semanticamente completa: isto é, deve representar um estado de coisas, num mundo possível ou real, cuja existência o tornaria verdadeiro⁹⁰ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 72).

⁸⁷ Do original: “all these non-logical properties, and call the remaining logical properties of a conceptual representation its logical form. It is in virtue of its *logical form* that a conceptual representation is involved in logical processes and enters into relations such as contradiction or implication with other conceptual representations”.

⁸⁸ Do original: “[a] logical form is a well-formed formula”.

⁸⁹ Do original: “a structured set of constituents, which undergoes formal logical operations determined by its structure”.

⁹⁰ Do original: “is for it to be well formed, whereas to be capable of being true or false, it must also be semantically complete: that is, it must represent a state of affairs, in a possible or actual world, whose existence would make it true”.

Por outro lado, os autores argumentam que mesmo “uma estrutura conceitual incompleta pode [...] ser bem formada e sofrer processamento lógico”⁹¹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 72). Isso indica que a formulação completa de uma estrutura depende não do código em si, mas dos fatores de processamento que os interlocutores acionam para sua interpretação. O que vai viabilizar sua representação são as condições dos “esquemas de suposição”⁹² (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 73) operados no contexto do enunciado.

Esquemas de suposições, na concepção dos autores, podem ser compreendidos como “formas lógicas que podem ser preenchidas para produzir formas proposicionais no formato apropriado para suposições factuais”⁹³. Há muita proximidade entre esse conceito e o que a psicologia cognitiva normalmente concebe como *frames*⁹⁴ (enquadres) mentais (van Dijk, 1977; Lakoff, 2004). De fato, podemos concluir que os esquemas de suposições são parte do sistema de enquadramento de base mental que resulta do acúmulo de representações adquiridas ao longo do processamento das formas lógicas. Esse sistema serve como um *frame* de primeira entrada para o indivíduo acessar seu conhecimento de mundo e proceder à atividade de inferenciação, partindo, por assim dizer, daquilo que já se sabe, ou se supõe que sabe.

No entanto, “apenas formas lógicas plenamente proposicionais representam estados de coisas definidos”⁹⁵ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 73). Ou seja, formas lógicas que são produzidas em contextos enunciativos de uso podem ser consideradas completas, ou plenas, pois detêm constituintes de vericondicionalidade e estabelecem relações referenciais entre outras formas de representação.

Essas formas lógicas plenamente proposicionais são importantes para compreendermos como se forma o arcabouço de conhecimento de um sujeito, pois é o estado de coisas produzido a partir das formas lógicas que constituem o “conhecimento enciclopédico do indivíduo”⁹⁶ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 73).

⁹¹ Do original: “an incomplete conceptual structure can [...] be well formed, and can undergo logical processing”.

⁹² Do original: “assumption schemas”.

⁹³ Do original: “logical forms which can be completed to yield propositional forms in the format appropriate for factual assumptions”.

⁹⁴ O uso que fazemos do termo *Frame* aqui serve exclusivamente para explicar um conceito cognitivo. Porém, este conceito não será plenamente articulado a teoria base nesta pesquisa devido aos nossos objetivos investigativos.

⁹⁵ Do original: “only fully propositional forms represent definite states of affairs”.

⁹⁶ Do original: “individual's encyclopaedic knowledge”.

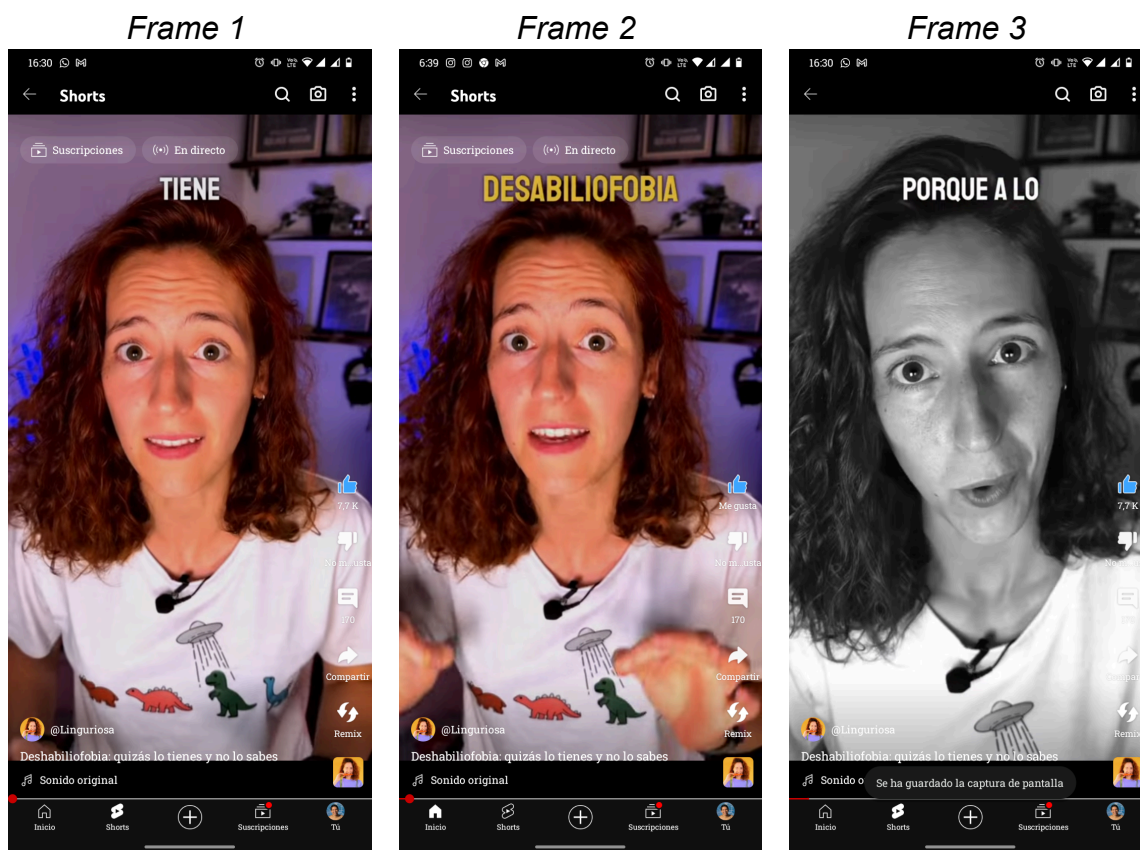
Um critério de cautela, entretanto, é que esse processo não se dá apenas por acúmulo. A mente manipula as formas lógicas em seu arquivo ao amalgamá-las com diferentes níveis de representações, como estados emocionais, atitudes de crenças, desejos, etc.

Assim, podemos afirmar que o processamento das formas lógicas proposicionais se dá em duas ordens. Representações de primeira ordem são “suposições básicas” (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 74). Estas indicam as descrições factuais do mundo. São de primeira ordem porque se referem a descrições sobre o estado das coisas em si, como *p*. As representações de segunda ordem são as “suposições factuais” (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 74) e se referem, por exemplo, à capacidade metalinguística de interpretação, ou às formas de atitudinais como <<eu (acredito) *p*>>, <<eu (desejo) *p*>>.

Para Sperber e Wilson (1995[1986]), as suposições factuais envolvem um nível de atenção mais concentrada, ao passo que as de suposições básicas são processadas espontaneamente. Em alguns contextos mais acadêmicos, por exemplo, a interpretação textual altamente consciente requer maior esforço de processamento e permite ao indivíduo acessar representações construídas mais lenta e concentradamente.

O que normalmente acontece, porém, é nos engajamos em formas de processamento mais imediatos, de primeira ordem, os quais envolvem menos esforço de processamento. É assim que devem funcionar nossos diálogos cotidianos e formas de interação comunicativas mais ordinárias. Por essa ótica, apontamos que o ritmo de engajamento hipertextual nas redes sociais tende à espontaneidade e a níveis de atenção menos concentrados e, portanto, menos auto-conscientes. A correspondência entre esforço e atenção parece fazer parte das nossas formas de interação com textos de uma forma geral, e isso deve ser uma das razões subjacentes ao processamento menos auto-consciente constitutivo da hipertextualidade nas plataformas de redes sociais. Nesse sentido, observamos a Figura 15 abaixo.

Figura 15 — *Frames* (1-3) do vídeo *Deshabiliofobia* do canal @Linguriosa no YouTube⁹⁷



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 31 de janeiro de 2024.

Código QR para acesso à publicação



Tomamos como modelo o vídeo curto aparentemente produzido para plataformas como o YouTube publicado pelo perfil @Linguriosa. A Figura 15 exemplifica *Frames* de um *shorts* publicado na sua conta com o seguinte título: *Deshabiliofobia* (Disabiliofobia, em espanhol).

O canal é produzido pela professora de espanhol para estrangeiros Elena Herraiz, oriunda de Guadalajara, Espanha. O seu canal é dedicado a curiosidades

⁹⁷ Disponível em: <https://youtube.com/shorts/jm4WIAv2jf0?si=kRW1nsgzEooiaf6v>. Acesso em 31 jan. 2024.

educativas sobre a língua espanhola, tradução, linguística e etimologia. O perfil @Lingurosa tem como proposta a divulgação de informações científicas através de vídeos com tons humorísticos onde a própria Elena protagoniza alguns *sketches* ao longo de alguns de seus vídeos. No *Shorts* em questão, o primeiro enunciado que ouvimos entre os Frames (1) e (2) é o que está reproduzido em (6):

(6) “MUCHA GENTE TIENE DESHABILIOFOBIA Y NO LO SABE”⁹⁸ (sic.).

A autora do perfil é a mesma que narra o texto do conteúdo apresentado no *Shorts*. A transcrição da sua fala aparece sempre em caixa alta na parte superior do vídeo, e podemos notar que a tela do vídeo foi otimizada para aparelhos móveis de forma a apresentar o conteúdo em alta resolução.

Em (6), supomos tratar-se de um enunciado razoavelmente típico de gêneros de divulgação científica, especialmente de conteúdos relacionados à saúde. Para efeitos proporcionais, o enunciado em (6) parece ecoar perguntas típicas de conteúdos de curiosidade que tendem a chamar a atenção do expectador/leitor com perguntas como: *Você sabia?*

Nesse caso, em (6) temos a presença de uma construção lógica com base em suposições básicas expressas nas proposições $\langle\langle (A) \text{ têm } (p) \rangle \text{ e } [(A \sim) \text{ sabe } (p)] \rangle$ ⁹⁹, onde *A* funciona como o sujeito da proposição e *p* o conteúdo proposicional, o qual, evidentemente, ainda não teve seu sentido identificado referencialmente. Porém, pela suposição básica da qual o enunciado pode ser derivado, tendemos a inferir a implicatura de que trata-se de uma condição, doença ou enfermidade.

Pelo processamento de formas lógicas acumuladas, supomos que a próxima informação deve explicar o conteúdo de *p* e isso antecipa, para efeitos de engajamento, a expectativa da informação a seguir. No entanto, como estratégia cômica de quebra de expectativa, a narradora do vídeo enuncia em (7) o que aparece no *Frame* (3):

(7) “PORQUE A LA MEJOR NUNCA HABÍA OÍDO ESTA PALABRA”¹⁰⁰ (sic.).

A expressão “POSSIVELMENTE PORQUE NUNCA OUVIU ESTA PALAVRA” exprime a proposição $\langle\langle (\sim p), \text{ então } (q) \rangle \rangle$, onde *Q* se refere ao conteúdo semântico central do vídeo, isto é, a palavra *DISABILIOFOBIA*. A quebra de expectativa (e em certo sentido, a não adesão ao princípio da Quantidade nos termos griceanos),

⁹⁸ Tradução do espanhol: “MUITAS PESSOAS TÊM DISABILIOFOBIA E NÃO SABEM DISSO”.

⁹⁹ O símbolo $\sim$ representa negação. Ver Levinson (2020).

¹⁰⁰ Tradução do espanhol: “POSSIVELMENTE PORQUE NUNCA OUVIRAM ESTA PALAVRA”.

produz o efeito de sentido humorístico e, ao mesmo tempo, factual sobre o conteúdo central do vídeo, saber, o significado etimológico em detrimento de uma explicação patológica.

Para efeitos de reforço ostensivo da sua proposição, a autora do vídeo mescla formas de edição, trocando a paleta de cor para preto e branco e muda a cor da fonte da legenda de branco para amarelo para deixar a DESHABILIOFOBIA em mais destaque. Esses estímulos visuais, misturados aos efeitos sonoros produzidos pela leve mudança na inflexão de Elena Herraiz quando na troca de paleta de cores, produzem um conjunto de fatores de processamentos engajados em suposições factuais, de segunda ordem. Em (8), temos o conteúdo implicado da proposição enunciada:

(8) MUITAS PESSOAS TÊM DISABILIOFOBIA E NÃO SABEM DISSO.
POSSIVELMENTE PORQUE NUNCA OUVIRAM ESTA PALAVRA.

+ > Uma parcela considerável das pessoas que sofrem da condição de disabiliofobia não estão cientes disso porque esta palavra é tão incomum que nunca tiveram a chance de ouvi-la pronunciada por ninguém do seu círculo social, o que eventualmente implica que nenhuma delas saiba seu significado real.

Esse conteúdo expresso em (8) deve ser o resultado do processamento de suposições a partir da contradição entre formas lógicas proposicionais e suas derivações. A incompletude do enunciado em sua forma básica antecipada é interpretada como conteúdo proposicional pleno justamente pelos efeitos de implicatura que são preenchidos através do choque entre as suposições subjacentes e a representação das formas lógicas. Por outro lado, como apontamos, o direcionamento em um sentido interpretativo suposto é acionado por outros fatores para além das formas de representação e do conhecimento enciclopédico do indivíduo. Afinal, o conteúdo central do enunciado produzido no vídeo curto em questão visa contribuir para a expansão do conhecimento factual e de mundo do usuário da rede social.

Portanto, outros dispositivos cognitivos são acionados no processamento comunicativo para otimizar os fatores de inferenciação nesse contexto proposicional. Acreditamos que os fatores particulares à hipertextualidade e às mesclas semióticas devem contribuir para o processamento geral do texto em questão, pois as

ferramentas de edição aplicadas parecem direcionar o foco de atenção a partir das estratégias de reforço ostensivo.

2.3.4 Princípio Cognitivo da Relevância e a hipertextualidade

Analizamos até agora como as suposições se organizam a partir de um sistema de representação mental em esquemas que se formam particularmente e se engajam com outros fatores cognitivos para que o indivíduo possa criar um arcabouço de conhecimento factual sobre o mundo, ou melhor, sua experiência no mundo. Em termos de inferenciação, esse processo é a base para o procedimento interpretativo de informações em contexto, pois ao que parece, temos a tendência a interpretar os enunciados a partir de nossos esquemas conceituais, o que por seu turno implica que nossas suposições devem se apresentar sempre em contextos de implicações. Esse aspecto contextual, segundo explicam Sperber e Wilson (1995[1986]), deve ser o enlace central para que as informações sejam processadas a partir das suposições derivadas e estocadas, ou descartadas, como elementos do conhecimento enciclopédico. Os autores prosseguem afirmando que:

a compreensão envolve o processamento em bloco de um conjunto de suposições e, nesse conjunto, algumas suposições se destacam como informações recém-apresentadas, sendo processadas no contexto de informações já processadas anteriormente¹⁰¹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 118, 119).

O contexto parece ser determinante no processamento das informações porque serve como dispositivo de acesso à formulação das suposições. A hipótese de um sistema regulador das representações mentais denuncia que outro fator deve estar na base de um princípio cognitivo geral. Este princípio deve, então, funcionar como força motriz para acionar o conjunto de suposições pertinentes às implicações contextuais.

Essa é a base hipotética sobre a qual Sperber e Wilson (2005) afirmam que “os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o ouvinte na direção do significado do falante” (p. 222), pois seria humanamente impossível proceder à comunicação se todo e qualquer enunciado fosse plenamente descritivo e

¹⁰¹ Do original: “comprehension involves the joint processing of a set of assumptions, and in that set some assumptions stand out as newly presented information being processed in the context of information that has itself been previously processed”.

amplamente preenchido de informações a ponto de certas informações serem tão óbvias que simplesmente seriam descartáveis.

Nesse caso, concordamos que a compreensão das proposições resulta do processo inferencial, que por sua vez, depende da forma lógica do enunciado e das implicações para que o indivíduo estabeleça relações entre os esquemas de suposições. O processo cooperativo tomado a partir da lógica griceana faz com os enunciados sejam reconhecidos como plenamente proposicionais, pois as lacunas superficiais mantêm-se implicadas contextualmente.

Este é um fator digno de consideração ao analisarmos como a cognição processa as informações, pois ao que tudo indica, as funções dispositivas mentais se desenvolveram a ponto de encontrar formas eficazes de manipulá-las, dispensando o mínimo de esforço necessário para dar conta do maior número possível de estímulos (Sperber e Wilson, 1995[1986]). Todas as vezes em que somos instados a processar informações temos que lançar mão de dispositivos de processamento em um nível relativamente eficiente, de forma a produzir escolhas sobre quais premissas considerar e quais desconsiderar, parece que nossa cognição otimiza todo este esforço.

Evidentemente, esses aspectos da compreensão humana não são processados exclusivamente através do código linguístico, o que para a proposta teórica nesta pesquisa à base da Teoria da Relevância seria insuficiente para responder às questões mais subjacentes. Sperber e Wilson (1995[1986]) fazem duras críticas ao que eles chamam de ‘modelo de códigos’ como tentativa de explicação lógico-formal da compreensão humana. Os autores defendem que decodificação e codificação não oferecem explicação suficiente para dar conta das relações associativas e referenciais entre constituintes e segmentos de enunciados.

Ou seja, mesmo que reconheçamos que o processo inferencial se estabelece de alguma forma localmente (no código), suas vias interpretativas são processadas em um nível acima da representação da forma lógica do enunciado, isto é, o nível da explicatura¹⁰². O contexto perceptual, o conhecimento enciclopédico e as suposições

¹⁰² A noção de *explicatura*, na hipótese dos autores, deve ser compreendida como uma tentativa de expandir o conceito de implicaturas na tradição griceana, o qual define as condições de verdade das proposições no nível das relações lógicas decodificáveis na língua. Para Sperber e Wilson (1995[1986]), por outro lado, entre a forma linguística lógica e a inferência no nível das implicaturas, os conteúdos informacionais processados são mais ou menos explícitos na interação comunicativa. Assim, a suposição só tem valor de verdade no enunciado se sua condição estiver explícita o

lógicas são mobilizadas durante o processamento das informações, em conjunto com fatores circunstanciais (Silveira e Feltes, 2002; Sperber e Wilson (1995[1986])).

A capacidade intuitiva de mobilizar esses fatores e de proceder às escolhas interpretativas denominamos de “*relevância*” (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 118). Admitidamente, a Pragmática tenta responder como o significado das sentenças e o significado atribuído pelo indivíduo estão conectados. O que a Teoria da Relevância empreende, por outro lado, é explicar quais princípios regem essa capacidade intuitivamente adquirida (Sperber e Wilson, 2002). Nesse caso, o termo relevância é concebido dentro do campo da psicologia cognitiva e não tem necessariamente correlação com o seu sentido semântico. O uso do termo relevância faz referência às escolhas baseadas em premissas e suposições implicadas em contexto de uso pelos interlocutores (Sperber e Wilson (1995[1986])).

Em linhas gerais, esse princípio explica que os interlocutores buscam/produzem estímulos *ostensivos* que satisfaçam a *presunção de inferência*, levando em conta o peso relevante que cada estímulo deve ter para suas escolhas de suposições (no plano ouvinte/leitor) e proposições (no plano do falante/autor) durante a interpretação do enunciado. O procedimento de compreensão convencional que os indivíduos tendem a aplicar é o de sempre buscar o menor esforço para computar dados interpretativos, interrompendo o processo no momento em que suas “expectativas de relevância são satisfeitas” (Sperber e Wilson, 2005 p. 252).

É com cautela, todavia, que exploramos os princípios da relevância. Como Sperber e Wilson (1995[1986]) admitem, as “intuições de relevância não são os únicos tipos de intuição envolvidos na compreensão”¹⁰³ (Sperber e Wilson, 1995[1986], p. 120). Isso significa reconhecer que o processo de compreensão é amplo o suficiente para embarcar diversos fatores cognitivos, sociais, culturais e, em certa medida, antropológicos. Nosso esforço diante da aposta na relevância é tentar entender o que mobiliza um procedimento de direcionamento em determinadas suposições em detrimento de outras e quais dispositivos cognitivos estão sendo acionados na interface entre as informações transmitidas e as proposições implicadas. Ao fim e ao cabo, os dados em TR parecem indicar que os indivíduos

suficiente para merecer esforço de processamento inferencial. Para mais informações, ver Silveira e Feltes (2002).

¹⁰³ Do original: “intuitions of relevance are not the only kinds of intuition involved in comprehension”.

“conseguem distinguir consistentemente informações *relevantes* de informações *irrelevantes* ou, em alguns casos, informações *mais relevantes* de informações *menos relevantes*”¹⁰⁴ (Sperber e Wilson, 1995[1986], p. 119, *grifos nossos*).

Segundo esse postulado, é o produtor do enunciado quem cria (ou faz uso de) *inputs* (estímulos) ostensivos. A atribuição do fator de relevância é o resultado do processamento da informação pelo interlocutor ao proceder à interpretação. O leitor/ouvinte, nesse caso, mensura os *inputs* enunciativos que o parecem mais ou menos relevantes o suficiente para guiá-lo no cômputo inferencial. Podemos dizer que a Teoria da Relevância, nesse caso, é um dispositivo teórico de caráter cognitivo que tenta explicar as estratégias de compreensão a partir dos componentes decodificáveis disponíveis na esfera pragmática das circunstâncias.

O valor de relevância atribuído a qualquer estímulo tem um caráter de dupla responsabilidade entre o produtor da proposição e a audiência, pois as escolhas de *inputs* são um procedimento intencional, enquanto que a identificação destes é um procedimento intuitivo. Por outro lado, a capacidade de reconhecer determinado estímulo como fator ostensivo de relevância depende das formas de representações e esquemas de suposições mobilizados e reconhecidos pela audiência. Nesse caso, o processamento do valor aplicado a um input está também condicionado a modelos psicológicos particulares, a dimensão do conhecimento enciclopédico, ao nível de intimidade com os elementos de interface interacional, etc.

Por exemplo, quando analisamos os enunciados hipertextuais das publicações em redes sociais, notamos que para que os indivíduos possam produzir sentido a partir delas é necessário, além dos fatores circunstanciais e linguísticos, a familiarização com os aspectos técnicos de interface com máquinas e adesão à lógica interacional das redes sociais digitais. O movimento de curtir (registrar aprovação) ou de compartilhar são acionados a partir de gestos específicos nas redes, seja por tocar em algum ícone ou dar dois toques rápidos na publicação, são respostas às proposições das publicações. Essas atitudes demonstram graus de compreensão inferencial em níveis profundos, porque mobilizam o usuário a expressar suas preferências ou ampliar suas impressões com outros membros do seu grupo.

¹⁰⁴ Do original: “can consistently distinguish relevant from irrelevant information, or in some cases, more relevant from less relevant information”.

Segundo Recuero (2020 p. 118), nas redes os “atores são conscientes das impressões que desejam criar e dos valores e impressões que podem ser construídos nas redes mediadas pelo computador”. Esses valores e impressões têm que ver com a produção simbólica e os elementos de estímulos interacionais pertinentes às redes. Portanto, a atividade de interação em ambientes hipertextuais como as plataformas de redes sociais implica um certo grau de consciência para a produção do ato enunciativo e produzem conteúdos com potencial valorativo dentro das suas comunidades. Isso pode explicar por que os elementos de interface interacional (com a máquina) e os estímulos de gestos também parecem funcionar como *inputs* ostensivos dentro do âmbito da hipertextualidade.

Evidentemente, os componentes do código linguísticos são parte das “porções explícitas e implícitas da comunicação”, de forma que são, de fato, considerados “dignas da atenção dos interlocutores”¹⁰⁵ no contexto do processamento inferencial (Oliveira; Cunha; Siqueira, 2021 p. 3). Em outras palavras, qualquer estímulo, mesmo que linguístico, só tem valor de relevância em contextos proposicionais. Isso significa que os interlocutores em situações de comunicação levam em consideração tanto *inputs* ostensivamente manifestos quanto os não sobressalentes para o processamento da informação.

Os textos veiculados por perfis midiáticos nas redes dependem em grande parte de suposições implícitas uma vez que, como apontam alguns estudos (Almeida, 2021), a estrutura hipertextual da rede compreende o texto escrito mesclado a outros módulos linguísticos para otimizar espaço de interface, estimular o foco com segmentos curtos ou quebrar expectativas para efeitos humorísticos. Dessa forma, é no processamento da informação que o usuário deve estabelecer as pontes de sentido (Sperber e Wilson, 2002). Por outro lado, as plataformas de redes sociais detêm aparatos técnicos, ou *affordances*¹⁰⁶, para mixagem semiótica, o que permite que alguns *inputs* informacionais sejam intencionalmente mais salientes do que outros no plano da hipertextualidade como a compreendemos.

De acordo com Sperber e Wilson (2005) a proposta da TR é oferecer um “modelo inferencial”, no qual, um comunicador “fornece evidência de sua intenção de comunicar um certo significado, que é inferido pela audiência com base na evidência

¹⁰⁵ Do original: “the explicit and implicit portions of communication are both inferential and worthy of the interlocutors’ attention”.

¹⁰⁶ Ver seção 2.2.3 desta tese para mais informações quanto ao termo.

fornecida” (p. 221). Esse modelo inferencial tem raízes epistêmicas na hipótese central de que todos os enunciados produzidos são estruturados em expectativas de relevância, isto é, dispositivos pragmáticos que fornecem pistas e geram previsibilidade “para guiar o ouvinte na direção do significado do falante”¹⁰⁷ (Sperber e Wilson, 2005 p. 222).

A relevância é, portanto, segundo a teoria, “uma característica básica da cognição humana” (Sperber e Wilson, 2005 p. 223). Um *input* relevante pode se configurar como tanto a partir de qualquer aspecto enunciativo, desde que ajude o leitor/ouvinte a extrair conclusões, responder a uma determinada questão, aceitar uma ideia, confirmar suposições ou corrigir posicionamentos. Em outros termos: o indivíduo ancora seu cômputo inferencial entre indícios mais ou menos relevantes que o guiam na direção do sentido ótimo ou proposto pelo interlocutor. O resultado bem sucedido da relação entre os *inputs* relevantes estabelecidos pelo interlocutor e o cálculo inferencial do leitor/ouvinte é chamado de “efeito cognitivo positivo” (Sperber e Wilson, 2005 p. 223).

Sperber e Wilson (2005) não desconsideram o fato de que os interlocutores têm condições autônomas de determinar suas próprias condições de verdade subjetivamente, mesmo quando essas conclusões são descoladas dos *inputs* otimizados no enunciado. Entretanto, a noção de efeito cognitivo positivo no contexto epistemológico da teoria se refere ao acesso cognitivo realizado com base em evidências enunciativas, ao invés de posicionamentos individuais pragmaticamente inconcebíveis.

Este é um aspecto que merece ser destacado, porque para a TR “um input é RELEVANTE *para um indivíduo* quando, e somente quando, seu processamento produz tais efeitos cognitivos positivos” (p. 224, *grifo nosso*). Temos que levar em consideração que os indivíduos fazem cálculos mais ou menos objetivos¹⁰⁸; e mesmo que consideremos as particularidades do contexto, nossa análise nunca poderá determinar com máxima precisão quais conclusões poderiam ser realizadas individualmente por cada interlocutor, pois há sempre “uma distância entre

¹⁰⁷ Ou autores fazem uso dos termos *falantes* e *ouvintes* constantemente porque seus exemplos de análises são essencialmente enunciados orais de diálogos. Entretanto, a Teoria da Relevância se aplica também aos textos escritos e, por isso, fazemos por vezes uso do termo *interlocutores* no âmbito deste artigo.

¹⁰⁸ Objetividade nos termos de uma teoria cognitiva está relacionada muito mais às premissas supostas a partir de representações básicas (de primeira ordem) do que às suposições factuais (de segunda ordem), pois quanto menos engajamento com outros fatores cognitivos, mais correspondência com as informações de superfície.

compreender e acreditar” (p. 228). Afinal, esta é, em última instância, uma característica da subjetividade humana.

O que podemos determinar, no entanto, é a proposição e os processos cognitivos que temos à disposição, de forma que a estrutura do enunciado nos forneça elementos operacionais para procedermos à análise. Postulamos, com base no Princípio Cognitivo da Relevância, que o uso de variados segmentos enunciativos nas redes sociais tem um horizonte estratégico *hiper-ostensivo* do cômputo inferencial a partir das possibilidades múltiplas de linguagem que a hipertextualidade permite.

Frisamos que o conceito de *segmentos enunciativos* faz referência a elementos informativos/performativos que parecem se agrupar em blocos de sentidos. Não se trata de uma divisão sintática de partes do discurso, mas de cortes enunciativos do texto que podem estar expressos em imagem, texto escrito ou áudio, de forma que cada segmento complete o todo da materialidade do texto. Essa escolha pela categoria de segmentos enunciativos é um procedimento metodológico para se operacionalizar a análise de textos à luz da TR (Silveira e Feltes, 2002).

Sendo uma abordagem cognitiva, a relevância tem como componente indicador a noção de grau de esforço de processamento. Segundo Sperber e Wilson (2005), “quanto maior for o esforço requerido de percepção, de memória e de inferência, menor será a recompensa pelo processamento do *input* e, por isso, um menor merecimento de atenção” (p. 225). Os autores argumentam que podemos explicar a inferenciação a partir de estruturas enunciativas que exigem menos esforço cognitivo-processual do sujeito, ou menos dispêndio de energia, pois o cômputo inferencial tende a ser interrompido uma vez que as premissas sejam satisfeitas.

Por exemplo, em ambientes de leitura fugaz (no nosso caso, os *vídeos curtos* de postagens em *Reels*, *Shorts* e *TikToks*), os *inputs* relevantes podem estar associados a fatores que direcionam a atenção do leitor, exigindo o mínimo de atenção possível. Essa característica intuitiva da cognição humana parece ser otimizada na hipertextualidade para produzir efeitos de retenção de atenção sob o menor grau de esforço possível. Ou seja, “quanto maior o ESFORÇO DE PROCESSAMENTO requerido, menos relevante será o *input*” (p. 225). O esforço de processamento está, assim, diretamente, acoplado ao fator tempo e atenção, sendo esses os fatores mais bem otimizados em vídeos curtos nas redes sociais. Afinal, as

redes sociais, para além de serem espaços de interação espontânea, têm se tornado cada vez mais espaços de produção de valor de capital, geridos algoritmicamente, pois quanto mais engajamento há, maior a chance de se oferecer uma maior quantidade de produtos comerciais (Martins, 2020).

Nesse caso, a TR, de uma forma geral, visa responder a uma questão importante no que tange à aderência da audiência de forma estratégica. São os estímulos ostensivos que entram em ação no instante comunicativo para dar indícios aos interlocutores a respeito de quais *inputs* seriam mais relevantes. Os estímulos ostensivos podem ser definidos como atos comunicativos que criam expectativas de relevância, explicitando, ou manifestando, os *inputs* que devam ser considerados mais “suficientemente relevante[s]” (Sperber e Wilson, 2005 p. 228). E nesse processo “o comunicador encoraja sua audiência, conseqüentemente, a presumir que ele é relevante o suficiente para valer a pena processá-lo” (Sperber e Wilson, 2005 p. 228).

Conseqüentemente, a relevância para o indivíduo pode ser resumida em dois critérios de cálculo computacional para processar inferência: (a) “quanto maiores forem os efeitos cognitivos positivos alcançados pelo processamento de um *input*, maior será a relevância do *input* para o indivíduo nessa situação” e (b) “quanto maior for o esforço de processamento despendido, menor será a relevância do *input* para um indivíduo nessa situação” (Sperber e Wilson, 2005 p. 223). Esses critérios se apoiam no princípio de eficiência de processamento. Os dispositivos de representação das formas lógicas acessam as informações disponíveis no conjunto de conhecimentos acumulados. Presumimos que esse processo, especialmente em trocas verbais, deve ser realizado em intervalos de tempo rápidos o suficientes para preencher o espaço entre segmentos de interlocução.

Neste ponto, ressaltamos que não é exclusividade da Teoria da Relevância chegar a uma conclusão assim. Tomemos a discussão acerca da característica cognitiva de otimização do esforço e tempo de dispêndio de energia em Dascal (2011), na qual o autor aponta algumas questões interessantes. Apesar de o autor discutir os fundamentos da gramática espacial no contexto da pragmática-cognitiva, o que não tem relação direta com os princípios da TR, sua reflexão parece apontar conclusões parecidas quando analisamos a cognição humana de uma forma geral. Dascal (2011) admite, por exemplo, que a gramática espacial chega a conclusões

relativamente similares a outras teorias cognitivas, especialmente no que se refere a reconhecer um certo caráter automatizado do processamento linguístico.

Nesse ínterim, parece que os indivíduos têm a tendência de processar unidades comunicativas com relativa eficiência, “pois é este caráter que explica seu processamento sem a necessidade de esforço e de atenção por parte do falante” (Dascal, 2011 p. 122) em contextos verbais de comunicação espontânea. Esse aspecto da cognição ajuda a explicar como processamos um número tão grande de estímulos em relativamente curtos espaços de tempo. Sperber e Wilson (1995[1986]) chegam a conclusões similares nesse respeito, de forma que afirmam que nossas escolhas interpretativas são acionadas por dispositivos mentais que orientam a busca por eficiência. Os autores ainda afirmam:

O principal problema para o processamento eficiente de informações de curto prazo é, portanto, conseguir uma alocação ideal de recursos de processamento central. Os recursos devem ser alocados para o processamento da informação que provavelmente trará a maior contribuição para os objetivos cognitivos gerais da mente com o menor custo de processamento¹⁰⁹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 48).

Como já deve estar claro até aqui, a TR não exclui que o processamento informacional tenha, no código linguístico, o acesso em primeira ordem para o sistema de representação. O que supomos é que, de fato, para se chegar a níveis superiores de representações é necessário a mobilização de dispositivos mais complexos de reconhecimento das intenções. Portanto, compreender é o ato de presumir a intenção em dois níveis: (a) Intenção Informativa e (b) Intenção Comunicativa.

A intenção informativa tem a consequência de tornar manifesta, ou mais manifesta, “um conjunto de suposições”¹¹⁰ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 58). Esse conceito explica a capacidade que os interlocutores têm de relativamente controlarem o efeito que suas proposições terão no ambiente cognitivo da audiência; isto é, ao nos comunicarmos o conteúdo informacional dos nossos enunciados pode explicitar ou indicar para a audiência o significado de uma determinada proposição. Literalmente, a Intenção Informativa se resume em: “Intenção de informar algo a uma audiência” (Sperber e Wilson, 2005, p. 228). O efeito inferencial está relacionado a conteúdos propositivos mais estreitamente explícitos, os quais em

¹⁰⁹ Do original: “The key problem for efficient short-term information processing is thus to achieve an optimal allocation of central processing resources. Resources have to be allocated to the processing of information which is likely to bring about the greatest contribution to the mind's general cognitive goals at the smallest processing cost”.

¹¹⁰ Do original: “a set of assumptions”.

geral produzimos na tentativa de reduzir as possibilidades de premissas não supostas e, portanto, irrelevantes para a interpretação dos enunciados.

Por outro lado, a Intenção Comunicativa significa: “Intenção de informar uma intenção informativa a uma audiência” (Sperber e Wilson, 2005, p. 228). Certos estímulos têm por objetivo tornar mutuamente manifesto para a audiência e o comunicador que o interlocutor tem uma determinada intenção informativa. Em outras palavras, os interlocutores podem produzir estímulos ostensivos que reforcem para o outro sua ciência sobre uma determinada informação, de forma a tornar evidente para terceiros que o significado ótimo de um conteúdo informacional foi atingido e deve estar simultaneamente evidente para o outro também. Observamos esses efeitos pragmáticos nos usos interacionais das redes sociais, e na forma como os usuários parecem se relacionar com os hipertextos, especialmente através das suas expressões no espaço para comentários, por exemplo. Perguntas retóricas, com conteúdos humorísticos, irônicos e/ou verbo-visuais (com o uso de emojis e emoticons), podem apresentar indícios dos acessos cognitivos ao processamento inferencial dos hipertextos, sendo esta uma das razões fundamentais que tornam os conteúdos interacionais dos usuários elementos complementares à análise da produção midiática em ambiente virtuais como os vídeos curtos em redes sociais.

Compreender a função desses dispositivos cognitivos pode nos ajudar a estabelecer quais elementos detêm força mais ou menos relevante no que se refere ao cômputo inferencial global. Nesse processo geral, é importante que os interlocutores estejam minimamente cientes a respeito de quais fatos e elementos informacionais serão considerados proposições manifestamente relevantes para a construção do que podemos chamar de arquitetura do ambiente cognitivo dos indivíduos no contexto comunicativo (Sperber e Wilson, 1995[1986]).

É evidente que a individualidade mental desse processo não é acessível. O que nos interessa é compreender que a “comunicação ostensivo-inferencial envolve o uso de um ESTÍMULO OSTENSIVO, projetado para atrair a atenção de uma audiência e focá-la no significado do comunicador” (Sperber e Wilson, 2005 p. 229, *grifo dos autores*). Nesse caso, o significado está atrelado ao reconhecimento das intenções e ao cômputo da força de relevância dos estímulos ostensivos que direcionam o foco de atenção. O que sustentamos nesta pesquisa é que as publicações em redes sociais como estão se configurando nos últimos tempos, têm

projetado estímulos *hiper-ostensivos*¹¹¹ para reter mais atenção em menos tempo possível.

2.3.5 Modelo ostensivo-inferencial na produção hipertextual

Temos discutido que a compreensão deve ser entendida como o resultado do processo de satisfação das expectativas de relevância, o que depende do reconhecimento das intenções mutuamente manifestas do comunicador do enunciado; ou seja, interlocutor (*I*) manifesta sua intenção (*x*) ostensivamente e espera que sua audiência (*A*) reconheça que (*I*) tem a intenção de manifestar sua intenção (*x/y*). Observamos, por ora, o enunciado em (9), o qual, para efeitos de análise, apresentamos descolado de sua proposição original:

(9) Funcionários de lojas caminhando pelo shopping.

Apesar do enunciado estar bem formulado do ponto de vista lógico e linguístico, sua compreensão para qualquer falante médio da língua portuguesa tem dificuldades de alcançar níveis mais profundos de representação. Por hora, queremos demonstrar que enunciados, mesmo que bem formulados, expõem lacunas inferenciais, as quais devem ser satisfeitas tendo presente outros *inputs* que devem completar suposições derivadas. Se adicionarmos camadas hipotéticas de circunstâncias, talvez tenhamos mais chances de satisfazer algumas possíveis premissas. Por exemplo, poderíamos afirmar que o produtor do enunciado é um comediante e que esse segmento faz parte de umas das suas performances na qual ele imita o caminhar de alguns funcionários de lojas ao andarem por shopping centers. Algumas suposições (*S*) podem ser derivadas:

S(a) Funcionários de lojas distintas caminham de forma distintas.

S(b) Funcionários de determinados segmentos têm padrões de caminhada.

S(c) Funcionários ao caminhar pelo shopping se comportam diferente do restante das pessoas.

S(d) A caminhada é uma forma de identificação com as lojas onde esses funcionários trabalham.

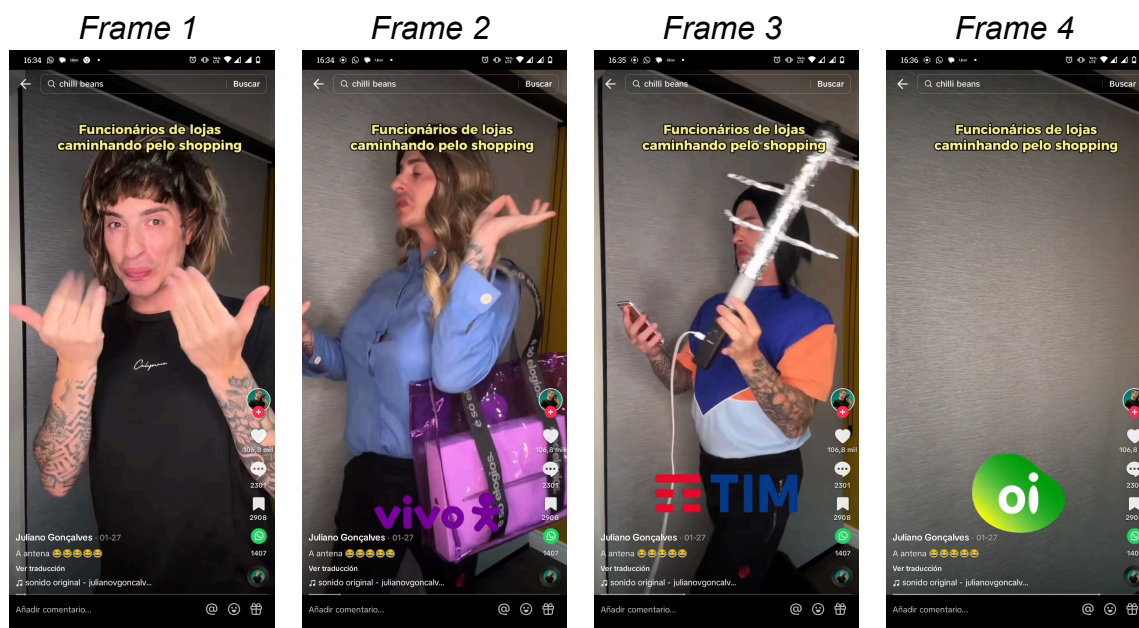
S(e) A rotina de trabalho exige certos comportamentos dos funcionários até mesmo no que se refere à sua maneira de andar.

¹¹¹ Ver seção 2.3.4 para mais informações a respeito do conceito.

Cada uma das suposições (S) é plausível, mesmo que algumas delas extrapolem em certos aspectos o horizonte informativo da forma lógica em (9), pois os elementos circunstanciais implicam premissas derivacionais. Uma dessas premissas é o fato de que se trataria de um comediante em um contexto performático. Um indivíduo com um arcabouço razoável de conhecimento de mundo provavelmente acessaria formas representacionais que associam profissionais do humor ao fato de como estes tendem a exagerar aspectos do cotidiano ou criticar questões de cunho social. Enquanto S(a) funciona como uma das suposições básicas, S(e) tende a expressar suposições factuais mais complexas (Sperber e Wilson, 1995[1986]). É a escolha por uma dessas suposições e o abandono das outras que significa que o cômputo inferencial para o indivíduo atingiu seu ponto de realização ótimo.

Ainda assim, faz-se notar que há uma sensível lacuna entre a forma lógica e as possibilidades de satisfação de expectativa de relevância, pois outros estímulos não estão plenamente disponíveis, como o principal deles: os gestos de caminhar em si. Constatamos, portanto, que a postagem publicada no TikTok, representada pela Figura 16, constitui-se potencialmente como elemento de satisfação de expectativas para o enunciado em (9).

Figura 16 — *Frames (1-4) do vídeo **Funcionários de lojas caminhando pelo shopping** do perfil @julianovgoncalves no TikTok*¹¹²



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 04 de fevereiro de 2024.

Código QR para acesso à publicação



A postagem do perfil @julianovgoncalves traz como legenda central o enunciado descrito em (9). Sua posição de destaque no topo do vídeo parece produzir *inputs* ostensivos a partir de camadas múltiplas de elementos semióticos, pois além da posição, a cor da fonte no tom amarelado, destoa do restante da paleta de cores escolhida para a produção da publicação.

No *Frame* (1), o personagem da publicação parece convidar o usuário da rede social a participar da cena que se segue. Não há outro estímulo sonoro além de uma música vibrante de ritmo cadenciado e repetitivo sobreposta às imagens ao longo de todo o vídeo. O uso desse efeito sonoro não parece contribuir com camadas de sentidos adicionais, a não ser pelo efeito de preenchimento audiovisual,

¹¹² Disponível em: <https://www.tiktok.com/@julianovgoncalves/video/7328854522401492230>. Acesso em 04 fev. 2024.

o que incide em derivarmos que se trata de um dos estímulos ostensivos de baixa saliência de relevância.

Outro aspecto fundamental da construção da postagem de @julianovgoncalves tem a ver com a forma lógica em (9) e com o conjunto da sua construção enunciativa. O segmento enunciativo em (9) somado ao gesto de convite por parte do ator no vídeo aponta para algum aspecto propositivo que deve ser apresentado em seguida. Essa estratégia de expectativa de relevância aciona dispositivos de atenção para o processo de cômputo das informações que seguem. O fenômeno da *déixis* é, em grande parte, o responsável por esse efeito no contexto geral da proposição (Levison, 2020).

Segundo Levinson (2020), o conceito de *déixis* tem origem na palavra grega que significa apontar ou indicar. O fenômeno é associado às formas linguísticas que constituem os traços do contexto de fala como lugar, tempo, pessoa, etc. A *déixis* tem uma relação referencial entre os fatores atributivos contextualizados, indicando para os interlocutores pontos referenciais que os guiam no processo interpretativo.

Expressões como *aqui*, *daqui há uma hora*, *aquela pessoa*, etc., determinam no contexto enunciativo os referentes semânticos no ato de fala, de forma que os interlocutores são capazes de processar estratégias de associação. Naturalmente, atribuímos aos aspectos não-gramaticais funções dêiticas devido às circunstâncias de uso. Cavalcante (2000) argumenta que alguns dêíticos não convencionais, ou não gramaticais, não dependem de uma relação física ou perceptual como tempo e lugar. Certos segmentos enunciativos devem funcionar com valor dêítico devido à sua conceptualização subjetiva no entorno enunciativo da proposição.

Este é o caso do segmento em (9), a identidade dos *Funcionários de lojas* não está marcada na sua forma lógica, nem na sua forma linguística. Sua função catafórica parece antecipar a identidade daqueles que estão a ser apresentados. O sentido computado é conceptualizado a partir da referencialidade linguística pela entrada da forma lógica em conjunto com as formas gestuais e semióticas da postagem. O convite representado pelo gesto das mãos aponta o direcionamento ótimo do contexto de uso; seu sentido, portanto, se completa no reforço ostensivo através do *inputs* dispostos no segmento do vídeo curto como um todo.

Os *Frames* (2) e (3) apresentam a performance geral do conteúdo do vídeo, o qual faz referência à forma como supostamente alguns funcionários de lojas conhecidas no Brasil caminharam ao andar por um *shopping center*. É evidente que para cada loja em destaque, a publicação faz uso do seu respectivo logotipo, o que deve ajudar no processo de reconhecimento e representação mental, uma vez que muitas das marcas mencionadas são relativamente parte do conhecimento compartilhado suposto da maioria dos usuários do TikTok no Brasil.

Se pudéssemos excluir a legenda da publicação para produzir um exercício de experimentação, é possível que algumas das suposições S(f-k) ainda fossem derivadas:

S(f) Funcionários de lojas como Vivo andam pelo shopping usando recursos de cobertura de internet ilimitados.

S(g) Funcionários da Tim não conseguem nem usar seus aparelhos telefônicos.

S(h) A Tim tem histórico de cobertura precária da operadora.

S(i) Funcionários da Oi nem andam pelo shopping porque não trabalham mas na empresa uma vez que a operadora foi vendida.

S(j) Os funcionários da Vivo estão em melhores condições financeiras porque sua empresa é detentora de grande parte da cobertura de telefonia celular no Brasil.

S(k) A venda da Oi afetou algumas empresas, positiva e/ou negativamente.

Acreditamos que a S(k) parece ser a mais improvável de ser inferida espontaneamente pelo grau de esforço que a uma proposição hipotética como essa exigiria do usuário. Seria necessário mais informações contextuais para acessar tal suposição. Com isso, se retirássemos o enunciado “Funcionários de lojas caminhando pelo shopping” da postagem, esse elemento ostensivo verbal possivelmente interferiria no resultado final da interpretação a partir das premissas oferecidas apenas pelos outros módulos linguísticos.

Essas questões estão intimamente ligadas ao conceito de comunicação ostensivo-inferencial. Descrita por Clark (2013) como o fenômeno que “dá origem à presunção de relevância ótima”¹¹³ (Clark, 2013 p. 94), a comunicação ostensivo-inferencial explica por que um “estímulo ostensivo é projetado para atrair a atenção da audiência” (Sperber e Wilson, 2005, p. 229) de forma a deixar evidente

¹¹³ Do original: “give rise to the presumption of optimal relevance”.

que o direcionamento interpretativo esperado para o sentido proposto pelo comunicador. Por meio desse raciocínio, Sperber e Wilson (1995[1986]) chegam a afirmar que “[...] um ato de ostensão carrega consigo uma garantia de relevância, e que esse fato — que chamaremos de *princípio da relevância* — torna manifesta a intenção por trás da ostensão”¹¹⁴ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 50, *grifo dos autores*).

De um modo geral, o modelo ostensivo-inferencial explica que a comunicação envolve o uso de estímulos manifestos que servem para focar a atenção da audiência “no significado do comunicador” (Sperber e Wilson, 2005, p. 229). O efeito desse processo só pode ser plenamente alcançado se o estímulo for mutuamente reconhecido como relevante para ambos o comunicador e sua audiência, de forma que o uso de gestos, por exemplo, que não podem ser interpretados por não fazerem parte do arcabouço de conhecimento da audiência, perde sua força de relevância dentro do plano propositivo do enunciado.

Os estímulos ostensivos são centrais para a realização deste fenômeno porque criam uma “Presunção de Relevância” (Sperber e Wilson, 2005 p. 229), isto é, seu uso produz a expectativa de relevância enquanto sinal de direcionamento que ao ser reconhecido mutuamente atinge o efeito de “relevância ótima” (Sperber e Wilson, 2005 p. 230). Um estímulo será otimamente relevante para audiência apenas sob duas condições básicas: “(a) é relevante o suficiente para merecer esforço de processamento da audiência” e “(b) é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador” (Sperber e Wilson, 2005 p. 230).

De acordo com a cláusula (a), a audiência toma uma decisão de processar determinado estímulo como relevante se, no cômputo inferencial geral, aquele estímulo for mais potencialmente promissor como indício de presunção de relevância em comparação com outros estímulos alternativos. Por exemplo, sobre a postagem representada pela Figura 16, temos afirmado que o uso da música de fundo que preenche todo o vídeo da publicação de @julianovgoncalves não parece ser otimamente relevante o suficiente para interferir na compreensão da sua proposição. O elemento sonoro utilizado tem características rítmicas aceleradas de acordes repetitivos. Quando comparada com os outros *inputs* disponíveis, a música

¹¹⁴ Do original: “[...] an act of ostension carries a guarantee of relevance, and that this fact—which we will call the principle of relevance—makes manifest the intention behind the ostension”.

tende a ser facilmente descartada por não adicionar outra camada de sentido para além do fato de preencher o silêncio. Enquanto recurso hipertextual, a implicação alternativa ao seu uso pode eventualmente explicar o efeito de agilidade e descontração à publicação, sendo muito mais um efeito representacional periférico ao *ambiente cognitivo*¹¹⁵.

Quanto à cláusula (b), podemos afirmar que o Princípio Cognitivo da Relevância pressupõe que o comunicador está ciente das suas intenções e tem o objetivo de deixá-las manifestas para sua audiência através de estímulos disponíveis, ou daqueles estímulos que este seja capaz de fazer uso. Isso significa que os meios de comunicação constituem parte da produção da ostensividade por fornecerem ao comunicador as ferramentas necessárias para o seu enunciado, ao passo que é responsabilidade deste saber usá-las.

Na comunicação verbal cotidiana observamos que o conhecimento cultural sobre determinados gestos implica para ambos comunicador e audiência restrições quanto ao uso de estímulos ostensivos específicos. Todavia, temos notado que na hipertextualidade, além dos usos de signos verbais e não-verbais culturalmente estabelecidos, as interfaces do usuários pressupõe possibilidades e limitações daquilo que está disponível ao usuário, ao passo que se torna responsabilidade do comunicador usar criativamente tais recursos para atingir seus objetivos comunicativos.

O problema que nos parece central nesse sentido quando analisamos a estrutura enunciativa da hipertextualidade é que para Sperber e Wilson (2005) os estímulos não verbais são definidos como aditivos. Os autores chegam a afirmar:

o uso de um estímulo ostensivo *meramente adiciona uma camada extra* de reconhecimento de intenção a uma camada básica de informação que a audiência poderia escolher de qualquer modo. Em outros casos [...], o comportamento do comunicador fornece evidência indireta para a conclusão pretendida e é somente a presunção de relevância transmitida pelo estímulo ostensivo que encoraja a audiência a despende o esforço requerido para descobrir o significado do comunicador (Sperber e Wilson, 2005, p. 233, *grifos nossos*).

Para Sperber e Wilson (2005), a comunicação verbal fornece à audiência um conjunto extenso de significados decodificáveis em sua forma lógica. Porém, seriam os usos dos estímulos ostensivos as ferramentas de direcionamento

¹¹⁵ Para mais informações sobre o conceito de ambiente cognitivo, ver seção 2.3.6.

representacional que cooperam com o preenchimento dos fragmentos informacionais deixados incompletos pelo código linguístico.

Em certo sentido, concordamos que os elementos audiovisuais mesclados em um enunciado hipertextual como a publicação da Figura 16 preenchem lacunas centrais para o processamento geral do enunciado. Ao nos referirmos às lacunas, meramente queremos dizer que na hipertextualidade, um elemento se acopla a outro de forma a construir um quadro completo da proposição enunciativa. Pelo que podemos observar, entretanto, cada estímulo ostensivo tem, apesar da variação de força de esforço, sua função representacional. Assim, é difícil determinar qual dos módulos linguísticos produz *inputs* que devem funcionar apenas como camada adicional de ostensividade e qual deveria ser considerado o enunciado central.

Sperber e Wilson (2005) tendem a considerar outras formas de comunicação que não a verbal como hierarquicamente subjugadas a esta. Os autores compreendem que os outros estímulos semióticos servem como *inputs* de camadas complementares à verbalidade dos enunciados. Na hipertextualidade as formas de comunicação não dependem exclusivamente do módulo verbal, pois ela é descentralizada, multirrepresentacional (com potencial de representação através de mais de um módulo) e não *verbocêntrica* (Cavalcante e Custódio Filho, 2010).

Em certo sentido, o posicionamento de Sperber e Wilson (2005) sobre a linguagem contradiz em parte um dos fundamentos da Teoria da Relevância. Tendemos a imaginar que seus princípios que regem a teoria se fundamentam epistemicamente no modelo de comunicação como inferenciação, em detrimento do modelo da decodificação. Na verdade, os próprios autores já haviam afirmado antes que “qualquer estado de coisas”¹¹⁶ □ ou seja, qualquer forma representacional que possa ser processada como forma lógica arquivada no conjunto de conhecimentos de mundo □ “fornece evidência direta para uma variedade de suposições sem necessariamente *comunicar* essas suposições em qualquer sentido interessante”¹¹⁷ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 23, *grifo dos autores*).

O estudo em hipertextualidade nos tem permitido entender que a comunicação se estabelece sob uma base inferencial implicada, mas condicionada a tentativas intencionais de direcionamento, ou foco, interpretativo. A comunicação

¹¹⁶ Do original: “any state of affairs”.

¹¹⁷ Do original: “provides direct evidence for a variety of assumptions without necessarily communicating those assumptions in any interesting sense”.

ostensivo-inferencial defende que produzimos estímulos mais ou menos ótimos o suficiente para serem mutuamente reconhecidos pelos interlocutores como dignos de esforço de processamento.

Observamos, entretanto, que vídeos curtos como os postados em algumas plataformas de redes sociais se configuram de maneira relativamente diferente dos modelos verbais de comunicação espontânea. O nível de mixagem dos módulos linguísticos, somado à tentativa programada de otimização do espaço dedicado a cada camada representacional tende a uma *hiper-ostensividade*. Isso significa que os estímulos ostensivos merecedores de esforço de processamento são, na maioria das vezes, indubitavelmente otimamente relevantes. Há pouco espaço para dispêndio de energia em formas lógicas que não direcionam a interpretação a representações de suposições de segunda ordem. Além disso, a produção dos enunciados, levando-se em consideração seu nível de complexidade, otimiza a inferenciação a níveis próximos da comunicação espontânea.

A hiper-ostensividade na hipertextualidade se enquadra na forma de comunicação não acidental que Sperber e Wilson (1995[1986]) definem como uma forma de “fornecer evidência direta da intenção de transmitir”¹¹⁸ a informação desejada (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 23). Afinal, a “comunicação é bem sucedida não quando os ouvintes reconhecem o significado linguístico da expressão, mas quando inferem a partir dela o ‘significado’ do falante”¹¹⁹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 23). Isso evidencia que o problema acerca da verbocentralidade pode ser superado uma vez que se compreenda que os próprios princípios da TR não parecem indicar qualquer tipo de hierarquização linguísticas; menos ainda quando a linguagem se realiza em espaços hipertextuais como as redes sociais. Com certa segurança, identificamos como a linguagem verbal muitas vezes assume uma camada secundária¹²⁰ em determinados enunciados.

Para exemplificar a questão do processamento da intenção, Sperber e Wilson (1995[1986]) usam como exemplo erros naturais de mal uso de palavras ou situações nas quais os falantes cometem lapsos comunicativos. O fato de sermos capazes de ignorar tais erros e produzir inferenciação sobre a totalidade do

¹¹⁸ Do original: “provide direct evidence of one's intention to convey”.

¹¹⁹ Do original: “communication is successful not when hearers recognise the linguistic meaning of the utterance, but when they infer the speaker's 'meaning' from it”.

¹²⁰ Secundária, nesse contexto, implica formas de posicionamento enunciativo, isto é, a posição que determinado estímulo ocupa na estrutura do enunciado. Seu posicionamento não necessariamente extingue sua capacidade de ostensividade.

enunciado é uma evidência de que nosso foco de atenção está concentrado nos modelos representacionais das proposições. Todavia, essa capacidade de processamento é baseada em premissas fornecidas pelas circunstâncias do enunciado, ou seja, o contexto enunciativo atua na centralidade do processo. Com isso, a presunção de relevância deve ser o resultado do reconhecimento das intenções comunicativas extraídas das premissas fornecidas contextualmente.

2.3.6 Ambiente cognitivo, contexto e circunstancialidade

Com certa segurança podemos afirmar que a pragmática se ocupa do estudo da linguagem em contexto de uso. O ato propositivo de qualquer enunciado depende em grande parte do seu entorno cognitivo para produzir efeitos de processamento. Essa não é necessariamente uma conclusão recente, nem exclusiva da Teoria da Relevância. Talvez a questão relativamente particular aos estudos em relevância seja o fato de que se entende que a compreensão depende em grande medida do peso que a intuição tem sobre o processo inferencial como um todo. Dessa forma, a noção de contexto também tende a ser compreendida a partir de um modelo cognitivo intuitivamente orientado, pois qualquer valor teórico aplicado ao modelo de formulação da relevância depende “do valor dos modelos psicológicos que dela fazem uso e, em particular, do valor da teoria da compreensão verbal que ela nos permite formular”¹²¹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 119, 120). Ou seja, todas as categorias que podemos elaborar serão psicologicamente orientadas, até mesmo, em certa medida, a própria noção de contexto.

Todos nós estamos relativamente presos aos mesmos ambientes físicos que nos rodeiam. É razoável que ao dizermos isso estejamos nos referindo superficialmente à nossa experiência sensorial de compartilhar espaços uns com os outros; isso não implica que tenhamos acesso aos mesmos espaços. Ao olharmos para o mar, todos aqueles que o tem em seu campo de visão estão conseguindo enxergar praticamente o mesmo mar. No entanto, a representação mental que fazemos dele é um fenômeno particular.

¹²¹ Do original: “depend on the value of the psychological models which make use of it, and, in particular, on the value of the theory of verbal comprehension that it allows us to formulate”.

Cada indivíduo constrói sua percepção sobre as coisas no mundo a partir da sua experiência e de outros fatores cognitivos particulares. Para Sperber e Wilson, na verdade usamos nossas habilidades cognitivas conceituais para representar fatos mentalmente através de dois fatores centrais: “Nem todos construímos a mesma representação, devido às diferenças nos nossos ambientes físicos mais restritos, por um lado, e nas nossas capacidades cognitivas, por outro”¹²² (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 38).

Outros aspectos também interferem nos nossos modelos representacionais. Falamos línguas distintas em lugares diferentes. Temos acesso a diferentes processos históricos e arquivamos fatos de maneiras distintas no nosso arcabouço de memória. Apesar de compartilharmos os mesmos ambientes físicos, não compartilhamos dos mesmos ambientes cognitivos (Sperber e Wilson, 1995[1986]), como chegam a afirmar os autores:

O ambiente cognitivo total de um indivíduo é uma função de seu ambiente físico e de suas habilidades cognitivas. Consiste não apenas em todos os fatos dos quais ele tem conhecimento, mas também em todos os fatos dos quais ele é capaz de tomar consciência, em seu ambiente físico¹²³ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 39).

Por exemplo, somos capazes de reconstruir mentalmente a planta da casa em que vivemos com nossa família. Muito provavelmente somos capazes de descrever vários detalhes referentes à nossa residência mesmo de olhos fechados, o que nos dá a capacidade de saber as coordenadas espaciais para cada um dos seus cômodos. Muito provavelmente, algum membro da nossa família que compartilhe do mesmo ambiente por um tempo razoável o suficiente para ter conhecimento sobre o seu turno deverá ser capaz de processar mentalmente uma planta da mesma casa. Porém, se hipoteticamente os objetos de nossa casa fossem dispostos de maneira distinta da usual e sem o nosso conhecimento prévio, provavelmente não seríamos capazes de reconstruir a planta atualizada de acordo com as novas alterações. Isso significa que nossa representação cognitiva do mundo físico que nos cerca é o resultado dos nossos estímulos sensoriais e das informações disponíveis.

¹²² Do original: “We do not all construct the same representation, because of differences in our narrower physical environments on the one hand, and in our cognitive abilities on the other”.

¹²³ Do original: “An individual's total cognitive environment is a function of his physical environment and his cognitive abilities. It consists of not only all the facts that he is aware of, but also all the facts that he is capable of becoming aware of, in his physical environment”.

Não sabemos o que não podemos saber, e sabemos a representação daquilo que nos está manifesto. Por isso, Sperber e Wilson (1995[1986]) definem a manifestação de fatos para a cognição da seguinte maneira: (a) “Um fato é *manifesto* a um indivíduo em um determinado momento se e somente se ele for capaz, naquele momento, de representá-lo mentalmente e aceitar sua representação como verdadeira ou provavelmente verdadeira”¹²⁴ e (b) “Um ambiente cognitivo de um indivíduo é um conjunto de fatos que lhe são manifestos”¹²⁵ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 39, *grifo dos autores*).

A opção pode apontar a manifestação de um fato ao invés de investir na categoria factual da sua existência se deve por uma questão muito simples, porém fundamental às bases psicológicas da Teoria da Relevância: “Tudo o que pode ser visto é visível, mas algumas coisas são muito mais visíveis que outras”¹²⁶ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 39). Ou seja, determinados estímulos serão mais manifestos do que outros a depender da percepção do indivíduo e de sua capacidade de reconstruir mentalmente a representação daquele estímulo.

Além disso, um fato ser manifesto não significa que seja parte do conhecimento do indivíduo, ou parte da sua atividade mental de entretenimento, o que pode explicar porque certos estímulos não são reconhecidos por certos indivíduos em certas ocasiões (Sperber e Wilson, 1995[1986]). Um conhecimento pode ser potencialmente deduzido, mas não ser parte do processamento do indivíduo, de forma que a sua existência não está manifesta no seu ambiente cognitivo apesar de não ser potencialmente parte do seu conhecimento particular. Por exemplo, eu posso não ter sido informado de que minha casa havia sido pintada de amarelo por um membro da minha família enquanto eu estava fora. Mas o fato de saber que havia tinta disponível é um conhecimento que tem potencial de se tornar parte do meu conjunto de suposições. Porém, esse pensamento poderia também não ser parte do processo de entretenimento dos meus pensamentos, de forma que a dedução desse fato não seja representada mentalmente por mim.

¹²⁴ Do original: “A fact is *manifest* to an individual at a given time if and only if he is capable at that time of representing it mentally and accepting its representation as true or probably true”.

¹²⁵ Do original: “A cognitive environment of an individual is a set of facts that are manifest to him”.

¹²⁶ Do original: “Anything that can be seen at all is visible, but some things are much more visible than others”.

Essa relação físico-perceptual é constitutiva da fundamentação do que compreendemos como hipertextualidade, pois sem a experiência perceptual mental, tomada como efeito da relação física do indivíduo com o ambiente, não seria possível entendermos como os múltiplos tipos de estímulos provocados pelos dispositivos digitais interferem no processamento de informações e de construção do arcabouço de conhecimentos, que será eventualmente também parte do ambiente cognitivo de um indivíduo.

Nesse sentido, o aparato perceptivo do indivíduo, ou seu ambiente cognitivo (Sperber e Wilson, 1995[1986]), parece provocar o direcionamento interpretativo no processamento das informações, de forma que este deve funcionar como ponto de entrada informacional em situações comunicacionais multissemióticas. Esse direcionamento, segundo a teoria, está relacionado à capacidade de os interlocutores fazerem, ou perceberem, certos elementos enunciativos como mais ou menos manifestos, de forma a levantar hipóteses com base em dados supostos a partir de segmentos de enunciados evidentes na interação.

Em termos interacionais, nosso ambiente cognitivo nos permite compartilhar informações com outros através de premissas que não necessitam ser ostensivamente mencionadas ou apontadas. Simplesmente tomamos como verdade determinados fatos e construímos suposições de que sua manifestação seja perceptível ao outro. Quanto ao exemplo da casa descrito anteriormente, se duas pessoas estivessem dentro dela enquanto se estabelecem algum tipo de diálogo qualquer, não seria necessário que uma confirmasse com a outra se ambas estão cientes de que estão dentro de uma casa que possui janelas e quartos. Ou seja, compartilhamos nossos ambientes cognitivos uns com os outros e produzimos suposições sobre a manifestação de determinados estímulos. Essa capacidade, descrita por alguns autores como nossa habilidade de produzir pressupostos sobre os pensamentos de outrem (Sperber e Wilson, 2002; van Dijk, 2006), explica em parte o fato de produzirmos enunciados a partir de conhecimentos não ditos, porém presumidos.

É por isso que qualquer fenômeno comunicacional pode ser tomado como um elemento manifestamente ostensivo, isto é, intencionalmente sinalizado como digno de atenção do interlocutor. Sua presunção de manifestação se deve ao fato de que os interlocutores em grande parte do tempo supõem que a sua percepção seja parte

do ambiente cognitivo da audiência, de forma que mereça ser processado enquanto dispositivo “particularmente saliente”¹²⁷ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 40).

Não é sem razão que encontramos na Teoria da Relevância o dispositivo analítico propício para o exercício da análise textual/enunciativa no contexto da hipertextualidade das redes, pois uma vez que muitas das postagens não são resultados de comunicação espontânea, os interlocutores precisam contar com a capacidade dos usuários de reconhecerem determinados fatos e processarem certos estímulos. Quando indivíduos compartilham ambientes cognitivos, isto é, quando mutuamente são capazes de representar os mesmos fatos circunstanciais cognitivamente, estes se engajam “em um ambiente cognitivo mútuo”¹²⁸, onde “toda suposição manifesta”¹²⁹ se torna “*mutuamente manifesta*”¹³⁰ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 42, *grifo dos autores*).

Os autores admitem em parte que a noção de suposições mutuamente manifestas quando comparada com a noção de conhecimento mútuo poderia ser considerada categoricamente mais franca¹³¹ em termos operacionais, afinal é difícil determinar com precisão quando um fato é concretamente supostamente reconhecido por ambos o comunicador e a audiência, pois para isso seria necessário as seguintes condições:

- (10) Comunicador *C* presume que o fato *x* está manifesto à audiência *A*.
- (11) Audiência *A* presume que o fato *F* está manifesto ao comunicador *C*.
- (12) *C* e *A* presumem que *C* e *A* presumem que *F* está manifesto.
- (13) *C* e *A* presumem que *C* e *A* presumem que *C* e *A* *presumem* que *F* está manifesto.
- (14) *C* e *A* presumem *n*.

Ou seja, a presunção de manifestação mútua é uma noção pouco tangível quando olhada por esse ângulo, de forma que a maioria das teorias comunicativas

¹²⁷ Do original: “particularly salient”.

¹²⁸ Do original: “in a mutual cognitive environment”.

¹²⁹ Do original: “every manifest assumption”.

¹³⁰ Do original: “*mutually manifest*”.

¹³¹ A expressão *fraca* nesse contexto da pesquisa dos autores faz referência a uma proposta argumentativa que eles lançam mão para discutir os fundamentos que uma teoria baseada no código linguístico teria. Nesse sentido, a noção de conhecimento mútuo seria mais operacional (portanto, mais forte em relação à categoria de manifestação mútua) dentro do âmbito de uma teoria que pressupõe, por exemplo, que os problemas de assimetria de comunicação são devidos a fatores como ruídos comunicacionais ou por algum mecanismo mal-implementado.

optam por conceitos mais salientes em termos psicológicos. Argumenta-se, por exemplo, que a comunicação depende em grande medida de um sistema de coordenação, onde o conhecimento contextual compartilhado garantiria a assimetria comunicativa (Sperber e Wilson, 1995[1986]). Em certo sentido, isso deve ser verdade apenas se considerarmos que a comunicação é essencialmente simétrica.

O que o Princípio Cognitivo da Relevância tenta explicar é que apesar de não podermos determinar o nível de conhecimento mútuo que interlocutores compartilham, a experiência de comunicação é eficaz porque eles dependem quase que exclusivamente de dispositivos intuitivos de construção de suposições. Ao assumirmos determinadas premissas sobre o ambiente cognitivo do outro somos capazes de interferir nesse mesmo ambiente expandindo-o (Sperber e Wilson, 1995[1986]). De fato, para que pudéssemos nos assegurar da simetria entre o nível de conhecimento de um indivíduo em comparação com outro, teríamos que precisar a quantidade de informações e suas possíveis representações arquivadas em cada um. Assim, “o conhecimento mútuo deve ser certo, caso contrário não existe; e como nunca se pode ter certeza, nunca poderá existir”¹³² (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 19, 20).

Para Sperber e Wilson (1995[1986]) a comunicação é um fenômeno imprevisível sobre o qual temos a ilusão de controle. Fazemos uso de dispositivos de presunção de relevância para orientar nossos enunciados, de forma a permitir que possamos cooperar uns com outros em evitar premissas desnecessárias. Não porque prezamos pela Máxima da Quantidade, mas porque nossa cognição visa a otimização do esforço. Assim, em certo sentido: “Cabe ao comunicador fazer suposições corretas sobre os códigos e informações contextuais que o público terá acesso e provavelmente usará no processo de compreensão”¹³³ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 45).

Quando interlocutores se engajam em um processo comunicativo, ambos partem de alguns pressupostos básicos a respeito do ambiente cognitivo no qual se encontram. Notamos esse aspecto facilmente em pequenas conversas diárias:

¹³² Do original: “Mutual knowledge must be certain, or else it does not exist; and since it can never be certain it can never exist”.

¹³³ Do original: “It is left to the communicator to make correct assumptions about the codes and contextual information that the audience will have accessible and be likely to use in the comprehension process”.

(15) A: “Está quente hoje, né?”

(16) B: “Demais!”

Em (15) e (16) temos um modelo típico de um início de conversa corriqueira. A pergunta em (15) além de servir como ponto de partida, também funciona como um mecanismo de confirmação de compartilhamento do ambiente cognitivo de ambos, isto é, *A* busca saber se *B* sente perceptivamente os efeitos do seu ambiente físico mais ou menos do mesmo jeito que *A*. Nesse sentido, *A* pressupõe que ambos devem estar fazendo as mesmas representações acerca do clima e tenta confirmar suas premissas com uma pergunta de checagem.

A confirmação de *B* indica para *A* que suas premissas sobre o ambiente cognitivo de *B* eram válidas, ou que era mutuamente manifesto a ambos que o clima estava quente, o que estabelece as bases para partirem para tópicos conversacionais acessíveis a ambos. Porém, isso não significa que somente comunicamos coisas que são manifestamente mútuas ou pertinentes ao arcabouço de conhecimento compartilhado. Na verdade, o “ambiente cognitivo de um indivíduo é um conjunto de suposições disponíveis para ele”¹³⁴ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 46) no momento da interação comunicativa, de onde se parte para premissas mais complexas com base em implicaturas extraídas de contextos circunstanciais.

Nesse sentido, a abordagem em relevância compreende que os interlocutores se certificam de que as informações utilizadas e os estímulos disponíveis sejam acessíveis no momento da comunicação. De fato, é importante, por exemplo, para o comunicador que sua audiência possa “recuperar a interpretação correta”¹³⁵, isto é, “aquela pretendida pelo falante”¹³⁶. Notemos, porém, que não estamos simplesmente apostando na hipótese de que todas as informações sejam automaticamente acessíveis, mas que seu processamento interpretativo seja ao menos recuperado para que se estabeleça a comunicação. Essa atividade garante que “cada item de informação contextual usado na interpretação do enunciado deve ser não apenas conhecido pelo falante e pelo ouvinte, mas também mutuamente conhecido”¹³⁷ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 18).

¹³⁴ Do original: “individual's cognitive environment is a set of assumptions available to him”.

¹³⁵ Do original: “of recovering the correct interpretation”.

¹³⁶ Do original: “the one intended by the speaker”.

¹³⁷ Do original: “every item of contextual information used in interpreting the utterance must be not only known by the speaker and hearer, but mutually known”.

Como já deve ter ficado mais ou menos esclarecido até aqui, a definição de inferenciação dentro da Teoria da Relevância não se resume a um conjunto de códigos, ou sinais decodificados. Sperber e Wilson (1995[1986]) resumem que “um *processo de decodificação* começa a partir de um sinal e resulta no código. Em geral, as conclusões não estão associadas às suas premissas por um código, e os sinais não garantem as mensagens que transmitem”¹³⁸ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 13, *grifo dos autores*). Por outro lado, “um *processo inferencial* começa a partir de um conjunto de premissas e resulta em um conjunto de conclusões que”¹³⁹, ou “decorrem logicamente das premissas”¹⁴⁰ ou podem ser “garantidas por elas”¹⁴¹ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 12, 13, *grifo dos autores*).

Poderíamos resumir o processamento de informação como parte de um dos três tipos de entrada: (1) Entrada lógica: informações representadas nas formas lógicas a partir de *inputs* computáveis; (2) Entrada enciclopédica: conceitos ou elementos referenciais “de caráter representacional” (Silveira e Feltes, 2002 p. 33) e variável ao longo do tempo e específico para cada indivíduo; e (3) Entrada lexical: são informações de aspectos representacionais e referentes ao conjunto lexical das línguas naturais (Silveira e Feltes, 2002).

Essa distinção em três tipos de entradas de informações ajuda a compreender que o conhecimento de base deve triar os tipos de informações para computar o processamento representacional. Se esta hipótese estiver correta, a noção de ambiente cognitivo é apropriada para explicar que mesmo sob condições similares, mas através de processamentos assimétricos, cada indivíduo participante de uma determinada interação comunicativa é capaz de achar pontos de encontro circunstanciais entre seu ambiente cognitivo e o do outro. Dessa forma é plausível concluir que o comunicador altera o ambiente cognitivo do outro ao oferecer informações novas de entrada. E por seu turno, a audiência tem a capacidade de computar informações novas através do processo de aplicação de regras dedutivas e cômputo de suposições no instante da representação destas informações.

¹³⁸ Do original: “A *decoding process* starts from a signal and results in the code. In general, conclusions are not associated to their premises by a code, and signals do not warrant the messages they convey”.

¹³⁹ Do original: “An *inferential process* starts from a set of premises and results in a set of conclusions which”.

¹⁴⁰ Do original: “follow logically from”.

¹⁴¹ Do original: “warranted by the premises”.

A própria noção de contexto, através de uma abordagem cognitiva como a TR, tende a ter ser relativamente distinta de outras abordagens devido ao seu próprio funcionamento epistemológico no que diz respeito à modularidade da qual este é constituído. O contexto deve ser compreendido como um dos *inputs* processados pelo ambiente cognitivo dos indivíduos. Para Sperber e Wilson (1995[1986]) “o contexto no qual ela é processada é, pelo menos em parte, determinado pelas suas entradas enciclopédicas”¹⁴² (p. 89). Em termos mais objetivos, o contexto também é de carácter representacional e deve ser computado a partir do conjunto de conhecimentos de mundos.

Entendemos, neste respeito, que o contexto pode ser considerado um dispositivo de interface entre o ambiente físico e o ambiente cognitivo. Ao passo que o indivíduo processa as formas lógicas de entrada, também processa sua própria experiência perceptiva. Disso deve resultar um modelo mental modular que se estabelece entre as circunstâncias atuais, seu arcabouço de conhecimento e as representações online (em tempo real) da sua percepção. Ou seja, o contexto não é determinado *a priori*; é, em realidade, processado *a fortiori* e tende à estabilidade. Estabilidade, nesse sentido, tem a ver com o cômputo lógico das implicaturas e as suposições resultantes delas, de forma que estamos o tempo todo mobilizando representações de forma a tirar conclusões lógicas das implicações dadas contextualmente.

Se considerarmos o contexto como um dispositivo de interface modular, estamos assumindo que este deve sofrer alterações constantes a cada entrada de *inputs* novos. Estamos considerando o contexto como o resultado de formas representacionais, mediadas pelos efeitos de entradas lógicas, enciclopédicas e/ou lexicais. Nesse sentido, nos afastamos um pouco da definição de Sperber e Wilson (1995[1986]), os quais pensam o contexto como um ambiente dado, implacável e passível de extração de premissas lógicas. Não obstante, nos apoiamos em parte na sua definição de efeitos contextuais, pois o que efetivamente nos interessa é compreender sob quais condições o ambiente cognitivo de um indivíduo deve ser alterado.

¹⁴² Do original: “the context in which it is processed is, at least in part, determined by their encyclopaedic entries”.

Portanto, para os autores, os efeitos contextuais “resultam de uma interação crucial entre informações novas e antigas como premissas em uma implicação sintética”¹⁴³ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 109). O termo utilizado para implicação sintética se refere às implicações que exploram a informação em sua totalidade. Não são implicações espontâneas nem dadas a partir do conteúdo informacional direto. São sintéticas porque requerem modos de operações de suposições inferidas pela computação de informações por regras de dedução (Sperber e Wilson, 1995[1986]).

A questão central, porém, é que para compreendermos os efeitos contextuais é preciso que pensemos no processo de computação de informações. Como já dito anteriormente, os indivíduos estabelecem *frames* (enquadres) mentais que servem como primeiro filtro de entrada de informações. Estes *frames* são sistemas de acumulação de representações mentais articuladas e integradas entre si de acordo com as experiências pessoais do indivíduo. Ao passo que o sistema de *frames* contribui para filtragem de representações de informação, o ambiente cognitivo projeta a experiência do indivíduo à medida que o oferece *inputs* manifestamente mútuos. A presunção de relevância entra em ação para selecionar do ambiente os *inputs* que serão mais ou menos fortes o suficiente para merecer esforço de processamento durante o processamento de informações.

Esse aspecto é fundamental para explicarmos como desenvolvemos modelos de compreensão que guiam nossa inferência. Bazerman (2011) diria que nossa cognição depende em parte do acúmulo de experiências comunicativas que constituem a base para a organização dos nossos enunciados. Nas palavras do autor, se “percebemos que um certo tipo de enunciado ou texto funciona bem em uma situação e pode ser compreendido de uma certa maneira” temos presente que certos aspectos devem ser reproduzidos em contextos homólogos. Assim, “quando nos encontrarmos numa situação similar, a tendência é falar ou escrever alguma coisa também similar” (Bazerman, 2011 p. 30).

Esse processo de tipificação dos atos de fala é o que explicaria a formação de padrões de textos e, portanto, de gêneros. Os gêneros seriam formas tipificadas de enunciados que antecipam a inferência, pois por experiência temos formulações pré-estabelecidas que nos ajudam a processar novas informações. No campo da

¹⁴³ Do original: “result from a crucial interaction between new and old information as premises in a synthetic implication”.

cognição social, Bazerman (2011) parece observar movimentos subjacentes à cognição geral. E é esse aspecto que deve explicar como, nos termos da cognição semi-modular discutida aqui, funciona nossa percepção, uso e construção da hipertextualidade.

A expectativa de relevância, como preferimos tratar aqui, pode ser observada em todo o processo de formulação de hipóteses à conceptualização de *inputs*. Todavia, nos interessa também perceber como os usos das plataformas de redes sociais expressam certa similaridade entre si, o que parece otimizar nosso aparato cognitivo. Assim, elementos como homogeneização de interface e reprodução dos certos modos propositivos de enunciado (como alguns conteúdos de vídeos curtos tendem a fazer uso de certos tipos de módulos semióticos e formas de mesclagem que se repetem, por exemplo) demonstram na superfície da hipertextualidade os processo cognitivos de base.

No entanto, este processo não seria modular se não fosse o fato que subjacente a este se encontrasse algum tipo de sistema de atualização. A esse sistema chamamos corretamente de efeitos contextuais (Sperber e Wilson, 1995[1986]). De acordo com Sperber e Wilson (1995[1986]), os efeitos contextuais são constituídos de três tipos: (1) “a adição de implicações contextuais”¹⁴⁴, (2) “o fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas”¹⁴⁵ e (3) eles “também podem resultar da eliminação de falsas suposições”¹⁴⁶ (p. 114).

Por *adição de implicações contextuais*, como o próprio termo explica, se refere às alterações produzidas no contexto comunicativo à medida que novas implicações são extraídas ou computadas a partir da injeção de informações novas. Se voltarmos ao exemplo da Figura 1 (*Reels* do perfil @saquinhdelixo¹⁴⁷), notamos que a legenda sobreposta à imagem traz o seguinte enunciado em (17):

(17) “justiça eleitoral se estiver vendo esse post é apenas brincadeira palhaçada.. meme!!!!!!!!!!!!!! (sic.)”.

Para efeitos de informatividade a legenda parece trazer poucos elementos essencialmente novos, principalmente para qualquer usuário médio das redes com

¹⁴⁴ Do original: “the addition of contextual implications”.

¹⁴⁵ Do original: “the strengthening of previously held assumptions”.

¹⁴⁶ Do original: “can also result from the elimination of false assumptions”.

¹⁴⁷ Ver seção 2.2.1.

certa experiência acumulada, pois este provavelmente sabe distinguir um *Reel* em formato de meme de outro gênero qualquer. Afinal, “a adição de novas informações que apenas duplicam informações antigas não conta como uma melhoria”¹⁴⁸ (Sperber e Wilson, 1995[1986], p. 109). Todavia, devido às circunstâncias da publicação em funcionar como uma proposição cômica, a legenda em (17) produz efeitos de reforço cômico. Sua construção enunciativa simula um diálogo com a personificação da Justiça Eleitoral, resultando na possível derivação de:

- (18) A Justiça Eleitoral está monitorando as denúncias na internet.
- (19) A Justiça Eleitoral poderia levar a sério esta postagem.
- (20) A postagem está tão bem construída que faria a Justiça Eleitoral proceder à investigação.

Com as implicações (18-20) temos que todas devem funcionar como suposições contextualmente implicadas para reforço de efeitos cômicos. Ou seja, a postagem pretende valorizar sua própria capacidade de produzir humor e implica hipoteticamente suposições de efeitos reais caso alguém a levasse a sério. A adição de informações não exclusivamente novas gera efeitos contextuais de chiste.

Quanto ao *fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas*, temos que levar em conta que logicamente qualquer informação que produza efeitos de reforço, deve ter algum grau de “valor de confirmação de uma conclusão: não pode ser inferior ao valor de confirmação da conjunção das premissas”¹⁴⁹ (Sperber e Wilson, 1995[1986], p. 110). Ou seja, o conjunto derivado das premissas pode se constituir de forças de confirmações variáveis, mas não pode ser inferior ao valor de uma conclusão lógica já estabelecida. De outro modo, não teríamos um fortalecimento, mas uma contradição.

Podemos notar que entre (18-20), cada premissa derivada de (17) tem um valor de confirmação que varia do mais forte ao mais fraco. Das premissas logicamente derivadas, extraímos que a informação adicional em (17) não possui valor inferior à proposição da publicação, de forma que sua conclusão sofre efeitos de confirmação (a saber, que se trata de uma piada).

¹⁴⁸ Do original: “the addition of new information which merely duplicates old information does not count as an improvement”.

¹⁴⁹ Do original: “the confirmation value of a conclusion: it cannot be less than the confirmation value of the conjunction of the premises”.

Por outro lado, o efeito de contradição também é parte do conjunto de efeitos contextuais possíveis quanto à entrada de informações. O terceiro tipo de efeito é a eliminação *de falsas suposições* e representa o “efeito contextual [...] provocado quando há uma contradição entre informações novas e antigas”¹⁵⁰ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 114). Sperber e Wilson (1995[1986] p. 114) esclarecem que quando “duas suposições são contraditórias entre si, se for possível comparar seus pontos fortes, e se uma for considerada mais forte que a outra, então o dispositivo apaga automaticamente a suposição mais fraca”¹⁵¹.

Por exemplo, a implicação em (21) é derivada logicamente devido à entrada lexical do enunciado em (17):

(21) Se não fosse essa nota de alerta, a Justiça Eleitoral poderia de fato dar início a algum tipo de investigação contra o perfil no Instagram.

Todavia, seu valor de confirmação é mais fraco do que (18-20) diante das circunstâncias aplicadas ao meme em questão. Em termos de comparação, a implicação em (21) extraída do vídeo da cantora Anitta dançando de forma descontraída ao som de uma música animada, gera efeitos contraditórios com relação à implicação de que ela estaria vulnerável a ter problemas com a Justiça Eleitoral. Assim, temos as suposições derivadas em (17a-17c):

(17a): Anitta de fato arrancou e engoliu a tecla 2 da urna eletrônica.

(17b): Anitta está feliz em ter violado a urna eletrônica e posta publicamente nas redes sociais.

(17c): A Justiça Eleitoral poderia de fato dar início a algum tipo de investigação contra a cantora.

Pelo confronto das suposições (17a) e (17b), isto é, Anitta teria cometido um crime eleitoral e ainda assim postado nas redes sociais sua satisfação de forma pública, eliminamos o valor de confirmação em (17a). Disso, extraímos que a incompatibilidade entre a proposição em (17) e a atitude exibida no vídeo deriva

¹⁵⁰ Do original: “contextual effect [...] brought about when there is a contradiction between new and old information”.

¹⁵¹ Do original: “two assumptions are found to contradict each other, if it is possible to compare their strengths, and if one is found to be stronger than the other, then the device automatically erases the weaker assumption”.

(18-20), mas não (21). O que nos resta é descartar (21) e, por consequência, as suposições (17a-17c).

Por outro lado, os efeitos contextuais de reforço de confirmação, fortalecem a suposição em (17c), mas não pelo seu valor de vericondicionalidade. Na verdade, seu valor de confirmação, através dos efeitos contextuais produzidos em termos cômicos, funciona como valor de confirmação para (17a), o que tende a produzir os efeitos de chiste típicos de meme. Denotamos que o processamento em ambientes hipertextuais demanda um conjunto complexo de efeitos contextuais, pois gêneros como o meme, demandam do usuário a capacidade de acesso ao seu arcabouço de conhecimento e o cômputo de suposições contextualmente determinadas.

O vídeo publicado pelo perfil @saquinhodelixo, a título de exemplo, mescla diferentes eventos comunicativos em contextos distintos, como o vídeo da cantora Anitta e a música de fundo da cantora Beyoncé para produzir proposições inusitadas, ainda que não apague por completo suas circunstâncias enunciativas originais. O resultado é a expansão do ambiente cognitivo da audiência que através de efeitos contextuais específicos processa informações novas e antigas para conclusões inferenciais particulares à proposição em questão.

Assumimos, portanto, que os efeitos contextuais devem provocar alterações no ambiente cognitivo, servindo como mais um dos dispositivos de processamento de *inputs* dentro do conjunto de sistemas de representações. Nas redes sociais, os dispositivos de mixagem produzem efeitos contextuais novos que alteram o ambiente cognitivo do indivíduo. Ainda que sejamos capazes de resgatar a representação do contexto de cada módulo mesclado, o resultado não necessariamente produz um contexto novo, mas produz efeitos contextuais novos, que alteram nosso ambiente cognitivo, ou nossa percepção sobre o mundo. São os efeitos contextuais que determinam as presunções de relevância, de forma a direcionar o cômputo das implicações em uma direção ótima. Como diriam Sperber e Wilson (1995[1986]):

quanto mais fracos os efeitos contextuais de uma suposição, menos dispostos estaremos a chamá-la de relevante, embora se possa argumentar que, se uma suposição tiver algum efeito contextual, então tecnicamente é relevante¹⁵² (p. 122).

¹⁵² Do original: “the weaker the contextual effects of an assumption, the less willing we are to call it relevant, even though it can be argued that, if an assumption has any contextual effect at all, then technically it is relevant”.

Qualquer suposição será relevante tanto quanto seu efeito contextual, seja por adição, seja por contradição, se se mostrar forte o suficiente para merecer esforço de processamento. A Teoria da Relevância admite que esse processo deva se dar em qualquer módulo comunicativo, afinal, para efeitos de processamento, qualquer informação sempre será conceitualmente representada, a despeito do tipo de *input* da qual esta seja constituída. Para a cognição humana, o processamento de informações provoca alterações no ambiente perceptual do indivíduo através dos mesmos mecanismos de ostensividade. A leitura de um livro técnico, ou o uso de vídeos curtos nas redes sociais parecem sofrer os mesmo tipos de processamento.

À diferença em relação ao grau de esforço de processamento, a compreensão ostensivo-inferencial parece se estabelecer sobre as mesmas bases cognitivas. Isso implica que nosso objetivo não é extrair juízos de valor sobre gêneros comunicativos, mas entender como a hipertextualidade, especificamente, otimiza o processamento de informações sob condições potencialmente mais ostensivas e a partir do menor nível de dispêndio de energia possível.

Essa discussão acerca da gradação em níveis de ostensividade merece uma atenção especial no que se refere à concepção da Teoria da Relevância. De acordo com Sperber e Wilson (1995[1986]), maiores níveis de esforço de processamento significam que *inputs* ostensivos não estão mutuamente manifestos o suficiente para serem processados de forma otimizada. Apesar de termos discutido que certos fatores devem ser considerados como particulares ao ambiente cognitivo do interlocutor, o insucesso no que se refere à ostensividade se deve, muitas vezes, ao fato de certos segmentos enunciativos se encontrarem em disputa com outros segmentos enunciativos mais ostensivos.

Essa relação de disputa em termos de ostensividade parece caracterizar, em certo sentido, todas as formas de comunicação, onde diversos *inputs* devem ter níveis de ostensividade que variam para mais ou menos. Por exemplo, uma conversa face-a-face também depende de gestos, entonação e expressões faciais que exprimem ostensividade para focos de atenção específicos. Porém, compreendemos que devido ao caráter de antecipação que certos gêneros orais detêm, segmentos enunciativos como os módulos gestuais e faciais se ajustam em níveis de saliência de relevância antecipados. Ou seja, cada módulo teria uma

saliência de ostensividade mais forte ou mais fraca, dependendo da proposição do interlocutor e do contexto de uso.

O que observamos, todavia, é que na hipertextualidade, especialmente nas redes sociais, a multiplicidade de módulos permite formas de caracterização de saliências a partir do conjuntos de variados módulos simultaneamente ou concomitantemente. Enquanto que na interação face-a-face, os segmentos enunciativos são produzidos linearmente e em sequências de segmentos não repetíveis, na hipertextualidade a capacidade de edição audiovisual e os estímulos de avanços e retrocessos de segmentos enunciativos (muitas vezes em segmentos de vídeos em *loopings*) permitem que o processo de saliência seja potencializado.

Essa articulação entre *inputs* sobrepostos que aumentam os níveis de saliência de certos segmentos e sua capacidade de articulação propositivamente direcionada parece ser um dos fatores mais significativos que constituem o processo de direcionamento ótimo da relevância na hipertextualidade. A ostensividade, portanto, é o resultado de articulação de *inputs* em níveis de saliência sobrepostos e articulados digital e semioticamente em módulos variados. Ao menos nas plataformas de redes sociais, o Módulo Digital da comunicação, como caracterizamos as práticas comunicativas na hipertextualidade, exige dos interlocutores processos inferenciais hiper-ostensivos que são computados através de estímulos constituídos através da manipulação dos ambientes cognitivos dos interlocutores. Esses ambientes são o resultado da conceptualização dos efeitos contextuais particulares que a proposição enunciativa em análise deve provocar, a qual é acessada cognitivamente através de otimização dos esforços de processamento dos segmentos articulados em níveis altos de saliência.

3 METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos os fundamentos metodológicos da pesquisa, bem como uma descrição quanto ao tipo de pesquisa desenvolvida para compreendermos o *corpus* selecionado. Nossa tipologia de raciocínio investigativo é apresentada com base nas bases epistemológicas da pragmática cognitiva que sustenta a base teórica da pesquisa. Além disso, o capítulo objetiva descrever em detalhes os objetos selecionados para análise, apresentando um quadro geral das suas características enunciativas e hipertextuais, ao passo que justificamos sua seleção. Também procuramos delimitar as categorias de análise constitutivas de forma a esclarecermos quais são os elementos norteadores para a hermenêutica da pesquisa em questão.

Esclarecemos ainda que as categorias construídas para a análise dos dados são derivadas da fundamentação teórica baseada tanto nas condições da hipertextualidade quanto na Teoria da Relevância. Isso significa que ao passo que construímos categorias analíticas não previstas nas duas teorias, objetivamos desenvolver critérios operacionais que nos permitissem explicar o fenômeno linguístico que temos em mão.

3.1 DO MÉTODO E DOS TIPOS DE PESQUISA

Achamos prudente, antes de prosseguirmos com as considerações práticas da pesquisa, esclarecer, mesmo sofrendo o risco da obviedade, que as razões pelas quais optamos pelo método empregado nesta pesquisa, uma vez que a mesma lida com um conjunto de dados enunciativos para acesso à cognição. Nesse sentido, qualquer pesquisa em Teoria da Relevância é, em essência, uma confluência de ao menos dois campos distintos da pesquisa científica: a Pragmática e a Psicologia-cognitivista.

Para Levinson (2020 p. 6), a Pragmática se refere ao “estudo do uso linguístico”. O autor admite que essa não é exatamente uma definição muito precisa, mas insiste que, em certo sentido, é a mais apropriada para em termos simples explicar a proposta teórica do campo. Porém é importante que possamos ser mais específicos neste respeito, pois há que se esclarecer, por exemplo, dentro dos

estudos linguísticos, qual seria a fronteira mais ou menos estável da pragmática. Levinson (2020) continua:

[...] o termo *pragmática* abrange tanto aspectos da estrutura linguística dependentes do contexto como princípios do uso e da compreensão linguística que não têm nenhuma ou têm muito pouca relação com estrutura linguística. [...] Não se deve, porém, considerar isto como uma indicação de que a pragmática é uma mixórdia, [...] os pragmaticistas estão especificamente interessados na inter-relação da estrutura linguística e dos princípios de uso linguístico (p. 10).

Com certa razão, Levinson (2020) é preciso em dizer que os estudos em Pragmática estão interessados na confluência entre o código e o sentido. Isto não significa que queremos reduzir a pragmática a parte do bojo de estudos da semântica em contexto. Não obstante o fato de estarmos demasiado interessados no sentido, compreendemos que seja possível a existência de uma área de atuação intermediária entre a estrutura da língua, isto é, seu sentido mais ou menos convencionalizado e o uso em práticas comunicativas.

Ao definir a pragmática como um campo do uso da semântica, alguns teóricos estão se valendo de uma definição que defende a pragmática como “tópico dos aspectos do significado das enunciações que não podem ser explicados por referência direta às condições de verdade das sentenças enunciadas” (Levinson, 2020 p. 9). Todavia, o pressuposto subjacente a essa definição é que o significado semântico estaria restrito à interpretação objetiva da percepção semiótica do mundo, como se de alguma forma a língua compactasse em sua base um significado verificável e legítimo.

Assim, preferimos nos apegar ao propósito geral dos estudos em pragmática que fazem uma clara distinção entre sentença e enunciação. Como diria Levinson (2020):

Essencialmente queremos dizer que sentença é uma unidade teórica abstrata, definida numa teoria da gramática, enquanto a enunciação é a emissão de uma sentença, um análogo de sentença ou fragmento de sentença num contexto efetivo (p. 22).

Apesar de tangenciarmos o risco de simplicidade, acreditamos que essa definição de objeto conceitual da Pragmática expõe em linhas gerais o projeto teórico do campo de estudos assumido na nossa pesquisa. De fato, é a enunciação nosso ponto de preocupação epistemológica, sendo esta também um elemento abstrato e não fragmentável, perceptível apenas através das ferramentas teóricas

que dispomos, tais como a noção de contexto, implicaturas, referencialidade, proposição, sentido/significado, etc.

Quanto aos estudos em psicologia cognitiva, a Teoria da Relevância abre o caminho na década de 90 para os estudos em Pragmática Cognitiva a partir da sua abordagem do processamento comunicacional. Para a Teoria da Relevância a compreensão é inferencial e “não-demonstrativa”, ou seja, trata-se de um processo “que é espontaneamente realizado pelos seres humanos como uma forma de conjectura, cognitivamente restringida, a ser julgada como” (Silveira e Feltes, 2002 p. 14) mais ou menos eficiente.

A psicologia cognitiva que influenciou o Sperber e Wilson (1995[1986]) advoga que a mente humana tem suas funções organizacionais estabelecidas em sistemas modulares que acionam dispositivos de entrada (*inputs*) para processamento do cômputo informacional e o reverte em *outputs* (ou produtos de saída) representacionais. Para Chomsky (2009), por exemplo, a linguagem natural nos forneceria um mapa interpretativo para entender o funcionamento da mente. De acordo com essa perspectiva, a despeito de os dados linguísticos disponíveis serem limitados, os seres humanos são dotados de aparatos mentais de recursividade. A criatividade linguística torna os seres humanos aptos a interpretar dados novos com base em seus sistemas de processamento.

Fodor (1985) não descarta essa hipótese chomskiana de pobreza de estímulo. O autor concorda que o sistema cognitivo funciona com grandes quantidades de informações perceptuais para o sistema de saída a partir de pouco estímulo de entrada. Porém, Fodor argumenta que a arquitetura geral da mente é constituída de módulos específicos para cada função cognitiva. Um módulo:

é (entre outras coisas) um sistema computacional encapsulado informacionalmente — um mecanismo de fazer inferências cujo acesso à informação de base é restringido por características gerais da arquitetura cognitiva, portanto, restringido de forma relativamente rígida e relativamente permanente¹⁵³ (Fodor, 1985 p. 3).

Neste respeito, o que Fodor (1985) está tentando defender é articular a teoria cognitiva interacionista de base vygotskiana com a teoria modular neocartesianista, de onde resulta uma síntese na hipótese de que os sistemas de representação

¹⁵³ Do original: “A module is (inter alia) an informationally encapsulated computational system — an inference-making mechanism whose access to background information is constrained by general features of cognitive architecture, hence relatively rigidly and relatively permanently constrained”.

mental articulam o conjunto de informações acumuladas e processadas para proceder ao cômputo de novas informações em sistemas que otimizam a eficiência do mesmo sistema.

Essa discussão serve para determinar a base epistemológica da orientação metodológica em pragmática cognitiva a qual tem como proposta dar as ferramentas necessárias para se responder às questões concernentes à compreensão humana. Ao mesmo tempo em que articulamos uma abordagem de base lógica, também compreendemos que pelo fato de a mente estar arquitetada em esquemas proximais de dispositivos de entrada e saída de representações perceptuais, faz-se imprescindível que a análise leve em consideração as suposições derivadas de implicaturas possíveis com base em uma percepção mais ou menos geral do que a intuição do investigador é capaz de perceber.

Em termos mais concretos, é necessário que a abordagem em Teoria da Relevância faça uso de abordagens hipotético-dedutivas. E em essência, nossa pesquisa prevê que a hipertextualidade, uma vez que esta é tomada como mais um dos sistemas de comunicação semiótica humana, tenha como sistema subjacente a presunção de relevância para a produção enunciativa propositalmente orientada. Disso derivamos que todos os segmentos de enunciação analisados são tomados como propositivos e intencionais.

Nossa investigação tem no problema de pesquisa seu ponto de partida, a saber como se configura o processo de compreensão na hipertextualidade uma vez que estamos tratando de modos de textualidade mesclados/mixados a partir de variados módulos linguísticos. Dessa forma, a observação do fenômeno comunicativo e espontâneo em ambientes hipertextuais nos dá os objetos necessários para proceder à investigação. A investigação nesse caso específico se deu a partir de formas de raciocínio indutivo, onde se observam os dados em comparação com as premissas previamente articuladas para derivarmos conclusões lógicas, mas não necessariamente encerradas (Marconi e Lakatos, 2003).

Nossa premissa principal parte do argumento observacional de que a hipertextualidade nas redes sociais tende a um sistema operacional de inferenciação hiper-ostensiva não prevista na teoria base. O corpus selecionado para pesquisa

ajuda a confirmar e/ou rejeitar tal premissa devido ao seu caráter multifacetado e qualitativo como explicamos a seguir.

3.1.1 Do *corpus*

Com base no fato de que nossa pesquisa se realiza com base na coleta de dados qualitativos, o material extraído de fenômenos comunicativos para a análise se restringe a uma porção relativamente reduzida de dados. A composição total do *corpus* para esta pesquisa se refere a três vídeos curtos publicados em três redes sociais diferentes por três perfis distintos. Devido às características de base pragmático-cognitivista, nosso *corpus* tem como finalidade a demonstração das possibilidades de enunciação na hipertextualidade, de tal modo que um número reduzido de objetos de análise nos parece ser suficiente para os procedimentos de investigação intencionados. Além do mais, em vista do fato de se tratar de uma pesquisa de ordem qualitativa e de estudo de casos, onde buscamos desenvolver técnicas de interpretação dedutiva a partir dos elementos hipertextuais disponíveis, uma massa numerosa de dados não contribuiria para uma análise mais refinada ponto a ponto.

No que se refere a seleção dos dados, esclarecemos que a escolha foi motivada pelas características enunciativas dos vídeos curtos. Tendo como base os aspectos centrais referentes aos nossos pressupostos em relação ao processo de expectativa de relevância e aos processos de mesclagem de módulos semióticos na construção da linguagem digital dos vídeos curtos, levamos em consideração um critério específico: cada vídeo selecionado deveria ter um módulo semiótico predominante que divergisse do outro.

Dentre os perfis de plataformas de redes sociais selecionadas ao longo do projeto de pesquisa, consideramos razoável nos atermos aos seguintes: (1) Rita von Hunty, que faz uso do domínio @rita_von_hunty no Instagram e no TikTok e do domínio @TemperoDrag, no YouTube; (2) Jonathan Bynoe, que atende pelo domínio @jonathanbynoe no Instagram, YouTube e TikTok; (3) Taxista Peixoto, que utiliza o domínio @peixoto.recife tanto no Instagram como no TikTok, mas faz uso de @Peixoto.recife no seu canal no YouTube.

Nesse sentido, selecionamos três vídeos curtos para cada um dos perfis devido às suas características semióticas. O vídeo selecionado do perfil @rita_von_hunty tem como módulo central a produção verbal. Uma vez que se trata de um conteúdo de divulgação científica, sua expectativa de relevância reside nos pressupostos intencionais de produzir enunciados verbais mais elaborados e de aspectos mais complexos quando comparados aos demais.

O vídeo produzido pelo perfil @jonathanbynoe, por outro lado, tem como módulo predominante a gestualidade à medida que o produtor do vídeo interpreta uma canção gospel sem a necessidade de enunciação verbal. Por fim, o vídeo publicado pelo perfil @peixoto.recife tem no módulo verbo-musical o seu aspecto semiótico predominante uma vez que este produz uma paródia a partir de uma canção brasileira popular.

Outrossim, faz-se necessário que procedamos a uma breve descrição dos três perfis e suas características básicas nas redes sociais, expondo as propostas de comunicação e estratégias hipertextuais das quais lançam mão para engajar seus seguidores. Essa breve descrição ajuda a compreender melhor os critérios de seleção, como relatado acima e nas seções subsequentes, e nos dão uma visão geral das circunstâncias enunciativas nas quais cada perfil se coloca nas redes.

3.1.1.1 Rita von Hunty

Rita von Hunty é a personagem drag do professor e ator Guilherme Terreri Lima Pereira, original de Ribeirão Preto (São Paulo) e nascido em 17 de outubro de 1990. Guilherme se formou em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Antes de criar a sua persona drag mais famosa, trabalhou como ator durante alguns anos e então se mudou para São Paulo para estudar Letras. Segundo o próprio ator, foi no Carnaval de 2013 que viu a personagem ganhar relevância entre seus amigos. Desse período, nasce o Tempero Drag, um canal no YouTube dedicado à culinária vegana e onde Guilherme montava pratos e convidava amigos para dividir a cena com a Rita. O canal tomou proporções nacionais, especialmente depois de viralizar com o seu vídeo curto *Rita em 5 Minutos: Consciência de Classe*¹⁵⁴. No vídeo, Rita

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lmT7H09jR18>. Acesso em: 13 fev. 2024.

trata da questão de como certos setores da classe trabalhadora se imaginam em posições de dominância e faz uma brincadeira com uma réplica da boneca Barbie (Gregório, 2020).

O visual da Rita von Hunty remete às mulheres de classe média ocidentais das décadas de 50 e 60, sempre elegante e com maquiagem sóbria o suficiente para transmitir uma imagem de poder. Guilherme revela que as referências que ajudaram a construir a sua persona são ao menos duas. Primeiramente, o nome principal da personagem vem da atriz norte-americana Rita Hayworth, que fez sucesso na década de 1940. O sobrenome 'hunty' faz referência à gíria usada pelas drags para expressar algum tipo de admiração e carinho pelo outro. E, por fim, o termo 'von' é derivado do alemão como estratégia para remeter à nobreza.

Abaixo, o Quadro 1 apresenta as principais informações sobre as três plataformas de rede social da drag Rita von Hunty.

Quadro 1 — Informações das plataformas de rede social de Rita von Hunty¹⁵⁵

Plataforma	Endereço	Link
Instagram	@rita_von_hunty	https://www.instagram.com/rita_von_hunty/
Número de seguidores	1.100.000	
Seguindo	5.254	
Publicações	1.370	
Descrição (do perfil)	Rita von Hunty Artista  contato@marigproducoes.com  Youtube: Tempero Drag  Coluna: @cartacapital  TV: Drag Me As A Queen  Podcast: Mesa da vida Ator, prof. drag queen	
Plataforma	Endereço	Link
YouTube	@TemperoDrag	https://www.youtube.com/@TemperoDrag
Número de inscritos	1.200.000	
Visualizações	60.769.972	
Vídeos	310	
Descrição (do canal)	Desde 2015 tratamos de temas sociais e políticos com humor e arte.	

¹⁵⁵ Levantamento realizado em 13 de janeiro de 2024.

	Acreditamos na educação como ferramenta de emancipação e trabalhamos em união por mais e melhores acessos. Venha provar nosso Tempero Drag :)	
Plataforma	Endereço	Link
TikTok	@rita_von_hunty	https://www.tiktok.com/@rita_von_hunty
Número de seguidores	3.100.000	
Seguindo	17	
Curtidas	1.100.000	
Descrição (do perfil)	✨Ator, prof. e drag queen✨  Coluna: Carta Capital  TV: Drag Me As A Queen	

Fonte: O autor (2024).

Atualmente, Rita usa seu canal no YouTube como o principal veículo de divulgação do que ela chama de arte/educação (uma referência à sua postura artística como plataforma para divulgação científica). Comunista e de fortes tendências à psicanálise, o Tempero Drag é um coletivo de profissionais que juntamente com a Rita produzem vídeos curtos e longos com posicionamentos críticos onde a personagem discorre sobre política, sociedade, economia, tópicos em LGBTQIAPN+, etc.

Nos últimos tempos, Guilherme tem tentado usar as técnicas de vídeos curtos nas plataformas de rede social para potencializar o trabalho de educação do canal. No TikTok, por exemplo, foram publicados vídeos exclusivamente desenhados para a proposta rápida da plataforma. Em certo sentido, o objetivo é oferecer o conteúdo crítico da Rita para diferentes tipos de usuários, uma vez que suas publicações no YouTube tendem a ser mais longas.

Rita não esconde nem maquia seu posicionamento materialista-dialético com saídas argumentativas. Todas as plataformas de redes sociais dedicadas à persona servem como mídia de divulgação dos debates sob uma perspectiva marxista. Como explica o próprio Guilherme:

A Rita é uma persona. E a persona é diferente de um personagem, porque qualquer pessoa pode fazer a Julieta ou Romeu, por exemplo. Mas ninguém vai poder fazer a Rita. Porque não existe um texto da Rita. A única pessoa

que sabe como ela opera sou eu. A Rita é uma máscara do Guilherme. Em que momento comecei essa máscara? Quando era um óvulo e fui fecundado. Essa máscara traz passagens de toda minha vida (Amaral, 2021).

A proposta de uma persona drag como educadora tem se mostrado muito bem-sucedida quanto a quebrar estereótipos e promover discussões acerca de temas relevantes para todas as esferas da sociedade. Apesar de sua natureza digressiva, os vídeos da Rita incluem referências bibliográficas e dialogam com outros coletivos de mídia educativa nas redes. Seja no Instagram, YouTube ou TikTok, com vídeos curtos ou longos, com ou sem maquiagem de drag, os vídeos de Rita von Hunty são, em sua essência, aulas propositivas com conteúdo sério que demandam da audiência a expansão do debate por meio de mais leitura e busca por conteúdos cada vez mais aprofundados.

3.1.1.2 Jonathan Bynoe

Jonathan Bynoe é um ator, produtor musical, comediante e cantor norte-americano que tem ganhado destaque considerável nas plataformas de rede social como YouTube e TikTok por suas performances que misturam música e humor. Originário de Atlanta, no estado da Geórgia, e nascido no ano de 1998, viu sua carreira nas redes sociais alçar voos em 2021, quando seu vídeo intitulado *Be ready to pull up and all* viralizou com mais de 1,5 milhão de visualizações combinadas nas suas contas de rede social.

Segundo o próprio Bynoe, sua carreira nas redes teve início há algum tempo antes da pandemia. Enquanto ainda estudava teatro na faculdade, o comediante se viu enclausurado e impossibilitado de usar arte como gostaria. Com o tempo disponível, resolveu gravar vídeos como uma forma de se expressar através da combinação de músicas pop consagradas e uma atuação enérgica e divertida (Mpama, 2023).

Os vídeos de Jonathan são o resultado de artifícios de edição que, em geral, têm a música como elemento central. Dentre as preferências musicais do artista, a despeito da sua versatilidade, ele confessa preferir o som produzido entre os anos 70, 80 e 90 nos Estados Unidos. Variando entre R&B, Rock, Folk, Blues e Jazz, as escolhas de Bynoe incluem músicos como Bill Withers, Stevie Wonder, e Michael

Jackson. Um dos grandes destaques para a popularidade de suas publicações são suas expressões faciais marcantes e uma atitude corporal performática, onde ele reinterpreta trechos de canções de forma criativa. Em grande parte dos seus vídeos o ator incorpora o significado das músicas simulando situações inusitadas ou as reinsere em contextos comunicativos possíveis. Em outras, ele personifica os próprios artistas à medida que imagina as possíveis condições de produção das canções, sempre em tons bem-humorados.

O Quadro 2 abaixo apresenta algumas informações básicas sobre os seus perfis nas principais plataformas de redes sociais. Destacamos que até o presente momento, é no YouTube que o ator consegue mais destaque pelas suas publicações. Com quase 132 milhões de visualizações, seus vídeos parecem ser o perfeito encontro entre a proposta musical da plataforma e a fluidez de vídeos de curta duração. Essa é uma das razões que justificam a escolha por um dos seus vídeos, pois o mesmo tem como proposta enunciativa a reinterpretação cômica de canções populares.

Quadro 2 — Informações das plataformas de rede social de Jonathan Bynoe¹⁵⁶

Plataforma	Endereço	Link
Instagram	@jonathanbynoe	https://www.instagram.com/jonathanbynoe/
Número de seguidores	1.600.000	
Seguindo	844	
Publicações	37	
Descrição (do perfil)	Jonathan Bynoe linktr.ee/JonathanBynoe	
Plataforma	Endereço	Link
YouTube	@jonathanbynoe	https://www.youtube.com/@jonathanbynoe
Número de inscritos	602	
Visualizações	133.814.560	
Vídeos	62	
Descrição (do canal)	Just a guy with ideas	
Plataforma	Endereço	Link

¹⁵⁶ Levantamento realizado em 13 de janeiro de 2024.

TikTok	@jonathanbynoe	https://www.tiktok.com/@jonathanbynoe
Número de seguidores	1.700.000	
Seguindo	289	
Curtidas	41.200.000	
Descrição (do perfil)	Enjoy • 🌟 jonathan@palettemgmt.com links 📌 linktr.ee/jonathanbynoe	

Fonte: O autor (2024).

Jonathan parece saber fazer uso intencional das ferramentas disponíveis nas plataformas de redes sociais de forma a permitir que suas publicações alcancem seus objetivos centrais, isto é, o de fazer rir, e ao mesmo tempo apresentar aos mais jovens artistas clássicos da cultura pop. O próprio criador de conteúdos explica em uma entrevista:

Não desejo colocar tanto conteúdo na cara dos meus seguidores assim. Eu apenas dou aos seguidores tempo suficiente para consumir o conteúdo — tempo para que os comentários, as visualizações, os compartilhamentos, circulem. Eu realmente dedico meu tempo divulgando cada ideia para que as pessoas possam simplesmente assistir a cada vídeo ou história que traga significado para elas¹⁵⁷ (Mpama, 2023).

É notório o esforço de articular criativamente técnicas de atuação e mixagem de som nos vídeos de Bynoe, o que demonstra sua intenção de criar conteúdos leves, fáceis de serem compartilhados e reassistidos infinitamente. Seus trabalhos incluem pouca comunicação verbal, deixando para a linguagem corporal e mixagem de outros *inputs* semióticos o trabalho de produzir sentidos.

3.1.1.3 Taxista Peixoto

Erick Pablo da Cruz Nascimento é influenciador digital e tem ganhado espaço nas redes sociais através de seus vídeos bem humorados e sem grandes pretensões de crítica social. Natural de Recife, Pernambuco (PE) e sob o

¹⁵⁷ Do original: “I don’t desire to put that much content in my followers’ faces. I just give the followers enough time to consume the content — time for the comments, views, shares, to go around. I really take my time with putting out each idea so that people can just sit with each video or story that resonates with them (sic.)”.

pseudônimo de Taxista Peixoto, o influenciador tem alcançado fama entre os usuários de plataformas como Instagram e TikTok com seus vídeos curtos e de conteúdo humorístico.

Nascimento é religioso da doutrina evangélica da Igreja Verbo da Vida Pontezinha, em Cabo de Santo Agostinho (PE) e trabalha como taxista na região metropolitana de Recife. O próprio Erick conta que adotou o nome pelo qual é mais conhecido hoje devido à impossibilidade de usar seu próprio nome no início da sua associação ao coletivo de taxistas, pois fora informado que na praça onde rodava já existiam outros taxistas que faziam uso tanto do nome Erick como Pablo. Disso resultou que ele optou por usar o sobrenome Peixoto como referência ao seu pai.

Erick não esconde sua adesão religiosa nas suas redes sociais e faz uso dela como mote para muitos dos seus vídeos e publicações. Como se pode notar no Quadro 3 (abaixo), a plataforma do Instagram é sua rede mais bem articulada onde o influenciador acumula cerca de 1.100.000 de seguidores.

Quadro 3 — Informações das plataformas de rede social de Taxista Peixoto¹⁵⁸

Plataforma	Endereço	Link
Instagram	@peixoto.recife	https://www.instagram.com/peixoto.recife/
Número de seguidores	817.000	
Seguindo	1.411	
Publicações	195	
Descrição (do perfil)	Erick Nascimento - PEIXOTO - Táxi Tour Turismo Recife-PE he/him Blogueiro(a) •Serviço de Táxi/TOUR em Recife e Praias de todo estado de Pernambuco👓 •Story's engraçados diariamente. 🤔 •Agendamentos e parcerias no link abaixo shre.ink/peixotocontatos	
Plataforma	Endereço	Link
YouTube	@Peixoto.recife	https://www.youtube.com/@Peixoto.recife
Número de inscritos	1.250	
Visualizações	6.915	
Vídeos	13	

¹⁵⁸ Levantamento realizado em 13 de janeiro de 2024.

Descrição (do canal)		
Plataforma	Endereço	Link
TikTok	@peixoto.recife	https://www.tiktok.com/@peixoto.recife
Número de seguidores	177.000	
Seguindo	77	
Curtidas	1.300.000	
Descrição (do perfil)		

Fonte: O autor (2024).

Com o slogan *O Taxista mais conhecido do Brasil*, Erick publica vídeos cômicos nos quais ele dá seu ponto de vista satírico sobre a profissão, a cidade do Recife ou sobre situações corriqueiras da sua vida pessoal. Com a pretensão de usar a plataforma do Instagram para divulgar seu trabalho no setor de transporte turístico de Pernambuco, Nascimento dá início em 2023 com um perfil relativamente distinto do que viria a se tornar posteriormente antes de viralizar com um dos seus vídeos onde ele faz uma paródia com a apresentadora de televisão Marília Gabriela.

Erick sustenta a crença de que ao usar suas redes sociais está cumprindo um dos objetivos de sua vida. Ele conta em uma entrevista:

E aí eu entro no que eu sempre falo: essa questão de você usar a ferramenta que você tem. Na verdade a brincadeira de cara de abestalhado [...] O que acontece é que cada um nasce com um propósito de vida. E você nasceu com aquele propósito. O que eu quero dizer é que eu uso hoje o meu jeito engraçado, tudo o que eu faço, até a minha cara chocha... tudo isso aqui eu uso para cumprir aquele propósito que eu nasci para fazer (sic.) (Verbo Recife Campo Grande, 2023).

Seu perfil no Instagram tem atributos leves e descontraídos. Os *Reels* produzidos são em sua maioria gravados de dentro do seu automóvel enquanto Peixoto conta alguma história divertida ou dá conselhos de comportamento aos seus usuários, à medida que faz uso dos seus maneirismos e ressalta a inflexão do seu sotaque nordestino. Outra característica particular das publicações de @taxistapeixoto é o fato de que é comum o uso de paródias de canções nacionais populares onde o humorista altera a composição da letra com um direcionamento religioso de cunho neopentecostal. Para o produtor de conteúdo, o objetivo principal

da sua atividade profissional é, em certo sentido, divulgar sua fé e crenças (Verbo Recife Campo Grande, 2023).

3.1.2 Descrição do objeto de estudo

Partimos da premissa de que para cada campo da ciência, seus objetos são incomensuráveis. Não queremos com isso afirmar que a ciência seja um ambiente tão permissivo a ponto de admitir que todo e qualquer pensamento deva ser inescusável diante de críticas e confronto de ideias. O que concluímos é simplesmente que para cada pesquisa, sua percepção teórica a torna capaz de representar seu objeto de pesquisa a partir de dispositivos operacionais como recorte e seleção.

O foco de atenção em si permite ao pesquisador enxergar o seu objeto sob uma ótica tão particular a ponto de criar a ilusão de exclusividade. Malgrado as diferentes correntes em Linguística, todas elas parecem se debruçar em certo sentido sobre esse fenômeno comunicativo, de caráter semiótico e de aspecto interacional que permite que cada teoria o explique a partir das suas condições epistêmicas. Disso resulta que a sua construção é o processo e o produto de hipóteses particulares, de forma que os pesquisadores se debruçam sobre dados que eles mesmos criam, e no processo criativo se apoiam em evidências linguísticas que eles enxergam com seus aparatos teóricos. Teorias diferentes constroem objetos diferentes porque seus pontos de observação não são os mesmos. Sendo um aspecto da cognição, a linguagem tanto fabrica como é fabricada pela realidade (BLIKSTEIN, 2018), pois é a percepção cognitivo-experiencial intersubjetiva que define o próprio “real”.

Essa questão é importante para entendermos que nosso objeto, especialmente no âmbito da hipertextualidade, representa um recorte no processamento da enunciação. Por exemplo, para a constituição do objeto de pesquisa fizemos uso de publicações em formato de vídeos curtos publicados nas redes sociais de alguns perfis que variam de intelectuais a comediantes. Capturar um recorte do vídeo de uma determinada publicação em rede social é encapsular a experiência de usabilidade de interface com o usuário para uma atividade de análise. Estamos convencidos de que a experiência de interface com o usuário é

parte dos estímulos de entrada para efeitos contextuais, como temos defendido na seção de Referencial Teórico.

Além disso, parte do processamento inferencial está condicionado às ferramentas de comentários dos usuários, de forma que cada usuário procede à leitura dos comentários da forma que mais ostensivamente relevante o parecer. Nosso recorte de partes dos comentários para análise provoca uma incisão deliberada no fluxo interacional de onde perdemos parte dos pontos de *inputs* proximais de entrada que podem interferir no cômputo ostensivo-inferencial geral.

Nosso objeto de análise inclui três vídeos curtos dispostos como apresentados nos Quadros 4, 5 e 6 (abaixo) selecionados do TikTok, Youtube e Instagram, cada um respectivamente. Cada vídeo foi publicado no perfil pessoal das redes sociais de @rita_von_hunty, @jonathanbynoe e @peixoto.recife, respectivamente, porém utilizamos a publicação a partir da plataforma que possivelmente tenha sido o local de postagem original. A ordem de disposição dos objetos nesta seção se refere à ordem de análise na seção destinada a este propósito.

Quadro 4 — Objeto 1: *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty*

Perfil	Link	Código QR
@rita_von_hunty	Disponível em: https://www.tiktok.com/@rita_von_hunty/video/7085455871999823110 . Acesso em: 15 fev. 2024.	
Título	<i>Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty</i>	
Plataforma	TikTok	
Tipo	TikTok (vídeo curto) / Colorido	
Gênero	Divulgação científica	
Data de publicação	04/11/2022	
Tempo de duração	05:09 min.	
Comentário do proprietário do perfil	Fechando a série com foice e martelo de ouro #AprendanoTikTok #TikTokPartner	
Número de curtidas	101.500	
Número de comentários	1556	

Número de vezes que a publicação foi registrada na galeria pessoal dos usuários	7.990
Número de compartilhamento	2.344

Fonte: O autor (2024).

—

Quadro 5 — Objeto 2: *The pastor just tryna get to the word*

Perfil	Link	Código QR
@jonathanbynoe	Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/g4JZdSu_Ncg . Acesso em: 15 fev. 2024.	
Título	<i>The pastor just tryna get to the word #shorts</i>	
Plataforma	YouTube	
Tipo	Shorts (vídeo curto) / Colorido / Mixagem de música: <i>In the Sanctuary (Live)</i> de Kurt Carr & The Kurt Carr Singers	
Gênero	Paródia/Sketch	
Data de publicação	08/07/2023	
Tempo de duração	00:30 min.	
Descrição do proprietário do perfil	The pastor just tryna get to the word #shorts	
Número de curtidas	170.000	
Número de comentários	3.100	
Número de vezes que a publicação foi registrada na galeria pessoal dos usuários	Não informado pela plataforma	
Número de compartilhamento	Não informado pela plataforma	

Fonte: O autor (2024).

—

Quadro 6 — Objeto 3: *Quando lembro que sou crente no desafio de Léo Santana!*

Perfil	Link	Código QR
@peixoto.recife	Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2IRkE-OxMC/ . Acesso em: 15 fev. 2024.	
Título	<i>Quando lembro que sou crente no desafio de LEO SANTANA</i>	
Plataforma	Instagram	
Tipo	<i>Reels</i> (vídeo curto) / Colorido / Mixagem de música: <i>Posturado e calmo</i> (Léo Santana)	
Gênero	Paródia	
Data de publicação	15/01/2024	
Tempo de duração	0:46 min.	
Descrição do proprietário do perfil	ELE NOS AMOU PRIMEIRO! Cristo vive e porque Ele vive a gente vive também. Jesus ressuscita os mortos, isso é grandioso demais. Você está aqui e entendeu o propósito do Senhor para salvar vidas, sim, eu sei que você passa por tantos dilemas e todos nós passamos. Precisamos lidar com os nossos sentimentos e devemos manter a chama acesa em nosso coração. Confie no Senhor! Por muito tempo, talvez, você viu coisas como o medo, a vergonha, a insegurança, a tristeza, a depressão, a culpa... essas coisas são pequenas para pará-lo. Deus é maior do que tudo isso, é maior que o seu passado. Ele tem uma história a ser escrita para a sua vida. O Senhor deseja salvar este mundo, e Ele fará coisas grandes em nós e através de nós. Texto: Lucas Martini Fonte: https://verbodavida.org.br/mensagens/amor-e-obediencia-a-deus #crente #humorcristao #humor #leosantana #peixoto	
Número de curtidas	1.286.365	
Número de comentários	59.900,00	
Número de vezes que a publicação foi registrada na galeria pessoal dos usuários	Não informado pela plataforma	

Número de compartilhamento	2.300.000
-----------------------------------	-----------

Fonte: O autor (2024).

—

3.1.3 Procedimentos de coleta de dados

Por se tratar de uma pesquisa em pragmática cognitiva com base no fenômeno da hipertextualidade das redes sociais, nossa pesquisa requer técnicas de coleta de dados qualitativas. Isso significa que a partir do estabelecimento dos critérios de seleção, nossos dados foram organizados em setores de registros de endereçamento eletrônico. Mantivemos em nosso arquivo pessoal tanto o endereço em formato de hiperlink para cada um dos vídeos curtos analisados, como arquivamos o registro em pasta de *downloads* para garantir que tivéssemos acesso posteriormente caso os autores das postagens resolvessem retirá-las das plataformas.

Além disso, usando a técnica de *screenshot* (que é explicada na seção 3.1.4 a seguir), mantivemos registro dos Frames (Quadros) que julgamos importantes dos vídeos curtos analisados. Os critérios que motivaram a seleção dos *Frames* para cada vídeo tiveram por base os elementos de ostensividade e manifestação de intencionalidade, ora através de uma expressão facial, ou elementos semióticos disponíveis, ou segmentos de vídeos que faziam uso de enunciados verbais importantes para a análise.

No que se refere à seleção dos vídeos, os princípios norteadores de coleta dos objetos de pesquisa têm relação com os aspectos mais gerais das práticas nas redes sociais, a saber:

- O perfil selecionado deve ser orgânico, não estando condicionando a nenhuma empresa ou instituição;
- Número de seguidores acima de um milhão de usuários em pelo menos uma das suas redes sociais principais, o que deve indicar que suas publicações têm percentualmente mais chances de serem impulsionadas para mais visualizações;
- Os estilos de postagens deveriam divergir entre si;

- Dentre os estilos de postagens, os perfis deveriam variar entre uso de técnicas de atuação, mixagem de música e referências imagéticas a outros eventos comunicativos intertextuais;
- Ter o selo de verificado (a exemplo das práticas no Instagram) ou alguma ferramenta parecida dentro das suas redes sociais principais que garantisse confiabilidade ao produtor das postagens;
- Os perfis selecionados deveriam ter propostas ou pontos de vista diferentes acerca da sua prática nas redes sociais;
- No geral, os vídeos produzidos pelos perfis deveriam ter um tom bem-humorado, o que tende a potencializar seu viral nas redes sociais;
- As publicações selecionadas deveriam estar disponíveis para curtidas, comentários e compartilhamentos nas redes sociais, sem restrições a essas funcionalidades.

Em vista do fato de estarmos trabalhando com produções essencialmente audiovisuais, muitos dos elementos perceptivos como som e movimento não são devidamente transportados para as páginas do relato de pesquisa. No entanto, tivemos o cuidado de referenciar com hiperlinks cada publicação em rede social utilizada ao longo da pesquisa, acompanhada de código QR gerados pelo pesquisador para facilitar a visualização de cada objeto de análise no seu *locus* real de uso, isto é, as redes sociais.

3.1.4 Abordagem de análise no contexto da hipertextualidade

A hipertextualidade como a concebemos nessa pesquisa denota a produção comunicativa mediada pelas ferramentas de tecnologias da comunicação com implicações específicas à experiência de consumo e de difusão de informações. Enquanto experiência, hipertextualidade não pode, em teoria, ser fragmentada arbitrariamente em blocos de hipertextos, pois sua composição consiste em processos referenciais de interação intertextuais. No entanto, para procedermos à análise de enunciados hipertextuais, tomamos como lugar de investigação as plataformas de redes sociais, pois estas nos permitem reter segmentos de enunciados disponíveis em sua totalidade de enunciação.

Para tanto, utilizamos a técnica de recorte de segmentos de vídeos curtos de algumas plataformas de redes sociais digitais especialmente desenvolvidas para

dispositivos móveis. Para fins de análise, optamos por fazer recortes de segmentos de enunciados (Silveira e Feltes, 2002), os quais podem incluir desde segmentos linguísticos a elementos gestuais aplicados como ferramentas de interface.

Outro componente comunicativo relevante são as variáveis das interações de indivíduos hiperleitores (Xavier, 2009). As redes sociais em sites e plataformas ainda detêm a vantagem de permitir interação síncrona ou assíncrona dos usuários. Essa característica nos serve também de fonte de dados, pois é possível observar como se dá o processamento da informação com base nas expressões e reações dos usuários. Para isso, também aplicamos técnicas de recorte de segmentos de enunciados para computação dos processos inferenciais.

As plataformas de redes selecionadas para esta pesquisa destinam um espaço de comentários para interação dos usuários, geralmente localizado na posição inferior das postagens individuais. Para os usuários de dispositivos móveis, é possível, dependendo do aparelho, que este espaço esteja relativamente otimizado para a leitura da informação principal da postagem na seção “legenda”, ou em algum ícone próximo a ela. Assim, para cada uma das postagens definidas como parte do *corpus*, os comentários mais curtidos, ou com maior número de interações, foram extraídos para a análise à luz das categorias teóricas da Teoria da Relevância.

Para cada elemento selecionado na análise, recorreremos à técnica de captura de tela diretamente de um dispositivo móvel de tipo *Android* ou da tela de um computador pessoal. A técnica de captura, ou *screenshot*, de um dispositivo móvel permite visualizarmos com mais precisão o tipo de superfície disponível à maioria dos usuários do aplicativo¹⁵⁹, uma vez que o mesmo é desenvolvido e otimizado para ser utilizado em aparelhos de *smartphone*. Todavia, para fins acadêmicos, por vezes optamos pela utilização de captura de tela da plataforma em computadores pessoais através da visualização das publicações pelos endereços eletrônicos (1) do Instagram (<https://www.instagram.com/>), (2) do YouTube (<https://www.youtube.com/>) e (3) do TikTok (<https://www.tiktok.com/foryou>), uma vez que essa ferramenta nos permite a reprodução de melhores resoluções em transferências de imagens.

¹⁵⁹ Todas as três plataformas de redes sociais estão disponíveis na loja de aplicativos Google Play através dos endereços: <https://play.google.com/store/search?q=instagram&c=apps> (Instagram), https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.youtube&hl=pt_BR&gl=US (YouTube) e https://play.google.com/store/apps/details?id=com.zhiliaoapp.musically&hl=pt_BR&gl=US&pli=1 (TikTok). Acesso em: 11 ago. 2022).

Além disso, outra ferramenta utilizada foi a técnica de seleção/copia-cola através da Área de Transferência de dispositivos Windows. Essa técnica, acionada pelas teclas de atalho Ctrl+C e Ctrl+V, permite que textos escritos sejam transpostos diretamente para o arquivo em *software* de processamento de texto onde desenvolvemos nosso estudo. Foi necessário o uso dessa ferramenta com alguns dados do *corpus* porque determinados segmentos verbais precisavam ser apropriadamente visualizados durante o procedimento de análise. No entanto, ressaltamos que nosso modelo analítico faz referência aos usos espontâneos de usuários em dispositivos móveis.

Para darmos conta de acessar a hipertextualidade enquanto *locus* de onde extraímos nosso objeto de estudo, concluímos que é necessário seguir um conjunto de etapas de análise específicas para acessar o fenômeno da comunicação nesse campo de interação. Com base nas teorias que sustentam a visão epistemológica desenvolvida para esta pesquisa, decidimos atuar em três níveis de análise. Compreendemos *nível* como o setor onde agrupamos categoricamente os elementos enunciativos que, devido às suas características técnicas, pragmáticas e cognitivas, se permitem agrupar de forma mais ou menos coesa como pertencendo ao mesmo grupo comunicativo.

Assim, temos o *Nível 1* que se refere ao nível da *Interface*. Nesse nível agrupamos os elementos técnicos relacionados às *affordances* dos dispositivos hipertextuais. Este é o setor de análise onde agrupamos os aspectos gráficos e as ferramentas que permitem aos usuários manipular os hipertextos através de gestos. Para este setor procedemos à análise e interpretação das implicações destes para os efeitos contextuais.

O *Nível 2* está relacionado com o setor da *Enunciação*, onde identificamos os processamentos informacionais em si. A este setor dedicamos a análise dos processos inferenciais conectados aos aspectos informativos e comunicativos da representação das formas lógicas mais verbalmente orientadas. Com base nesses *inputs*, derivamos os cálculos das suposições a partir das implicações disponíveis.

Por fim, para o *Nível 3* destinamos os processos correlatos à *Mesclagem*. Isso significa que, para neste setor, nos debruçamos sobre os efeitos de mescla de módulos de linguagem, tomando-os como estímulos ostensivos constituídos de valores de esforço de relevância variáveis de acordo com os efeitos contextuais derivados das proposições. Destacamos que o módulo gestual também faz parte do

processo de mesclagem. Todavia, nossa separação é arbitrária apenas por questões metodológicas, o que deve permitir que analisemos setorialmente cada componente.

Assim, destacamos três categorias que fundamentam as bases teóricas da Teoria da Relevância: (1) ostensividade dos *inputs*, (2) alteração do ambiente cognitivo e (3) acesso aos conhecimentos enciclopédicos. Nosso pressuposto diz respeito a como a construção enunciativa da hipertextualidade subjaz nossa base cognitiva constitutiva do processamento ostensivo-inferencial. Nesse sentido, articulamos os aspectos centrais do Módulo Digital da comunicação ao Princípio Cognitivo da Relevância de modo a produzir um quadro teórico que fundamente nossa abordagem investigativa. Assim, aos níveis de ostensividade dos *inputs*, unimos as técnicas de reforços técnicos e enunciativos; ou seja, na hipertextualidade observamos que certos *inputs* têm maiores níveis de saliência ostensiva devido à sua constituição gráfica/de interface ou a sua proposição enunciativa em contexto de uso.

Por outro lado, observamos que alteração do ambiente cognitivo depende de fatores enunciativos computados no conjunto dos *inputs* disponíveis. Em vídeos curtos, por exemplo, cada *input* pode servir de elemento de reforço de suposições ou eliminação de suposições sem valor de verdade. Essa relação entre os *inputs* e seu efeito de ativação de implicaturas para derivação de suposições depende dos efeitos de sentido em contexto e das formas lógicas que devem apresentar segmentos enunciativos que apontam para o direcionamento da interpretação do conteúdo da postagem.

Por fim, sustentamos que acesso aos conhecimentos enciclopédicos deve se dar sob dois aspectos: fatores reconhecíveis e fatores não reconhecíveis. O conjunto de conhecimentos enciclopédicos é essencial para o direcionamento interpretativo, pois tem o potencial ativar (ou não) elementos conceptualizados que servem às bases do cômputo inferencial com informações novas. É a subjetividade do interlocutor que deve apontar esse efeito, de forma que observamos que certos *inputs* são mais salientes (resgatáveis) ou menos salientes (não resgatáveis) em termos de acesso referencial aos conhecimentos de mundo dos interlocutores.

Quanto às categorias de análise construídas para a pesquisa, destacamos as seguintes como apresentadas no Quadro 7 (abaixo). Ressaltamos que estas categorias são o resultado das abordagens teóricas que dão base à pesquisa e têm como eixo de formulação o Princípio Cognitivo de Relevância.

Quadro 7 — Das categorias analíticas

CATEGORIAS	
1. Ostensividade	
Taxonomia	Tipologia
1.1 reforço técnico/de movimento	ícones / botões / destaques (pop-ups/links) / hiperlinks / <i>hashtags</i> / <i>tags</i>
1.2 reforço concomitante	<i>inputs</i> verbais / <i>inputs</i> sonoros / <i>inputs</i> imagéticos / <i>inputs</i> audiovisuais (sobrepostos)
1.3 reforço subsequente	repetição de informação dada
1.3.1 repetição sistemática	repetição dos mesmos elementos verbais/semióticos para efeitos de reforço
1.3.2 repetição complementar	repetição de informação com variação técnica e de linguagem
1.2 ostensividade de foco	técnicas de mixagens para destaques de elementos centrais
2. Ambiente cognitivo	
Taxonomia	Tipologia
2.1 efeito contextual (1)	adição de implicações contextuais
2.2 efeito contextual (2)	fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas dadas por informações anteriores
2.3 efeito contextual (3)	eliminação de falsas suposições
3. Conhecimento enciclopédico	
Taxonomia	Tipologia
3.1 resgatado	conjunto de conhecimento representacional referido, sobreposto, ou mixado ao texto principal
3.2 não resgatado	conjunto de conhecimento representacional verbal ou audiovisualmente referido [baixo potencial de identificação por falta de explicitude]

Fonte: O autor (2024).

Justificamos que tentamos elaborar uma abordagem de análise do fenômeno da hipertextualidade a partir do fundamento do Princípio Cognitivo da Relevância que aventa a possibilidade de acessarmos o reconhecimento mútuo das intenções. Entendemos que este se trata de um posicionamento pragmático uma vez que o uso das redes sociais não deveria ser encarado apenas como uma atividade de leitura efêmera e superficial. Assim, compreendemos que ao processo de leitura nas redes sociais subjaz uma estrutura propositiva de produção e difusão de informações intencionalmente orientadas.

Sustentamos ainda, que nossa análise tem como eixo de precisão a noção de saliência ostensiva. Isso se refere aos níveis de ostensividade que os inputs

apresentam em uma determinada produção enunciativa. Em certo sentido, todos os módulos semióticos são inputs ostensivos que sinalizam direcionamentos ótimos de relevância. Porém, é na relação de uns com os outros, levando-se em consideração o contexto de uso, que estes adquirem mais ou menos saliência. Nesse sentido, não objetivamos parametrizar em números os níveis de saliência de um *input* para outro. O que tentamos fazer é reconhecer seu papel no cômputo inferencial total da produção em análise.

Segundo Sperber e Wilson (1995[1986]), o processo informativo da intenção do comunicador provoca “uma modificação do ambiente cognitivo da audiência”¹⁶⁰. Ou seja, o Princípio Cognitivo da Relevância lança luz sobre a configuração do processamento cognitivo a partir dos estímulos informacionais em relação aos aspectos contextualmente manifestos. Isso significa que toda a produção comunicativa nas redes sociais tem impactos para a cognição e para a produção de sentidos. Portanto, para fazermos essa análise estamos convencidos que seja importante que tenhamos um aparato teórico-metodológico que dê condições de observar tanto a presunção de intenção como as questões relacionadas à informatividade dentro da arquitetura da mescla linguística na hipertextualidade, pois esse é o aparato de interface entre os usuários e a textualidade em si. Nesse sentido, essa base teórico-metodológica serve de extensão da Teoria da Relevância, uma vez que não nos detemos apenas no código verbal, mas olhamos para a relevância de maneira mais abrangente, isto é, sobre todos os elementos semióticos como entradas do processamento ostensivo-inferencial.

¹⁶⁰ Do original: “a modification of the cognitive environment of the audience”.

4 ANÁLISES

Nesta seção procedemos às atividades de exame do *corpus* quanto às categorias analíticas destacadas da seção 3 (METODOLOGIA). Ressaltamos que a partir da Teoria da Relevância, investigamos os processos representacionais das proposições, tomando-as a partir de uma lógica inferencial e semiótica (no que diz respeito às entradas representacionais não-verbais especificamente). A proposta de cisão da análise em níveis demanda um esforço de dedução da base de dados em separado. Ao mesmo tempo, tentamos ao longo do texto articular todas as categorias umas às outras de acordo com a proposta enunciativa do objeto em questão.

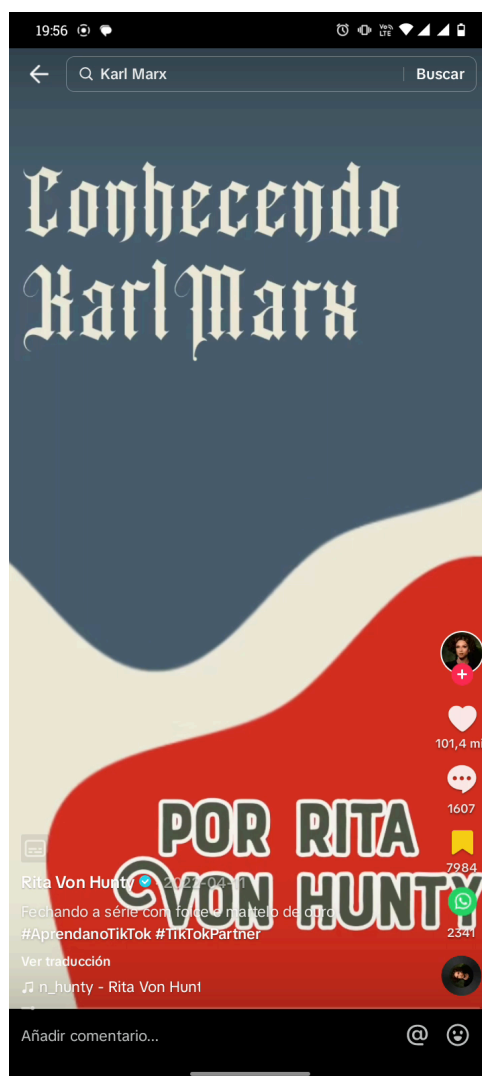
É importante ressaltarmos isso uma vez que o fenômeno da comunicação hipertextual não parece se constituir em blocos de segmentos, mas todos os segmentos de informação se dão de forma simultânea, sendo parte da responsabilidade do usuário proceder ao cômputo inferencial. Isso também implica que cada postagem analisada é um todo comunicativo em si, ao mesmo tempo em que também estabelece relações hipertextuais com outros eventos, como já havíamos demonstrado em certo sentido na seção de referencial teórico.

4.1 Objeto 1: *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty*

A análise do primeiro objeto da pesquisa se refere à publicação no perfil @rita_von_hunty, mais conhecida pelo seu canal no YouTube Tempero Drag. A postagem em questão é intitulada *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty* e está disponível nas principais plataformas de rede social usadas pela persona drag Rita von Hunty de Guilherme Terreri. Destacamos que partimos da extração de recortes da postagem no TikTok, como mostra a Figura 17 (abaixo). Esta figura é resultado da técnica de *screenshot* do *card*¹⁶¹ do vídeo e onde o usuário tem acesso ao título atribuído à publicação.

¹⁶¹ *Card* é um termo usado em linguagem de marketing para se referir a indentidades visuais que contêm o logotipo de alguma empresa. No caso das redes sociais, em linguagem comum atribuímos o uso de *card* (ou *thumbnails*) às imagens iniciais que ficam disponíveis como frame inicial para os vídeos.

Figura 17 — Card do vídeo *Conhecendo Karl Marx* por Rita von Huntty de @rita_von_hunty



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 15 de julho de 2023.

A escolha por privilegiar o TikTok em relação às publicações de Rita von Huntty se dá por uma razão muito simples a qual tentamos, na medida do possível, manter como referência para o recorte dos outros objetos. Em uma entrevista ao canal Acessíveis Cast pelas apresentadoras Titi Müller e MariMoon (Acessíveis Cast, 2023), Rita explica que a série *Conhecendo...* que dá título a vários vídeos curtos, foi pensada para a plataforma TikTok originalmente. Desde a concepção de tempo de vídeo até o formato de otimização de tela em vertical, os recursos da plataforma deram base para a produção de vídeos que miram um público supostamente mais jovem e mais íntimo do TikTok.

Com essas informações também descobrimos que o vídeo em questão está de certa forma conectado aos outros da mesma série. Nesse caso, o objetivo da série é apresentar de maneira breve os principais pensadores ocidentais do campo dos estudos sociais e suas ideias. Rita explica ainda que em vista do tempo histórico de forte uso das redes sociais como ferramenta de propagação de ideias entre a classe trabalhadora, a escolha por montar uma série curta de vídeos rápidos é uma estratégia de se adequar às expectativas de usabilidade de uma parcela do público em potencial do seu canal. Assim, a próxima seção dá início ao processo de análise.

4.1.1 Nível 1: Interface

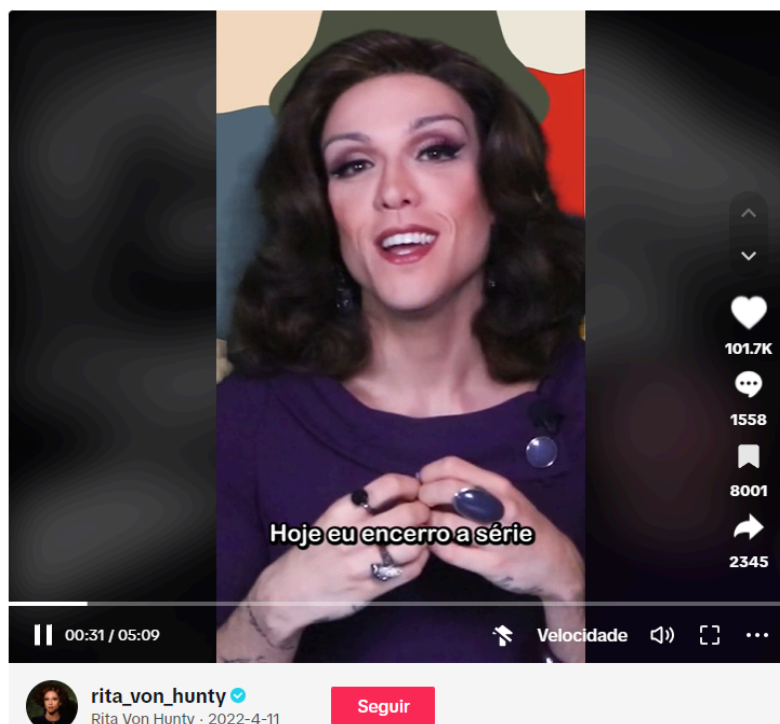
Nesse primeiro nível, procedemos ao exame dos aspectos de Interface mais gerais no que diz respeito a como as ferramentas de interação com a máquina compõem a unidade total da produção comunicativa que se constitui no vídeo curto em questão. Desde sua popularidade, o TikTok tem ganhado ares de inovação no campo da interface com o usuário. Em certo sentido, entendemos que algumas das funcionalidades básicas do TikTok não podem ser consideradas exclusivamente inovadoras. Não que isso seja exatamente uma questão para a plataforma, afinal, como conseguimos notar, na hipertextualidade, um dos aspectos técnicos mais importantes para qualquer protocolo é se constituir de expectativas de funcionalidades.

Essas expectativas dão conta de serem perceptualmente representadas como entradas de expectativas de relevância, pois sua arquitetura de reconhecimento otimiza o esforço de processamento uma vez que praticamente qualquer usuário mais ou menos letrado para seu tipo de uso consegue representar cada elemento técnico como formas lógicas básicas de primeira ordem e, portanto, facilmente resgatáveis operacionalmente.

A Figura 18 (abaixo) destaca algumas dessas funcionalidades, nas quais nos deteremos mais especificamente para sua análise. É evidente que muitas das práticas de usabilidade nas redes sociais, como temos argumentado nas seções anteriores, fazem parte do que chamamos de *antecipação das expectativas de uso* e podem funcionar como *inputs* ostensivos de relativos graus de esforço. Pelo uso,

quanto maior a intimidade com as ferramentas de interface hipertextuais, menor o esforço de processamento.

Figura 18 — Destaque algumas ferramentas de interface (TikTok)¹⁶²



Fonte: captura de tela em computador pessoal (Windows), 18 de fevereiro de 2024.

Código QR para acesso à publicação

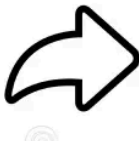


Para efeitos de visualização, decidimos capturar a tela do site TikTok diretamente de um computador pessoal usando o navegador *Google Chrome*. Com essa ferramenta conseguimos ter acesso aos mesmos elementos de interface que encontramos em um dispositivo móvel. Como podemos analisar, os ícones que representam as principais ações são baseados em símbolos relativamente estabelecidos dentro da cibercultura das redes sociais. O TikTok, por exemplo,

¹⁶² Disponível em: https://www.tiktok.com/@rita_von_hunty/video/7085455871999823110?lang=pt-BR. Acesso em: 18 fev. 2024.

segue uma funcionalidade parecida com a do Instagram no que se refere a dois toques rápidos na tela do vídeo para ativar e desativar a função de curtir. Os ícones dispostos no canto direito da tela são reproduzidos no Quadro 8 (abaixo).

Quadro 8 — Principais ferramentas de interface de usuário do TikTok

Curtir	Comentar	Compartilhar	Salvar
			

Fonte: Shutterstock (Disponível em: <https://www.shutterstock.com/>. Acesso em: 18 fev. 2024).

Como podemos notar na Figura 18, para cada um dos respectivos inputs gestuais, a plataforma deixa em destaque a numeração correspondente à quantidade de ativações relativas àquela funcionalidade. No vídeo de Rita von Hunty, por exemplo, temos os seguintes dados: Curtidas: 101.7K; Comentários: 1558; Compartilhamentos: 8001 e Salvos: 2345 (até o presente momento). Compreendemos que estes ícones têm caráter parametrizador, pois podem alterar a relação de interação com o hipertexto, expandindo sua potencialidade de representacional mental a partir dos *inputs* disponíveis em cada um deles (Bouchardon, 2021)

Um elemento que não fica ostensivamente visível em aparelhos móveis é a régua de tempo do vídeo, enquanto que a versão do aplicativo para sites deixa em evidência a duração total da publicação. Temos deduzido que essa ferramenta parece produzir efeitos de baixa ostensividade em relação à tendência de mudar de conteúdo. Uma vez que para acessar a duração dos vídeos em aparelhos móveis é necessário que o usuário realize pelo menos dois movimentos: (1) tocar na tela e (2) arrastar para a direita o dispositivo de régua que aparece quando acionado o movimento (1). Essas duas etapas provocam maior esforço de processamento por literalmente forçar o usuário a despender mais energia cinética. Nesse caso, pensamos que esta deve ser uma estratégia da arquitetura nativa da plataforma em

reduzir o ímpeto por troca de conteúdos uma vez que no aplicativo basta proceder ao movimento de arrastar para cima para acionar a troca.

De acordo com o quadro de categorias, atribuímos a estes recursos os aspectos de reforço técnico/de movimento. Porém, em termos enunciativos, destacamos que esse tipo de reforço ostensivo de interface de usuário ainda é uma das *affordances* menos manipuláveis pelo produtor de conteúdo. Ou seja, as escolhas quanto à localização de cada ícone e ao quanto de ostensividade cada um deve receber representa parte do que a plataforma decide previamente como parte da sua estrutura de desenvolvimento.

Por outro lado, uma das funcionalidades que o TikTok permite é um certo nível de manipulação é a disponibilidade do recurso de comentários. Como podemos notar, o perfil @rita_von_hunty decidiu que a seção permanecesse aberta para que qualquer usuário deixe seu comentário particular. Isso parece ser coerente com a proposta do perfil de promover um espaço de debate e compartilhamento de ideias. Nesse sentido, entendemos como este recurso, o qual depende do gesto de manipular o teclado do aparelho para produzir mensagens escritas destinadas ao perfil, constitui-se como parte da categoria de reforço técnico ao mesmo tempo em que aciona sistemas de saída representacionais dos usuários. Sua capacidade de interagir com o vídeo está, em certa medida, relacionada à sua capacidade de inferenciação acerca das informações transmitidas no conteúdo.

Consideramos que essas funcionalidades implicam *efeitos contextuais* de tipo [1], os quais se manifestam através da *adição de implicações contextuais*. Considerando que ícones, botões, destaques, hiperlinks, *hashtags* e/ou *tags* no geral fazem parte do modelo de usabilidade da plataforma, o reconhecimento de suas atribuições devem ser manifestas através da percepção de sua forma lógica de base. Isto é, o usuário, ao se deparar com um conteúdo como este, cria expectativas inferenciais sobre o conteúdo e acionar sistemas de otimização do esforço de processamento. É evidente, que como ficará mais claro adiante, o conteúdo do vídeo que estamos analisando não deve ser tomado como mais um do gênero do entretenimento.

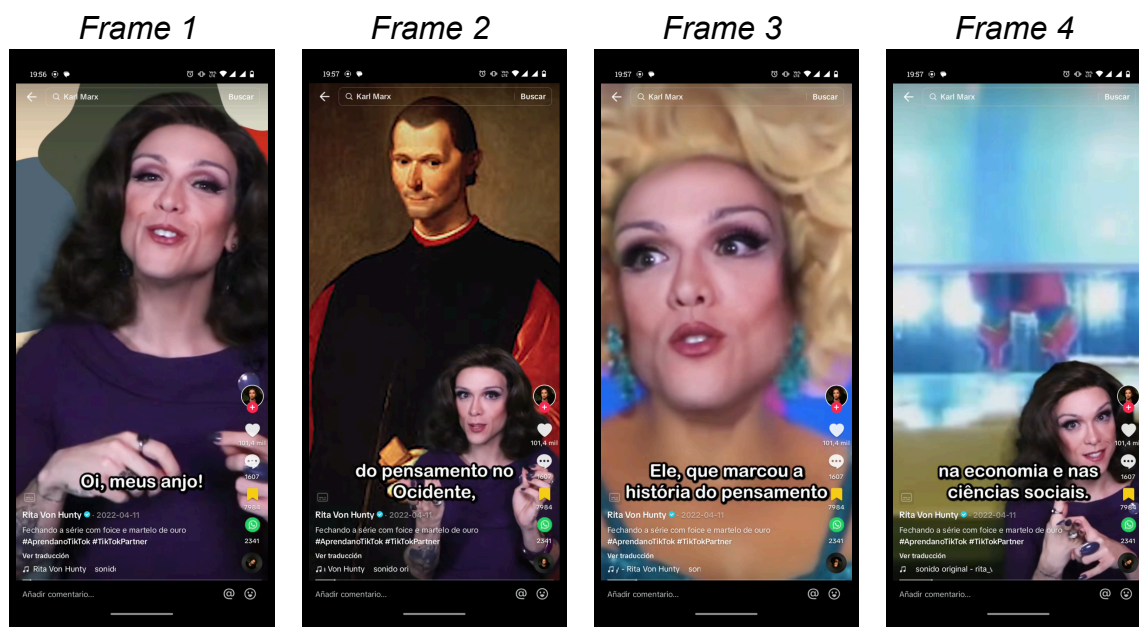
Todavia, seu *locus* de publicação e suas características técnico-enunciativas devem oferecer ao hiperleitor inputs para entradas representacionais de ativação do

seu arcabouço de conhecimento prévio a respeito dos usos nas redes sociais. Supomos, com isso, que deve haver uma clara distinção entre assistir a uma vídeo-aula no TikTok e uma aula na escola, por exemplo. O esforço de processamento, ao que tudo indica, é maior na segunda. Porém, o perfil Rita von Hunty parece saber usar a seu favor essas expectativas de relevância, à medida que lança mão de várias estratégias de hiper-ostensividade para reter pelo maior tempo possível e através da maneira mais bem otimizada possível cada usuário que por ventura esbarre com o seu conteúdo.

4.1.2 Nível 2: Enunciação

Seguimos para o segundo nível de nossa análise com respeito ao vídeo curto *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty* de @rita_von_hunty. Nessa fase da investigação damos foco primordial aos aspectos que constituem os segmentos enunciativos que consideramos mais importantes para o processo explicativo de nosso objeto. Evidentemente não nos detemos sobre cada segmento verbal da produção, pois sua análise seria demasiado extensa e repetitiva. A Figura 19 (acima) destaca 4 Frames recortados do vídeo *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty* após Rita fazer uma breve introdução sobre o conteúdo da série que foi exclusivamente desenvolvida para o TikTok.

Figura 19 — Frames (1-4) do vídeo *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty*



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 17 de fevereiro de 2024.

A divisão em frames não se refere necessariamente a uma questão técnica do ponto de vista de edição audiovisual, isto é, não há um procedimento de decupagem quadro-a-quadro nessa análise. Apesar de cada captura de tela se apresentar em ordem cronológica como exibido no vídeo original, nosso objetivo é selecionar quadros que evidenciam os elementos fundamentais para a investigação neste trabalho.

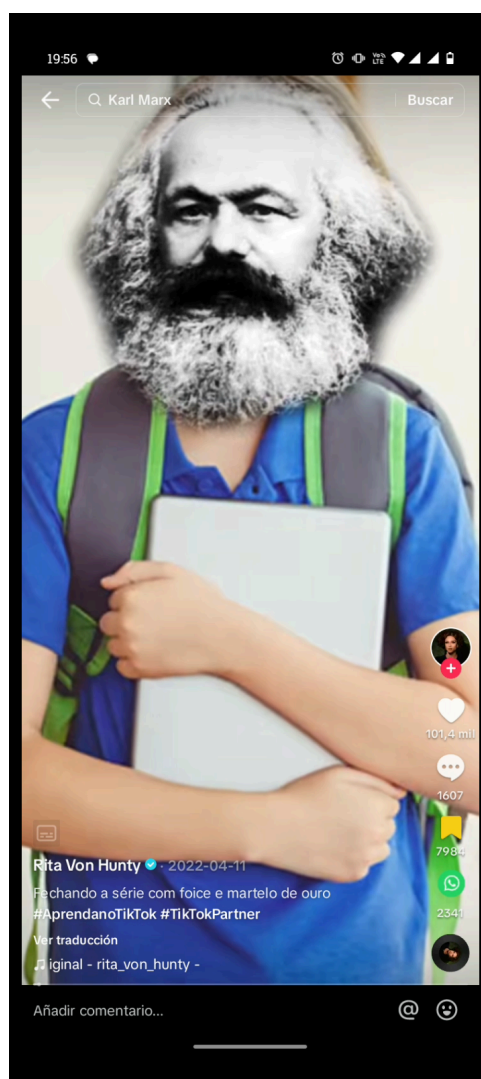
Durante a passagem dos Frame 3 a 4, observamos o seguinte enunciado em (1) que está registrado entre os segundos 00:30 e 00:41:

- (1) Hoje eu encerro a série com um dos filósofos mais importantes para as ciências humanas no geral (sic.).

O primeiro elemento que chamamos a atenção se refere às implicações de base que são estabelecidas com este enunciado. Essas implicações iniciais tomam como *inputs* de entrada ao menos duas informações previamente dadas, que para efeitos cognitivos, se valem do ambiente cognitivo constituído até então na base lógica do enunciado total do vídeo. Em (2) e (3) temos as informações que devem funcionar como elementos de *reforço subsequente* a partir da *repetição de informação dada*:

- (2) O nome do filósofo Karl Marx dá título ao vídeo.
- (3) O *Frame* de abertura do vídeo traz uma montagem com a imagem do autor (como mostra a Figura 20 abaixo) seguida da voz de Rita pronunciando o enunciado em (3b):
- (3b) “Marx, ou a filosofia do oprimido”.

Figura 20 — *Frame* de abertura do vídeo *Conhecendo Karl Marx* por Rita von Hunty



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 18 de fevereiro de 2024.

É digno de nota que a proposta cômica da publicação perpassa todos os elementos que compõem sua enunciação. O objetivo de uma publicação desse tipo é promover a divulgação científica através de estímulos potencialmente divertidos e descontraídos. Não é à toa que até mesmo um dos registros em foto que temos

disponíveis de Marx seja apresentado sob processo de mesclagem e edições de imagem. Esses elementos apontados em (3) implicam a entrada de estímulos através de condições representacionais específicas que acessam variáveis de cunho emocional para a construção de seu conjunto de conhecimentos de mundo.

Lembramos que como diriam Sperber e Wilson (1995[1986]) o ambiente cognitivo de um indivíduo consiste tanto dos fatos dos quais ele tem a capacidade de reter em seus arquivos de conhecimento como também em todos os fatos dos quais ele toma consciência. Supondo, minimamente, que o usuário tenha retido essas duas informações iniciais, temos em processamento os efeitos de cômputo das informações de base que interferem no ambiente cognitivo do indivíduo. Disso deve derivar a seguinte suposição S(a):

S(a) Um dos filósofos mais importantes a quem Rita se refere é Karl Marx.

É evidente que a suposição S(a) parece se tratar de uma das etapas representacionais mais básicas de todo o processo inferencial. O resgate de informação dada, dentro do escopo do esforço inferencial de ostensividade, devido ao seu caráter subsequente, tem baixo dispêndio de energia e requer níveis de atenção menores. Entretanto, se levarmos em conta as circunstâncias sociais do Brasil à época da publicação do vídeo. Para qualquer usuário mediano das redes sociais, desde a posse de Jair Bolsonaro (PL) ao cargo de Presidente, as discussões acerca da filosofia marxista e suas influências para a construção do pensamento comunista tomaram conta de grande parte dos espaços de debate. Isso implica supor que formas representacionais da informação em (2) e (3) sejam acessíveis àqueles usuários em potencial de se tornarem audiência do perfil de Rita von Hunty. Por questões óbvias, não temos acesso a cada forma representacional, mas sustentamos a probabilidade de sua conjugação ao cômputo inferencial de base, que para efeitos contextuais constituem as implicações sintéticas entre informações novas e antigas.

A seguir, analisamos o enunciado em (4) que se refere à informação em sequência a (3) produzida pela autora do vídeo:

(4) *Ele*, que marcou a história do pensamento na filosofia, na economia e nas ciências sociais (sic.).

Os usos de aposto tendem a produzir efeitos de dêiticos nos enunciados (Levinson, 2020). Em (4), temos presente que as informações referenciais em prospecção criam expectativas informacionais a respeito do conteúdo central da publicação. No caso em questão temos três formas lógicas referenciais: (1) marcou a história do pensamento na filosofia, (2) nos estudos em economia e (3) nas ciências sociais.

O fenômeno da dêixis, que tem em protótipos dêiticos como os pronomes seus exemplares clássicos, normalmente estabelecem presunção de expectativas e podemos argumentar que estes mobilizam *inputs* de relevância à medida que expõem certas informações pertinentes ao processamento de ostensividade. Segundo Levinson (2020), a dêixis diz respeito a como os indivíduos interpretam as informações em contextos de enunciação, pois sua referência só pode ser resgatada dentro do ato comunicacional, não necessariamente dentro da sua forma lógica apenas.

Nesse sentido, a conclusão da suposição da referência dêitica deve levar à confirmação de suposições, e quando não o fazem, estabelecem-se quebras de expectativas. Como discutimos anteriormente, no âmbito dos gêneros cômicos as quebras de expectativa mobilizam formas representacionais de contradição, o que tende a gerar comicidade. Nesse caso em especial, já sabíamos que o enunciado em (4) se referia a Karl Marx, pois diante de tudo o que esclarecemos anteriormente, as suposições básicas não deixam dúvidas sobre o referente.

O que temos, então, é uma das estratégias de reforço ostensivo que serve para produzir efeitos contextuais do que consideramos como repetição para fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas. O processo de reafirmar as bases das implicações centrais parece demonstrar que os interlocutores usam essa estratégia para manter o nível de atenção em maiores graus de concentração. Esse esforço de direcionamento ótimo sinaliza para a audiência em que essa suposição é mais otimamente satisfatória e deixa mutuamente manifesta a intenção da proposição, a saber, reafirmar que em (4) que Karl Marx é um filósofo muito importante.

Portanto, a repetição de uma implicação tão evidente deve ter outra função para além do reforço de retenção de atenção. Entendemos que o fato de (4)

apresentar o uso de dêiticos como elemento de ostensividade de implicação de informação dada parece também funcionar para a exploração dos efeitos de humor. Essa suposição deve funcionar como evidência a partir dos efeitos de mixagem. Notamos que a transição dos *Frames* 3 e 4 se constituem de técnicas miméticas de sobreposição de imagens. No *Frame* 3 o rosto de Rita é sobreposto ao que parece ser o rosto de RuPaul Andre Charles¹⁶³.

O *Frame* 3 faz referência ao momento em que algum personagem é apresentado à audiência em programas de televisão onde sua identidade, ou resultado de algum tipo de transformação, é apresentado aos poucos. Esse efeito de construção de expectativa é típico de ápices de programas televisivos e tem a função de manter a concentração da audiência através dos efeitos ostensivos de exibição, foco de filmagem e edição de vídeo.

Assim, estamos sustentando que a interpretação lógica da derivação dos efeitos de mixagem em conexão com o uso da dêixis, deve ser interpretada como parte da construção bem-humorada da publicação de Rita von Hunty a qual, em sua amplitude enunciativa, produz reforço de retenção de atenção pelo direcionamento a um tipo de audiência suposta (usuários mais jovens ou menos habituados a temas mais sérios como em gêneros do campo comunicativo das palestras).

A seção 4.1.3 trata dessas questões de maneira mais detalhada. Por ora, nos detemos nas estratégias enunciativas de esforço de direcionamento. Nesse caso em específico, nossa análise ainda tenta apontar o processamento representacional computado a partir do conjunto de *conhecimentos enciclopédicos*.

Em (4) temos um enunciado constituído de elementos dêiticos e que trazem informações contextuais acerca do autor a partir das referidas formas lógicas:

Informação (i): Marx marcou a história do pensamento na filosofia.

Informação (ii): Marx marcou os estudos em economia.

Informação (iii): Marx marcou as ciências sociais.

¹⁶³ RuPaul Andre Charles é mais conhecido como RuPaul ou Mãe das Drags devido ao seu programa de televisão RuPaul's Drag Race (um reality show norte-americano em formato de competição de Drag Queens).

Notamos, entretanto, que o enunciado (4) deixa de fora uma das informações mais sobressalentes sobre Marx para os debates gerais que circulam na internet nos últimos tempos: sua influência na política.

Contextualmente, à época da postagem do vídeo *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty* ainda presenciávamos interações reativas à campanha do Presidente Lula (PT) que disputava seu terceiro mandato à Presidência da República. Na verdade, desde um certo período que antecede a campanha eleitoral de 2018, que daria a Jair Bolsonaro (PL) a vitória na corrida eleitoral, a discussão acerca das questões referentes aos sistemas de governo socialistas e à filosofia comunista ganharam destaques nos principais círculos de debates nas plataformas de redes sociais.

Como esforço em desmobilizar o pensamento mais à esquerda do espectro político, grupos, comunidades e comunicadores de direita financiados (ou não) por instituições de perspectiva liberais reacenderam a discussão polarizada entre comunismo versus capitalismo. Nesse sentido, a publicação em análise faz parte, de certa forma, do ciclo de produções de divulgação de comunicadores de esquerda que também fizeram das redes sociais um ambiente de provocações e debates¹⁶⁴.

Esses elementos circunstanciais devem ser mobilizados no centro do sistema perceptual do indivíduo, pois estamos considerando que usuários mais ou menos cientes em algum nível dos fatos que circulam essas questões mencionadas acima, potencialmente têm acesso a conteúdos como o de Rita von Hunty. Essa interpretação serve de base para a computação do enunciado em (5) pronunciado pela autora do vídeo entre os segundos 00:42 e 00:46 (entre a exibição do Frame 4).

(5) Ele que também é a base do meu pensamento: o seu Karlinho! (sic.).

Com a proposição do enunciado em (5) temos a adição de uma quarta informação derivada do uso da dêixis:

¹⁶⁴ Para uma abordagem mais aprofundada acerca da construção dos discursos polarizados com potencial de manipulação nos espaços midiáticos no contexto do bolsonarismo, sugerimos o estudo produzido por Rocha (2021) o qual perfaz o percurso histórico-discursivo de como o movimento retórico se deu desde a popularização dos ideais de Olavo de Carvalho até a estrutura dos círculos de interação de grupos apoiadores de Bolsonaro (PL) durante seu mandato. Em termos de análise acerca de como instituições neoliberais se organizam enquanto sustentáculo de grupos do que Casimiro (2018) compreende como aparelhos privados de hegemonia (institutos de fomento, *think tanks*, grupos empresariais, etc.), sugerimos a leitura do estudo produzido pelo autor intitulado *A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo* (Casimiro, 2018).

Informação (iv): Marx influenciou o pensamento de Rita.

O ápice da simulação de expectativa no *Frame 4* chega em simultaneidade entre o termo *[o seu Karlinho!]* e a imagem do rosto do autor sobreposta a uma imagem de arquivo do que acreditamos ser o programa *queer RuPaul's Drag Race*. Essa afirmação era a informação que ficara em suspensão até poucos segundos atrás e deve ser alocada para o final do ato propositivo dos segmentos (4) e (5). Essa estratégia se caracteriza como parte do processo ostensivo de *reforço concomitante* o qual pode fazer uso de *inputs* semióticos diversos, sempre em posição de sobreposição de simultaneidade.

O resultado dessa entrada ostensiva visa a sinalização de foco para a derivação das suposições otimamente lógicas do que o enunciado principal deve indicar. O conjunto de elementos que constituem o reforço concomitante é o de dar ao indivíduo sinais de otimização do fluxo de esforço na computação das informações, de forma que para efeitos de derivação do segmento em (5) temos que ter à disposição inputs que acionaram o conjunto de conhecimento representacional acumulado. Esse é o tipo de dispositivo ostensivo *resgatado* a partir da totalidade do ato propositivo.

As informações que compreendem, para o indivíduo, o quadro do dispositivo de *resgate* têm que ver com as informações *referidas*, *sobrepostas* ou *mixadas* ao texto principal. Ao fazer menção a Karl Marx e eliminar qualquer implicatura não inferível por fazer uso de imagem sobreposta, os segmentos (4) e (5) produzem logicamente as seguintes possíveis explicaturas (A-C) e suas implicações derivadas:

Explicatura (A): Marx influenciou o pensamento ocidental.

Implicatura (A.1): Marx é importante para diversos pensadores.

Explicatura (B): Ele marcou várias áreas do conhecimento.

Implicatura (B.1): O pensamento dele é amplo e aplicável a várias ciências.

Explicatura (C): Marx é o autor que sustenta a fala de Rita.

Implicatura (C.1): Rita é marxista e comunista.

Implicatura (C.2): O vídeo de Rita é comunista.

Implicatura (C.3): Rita defende o pensamento de esquerda.

As implicaturas (A.1) e (B.1) parecem ser derivadas mais espontaneamente, provavelmente, pela maioria dos usuários com acesso ao vídeo. Por outro lado, temos que considerar que o conjunto das implicações (C.1-C.3) são caracterizadas com graus de baixa probabilidade da primeira à última. Todavia, não são impossíveis. A implicação de Rita como comunista, por exemplo, tem alto potencial de representação a depender das variáveis emocionais do indivíduo e de sua capacidade de resgatar conhecimentos enciclopédicos. As representações de segunda ordem (factuais) são amalgamadas em arquiteturas mentais que dependem dos estados emocionais, atitudes de crenças ou desejos, como afirmam Sperber e Wilson (1995[1986]). Do conjunto enunciativo desses segmentos, temos que derivam-se ao menos algumas das suposições como seguem:

S(b): O pensamento de Marx deve ter sido importante até para quem não é marxista/comunista.

S(c): O pensamento de Marx vai além da área da política.

S(d): Nossas ideias atuais sobre o que entendemos por economia e sociedade podem ter sido influenciadas pelos ideais marxistas.

S(e): Rita é marxista e todo o vídeo é uma propaganda das suas ideias.

De fato, as possibilidades de suposições lógicas são infundáveis, mas temos que considerar que todo o esforço ostensivo do vídeo trilha um caminho otimizado para direcionar o esforço de processamento. Por mais variáveis que possam existir, o processo ostensivo-inferencial mitiga em grande parte os desvios de suposições.

Temos evitado adicionar ao nosso processo indutivo as análises dos elementos de mescla de módulos linguísticos variados, de forma que este recorte analítico nos permite proceder ao terceiro nível de análise. Em certo sentido, levamos em consideração que os gestos e suas arquiteturas de interface são parte integrante do movimento estratégico de enunciação hipertextual e o conjunto dos variados *inputs* permitem o processamento inferencial como um todo. Entretanto, faz-se necessário darmos atenção ao processo de mesclagem de maneira mais detalhada.

4.1.3 Nível 3: Mesclagem

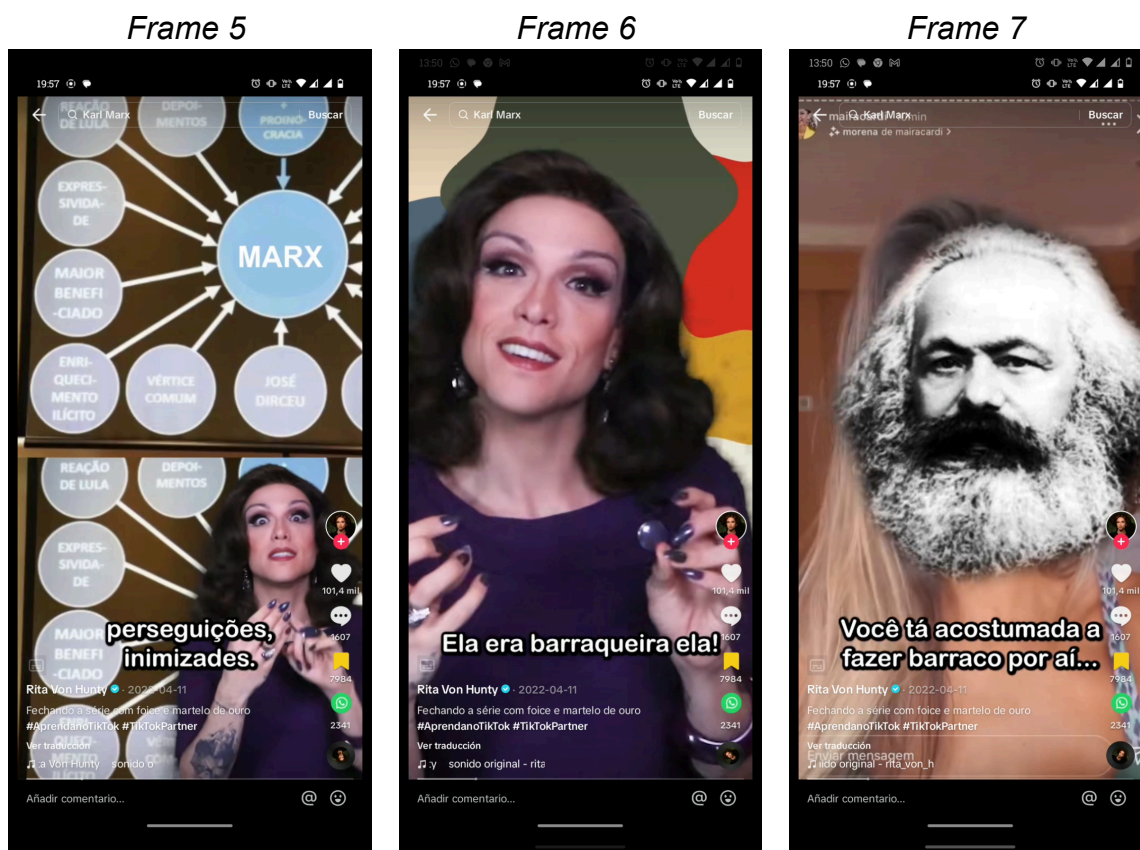
Nos níveis anteriores sustentamos que a interpretação lógica da derivação dos efeitos de mixagem, processamento de resgate de conhecimento e os efeitos contextuais a partir do uso da dêixis, deve ser tomada como parte da construção bem-humorada da publicação de Rita von Hunty. Em sua amplitude enunciativa, a postagem produz reforço de retenção de atenção pelo direcionamento a um tipo de audiência suposta (usuários mais jovens ou menos habituados a temas mais sérios como em gêneros do campo comunicativo das palestras). No terceiro nível de construção hipertextual temos os elementos que tendem a expandir esses efeitos de retenção e servem a captação de audiência-alvo presumida.

Destacamos os segmentos que correspondem ao *Frames* 5-7, representados na Figura 21 (abaixo). Durante a passagem do *Frame* 5, ouvimos o seguinte enunciado em (6) articulado por Rita, o que corresponde aos segundos 00:47 e 00:53:

(6) Bom, a vida do Marx foi marcada por dificuldades, pobreza, perseguições, inimizades (sic).

O segmento em (6) é realizado ao mesmo tempo que uma série de memes são mixados à imagem principal de Rita von Hunty. Nesse momento, a edição retira Rita de foco, deslocando sua imagem para mais à direita do vídeo. Além disso, o efeito de redução do quadro da autora é deslocado para o canto inferior de forma que apesar de ela continuar em simulação de primeiro plano, as imagens atrás dela permanecem em foco de atenção. Na hipertextualidade, essa estratégia de edição é viabilizada pelas ferramentas técnicas disponíveis ao usuário produtor de conteúdos dessa natureza e a classificamos como elemento de entrada de *ostensividade de foco*.

Figura 21 — Frames (5-7) do vídeo *Conhecendo Karl Marx* por Rita von Hunty



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 24 de fevereiro de 2024.

A prática de produzir foco de atenção é ampla, variada e de certa forma, naturalmente adquirida pelos seres humanos em situações regulares de comunicação. Desde gestos até aumentar o tom da voz, sabemos quase que intuitivamente como ressaltar segmentos da nossa enunciação para chamar a atenção da audiência. O resultado disso, como tem afirmado a Teoria da Relevância é deixar mutuamente manifesto a intenção do interlocutor, de forma que sua audiência consiga computar otimamente as suposições representacionalmente disponíveis.

As técnicas hipertextuais de mixagens para destaque dos elementos centrais de acordo com a proposição dos enunciados devem ser compreendidas como mais uma das formas de manifestar as intenções dos produtores. À diferença da comunicação verbal cotidiana, as interações na hipertextualidade demandam um certo planejamento estratégico, o que significa que todas as tentativas de simulação da espontaneidade são unicamente resultado de técnicas adquiridas com a

experiência dos usuários da máquina e são sintetizadas pelas ferramentas disponíveis tecnicamente. Parece óbvio, mas não se pode fazer o que não se pode fazer. O resultado disso é que apesar de técnicas de edição e manipulação de imagens e áudio estarem em estágios avançados de aperfeiçoamento, as ferramentas comuns que grande parte dos usuários tem acesso nas redes ainda produzem efeitos aquém da perfeição.

Os níveis de imperfeição audiovisual ofertados nas redes sociais tendem, com certa variação de expectativa, a servirem aos propósitos das práticas de bricolagem. Ou seja, há um certo parâmetro de aceitação e expectativa de efeitos de experimentação e amadorismo no uso das ferramentas de mesclagem, o que tende a ser cooptado pelos gêneros do humor de uma forma geral.

No caso em questão, não são diferentes os efeitos contextuais produzidos pelo baixo nível de investimento no vídeo de Rita — pelo menos no que se refere aos disponibilizados em formato para TikTok. E é justamente nos *Frames* de mescla, que observamos níveis assim no vídeo de Rita von Hunty, o que nos leva à confirmação da suposição de que estamos tratando de um tipo de publicação que faz uso do cômico para tratar de questões mais sérias.

Ao enunciar o segmento (6) temos acesso a uma melodia de baixa frequência que remete a cenas tristes. Apesar de não conseguirmos acessar diretamente a fonte da melodia, temos acesso a sua manifestação exclusiva para o momento em que Rita produz um ato verbal que remete às situações difíceis na vida de Karl Marx. Nesse caso, a entrada auditiva da música pode se caracterizar como a técnica de ostensividade de *repetição complementar*.

Mesmo não se tratando de uma repetição *ipsis litteris* do enunciado (6), acessamos a sua presunção de relevância de estímulo repetitivo através da sua aplicação enunciativa. Em outras palavras: a repetição da intenção de representar tristeza se deve à computação inferencial das entradas verbais e auditivas. É a repetição de informação com variação técnica de modos de linguagem semióticos distintos que produz os efeitos contextuais intencionados. Dessa implicação, derivamos a seguinte presunção de relevância representada na suposição S(f):

S(f): Marx foi uma pessoa real com problemas comuns à grande parte das pessoas.

A manifestação da intenção de Rita se dá através de estratégias ostensivas, que em certo sentido devem remeter às produções do gênero cinematográfico quando estas querem comover a audiência através de recursos sensórios. O fato de a postagem remeter sem necessariamente reproduzir narrativamente esse tipo de técnica deve ser igualmente levada em consideração no cômputo geral como parte do sistema representacional. Desse cômputo, o indivíduo deve derivar a suposição em S(g):

S(g): Rita brinca com a história de Marx como se estivesse tentando nos levar à emoção.

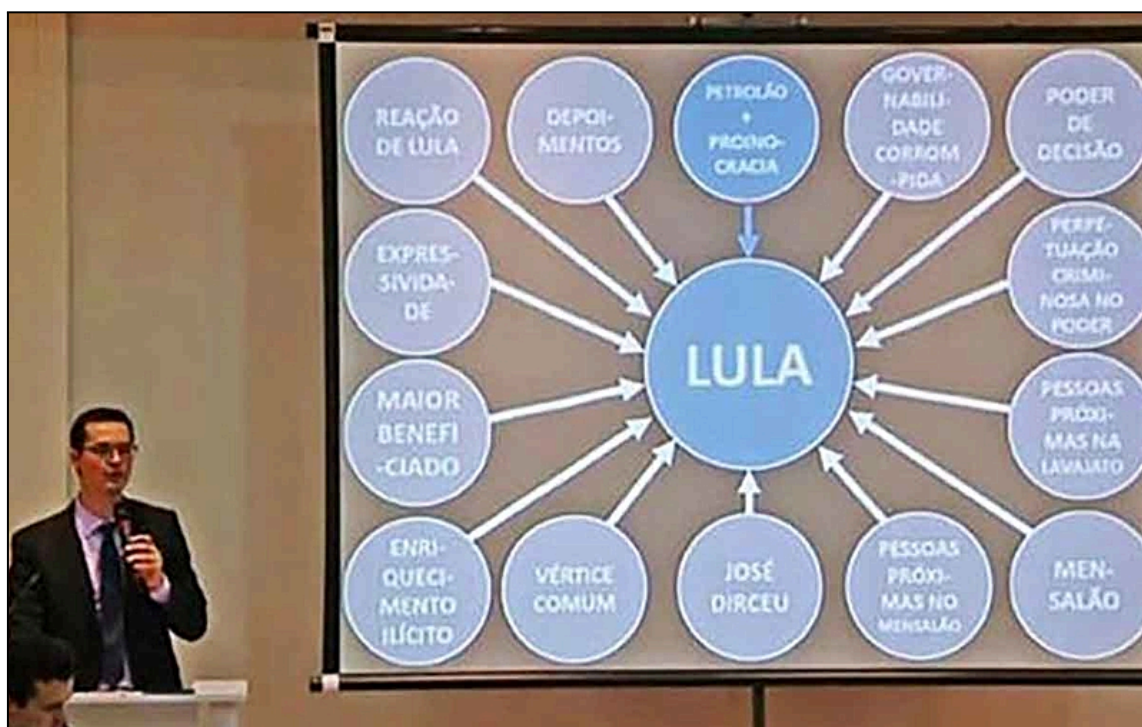
Notamos que a suposição S(g) faz parte do conjunto de suposições derivadas diretamente da inferência da presunção de relevância. Sua conclusão é o ápice da satisfação da tentativa de deixar mutuamente manifesta as intenções comunicativas da postagem como um todo. Se estivermos certos neste respeito, devemos supor que o movimento de inferenciação promovido pelo vídeo de Rita tende a explorar em sistemas de estímulos e representações ora a ostensividade informativa, ora a ostensividade comunicativa. O resultado parece ser otimizar, em curtos espaços de tempo, os recursos de atenção e retenção de foco do usuário em ambientes hipertextuais.

Para cada uma das informações acerca da vida de Marx, temos através das técnicas de sobreposição uma representação referencial correspondente. Como o vídeo se trata do gênero vídeo curto, é natural que tenhamos o uso de recursos meméticos como estímulos para essa função semiótica.

Destacamos que as informações propostas por Rita são as quatro: (i) dificuldades, (ii) pobreza, (iii) perseguições e (iv) inimizades. Como podemos ver no *Frame 5*, a imagem que se encontra atrás da persona drag é uma espécie de diagrama. Acreditamos que para compor o quadro otimizado em tela vertical, os editores do vídeo decidiram repetir o quadro um acima do outro. No centro do diagrama vemos o nome de Marx em destaque. Com mais atenção, notamos que o restante do diagrama não foi alterado. De forma que o objetivo deve ser o de tornar esse recurso visual um estímulo para a manifestação de intenções propositivas, e assim permitir que estas entrem no sistema de representação do conhecimento enciclopédico.

A imagem em questão faz referência ao uso de uma apresentação em *PowerPoint* feita pelo então procurador Deltan Dallagnol no dia 15 de setembro de 2016 em uma entrevista coletiva do Ministério Público Federal (MPF) em Curitiba (PR). A Figura 22 (abaixo) é uma reprodução da imagem do *PowerPoint* que ficaria famoso nas redes sociais pelas suas características persecutórias de baixa evidência. Estes são elementos circunstanciais tangenciais que devem influenciar o direcionamento interpretativo do termo *[perseguição]* como usado por Rita no seu vídeo, pois sua enunciação se dá paralelamente à exibição desta imagem especificamente.

Figura 22 — Imagem divulgada da entrevista coletiva Deltan Dallagnol ao MPF com o auxílio do seu *PowerPoint* com acusações contra Lula (PT)



Fonte: Brasil de Fato (Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/23/compare-as-capas-de-jornais-do-power-point-contralula-e-da-condenacao-de-deltan-dallagnol>. Acesso em 24 de fevereiro de 2024).

A entrevista em questão era parte do processo que havia sido aberto contra o então ex-presidente Lula (PT) referente aos atos da Operação Lava-Jato que levaram a sua prisão. A figura em questão fazia parte de um dos *slides* da referida entrevista a qual ficou conhecida como o *PowerPoint* de Dallagnol, sendo esta um dos símbolos do processo que neutralizou as articulações políticas do presidente

Lula (PT). Esta imagem se configurou entre os grupos de esquerda e apoiadores do presidente como o maior representante do que até então se entendia como um processo de articulação persecutória deliberada contra o mesmo.

A intencionalidade do vídeo ao trocar o nome de Lula pelo de Marx é implícita mas ostensivamente resgatável enquanto estímulo imagético. Rita faz referência à perseguição política em associação com eventos que teriam ocorrido em nosso país. Derivamos, portanto, as suposições S(h-j):

S(h): Marx foi perseguido assim como Lula.

S(i): A perseguição a Marx era de ordem política.

S(j): Marx foi injustiçado, assim como Lula.

Das três possíveis suposições implicadas, S(j) deve ser a mais otimamente presumível devido ao processamento derivado até este ponto do vídeo. O cômputo inferencial que leva ao direcionamento de injustiça parece ser o único que não merece ser descartado e deve ser também o ponto onde o indivíduo pode parar seu processamento inferencial. O simples fato de Rita estar tratando da vida de Marx, em adição ao fato de sua afirmação acerca dele ser sua base de pensamento, deve indiciar logicamente que há aproximações entre a mesma e sua filiação político-partidária, de tal sorte que sua intenção manifesta é apontar os elementos de injustiça nos dois casos.

Outro estímulo resultado do processamento das mesclas de módulos linguísticos se dá durante a passagem do *Frame* 6. Neste ponto, a persona Rita pronuncia entre os segundos 00:52 e 00:53 o segmento de enunciado a respeito de Karl Marx em (7):

(7) Ela era barraqueira ela (sic).

O segmento em (7) é parte da estrutura de conclusão da proposição iniciado em (6), o que deve funcionar novamente como parte das estratégias de uso da dêixis. A referencialidade é resgatada enunciativamente por pelo menos dois fatores: proximidade de produção das formas lógicas e construção cômica do desvio de gênero do referente.

Primeiramente, a proximidade é parte integrante do processamento de referencialidade de qualquer protótipo dêitico, pois seu acesso representacional,

apesar de se fundamentar em grande medida na situacionalidade do contexto, precisa de elementos indiciais de que o referente é identificado de forma otimizada. Por outro lado, a comunicação tende a gerar problemas de inferenciação para os interlocutores, como aponta Levinson (2020).

Porém, no contexto da enunciação em questão temos um desvio de gênero do padrão linguístico na língua portuguesa. Rita se refere a Marx como *[Ela]* ao invés de usar o pronome masculino da terceira pessoa do singular *[Ele]*. Além do mais, o enunciado em (7) não é aleatório. A sua construção em deslocamento e repetição da anáfora *[Ela]* acessa o sistema representacional das suposições sintéticas em conjuntos de formas lógicas comuns à comunicação falada do Português Brasileiro (PB). Como apontam autores como Othero e Spinelli (2017), essa construção anafórica tem se consolidado como parte do sistema padrão da oralidade brasileira. No caso da postagem de Rita von Hunty seu uso de padrões linguísticos gera desvio da norma que tem sido utilizada pela persona, o que parece servir de estímulo ostensivo para entrada representacional de formas não-padrão.

Para além do desvio de norma, há uma presunção de relevância mais subjacente quanto ao uso desta forma lógica. Rita faz uso de referências *queer* em quase todos os elementos que compõem seu conjunto de estímulos. A imputação do desvio da forma cisgênero de Karl Marx pode funcionar como parte do processo de construção humorística da persona e deve ser computada como mais um elemento de ostensão da estratégia de foco e retenção de atenção.

Logo em seguida, há uma montagem com o rosto do filósofo, como pode-se notar na captura do *Frame 7*, sobreposto a uma postagem em vídeo do perfil @mairacardi. Aqui já não se trata de imagens estáticas mais. Temos a justaposição de outro vídeo publicado (provavelmente) no Instagram por outro perfil em outro contexto comunicativo. Neste ponto, onde ouve-se, entre os segundos 00:54 e 00:58, o segmento enunciativo em (8):

(8) Você tá acostumada a fazer barraco por aí... eu também (sic).

O segmento (8) não é pronunciado por Rita. É a própria voz da Maíra Cardi que ouvimos a partir do recorte de uma postagem nas suas redes sociais. Segundo alguns portais de notícias contam, a postagem da coach Cardi é referente à época

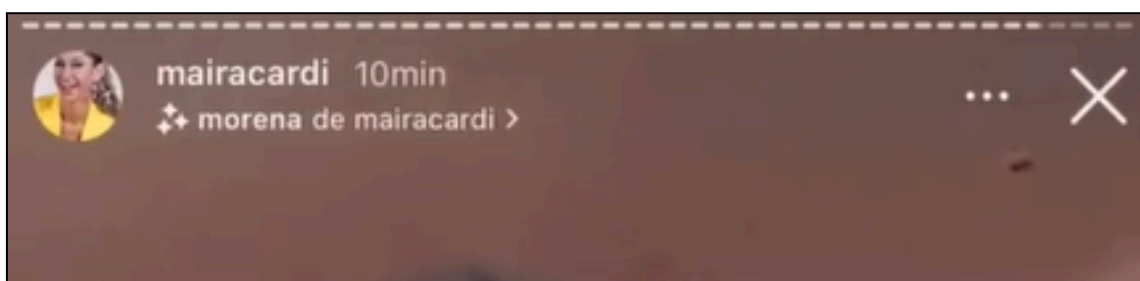
da edição do Big Brother Brasil sobre o qual a atriz Luana Piovani teria feito algumas declarações contra um dos integrantes (Queiroz, 2022).

A título de comparação de processos de ostensividade, a mesclagem do segmento em (7) e (8) tem graus de esforço completamente distintos. Em (7) a manipulação da imagem (troca do nome Lula por Marx) faz uso de técnicas mais precisas que alteram a imagem original de forma a esconder suas imperfeições. À primeira vista, parece de fato que o nome original é o de Karl Marx. Somamos a isso a repetição do mesmo quadro um acima do outro, o que otimiza o esforço de resgate e pode se caracterizar como ostensão por *repetição sistemática*, isto é, o tipo de repetição na qual estão presentes os mesmos elementos para efeitos de reforço ostensivo.

Por outro lado, o segmento em (8) tem baixo potencial de ostensividade enquanto elemento de entrada para resgate de conhecimento representacional. Consideramos, este último como parte da categoria de conhecimento *não resgatado* devido a sua baixa ostensividade. Há evidências no uso da imagem da coach Maíra Cardi que o vídeo implica uma ostensividade de baixo potencial de identificação devido a falta de explicitude no conjunto do processo de mesclagem.

Por exemplo, a única evidência verificável de que o vídeo usado na postagem de Rita é um recorte da postagem original de Maíra Cardi consiste no fato de que é necessário que o usuário pause o vídeo em exibição no TikTok e preste atenção ao termo que aparece no topo da tela, como mostra a Figura 23 (abaixo):

Figura 23 — Recorte de captura do *Frame 7* do vídeo *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunt*y



Fonte: captura de tela em computador pessoal, 24 de fevereiro de 2024.

A identidade do perfil @mairacardi é parte da evidência de sua referência para os indivíduos que não têm esse evento comunicativo em seu arcabouço de

conhecimento enciclopédico. Porém, sua identificação tem baixa ostensividade, ainda mais se somarmos isso ao fato de o rosto da coach estar escondido sob a imagem de Karl Marx sobreposta. Desses elementos ostensivos, derivamos as possíveis suposições:

S(k): Marx era barraqueiro.

S(l): Marx se envolveu em debates parecidos com o de Maíra Cardi.

S(m): O vídeo da coach ilustra alguma situação da vida de Marx.

S(n): O vídeo de Cardi serve apenas para propósitos cômicos.

Tendo em vista as formas representacionais computadas pelos elementos de entrada destacados acima, podemos afirmar que a única suposição que resiste ao cálculo inferencial deve ser S(n). Sua implicação está suposta através do conjunto de baixo potencial de ostensividade. Isso permite o direcionamento inferencial ótimo mesmo para os indivíduos que acessam a referência representacional do vídeo mixado da coach. De fato, o conjunto complexo de ostensividade alta e baixa para cada um dos inputs *determina* as formas lógicas de interpretação derivadas e as suposições que devem ser descartadas, sobrando pouco espaço para interpretações excessivamente diversas.

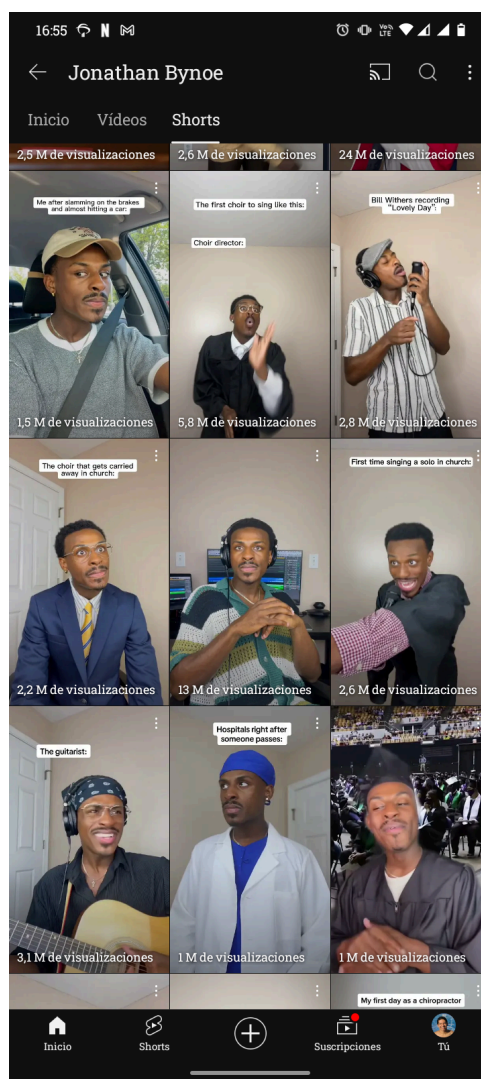
4.2 Objeto 2: *The pastor just tryna get to the word*

A segunda parte da nossa análise tem como objeto o vídeo curto publicado pelo perfil @jonathanbynoe e intitulado *The pastor just tryna get to the word* (O pastor só está tentando dar a palavra, do inglês). O vídeo foi publicado no YouTube no dia 08 de julho de 2023. De acordo com o próprio Jonathan Bynoe, o gestor do perfil no YouTube, a plataforma é até o presente momento a principal rede social para a produção dos seus vídeos tendo em vista que uma parte significativa dos seus vídeos curtos faz uso de músicas como parte essencial da dinâmica proposta nas publicações (Mpama, 2023).

A Figura 23 (abaixo) apresenta a disposição em galeria dos *Shorts* publicados pelo perfil na sua página oficial no YouTube. O vídeo curto em questão se encontra

disponível no card localizado no canto esquerdo ao centro do mosaico da captura de tela desta área de *Shorts*.

Figura 24 — *Shorts* do canal @jonathanbynoe



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 13 de junho de 2024.

Pela listagem de publicações do perfil, podemos observar que muitas delas tendem a fazer uso de músicas pop da cultura norte-americana como mote para as propostas de reinterpretação de Bynoe. O próprio criador de conteúdo esclarece que utiliza seu gosto pela música e sua experiência como ator para a produção dos seus vídeos na plataforma do YouTube (Mpama, 2023). Algumas das características enunciativas mais ostensivas desse tipo de postagem, portanto, dizem respeito ao uso massivo de referências da cultura pop para a produção de conteúdos cômicos.

Uma das principais diferenças entre o perfil de @jonathanbynoe e o de @rita_von_hunty deve estar nas suas intenções comunicativas (Levinson, 2020). Enquanto as redes sociais de Rita projetam-se como espaços para divulgação científica, o perfil de Bynoe promove o entretenimento como forma de agradar uma parcela dos usuários da plataforma, oferecendo conteúdos rapidamente consumíveis e divertidos.

Nos interessa, nos âmbitos investigativos desta pesquisa, identificar como os módulos semióticos devem estar mesclados para produzir os efeitos de sentidos desejados. Ao mesmo tempo, esta análise visa compreender como os elementos ostensivos se organizam enunciativamente para o processamento da informação.

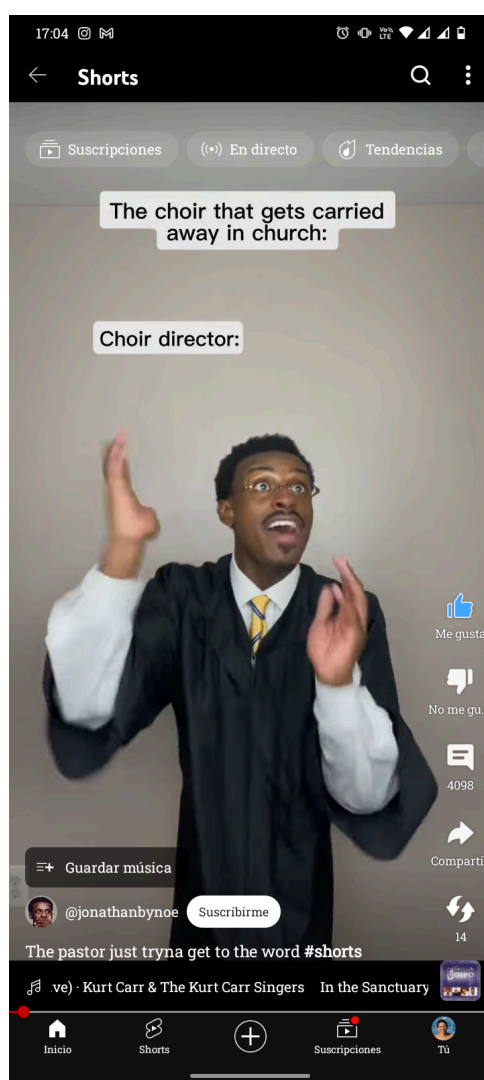
4.2.1 Nível 1: Interface

Consideramos a publicação do vídeo curto em questão como parte de uma proposta comunicativa derivada da sátira devido ao uso da canção que a sustenta. Ao mesmo tempo, esta produz efeitos cômicos para expor algum tipo de situação cotidiana. Além disso, a postagem faz uso de recursos gestuais com certos graus de exagero para definir o sentido proposto da publicação. No geral, as postagens de @jonathanbynoe exibem a tendência a fazer uso de canções como temática para ressignificação, contribuindo para entendimentos novos ora sobre o sentido implícito da música, ora sobre as possíveis razões que teriam motivado sua composição.

No que tange à interface, a plataforma na qual se encontra a postagem em análise se vale, em certa medida, de elementos técnicos pré-estabelecidos mais ou menos armazenados na memória de longo prazo de qualquer usuário mediano de redes sociais. A aparência dos ícones que designam funções, por exemplo, não tende a diferir muito da estrutura imagética estabelecida como padrão em grande parte das plataformas de redes sociais. A Figura 25 (abaixo) demonstra a aparência padrão da interface atual do aplicativo do YouTube adaptado para aparelhos móveis. Assim como no TikTok, a disposição dos principais recursos interativos se encontra na lateral direita da tela principal do *Shorts* (recurso onde ficam armazenados os vídeos curtos).

Essa disposição, pelo que podemos observar, otimiza a utilização para uma parte considerável de usuários que normalmente fazem uso de celulares com uma mão só, normalmente à direita (se forem destros). A posição dos dedos, portanto, parece privilegiar o toque pelo polegar, o qual tende a ficar livre enquanto os outros dedos apoiam o aparelho na palma.

Figura 25 — Captura de tela da postagem *The pastor just tryna get to the word #shorts*



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 01 de agosto de 2024.

Imaginamos que essa proposta parece beneficiar-se das *affordances* que a plataforma disponibiliza por algumas razões. Primeiramente, o YouTube, como discutido anteriormente, ganhou popularidade como uma plataforma que otimiza a visualização de conteúdos musicais. Com os avanços técnicos e popularidade da

internet, o site se destacou em se tornar um depósito para indexação de produções musicais e vídeos em geral. Essa característica parece contribuir para os recursos de usabilidade, uma vez que hoje a plataforma conta com uma vasta quantidade de canções disponíveis. De certa forma, a criação de vídeos curtos com a adição de músicas tende a ser mais prática. Todos os processos de mesclagem semiótica que se valem de mixagens ou recortes de faixas de áudio têm em certa medida potencial para sua realização prática dentro da plataforma, mesmo se considerarmos os esforços do TikTok neste sentido (Allocca, 2018; Stokel-Walker, 2022).

Outra característica técnica importante tem a ver com os padrões de manipulação de vídeos pelos usuários. Apesar de seguir uma lógica similar em formato e dimensões de imagens no que se refere a outras redes sociais, o aplicativo do YouTube se utiliza de recursos de visualização da progressão de tempo, permitindo ao usuário avançar ou retroceder em grande parte dos vídeos curtos postados nos *Shorts*. Além disso, um toque leve na tela permite ao usuário pausar o vídeo, o que pode auxiliar na manipulação de avanços ou retrocessos de quadros pelos usuários. Esses recursos tendem a tornar a experiência mais autônoma, o que deve garantir *inputs* informacionais extras não necessariamente previstos pelos produtores dos vídeos, pois os usuários podem rever cenas específicas para ajudar na compreensão de detalhes ou informações gerais.

Quanto aos recursos *para reforço técnico/de movimento* temos presente os elementos que são modelos de usabilidade nas redes com destaque para os quatro ícones de interação principais da plataforma, a saber, (1) *Gostar*, (2) *Não gostar*, (3) *Comentar* e (4) *Compartilhar*. Os ícones dispostos no canto direito da tela são reproduzidos no Quadro 9 (abaixo). Estes recursos, assim como observado em outras plataformas, seguem padrões de interação hipertextual mais ou menos convencionais nos parâmetros das redes sociais. O YouTube destaca-se em permitir a ação de não gostar como base para a coleta de dados acerca dos conteúdos disponíveis. Esses ícones interativos não são exclusivos dos *Shorts*, mas diferentemente dos recursos de visualização de vídeos na horizontal, os *Shorts* permitem ao usuário interagir com cada um desses recursos no momento da visualização dos vídeos curtos.

Quadro 9 — Principais ferramentas de interface de usuário do YouTube

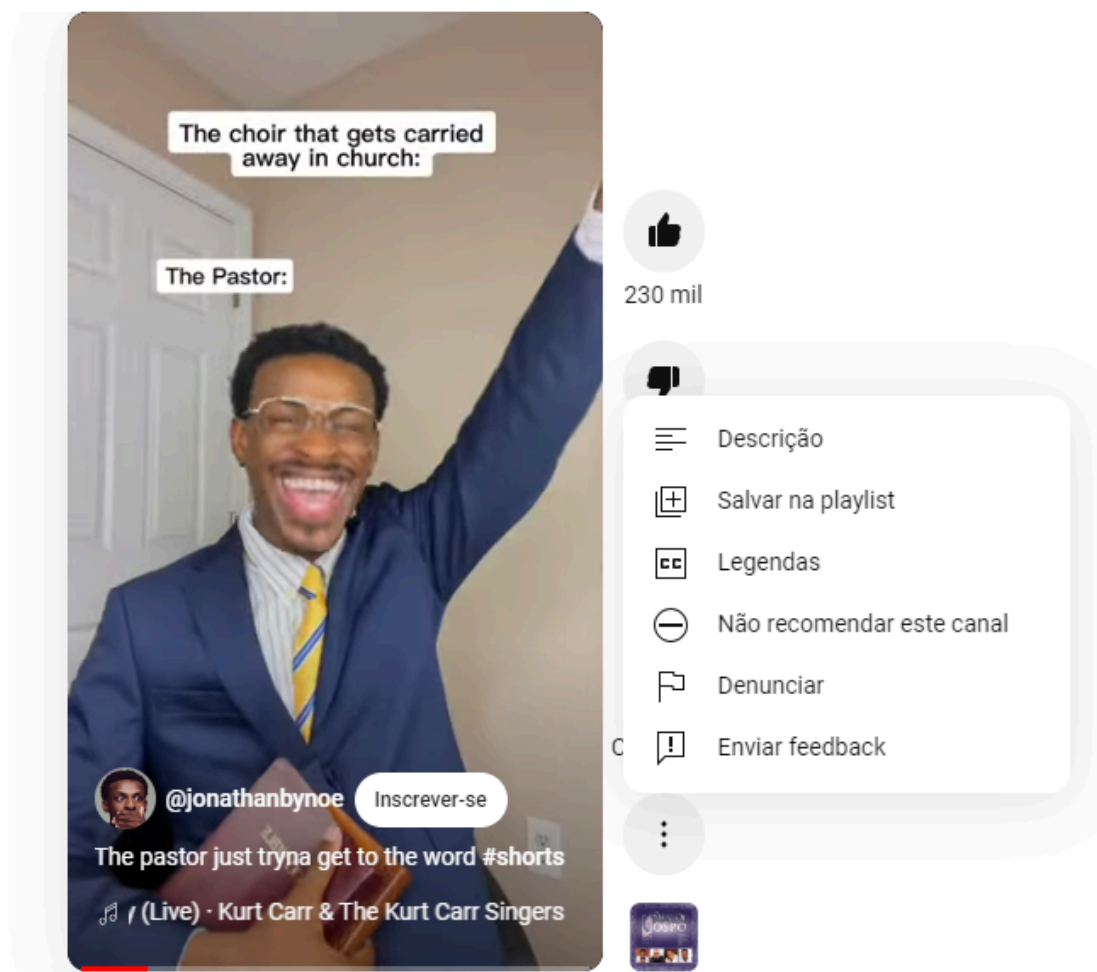
Gostar	Não gostar	Comentar	Compartilhar
			

Fonte: Vecteezy (Disponível em: <https://pt.vecteezy.com/>. Acesso em: 01 ago. 2024).

Outro detalhe particular da plataforma refere-se ao fato de que é possível observar que no canto inferior, onde se encontram os ícones acima mencionados, há três pontos (canto superior direito em aparelhos móveis; canto inferior direito em tela de computadores pessoais) que abrem espaço para mais recursos de interação. A Figura 26 (abaixo) demonstra quais recursos estão encapsulados nesta funcionalidade.

Podemos notar, portanto, que com este recurso o usuário tem acesso à descrição do vídeo curto (Descrição), à possibilidade de guardar a postagem em uma *playlist* pessoal (Salvar na *playlist*), ativar legendas (Legendas), sinalizar o canal como não recomendável para outros usuários (Não recomendar este canal), gerar uma denúncia (Denunciar) e enviar um *feedback* (impressões) à plataforma (Enviar feedback).

Figura 26 — Captura de tela do site YouTube da postagem *The pastor just tryna get to the word #shorts*



Fonte: captura de tela em computador pessoal, 01 de agosto de 2024.

O fato de esses recursos estarem acessíveis apenas através de mais de um toque e sob um aspecto de iconicidade mais discreto deve reiterar a categoria de reforço deliberadamente ostensivo das *affordances* técnicas e de movimento no que diz respeito aos ícones sobressalentes anteriormente comentados. Ou seja, esses dispositivos secundários são acessados com movimentos extras, o que significa esforço adicional. Essa estratégia de maior saliência ostensiva para alguns em detrimento de outros deve provocar estímulos específicos de direcionamento de inferenciação e interação gestual com a máquina.

Ao que tudo indica, há elementos de ostensividade mais acentuados para os primeiros do que para os pertencentes ao segundo grupo. Esse fato pode produzir efeitos enunciativos de uso que mitiguem ações que não geram interação com o

vídeo. Afinal, gostar, não gostar e compartilhar têm mais potencial de impulsionamento dentro da lógica algorítmica da plataforma (Harrison, 2019).

Existem outros elementos interativos que recebem mais ou menos destaque ostensivo na dinâmica estética da tela principal dos *Shorts*. Destacamos dois principais: (1) o botão de inscrição e (2) o ícone da canção base da postagem. O primeiro, apresentado sob uma fonte na cor preta sobreposta a uma moldura branca, utiliza, ao menos na versão em língua portuguesa, o modo infinitivo do verbo *inscrever*. Quanto ao segundo, a fonte utilizada não está destacada por nenhum recurso gráfico além do fato de se apresentar em animação de carrossel sob uma fonte na cor branca, tendo ao seu lado um símbolo de nota musical.

Estes aspectos são importantes para notarmos como diferentes níveis de ostensividade estão organizados estrategicamente em ambientes virtuais interativos como este. O Princípio Cognitivo de Relevância consegue explicar que a interpretação funciona através de cálculos que se dão em termos de etapas dentro do processo de cômputo inferencial (Clark, 2013; Silveira e Feltes, 2002; Sperber e Wilson, 2020). Isso fica mais evidente quando temos *inputs* simultâneos que apresentam saliências distintas no âmbito enunciativo.

Em termos hipertextuais, observa-se que essas expectativas de cálculos devem estar pré-estabelecidas pelas plataformas, pois os propósitos de uso das mesmas parecem determinar o grau de saliência que determinados *inputs* devem ter. Todavia, sustentamos que esses graus de saliência devem sempre ser analisados em termos de comparação entre todos os *inputs* técnicos daquele ambiente hipertextual.

Neste caso, o segundo item (ícone da canção base da postagem) no ambiente hipertextual dos *Shorts* do YouTube aparece em grau de saliência menor do que o botão *Inscriver-se*, a ponto de quase se tornar ilegível dependendo do modelo de dispositivo móvel do usuário. Apesar de o usuário ter à vista o título da canção que se move em carrossel no canto inferior da tela, a fonte aplicada ainda é menor quando comparada à fonte do título da postagem que está logo acima deste. Temos, portanto, elementos ostensivos organizados a partir de tamanhos de fontes distintas, uso de cores em contraste, tamanhos de ícones diversos e disposições variadas na tela, etc. O Quadro 10 (Abaixo) demonstra como essas relações de

graus de saliência devem se dar na tela principal dos *Shorts*, o que deve indicar focos de ostensividade específicos para cada um dos elementos presentes.

Quadro 10 — Grau de ostensividade dos *inputs*

	Grau de ostensividade	
Tipo de saliência	<i>Input</i> + saliente	<i>Input</i> - saliente
Tamanho dos ícones	Inscrever-se Gostar Não gostar Comentar Compartilhar	Canção base
Contraste de cores	Inscrever-se Gostar Não gostar Comentar Compartilhar Descrição Guardar Legendas Não recomendar Denúncia Feedback	Canção base
Disposição na tela	Inscrever-se Gostar Não gostar Comentar Compartilhar	Canção base Descrição Guardar Legendas Não recomendar Denúncia Feedback
Tamanho da fonte	Inscrever-se Descrição Guardar Legendas Não recomendar Denúncia Feedback	Canção base Gostar Não gostar Comentar Compartilhar
Movimentos de acesso	Inscrever-se Canção base Gostar Não gostar Comentar Compartilhar	Descrição Guardar Legendas Não recomendar Denúncia Feedback

Fonte: O autor (2024).

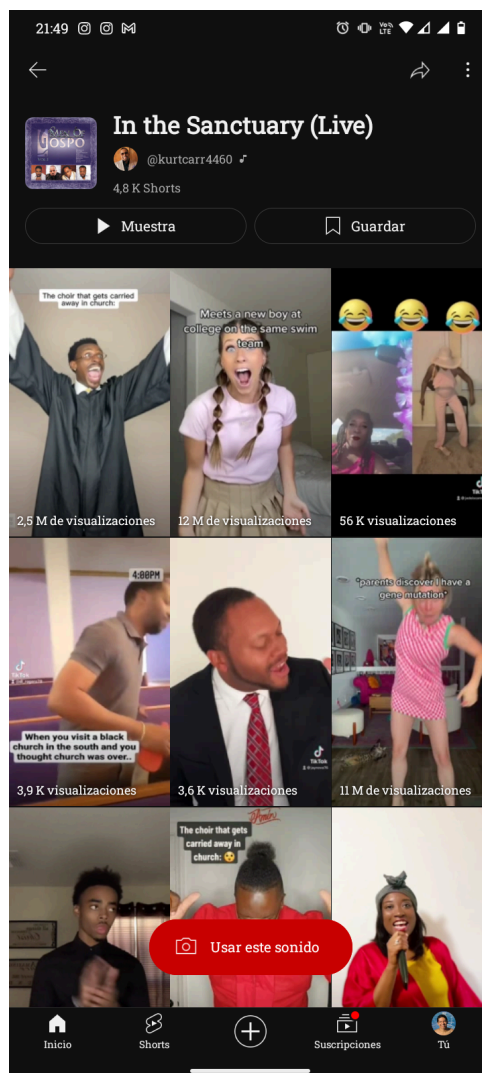
Estes elementos parecem servir como gestores dos níveis de saliência da ostensividade dos *inputs* técnicos dentro da dinâmica desta plataforma. Isso deve significar, de acordo com nossa observação, que à medida que os usuários têm cada vez mais familiaridade com a plataforma, tais *inputs* serão mais ou menos mutuamente manifestos entre os usuários e os produtores de conteúdo, de forma

que sua utilidade, enquanto elementos ostensivos, também demonstra potencial de inferenciação. Com isso queremos afirmar que o processo de inferenciação na dinâmica da hipertextualidade tem como base sua configuração técnica pré-estabelecida devido ao fato de os usuários processarem de forma otimizada expectativas de relevância com base na sua experiência de usabilidade acumulada.

4.2.2 Nível 2: Enunciação

Seguimos para o segundo nível de nossa análise a respeito do vídeo curto *The pastor just tryna get to the word*. Neste nível de análise, destacamos mais precisamente o uso ostensivo da canção de base a qual o vídeo curto faz referência. No dispositivo de acesso à canção utilizada (localizado no canto inferior do vídeo), encontramos a referência à obra utilizada por @jonathanbynoe para a criação da sua postagem. A Figura 27 (abaixo) exemplifica a interface para a qual o usuário deve ser destinado ao acessar a faixa de áudio anexada.

Figura 27 — Captura de tela da interface de indexação de faixas áudio no YouTube da postagem *The pastor just tryna get to the word #shorts*



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 01 de agosto de 2024.

A principal proposta do vídeo em questão é encenar como reagiria um pastor de uma igreja protestante durante a apresentação do coral caso a banda estendesse o tempo de apresentação. No vídeo, a personagem se levanta algumas vezes imaginando, com base no arranjo da música, que a performance musical teria sido encerrada para que então ele pudesse dar início ao serviço religioso. Mas os interlúdios (pausas) musicais geram quebra de expectativa quando o mesmo se levanta e é obrigado a sentar-se novamente devido à retomada da banda e do coral.

Como se pode notar, a faixa selecionada é *In the Sancturaty* (versão ao vivo) de Kurt Carr & The Kurt Carr Singers¹⁶⁵. A faixa faz parte do álbum intitulado *Men Of Gospo, Vol. 1*. A canção foi lançada em 2000 pelo selo Zomba Recording LLC, sendo disponibilizada no YouTube em 25 de setembro de 2014. Segundo a descrição fornecida pela própria plataforma, a canção já conta com 4.066.650 visualizações e tem mais de 52 mil curtidas. O trecho escolhido pela postagem em análise faz referência aos minutos finais da faixa, quando esta segue uma progressão melódica anticlimática, variando em acordes finais e retomando de forma simultânea entre a banda e o coral.

A letra da canção é um hino religioso que encoraja os ouvintes a louvar a Deus. O refrão da música determina que os que fazem parte daquele momento de adoração irão louvar ao Senhor pelo resto das suas vidas. De maneira insistente, a faixa produz poucas variações verbais no seu refrão principal e o leva até o final em repetidas sequências quase que palavra a palavra. O trecho da letra da música que a postagem *The pastor just tryna get to the word* faz uso está transcrito abaixo. O uso dos sinais [---] referem-se ao trecho dos interlúdios que a canção produz entre um verso e outro. Entre parênteses temos as interferências do intérprete principal que é acompanhado pelo coral.

“And we will praise You for the rest of our days

[---]

“Yes (yes, c'mon)

“Yes Lord, for the rest of our days (and we will)

“And we will praise You for the rest of our days

[---]

“Yes (c'mon somebody say yes)

“Yes Lord, for the rest of our days (and we will)

“And we will praise You for the rest of our days

[---]

¹⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sl037bTbFeQ>. Acesso em: 03 ago. 2024.

Yes”¹⁶⁶

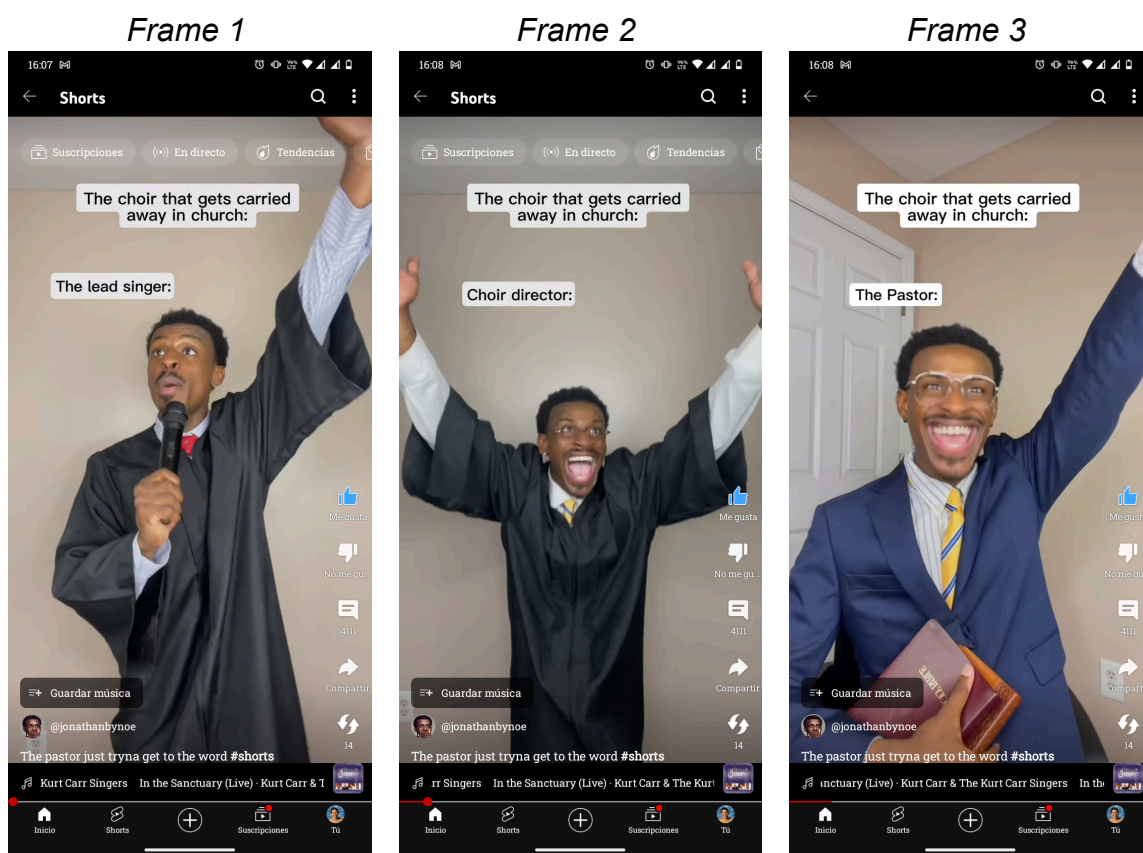
Como notamos, a letra da canção para o trecho destacado transmite a ideia de que alguém reafirma constantemente a certeza de atos de adoração ao Senhor por toda a vida de um indivíduo. O trecho destacado por @jonathanbynoe deve estar entre os minutos 05:03 e 5:47 da canção original (a identificação se deu por comparação, pois não há indicativos nos *Shorts* do trecho utilizado na postagem). Com pouco esforço de processamento, levando-se em consideração um indivíduo médio do Ocidente, seu ambiente cognitivo deve ser eficazmente acionado ao ouvir os primeiros elementos sonoros da música como parte de uma canção religiosa. Para falantes de língua inglesa, a menção ao nome *Lord* (Senhor), funciona como fator de ativação de *inputs* informacionais para *adição de implicações contextuais*, pois é possível resgatar na memória de longo prazo e, portanto, no conhecimento de base enciclopédica, conceptualizações de eventos religiosos, particularmente, os referentes às práticas protestantes.

Em se tratando de um módulo semiótico musical, os efeitos contextuais entram em relação de cômputo devido ao estilo composicional e à inflexão vocal do coral. Ou seja, apenas no segmento sonoro, temos a aplicação ostensiva de implicações contextuais de base lógica a partir dos estímulos de resgate de conhecimento enciclopédico provocado pela melodia e pelos segmentos enunciativos evocados pela letra da canção. Porém destacamos que este é um efeito de sentido intencional adicionado à postagem, mas não projetado pelo produtor de conteúdo, pois a canção original não foi manipulada, apenas recortada.

A faixa é mesclada à atuação de Jonathan Bynoe para produzir os efeitos satíricos da postagem. Entretanto, originalmente não há evidências de que a canção tenha sido criada com qualquer traço humorístico. A Figura 28 apresenta alguns dos *Frames* (1-3) que descartamos para esta parte da análise.

¹⁶⁶ Tradução: “E vamos louvá-Lo pelo resto de nossos dias/[---]/Sim (sim, vamos nessa)/Sim, Senhor, pelo resto de nossos dias (e vamos sim)/E vamos louvá-Lo pelo resto de nossos dias/[---]/Sim (vamos lá alguém diga que sim)/Sim, Senhor, pelo resto de nossos dias (e vamos sim)/E vamos louvá-Lo pelo resto de nossos dias/[---]/Sim”.

Figura 28 — Frames (1-4) do vídeo *The pastor just tryna get to the word*



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 03 de agosto de 2024.

Identificamos na faixa musical elementos de quebras climáticas que geram sensações de picos de emoção, pois nos acordes finais os instrumentos de cordas se unem à percussão e ao coral de maneira grandiosa e abrupta para então serem interrompidos e em seguida retomados a partir do silêncio de maneira também repentina. Esse efeito anticlimático deve permitir acessos cognitivos a conhecimentos resgatados no conjunto de fatos representacionais arquivados mentalmente pelos ouvintes.

No que tange à estrutura cênica da postagem, identificamos que Jonathan Bynoe consegue produzir um efeito de ambientação a partir do recorte de uma situação aparentemente comum tendo como base a própria canção, sem necessariamente manipulá-la tecnicamente. Seu argumento enunciativo deve ser inferido pelo usuário a partir da combinação dos gestos performáticos em conjunto com a estrutura musical. Afirmamos isso a partir de um fato simples: isolados, o

módulo auditivo ou o módulo imagético produzem efeitos distintos daquele alcançado pela combinação de ambos, como observado na proposta de Bynoe. Há, todavia, elementos ostensivos extras que o ator ativa para direcionar a compreensão no sentido ótimo da sua proposta.

O vídeo poderia ser descrito como mantendo sua *mise-en-scène*¹⁶⁷ (consideramos aqui os enquadramentos e o conjunto de planos) dividida em três pontos de vista secundários e um argumento central. O argumento central está transcrito na nota adesiva posicionada no topo do quadro, a qual permanece em todos os *Frames* do vídeo. Transcrevemos em (a) o que se lê na nota adesiva:

(a) “O coral que se empolga na igreja:”¹⁶⁸ (sic.)

Os três pontos de vista secundários são também identificados por notas adesivas em cada um dos quadros selecionados, como segue. *Frame* 1 apresenta a identidade do personagem 1:

(b) “O vocalista principal:” (sic.)¹⁶⁹.

O *Frame* 2 introduz a identidade do personagem 2:

(c) “O regente do coral:” (sic.)¹⁷⁰.

E finalmente, o *Frame* 3 representa o personagem 3:

(d) “O pastor:” (sic.)¹⁷¹.

Em sequência de cortes, o vídeo posiciona a expectativa do usuário como audiência para compreender a dinâmica projetada sem grandes mudanças cênicas. A proposta de confecção caseira de vídeos curtos como este tende a prezar pelo mínimo necessário para gerar interpretação, e notamos que dos três personagens, o pastor, é o único posicionado em um cenário diferente. Este inclusive parece se levantar e sentar, como se hesitasse em momentos distintos.

Em termos ostensivos, as notas que identificam a situação central da cena e os respectivos personagens apresentam saliências distintas. O segmento enunciativo central em (a) está transcrito em fonte maior que os demais e é

¹⁶⁷ O termo se refere à cenografia e à organização dos atores em cenas para a composição de uma produção teatral ou cinematográfica,

¹⁶⁸ Do original: “The choir that gets carried away in church:”.

¹⁶⁹ Do original: “The lead singer:”.

¹⁷⁰ Do original: “The choir director:”.

¹⁷¹ Do original: “The pastor:”.

posicionado mais ao topo da tela. Esses elementos ativam os acessos mentais ao nosso ambiente cognitivo. Como explicam Sperber e Wilson, 1995[1986], nossa capacidade cognitiva de tomar consciência visual e sensório-motora, sobre tudo o que potencialmente constitui o espaço-tempo onde estamos inseridos, explica o porquê de sermos capazes de reproduzir lugares e posições de objetos virtualmente através de representações mentais. O vídeo curto em questão faz uso dessa capacidade por meio da adição dos *inputs* ostensivos verbais nos segmentos em (a-d).

Esse efeito cênico não é novidade em conteúdos audiovisuais dessa natureza. Podemos notar que o cinema, em grande parte, também lança mão de estratégias de orientação da interpretação através de pistas inferenciais verbais e não-verbais como as que estamos identificando. Temos presente, portanto, que o processo inferencial deve computar, neste caso, dois elementos centrais: (1) os *inputs* de conhecimento enciclopédico (verbais ou não), como as categorias pastor, vocalista e coral, termos que devem ativar suposições que remetem ao contexto religioso reforçado pela faixa musical. E (2) a constituição de cada personagem processa efeitos dêiticos específicos, pois dispõe nos quadros cada personagem e antecipa suas expectativas de interação, sinalizando para a audiência possíveis padrões de comportamento.

No caso específico da postagem de @jonathanbynoe, o processamento representacional computa o conjunto de conhecimentos enciclopédicos, somado aos reforços ostensivos dispostos no quadro e na faixa, encapsulando os elementos dêiticos. Desse procedimento, temos a entrada das seguintes informações para processamento de conceptualizações superiores:

Informação (i): A cena se passa em um momento específico de culto protestante.

Informação (ii): O pastor já deve estar esperando o término da apresentação do coral há um tempo.

Informação (iii): Os músicos estão empolgados com a apresentação do dia.

A constituição dessas informações se dá com base no conjunto de conhecimento enciclopédico *resgatado* representado preferencialmente pelas introdução dos *inputs* verbais nas notas adesivas e pela constituição do figurino do

ator. Assim, podemos dizer que as Informações (i-iii) produzem logicamente as seguintes explicaturas possíveis (A-C), ao passo em que devem otimizar suas respectivas implicações derivadas:

Explicatura (A): O pastor está sentado aguardando o fim do coral.

Implicatura (A.1): A situação se passa possivelmente antes de o pastor dar início ao sermão.

Explicatura (B): O pastor está segurando a Bíblia em posição de expectativa.

Implicatura (B.1): A apresentação parece estar demorando mais do que o esperado.

Implicatura (B.2): O pastor deve estar impaciente.

Implicatura (B.3): O pastor estava ciente do tempo de apresentação do coral.

Explicatura (C): Os músicos estão animados com a apresentação do dia.

Implicatura (C.1): Os músicos estão empolgados demais.

Implicatura (C.2): A apresentação musical não está levando em conta o tempo do sermão.

Em um certo sentido, podemos afirmar que as implicaturas iniciais (A.1 e B.1) devem ser mais logicamente derivadas, especialmente em termos de passagem de tempo, pois são extraídas de evidências imagéticas mais óbvias. Em se tratando de implicaturas resultantes de informações lógicas dêiticas (notas adesivas), seus fundamentos serão reforçados ou descartados à medida que o usuário assiste ao vídeo até o fim. Por outro lado, o conjunto das implicações (B.2-B.3/C.2) tem probabilidades de derivação relativamente mais baixas, mas não necessariamente impossíveis. Como vimos, deve ser o ambiente cognitivo particular do usuário em grande parte responsável por gerenciar os processamentos factuais e as representações de segunda ordem (Sperber e Wilson (1995[1986])). Em todo caso, subtraem-se as seguintes suposições lógicas:

S(a): O pastor está cada vez mais impaciente com o fim da apresentação.

S(b): O coral quebra a expectativa de todos com a estrutura da música, mas o efeito sobre o pastor não é positivo.

S(c): O vídeo interpreta a música como se ela fosse feita para esse tipo de situação.

S(e): Esse tipo de situação deve ser comum nas igrejas protestantes.

S(f): Alguns pastores não acompanham os ensaios dos corais de igrejas e são tomados de surpresa.

Levando-se em consideração as suposições derivadas e as implicações possíveis, temos estímulos que servem de reforços ou não para a confirmação de alguns desses fatos inferenciais. Na dinâmica hipertextual, observa-se que os elementos informacionais não originalmente propostos têm alto potencial de relevância e saliência para a otimização da interpretação, pois são estes os estímulos manipuláveis pelos interlocutores dentro do conjunto das *affordances*. Especialmente em postagens como esta, onde o conteúdo tem baixo estímulo verbal, outros elementos de mescla semiótica devem entrar no jogo do cômputo inferencial para direcionar a compreensão do usuário. Para a análise mais completa do processamento inferencial dessa postagem, é necessário passar pelo terceiro nível de análise, isto é, o nível da Mesclagem.

4.2.3 Nível 3: Mesclagem

Ao tratarmos do nível 3 na análise do Objeto 1 (*Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty*, de Rita von Hunty), sustentamos que os elementos semióticos se amalgamam aos elementos ostensivos hipertextuais e dão direcionamento à produção verbal. Naquele objeto em específico, fica evidente que os segmentos enunciativos verbais são a base central da produção do vídeo curto e os outros *inputs* semióticos reforçam o direcionamento ótimo dos sentidos subjacentes. Devido ao estilo de produção, a postagem de Rita von Hunty tem na verbalidade seu foco principal principalmente por se tratar de uma postagem de divulgação científica, a qual depende em grande medida da exposição de conceitos e fatos.

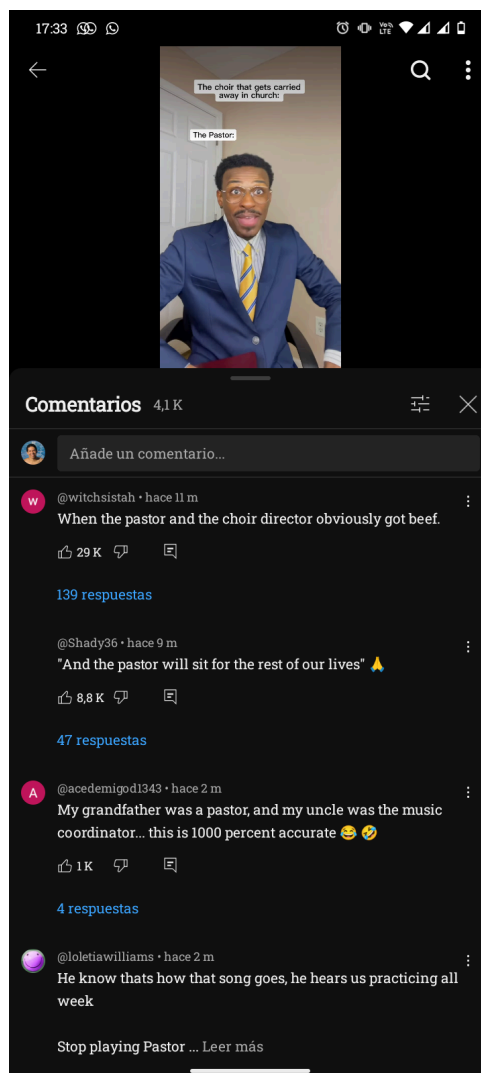
Porém, não podemos dizer o mesmo quanto ao vídeo curto *The pastor just tryna get to the word*. Primeiramente, a proposta enunciativa da postagem tem na faixa de áudio seu fundamento principal, de forma que não há mudanças nem na estrutura melódica nem composicional. Em segundo lugar, o vídeo tem na

performance corporal seu principal módulo semiótico para comunicação da proposição. Em terceiro lugar, os estímulos verbais endógenos à plataforma, a saber, ícone de faixa de áudio, botões interativos e recursos gestuais, parecem coexistir através de saliências relativamente menores em relação aos elementos ostensivos mencionados anteriormente.

Dessa forma, algumas suposições S podem ser logicamente inferidas em um primeiro momento de visualização da postagem, como destacamos em S(a-f). Por outro lado, deve ser na mesclagem a partir dos estímulos ostensivos endogenamente hipertextuais, que o processo inferencial atinge seus objetivos ótimos. Para isso, destacamos a interação entre usuários como fundamental para o processamento inferencial, os quais se referem ao conjunto de estímulos resultantes de elementos endógenos (caixa de comentários) e não previstos (segmentos enunciativos produzidos por terceiros). A Figura 29 (abaixo) destaca alguns dos primeiros comentários na caixa de interação disponível no YouTube.

Inicialmente, destacamos os aspectos motores dentro da dinâmica dessa postagem em específico. Afirmamos que gestos aplicados ao processamento inferencial nas redes sociais requerem esforços de processamento extras, pois demandam do usuário atividades ativas para entrada de *inputs* complementares. Segundo Bouchardon (2021), os gestos devem ser tomados enunciativamente para a análise, pois são parte da estrutura de compreensão na hipertextualidade. Concordamos com o autor neste aspecto especialmente no que se refere a determinar que cada aspecto manipulável constituinte da hipertextualidade é infundido de sentido e proposição, seja ela endógena (no sentido das *affordances* da plataforma) ou exógenas (no sentido dos usos dos usuários).

Figura 29 — Captura de tela de alguns comentários da postagem *The pastor just tryna get to the word #shorts*



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 01 de agosto de 2024.

Nesse sentido, o gesto de acesso à caixa de comentários depende de um movimento constitutivo dos dois tipos de atos previstos por Bouchardon (2021). De acordo com o autor, podemos definir o ato de acesso à caixa de comentários no YouTube como caracteristicamente *atuador*, ou seja, provoca mudança no estado de interface do hipertexto. Neste caso, o usuário de aparelhos móveis não necessariamente perde a visualização do conteúdo principal, pois a caixa de comentários toma a maior parte da tela, mas permite alterações na interface geral do aplicativo em uso. Ao mesmo tempo, podemos caracterizar este ato como do tipo *parametrizador* também, uma vez que este tem como objetivo alterar a orientação referencial estática (a orientação nos *Shorts* não deve mudar pelo menos até o fim

de um vídeo curto em visualização) em direção ao acoplamento de gesto de rolagem (gesto que ativa o acesso a todos os comentários da caixa).

Tomamos como evidente, portanto, que esses gestos estão encapsulados enunciativamente, pois como afirma Bouchardon (2021) todo movimento na hipertextualidade compreende a totalidade da percepção interacional do usuário com o hipertexto. Este fato deve ser ainda mais destacado quando analisamos a postagem de Jonathan Bynoe, pois seu conteúdo depende muito menos em partes dos da verbalidade como elemento semiótico e muito mais dos outros *inputs* dispostos.

Reafirmamos que a proposição do vídeo curto se fundamenta na performance gestual do ator, em detrimento de maiores estímulos ostensivos extras, pois nem os módulos verbais são comparativamente tão salientes quanto sua proposta corporal. Dessa forma, devido à baixa saliência de ostensividade desses estímulos, supomos que alguns usuários tenham a necessidade de esforço extra para a satisfação da expectativa de relevância. Cognitivamente, esforços de processamento extras devem ser compensados pela otimização da extração de suposições de segunda ordem mais amplas a partir de implicaturas derivadas de *inputs* extras.

Destacamos que os comentários dos outros usuários são interpretados a partir da sua forma lógica e ativados conceptualmente para a elaboração inferencial de suposições mais amplas. Observamos primeiramente o comentário publicado por @witchsistah, que aparece em posição inicial no momento da captura de tela.

(e) *When the pastor and choir director obviously got beef.* (sic.)¹⁷²

O comentário de @witchsistah é sem sombra de dúvidas o com o maior número de curtidas (por volta de 29 mil) e também conta com o maior número de interações (139 respostas até o momento). A sua posição inicial constitui-se também como parte do conjunto de reforço de saliência, sendo esta resultante do nível de interação provocado pelo comentário no ambiente da plataforma. Temos que levar em consideração, portanto, que essas características devem fazer parte de *inputs* ostensivos razoavelmente suficientes para a satisfação de expectativas de relevância daqueles usuários dispostos a fazer esforços de processamento extras.

¹⁷² Tradução: Quando o pastor e o regente do coral claramente têm um problema entre eles.

A implicação de supostos desentendimentos entre o pastor e o regente do coral é uma suposição derivada particularmente por @witchsistah. As características de produção de sentidos compartilhados na hipertextualidade permitem inclusive que as suposições derivadas também sejam compartilhadas. A partir do cômputo de (e) com os outros *inputs* já discutidos, podemos derivar S(g):

S(g): O vídeo representa como um regente apresentaria um arranjo musical com o propósito de irritar o pastor.

O segundo comentário em sequência com cerca de 8,8 mil curtidas e 47 respostas foi postado pelo perfil @Shady36. Como se observa em (f), o comentário em questão se utiliza de troca de palavras para incorporar enunciativamente parte da letra da composição original.

(f) *"And the pastor will sit for the rest of our lives"* 🙏 (sic.)¹⁷³

Notamos que há certos aspectos ostensivos presentes na própria escrita do comentário que servem aos propósitos ostensivos da proposição em (f). Xavier (2013) define sinais como este (um emoji com as palmas das mãos unidas) de “elementos semióticos plasmados à língua” (p. 111). Somados ao uso convencional das aspas, temos uma proposição que se acopla retoricamente à letra da canção ao mesmo tempo que a distorce. O uso do sinal semiótico tem efeitos ostensivos que direcionam à interpretação ao contexto religioso. Dessa forma lógica, podemos inferir a seguinte suposição:

S(h): Deixar o pastor esperando por um longo período foi proposital, não apenas resultado do entusiasmo da banda.

O terceiro comentário em sequência que destacamos nesta análise foi publicado por @acedemigod1343 há cerca de 2 meses. O comentário conta com mais de 1.100 curtidas e apenas 4 respostas de outros usuários. Reproduzimos o comentário em (g):

(g) *My grandfather was a pastor, and my uncle was the music coordinator... this is 1000 percent accurate* 😂🤔 (sic.)¹⁷⁴

Quanto à forma da sua suposição básica, o enunciado em (g), apresenta uma estrutura lógica interessante do ponto de vista proposicional. Temos dois fatos

¹⁷³ Tradução: “E o pastor vai ficar sentado pelo resto das nossas vidas”.

¹⁷⁴ Tradução: “Meu avô era pastor e meu tio era o regente do coral... este shorts é 1000 por cento preciso”.

unidos (A) “meu avô era pastor” e (B) “meu tio era o regente do coral” que se encontram acoplados ao conteúdo proposicional (p) “este shorts é 1000 por cento preciso”. Sua forma proposicional poderia ser representada pela estrutura proposicional $\langle\langle [A] \text{ e } [B] \rangle \text{ q } [(p)] \rangle$, onde (p) funciona como referencial da proposição.

Essa forma lógica compreende que o resultado (q) da proposição está determinado pelas condições expostas nos segmentos (A) e (B). A questão fundamental dentro do escopo da Princípio Cognitivo da Relevância é que essas condições, quando computadas com os estímulos descritos anteriormente, ativam o ambiente cognitivo do interlocutor e deixam mutuamente manifestos as seguintes implicações em (1-3):

- (1) O perfil @acedemigod1343 já frequentou igrejas protestantes.
- (2) @acedemigod1343 sabe exatamente sobre a que tipo de situação o vídeo curto de Jonathan Bynoe faz referência.
- (3) É comum pastores e regentes de coral demonstrarem desentendimentos em situações assim.

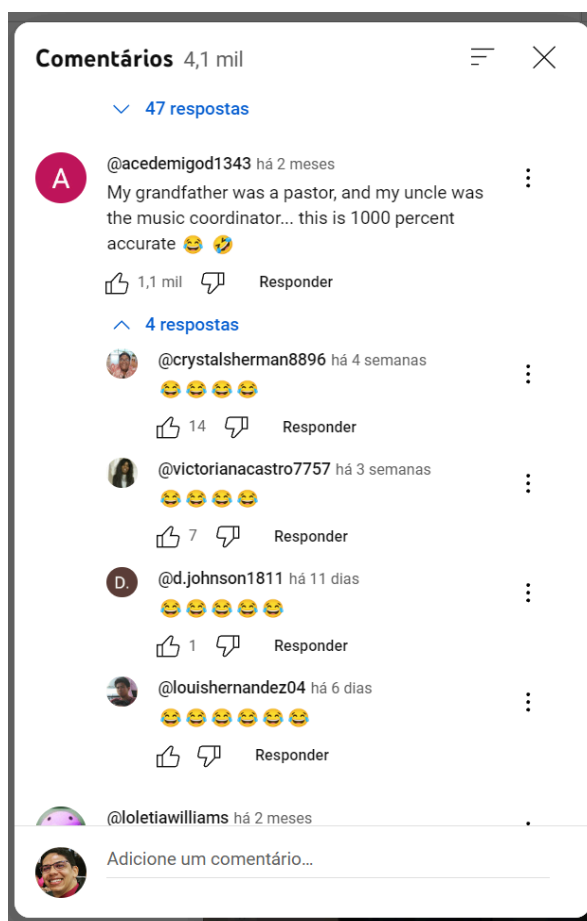
Apesar de (3) ser a implicação menos logicamente derivada das três, sustentamos que um usuário que esteja disposto a aplicar esforços de processamento extras (abrir a caixa de comentários, ler os principais e identificar o nível de interação entre eles) tendencialmente deve seguir esse caminho interpretativo, sendo capaz de conceptualizar a suposição S(i), a saber:

S(i): O vídeo representa situações comuns de desentendimento velado entre o pastor e o regente de coral em igrejas protestantes.

É interessante notar que a interação com este comentário parece confirmar a suposição S(i) derivada. Como mostra a Figura 28 (abaixo), todas as quatro respostas ao comentário de @acedemigod134fazem uso apenas de emojis sorridentes, o que deve servir de elemento mutuamente manifesto de suposições derivadas. Esse é um fato consistente com as determinações de práticas da leitura deslinearizadas permitidas em ambientes hipertextuais. Tanto no plano da orientação sequencial de leitura, quanto no sentido das formas semióticas, a hipertextualidade esboça nossa capacidade de processamento de estímulos

diversos e simultâneos que participam do cômputo inferencial. Todavia, esse processo é sempre orientado ostensivamente, como temos sustentado até aqui.

Figura 30 — Interação ao comentário postado por @acedemigod1343



Fonte: captura de tela em computador pessoal (Windows), 05 de agosto de 2024.

Formas interativas como as representadas na caixa de comentário são logicamente interpretadas como estímulos de baixa saliência devido ao seu local de acoplamento hipertextual, pois o acesso a estas depende de gestos extras e manipulação parametrizada. Porém, no que tange aos aspectos enunciativos, sua manifestação provoca *efeitos contextuais* de fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas dadas por informações anteriores. Os emojis felizes representam concordância em relação à proposição disposta no comentário, e determinam direcionamentos ostensivos não previstos pela proposição do vídeo curto.

Este é o resultado da capacidade de interação que a hipertextualidade permite, tornando os sentidos processos compartilhados e não determinados por um produtor específico. Nem mesmo o autor da postagem parece ser dono das implicaturas supostas, pois na hipertextualidade todos têm potencial de produzir sentidos particulares com base em mais ou menos esforço de processamento.

4.3 Objeto 3: *Quando lembro que sou crente no desafio de Léo Santana!*

O terceiro e último objeto de investigação para esta tese se concentra na publicação do perfil de @peixoto.recife no Instagram intitulada *QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA*. A Figura 30 (abaixo) apresenta o *card* (no canto superior direito) da postagem como estava visível na galeria do Instagram no momento da captura de tela.

O perfil tem o Instagram como sua principal plataforma de interação, sendo os recursos deste explorados em quase todos os gêneros hipertextuais permitidos pela plataforma, desde postagem de fotos à transmissão de *lives* (ao vivo). Porém, grande parte das suas postagens parece utilizar os recursos de vídeos curtos como categoria de publicação principal. Outra característica interessante diz respeito a como os cenários escolhidos para cada postagem. Notamos que uma parte considerável deles reproduzem o banco dianteiro de um carro, o que claramente serve aos propósitos enunciativos de consolidar a persona Taxista Peixoto como um autêntico profissional da área de transportes privados da cidade do Recife.

A postagem que selecionamos para análise (*QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA*) pode ser caracterizada como paródia. A música base da publicação é parte do repertório do intérprete baiano Léo Santana e faz referência a festas ou bailes populares em comunidades de regiões periféricas dos grandes centros urbanos. Peixoto, porém, propõe uma mudança na composição da letra da canção como forma de ajustá-la ao discurso religioso.

Figura 31 — Galeria de Reels do perfil @peixoto.recife



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 05 de agosto de 2024.

O criador de conteúdo Erick Nascimento (nome real da persona Taxista Peixoto), afirma que seu perfil tem na comédia sua característica fundamental. Isso fica evidente na descrição localizada na *Bio* do perfil (como mostra a Figura 31). Porém, é notório seu esforço em divulgar seus ideais religiosos como parte dos objetivos da sua proposta nas redes sociais, pois o próprio já afirmou em entrevistas que acredita no seu papel de divulgador da fé evangélica (Verbo Recife Campo Grande, 2023).

Figura 32 — Bio do perfil @peixoto.recife



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 05 de agosto de 2024.

Com mais de um milhão de seguidores no Instagram, @peixoto.recife faz uso da comédia com base em situações corriqueiras ou histórias relacionadas a sua profissão, ao mesmo tempo em que visa relacioná-las a sua vivência religiosa. Segundo declarações do próprio Erick Nascimento (Verbo Recife Campo Grande, 2023), seu perfil serve aos propósitos de divulgar a fé cristã de maneira divertida e descontraída. Para isso, o taxista lança mão de paródias, contação de histórias bem-humoradas, encenação de situações familiares e parcerias com outros influenciadores de plataformas digitais.

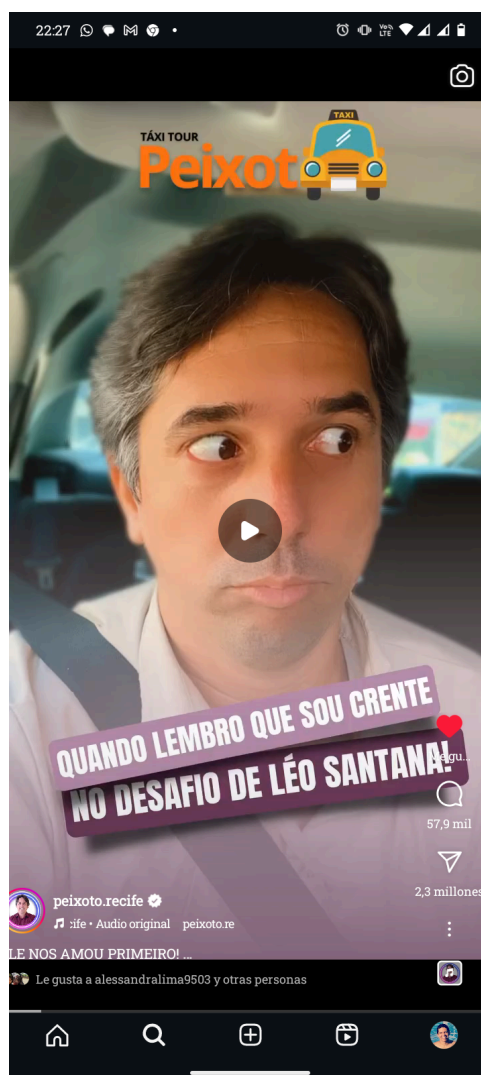
À diferença de @rita_von_hunty, @peixoto.recife tem na sua persona a produção de conteúdos tendencialmente humorísticos sem compromissos com qualquer aspecto da divulgação de informações científicas ou de qualquer outro cunho que não o religioso. De uma forma geral, seus conteúdos dependem do compartilhamento de informações relativamente familiares para o público da classe trabalhadora protestante, o que implica produções enunciativas que otimizam pouco esforço de processamento, como vemos com mais detalhes nos níveis de análise que seguem.

4.3.1 Nível 1: Interface

No que tange à interface de usuário, as plataformas têm desenvolvido elementos gráficos cada vez mais semelhantes umas às outras. Uma evidência disso, além da disposição dos ícones interativos, da estética homóloga, bem como das suas funcionalidades, são os recursos manipuláveis hipertextuais que também passam pelo processo de homogeneização. Por exemplo, uma das mais recentes atualizações se refere aos vídeos curtos no Instagram (*Reels*). Até o momento em que escrevemos esta tese, observa-se que a plataforma reproduz o mesmo recurso de pausa encontrado no YouTube e no TikTok, valendo-se das expectativas de usabilidade mais ou menos convencionadas no conjunto das plataformas de redes sociais.

O recurso é ativado ao se pressionar o dedo com um toque em qualquer lugar da tela. Até 2024, o movimento de pausa deveria ser ativado ao se manter o dedo pressionado por um tempo prolongado (Rahman, 2024). Além disso, à semelhança do YouTube, o Instagram também permite a visualização de progressão para alguns vídeos. A Figura 32 (abaixo) demonstra a atual configuração de interface na plataforma para a visualização de vídeos curtos. Apesar de este recurso não ser necessariamente inovador, acreditamos que mudanças assim devem indicar movimentos de homogeneização entre os desenvolvedores de plataformas, pois o Instagram tinha, até recentemente, como característica principal o fato de seus vídeos serem reproduzidos sem recursos manipuláveis de pausa.

Figura 33 — Card da postagem QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA de @peixoto.recife



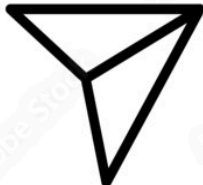
Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 05 de agosto de 2024.

Como temos discutido até aqui, o conjunto de *affordances* das redes sociais em análise provocam efeitos de antecipação de expectativa de relevância através do aparato técnico que gera *reforço de processamento* pela interface gráfica e pelo movimento. No caso particular do Instagram, elementos como ícones, botões, bem como a lógica de uso das *hashtags* e *tags* seguem um padrão de configuração similar ao encontrado tanto no TikTok como no YouTube. Do ponto de vista inferencial, esse procedimento otimiza a relação dos usuários com as redes sociais. Ao mesmo tempo, parece um movimento representativo das práticas sociais que as plataformas adotam para homogeneizar a experiência. Em um certo sentido, mesmo que esse movimento possa ser explicado através do ponto de vista das estratégias

de mercado, nos parece importante ressaltar como estes otimizam a usabilidade quase que se valendo de um processo de acomodação de uma prática de leitura.

Assim como no TikTok e no YouTube, o gesto definido para manipular a função de marcar uma opinião de aprovação (curtir) segue sendo o mesmo utilizado pelo Instagram: dois toques rápidos em qualquer ponto do vídeo ou um toque no ícone *Gostar*. Apesar de sutilezas nas representações gráficas em relação às outras funcionalidades, como demonstra o Quadro 10 (abaixo), os principais ícones manipuláveis apresentam um *layout* que remete sempre ao mesmo padrão estético: balão de comentário para a funcionalidade *Comentar*, seta para *Compartilhar* e marca-texto para *Salvar* vídeos na *playlist* pessoal do usuário.

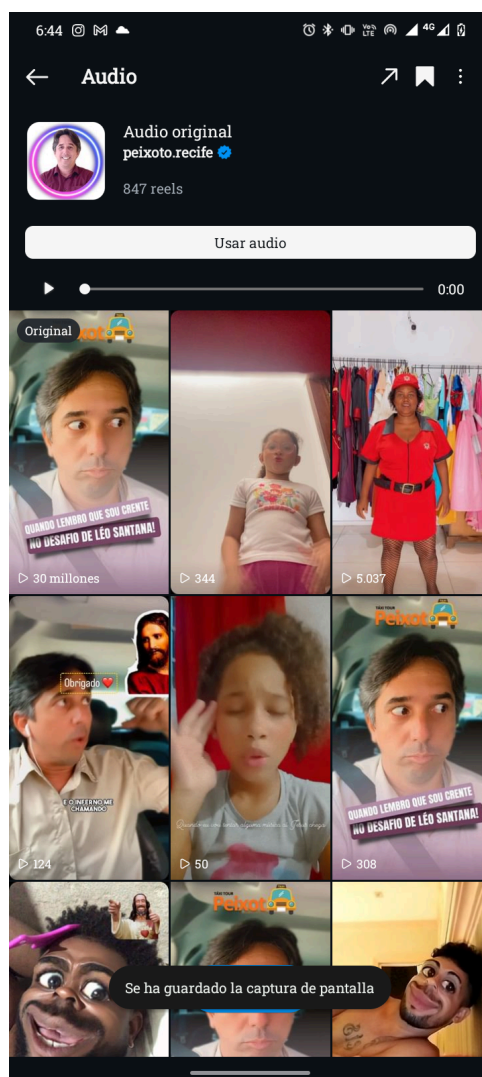
Quadro 11 — Principais ferramentas de interface de usuário do Instagram

Gostar	Comentar	Compartilhar	Salvar
			

Fonte: Stock Adobe (Disponível em: <https://stock.adobe.com/>. Acesso em: 06 ago. 2024).

Outro aspecto importante constitutivo da interface do Instagram diz respeito à faixa de áudio. Assim como no YouTube, o ícone no canto inferior direito identifica a faixa usada pela postagem. Neste caso, por se tratar de uma paródia, a rede identifica o áudio como original de @peixoto.recife, como mostra a Figura 33 (abaixo). O movimento parametrizador de tocar no ícone muda a orientação hipertextual da página do vídeo curto, levando, assim como acontece no YouTube, o usuário para a galeria de indexação de postagens que usam a mesma faixa de áudio.

Figura 34 — Acesso à galeria de áudio da faixa usado por @peixoto.recife



Fonte: captura de tela em aparelho
Android, 05 de agosto de 2024.

Destacamos que essa característica manipulável da hipertextualidade nas redes sociais permite que o usuário tenha acesso a vários aspectos gestuais de manipulação da interface. Porém, em se tratando dos aspectos inferenciais, notamos que a saliência para acesso à galeria de áudio está caracterizada com níveis de saliência mais baixos em relação aos outros elementos interativos da página de vídeo. Seu posicionamento e escolha de fontes indicam que esse recurso merece menos esforço de processamento do que o restante dos recursos interativos na página do vídeo. Todavia, ao acessar a galeria de indexação da faixa de áudio, o usuário tem acesso ao ícone *Usar áudio* em posição ostensiva. Este recurso permite que outros usuários também façam uso da faixa em uma postagem original. É

coerente que, na mudança de orientação de tela, a plataforma também mude os parâmetros de saliência de acordo com os objetivos propositivos.

Outro aspecto interessante que se pode observar nas duas plataformas de rede social que analisamos anteriormente, e que em certo sentido se repete no Instagram, é o fato de que a tela para vídeos curtos (*Reels*, no Instagram) otimiza o conteúdo principal. Todos os demais ícones e *inputs* interativos são condensados nas extremidades da tela. Dessa forma, é a interação com o vídeo em si que detém maior grau de saliência de ostensividade, pois gestos de toque para controle de volume, progressão ou troca de conteúdo se realizam na área do vídeo, o que permite acessos mais rápidos, inclusive acidentais. A proposição subjacente é clara: em termos cognitivos, preservar a otimização do consumo da informação; em termos sócio-retóricos, privilegiar a captura da atenção do usuário.

Com evidência nos dados observados, é possível afirmar que as interfaces das redes sociais observadas nesta pesquisa reproduzem, em essência, os mesmos aspectos técnicos, gráficos, de *affordance* e de estética. Vários fatores subjacentes ajudam a explicar esse fato. Porém, para além de interesses técnicos e comerciais envolvidos, essa similaridade exerce uma função de ativação de processamento do ambiente cognitivo do indivíduo. Nos interessa particularmente entender como esses aspectos de homogeneização antecipam informações novas e antigas. O Princípio Cognitivo da Relevância prevê que as conclusões inferenciais particulares às proposições são o resultado de conceptualizações de *inputs* a partir do acesso aos ambientes cognitivos dos indivíduos, fenômeno que deve explicar os fatos observados nas plataformas destacadas aqui.

4.3.2 Nível 2: Enunciação

Quanto ao segundo nível de análise deste objeto, tentamos nos deter às formas proposicionais estabelecidas no vídeo publicado por @peixoto.recife sob o título *Quando lembro que sou crente no desafio de LÉO SANTANA* que aparece no *card* do vídeo. Atualmente a postagem conta com 1.286.358 curtidas e utiliza técnicas de paródia para a construção da sua proposição. Na descrição da postagem, os termos indexados pelo uso de *hashtags* são os seguintes: #crente,

#humorcristao, #humor, #leosantana e #peixoto. A modalidade humorística é a característica que mais se destaca na construção do perfil do Taxista Peixoto, de forma que esta se encontra fortemente presente junto a sua visão religiosa.

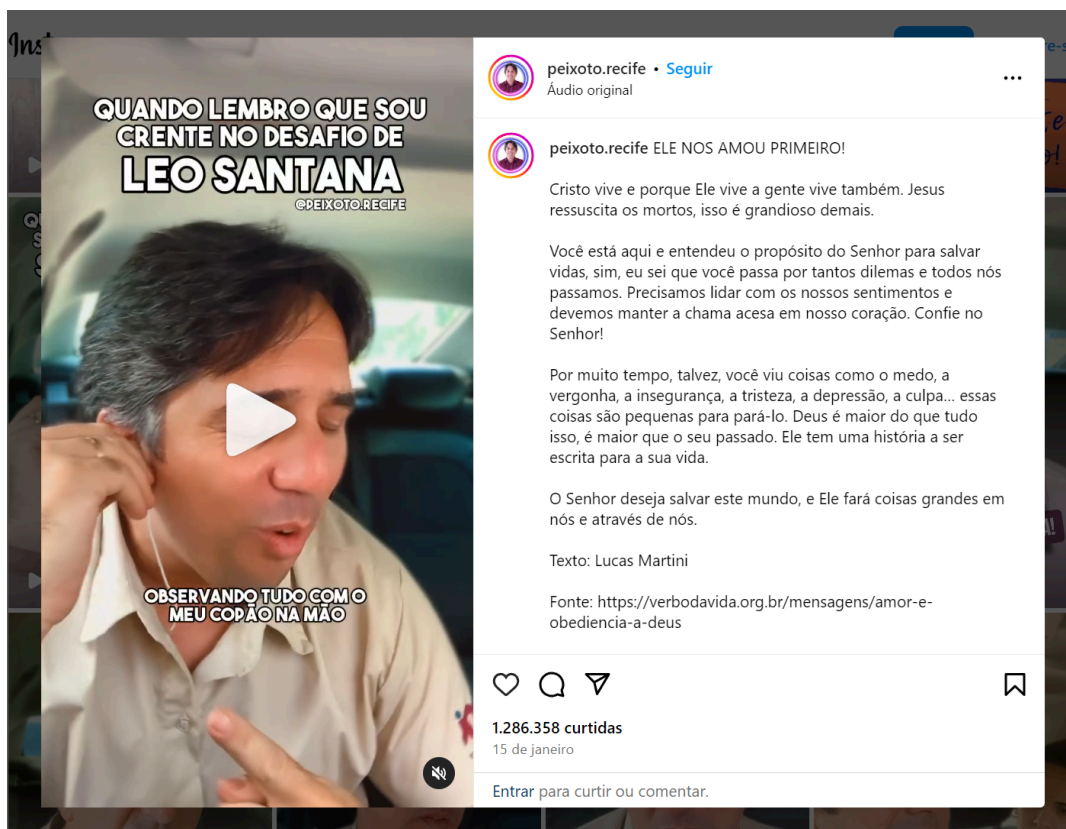
Como mostra a Figura 33 (acima), há pelo menos duas proposições verbais em relações de saliência na tela principal do card do vídeo:

(a) QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!
(sic.)

(b) ELE NOS AMOU PRIMEIRO! ... (sic.)

A proposição em (a) claramente tem níveis de saliência maiores do que em (b). Tanto pela sua posição (centralizada sobre a imagem principal e no canto superior da tela), como pela sua estética (fonte maior e sobreposição de tonalidades). A proposição em (b) é parte do texto principal do vídeo que aparece na caixa de descrição fornecida pela plataforma e, aparentemente devido a otimização da tela, o usuário tem à primeira vista a possibilidade de visualizar apenas as palavras iniciais do texto. Ao acessar a caixa de descrição, o usuário pode ler o texto completo como demonstra a Figura 35 (abaixo):

Figura 35 — Descrição da postagem *QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!*



Fonte: captura de tela em computador pessoal (Windows), 05 de agosto de 2024.

Notamos que a fonte original do texto pertence à página do site *Verbo e Vida* assinado por Luca Martini através do link <https://verbodavida.org.br/mensagens/amor-e-obediencia-a-deus> (Acesso em: 09 ago. 2024), como descrito na postagem. Observa-se que no texto original a proposição em (b) faz referência ao título. Entretanto, no texto original este não se encontra em caixa alta nem faz uso de sinais ortográficos como a exclamação (como aparece na descrição no perfil no Instagram). Estes aspectos ortográficos também funcionam como *inputs* ostensivos em disputa que devem servir, à primeira vista, de fundamentos enunciativos do vídeo curto em questão. Todavia, essas alterações na escrita do texto têm claros efeitos de aplicação de graus de saliência extras no conjunto da proposição enunciativa do vídeo.

Em relação ao processamento de conceptualizações de informações verbais, a proposição (a) é otimizada a partir de níveis maiores de ostensividade do que a (b). Considerando o processamento inferencial e as tentativas de conceptualização

de informações, o usuário pode aplicar esforços de processamento adicionais para computar (b) em conjunto com (a), o que deve resultar em suposições do tipo S(a-c):

S(a): A música de Léo Santana não deve ser cantada por quem é cristão.

S(b): É preciso evitar esse tipo de música por causa de Jesus.

S(c): O vídeo serve para divulgar a mensagem de fé religiosa.

O processamento dessas suposições deve se dar em mais um de movimento de leitura, pois, como sustentamos, a relação de saliência entre os enunciados (a) e (b) implica que o cômputo depende de ao menos duas fases de processamentos com maior descarga de esforço cognitivo na segunda do que na primeira. Entretanto, é na letra da paródia que se encontra o maior foco de otimização da relevância de processamento. Para sua análise mais detalhada, reproduzimos em segmentos enunciativos (partes de proposições) a composição da música como aparece no vídeo:

- (c) To só de cá só de boa
- (d) Posturado e calmo
- (e) Observando tudo
- (f) Com meu copão na mão
- (g) O grave 'tá batendo, tem rabeta balançando
- (h) Tem maloca de quebrada
- (i) *Mas eu sou cristão*
- (j) *Minha vida na igreja todo santo dia*
- (k) *O Satagogo me atenta*
- (l) *Mas eu não caio não*
- (m) *Ele pensa que eu tô podre*
- (n) *Mas eu tô suave*
- (o) *Ficar cantando essas músicas*
- (p) *Tá amarrado irmão*
- (q) *Porque o pastor*
- (r) *Ele tá me vendo*
- (s) *E o inferno me chamando*
- (t) *Minha mãe repreendendo*
- (u) *Porque Cristo tá voltando*

- (v) *Tá amarrado crente (3x)*
- (w) *Tá amarrado crentinho!*
- (x) *Tá amarrado crente*
- (y) *Tá amarrado...*
- (z) *É mais uma do capeta!*
- (aa) *Tá amarrado crente (2x)*
- (bb) *Tá amarrado (2x)*
- (cc) *Tá amarrado (sic.)*

Em termos enunciativos, a proposição em (b) tem funções dêiticas a partir do pronome pessoal *Ele*. Como vimos, os dêiticos parecem acionar *inputs* de processamento para ativação de conhecimentos enciclopédicos. No entanto, a depender do nível de saliência, seus efeitos tendem ao não resgate de informações conceptualizadas devido ao seu *baixo potencial de identificação por falta de explicitude*. Esse parece ser o caso da proposição (b) se a considerarmos em isolado, ou supondo que o usuário não tenha passado à visualização do vídeo na sua totalidade. Consideramos que este não seja o caso para uma grande parte dos usuários que tem acesso ao tipo de conteúdo produzido por @peixoto.recife, afirmamos que é no conjunto de conhecimentos representacionais explícitos verbal e audiovisualmente que o processamento de inferenciação deve proceder neste caso.

Destacamos que a letra acima reproduzida se encontra grifada em itálico a partir do ponto em que há a troca da composição original para a construção da paródia. Nesse sentido, o vídeo curto em análise provoca uma quebra entre a canção original e a reinterpretação da mesma. Porém, é ao se aproximar dos últimos segundos (exatamente entre os segundos 0:30 e 0:33) que a música parodiada parece atingir seu ápice. Destacamos o uso do segmento de enunciado (z) como o de maior atenção, pois é este o que é notadamente pronunciado com maior ênfase pelo produtor do vídeo. Os segmentos subsequentes (aa-cc) são articulados com baixa intensidade, e perdem o acento melódico, quase como se o taxista estivesse falando baixinho por se sentir intimidado diante da situação.

Dessa forma, nos termos da Teoria da Relevância, a paródia implica força ostensiva ao segmento em (z) para marcar sua finalização. Este recurso ostensivo faz uso dos elementos verbais e expressões gestuais elevam nível do da saliência deste segmento em relação aos outros segmentos da composição. Sendo este um

aspecto notório da criação do vídeo, temos presente que há maior esforço de direcionamento de processamento descarregado sobre este segmento do que até mesmo sobre o segmento enunciativo subsequente. Dessa maneira, sustentamos que (z) tem maiores chances de chegar a níveis mais profundos de conceptualização devido a sua posição conclusiva na proposição geral, reforçando seu papel de centro retórico.

Assim, temos ao menos duas informações de entrada principais a partir dos segmentos (a) e (z), os quais, nos termos enunciativos da publicação, tendem a se estabelecer como inicial (Informação i) e final (Informação II):

Informação (i): Taxista Peixoto canta uma música famosa de Léo Santana.

Informação (ii): A música original é uma estratégia para desviar as pessoas da sua fé em Cristo.

Essas informações são fundamentais para a aplicação do que compreendemos como *efeito contextual do tipo 1*, isto é, por *adição de implicações contextuais*, pois estabelecem no módulo verbal os *inputs* principais que servirão para o processamento deste efeito em relação aos outros elementos mesclados hipertextualmente. Por ora, nos concentramos na derivação das implicações que essas informações devem exercer, a saber:

Explicatura (A): A postagem é uma paródia com uma música popular não religiosa.

Implicatura (A.1): O vídeo é uma crítica aos efeitos desse tipo de música sobre os evangélicos.

Explicatura (B): A canção de Léo Santana é divertida.

Implicatura (B.1): O inimigo (de Deus) faz uso de coisas divertidas para desviar aqueles que seguem a Cristo.

A relação entre os segmentos de enunciado destacados deve produzir implicações que expressam antagonismos entre certo e errado, bem e mal. De certa forma, a própria escolha da canção expressa essa intencionalidade subjacente, e os enunciados são otimizados para este propósito. A postagem produz efeitos de sentido que deixam mutuamente manifestos sua base crítica a partir de seu ponto de vista religioso. Esse processo ativa efeitos de contextos que alteram o ambiente

cognitivo do usuário no sentido de categorizar músicas como as do cantor Léo Santana como parte das coisas evitadas por aqueles que se denominam cristãos.

Ressaltamos que essa afirmação de caracterização a partir de estratégias antagônicas não depende de aceitação de posicionamentos retóricos. Sperber e Wilson (1995[1986]) apontam que há uma distância entre compreender e acreditar. A mudança no ambiente cognitivo, portanto, é inevitável, ou seja, o usuário processa os efeitos antagônicos para conceptualização da música original como errada em oposição ao certo (seguir a Cristo). Todavia, aceitar esse conceito como parte de uma ideologia religiosa é parte da subjetividade não contemplada cognitivamente pela teoria.

Agora, cabe analisarmos como os módulos não verbais contribuem para esses processos inferenciais.

4.3.3 Nível 3: Mesclagem

Em relação ao terceiro nível de análise levamos em consideração pelo menos três módulos semióticos que disputam saliência na postagem de @peixoto.recife: (1) a música base, (2) os gestos e expressões faciais e (3) a imagem sobreposta. Para além de todos os elementos que constituem a hipertextualidade, estes devem ser os que mais otimizam o processamento inferencial a partir dos seus usos ostensivos e das implicações de expectativa de relevância em contexto.

A canção base, como vimos, é parte do repertório do cantor Léo Santana. O vídeo curto de Taxista Peixoto faz uso da base instrumental da primeira parte da música. A parte inicial da canção apresenta poucos elementos sonoros na sua versão original, salvo o fato de haver instrumentos percussivos e emuladores de sopro. A harmonia é característica dos ritmos de swingueira e apresenta elementos do rap na sua inflexão.

Posturado e calmo, título oficial da faixa, é assinada por Danilo Cowboy, Eric Santos, Uedson Péricles e pelo próprio Léo Santana. A canção foi lançada em abril de 2023 como parte do *Extended Play* (EP)¹⁷⁵ *Another One*. Segundo o intérprete, a faixa funciona muito bem como um trava-língua de modo que ele percebeu que seria

¹⁷⁵ Formato intermediário entre álbum e single. Normalmente, o se refere a lançamentos musicais em poucas faixas como parte do projeto de criação de um álbum completo de um intérprete.

uma boa oportunidade para interagir com os fãs nos shows. O fato de a letra render momentos engraçados quando os fãs não conseguem cantá-la corretamente foi o motivo que levou a equipe de Léo Santana a criar o desafio nos shows ao vivo. Posteriormente, as postagens dos vídeos ao vivo nas redes sociais renderam mais interações a ponto de outros usuários reproduzirem o desafio nos seus perfis pessoais (Sarmiento, 2023).

É sobre esse tipo de desafio que o vídeo curto de Taxista Peixoto faz referência no título de seu vídeo. A música original homenageia festas populares associadas à classe trabalhadora oriunda de bairros localizados em periferias. Nesse sentido, há ao menos um elemento no vídeo curto que deve ativar *efeitos contextuais do tipo 3 (eliminação de falsas suposições)*: o cenário no qual se encontra o taxista. O fato de este estar claramente dentro do seu carro, conectado a um fone de ouvido enquanto canta a música (como se pode observar na Figura 36 abaixo - *Frame 1*), manifesta sua intenção de comunicar uma atitude particular, afastada dos olhares de terceiros, e em certo sentido, privada.

Esse aspecto da comunicabilidade da manifestação de determinadas intenções é parte essencial do processo interacional, como discutido por Sperber e Wilson (2005). A teoria da comunicação ostensiva explica como os segmentos enunciativos servem aos propósitos de tornar aquele *input* como parte do segmento que deve ser considerado relevante o suficiente para merecer esforço de processamento, ao passo que isso implica a manifestação mútua da capacidade do interlocutor de fazer uso dos *inputs* compatíveis com suas habilidades/preferências (Sperber e Wilson, 2005). Supomos, com base nisso, que a hipertextualidade deve ser entendida não como parte da habilidade, mas como organizadora das possibilidades de manipulação dos *inputs* que estão disponíveis dentro dela.

Em outros termos: com base na Teoria da Relevância, além de a hipertextualidade parecer determinante em relação a quais habilidades e preferências estão dispostas nos ambientes hipertextuais, esta deve ter em conta a disponibilidade (*affordance*) dos elementos semióticos que serão parte das ferramentas para execução das práticas comunicativas. À medida que observamos avanços tecnológicos aplicados às TDICs no que se refere ao desenvolvimento de conjuntos de práticas hipertextuais, os interlocutores se instrumentalizam de cada vez mais aparatos técnicos a serviço dos seus propósitos enunciativos.

No caso do vídeo curto de @peixoto.recife, a manifestação da sua intencionalidade a partir de escolhas de cenário, mesclagem de faixas de áudio, escolhas verbais, expressões faciais e construção gestual entra no cômputo inferencial para reforçar certas implicaturas e eliminar falsas suposições, como observamos no esquema abaixo:

$S(a\oplus)$: A música de Léo Santana pode ser cantada por quem é cristão.

$S(a\ominus)$: A música de Léo Santana não deve ser cantada por quem é cristão.

$S(b\oplus)$: Não é preciso evitar esse tipo de música por causa de Jesus.

$S(b\ominus)$: É preciso evitar esse tipo de música por causa de Jesus.

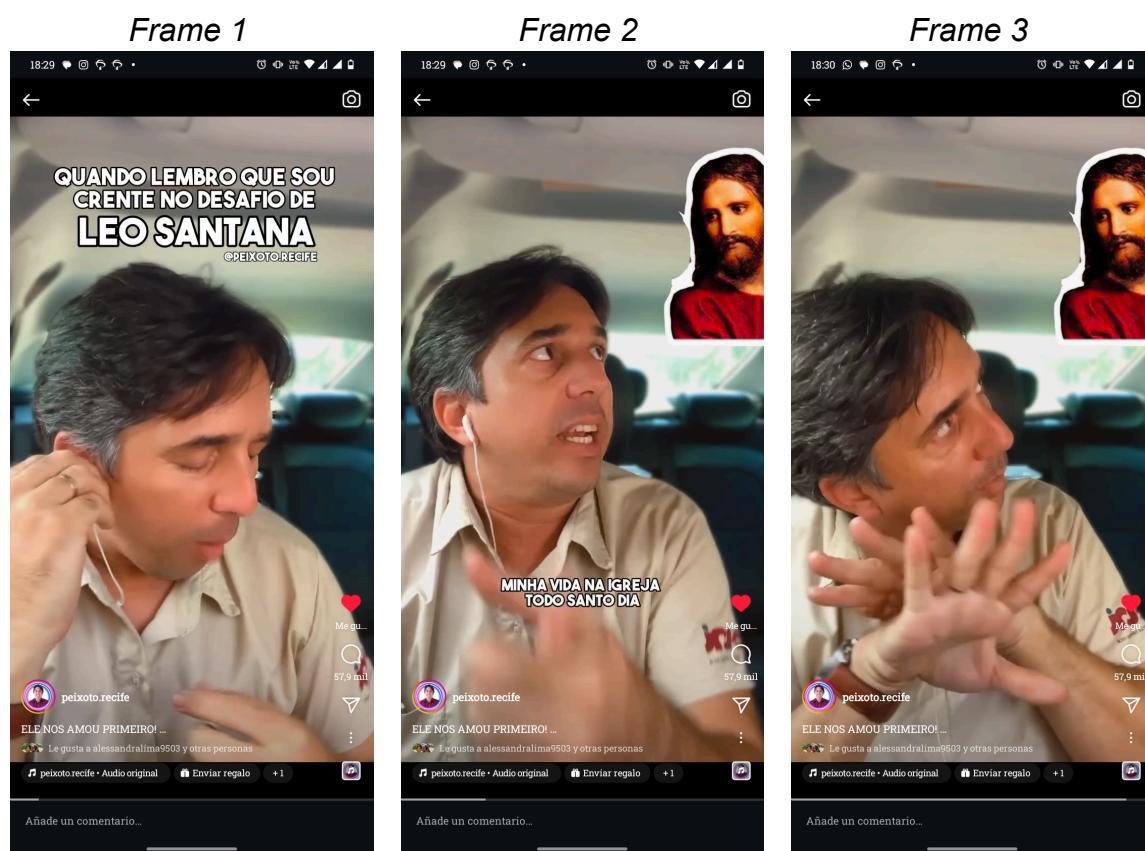
$S(c\oplus)$: O vídeo serve para divulgar o desafio musical comum nas redes sociais.

$S(c\ominus)$: O vídeo serve para divulgar a mensagem de fé religiosa.

As suposições $S(x\oplus)$ expressam as implicações eliminadas a partir da conceptualização das formas lógicas dos segmentos enunciativos em contextos de mesclagem semiótica. Por outro lado, as suposições $S(x\ominus)$ se referem àquelas que são reforçadas a partir dos estímulos ostensivos na postagem. Essa relação entre falsas suposições e suposições com valor de verdade é o resultado da otimização das formas de processamento cognitivo que devem ser ativadas ou descartadas pelos indivíduos em termos inferenciais.

O vídeo ainda estabelece formas adicionais de conceptualização para o reforço das proposições implicadas através de estratégias de mesclagem de módulos semióticos. Observamos, assim, que apesar do uso de poucos recursos verbais diretos, a hipertextualidade parece otimizar o processo de inferenciação devido às suas disponibilidades de recursos de mesclagem. Isso deve ficar mais evidente quando notamos os *Frames* 1-3 (abaixo) recortados da postagem *QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!* de Taxista Peixoto.

Figura 36 — *Frames (1-3) do vídeo curto QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LEO SANTANA!*



Fonte: captura de tela em aparelho Android, 11 de agosto de 2024.

Como se pode observar, é a partir do *Frame 2* que a figura sobreposta ao vídeo é adicionada, aos exatos 0:06 segundos de reprodução do vídeo. É também neste ponto do vídeo que há a passagem da letra original para a composição da paródia, como se pode verificar entre os segmentos (h) e (i). No que diz respeito à sua funcionalidade cognitiva, a figura sobreposta que remete à imagem de Cristo deve acionar acessos para a otimização de *reforços concomitantes*.

Como definido na Seção 3 (METODOLOGIA), *inputs* verbais, sonoros, imagéticos e/ou audiovisuais, quando em posição de sobreposição servem aos propósitos de complementaridade enunciativa; ou seja, ao segmento enunciativo verbal há reforços ostensivos não-verbais que se amalgamam às implicações contextuais. Como a colagem da imagem de Cristo não tem funções de descarte de nenhuma das suposições $S(a \in)$, $S(b \in)$ e $S(c \in)$, a informação adicional na forma

imagética as reforça, reafirmando seu valor de verdade dentro do ambiente cognitivo mutuamente manifesto produzido pelo vídeo.

Há efeitos complementares também alcançados pela técnica de mesclagem do *input* imagético na figura de Jesus Cristo. A posição da imagem tem pelo menos duas razões propositivas básicas: (1) remete à posição celestial da pessoa de Jesus e (2) manifesta o direcionamento da visualização. A interpretação corporal do criador do conteúdo implica que este olha para cima como se fosse capaz de ver o próprio Cristo, que o observa e julga. Seus gestos e direcionamento de olhar, se combinam com a letra da canção para estabelecer efeitos contextuais de diálogo entre este e o seu Deus. Nesse sentido, as técnicas de interpretação e montagem caracterizam-se como ferramentas de *ostensividade de foco*, as quais se definem como técnicas de mixagens para destaque de elementos centrais. Esses elementos reforçam as suposições com valores de verdade e direcionam o processamento interferencial no sentido ótimo mutuamente manifesto pelo interlocutor.

A imagem de Cristo também produz *efeitos contextuais de tipo 2*, o qual se refere ao *fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas dadas por informações anteriores*. Este fato é observado quando o enunciado (a), que dá nome ao título (*QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!*) é retirado do quadro do vídeo para dar lugar à imagem de Jesus, como se pode observar no *Frame 2*. Apesar de este efeito de edição ter saliência menor em relação à entrada da figura de Cristo — pois este parece ocupar o menor espaço de quadro e não ser reforçado por outras técnicas de ostensividade gráficas ou semióticas — seu efeito de reforço adicional de baixa ostensividade deve acessar *conhecimentos enciclopédicos* através de categorias do conjunto de *conhecimento representacional referido e mixado ao texto principal*. Esse é o efeito de resgate cognitivo de conhecimento de mundo, o qual depende, em parte, da capacidade dos interlocutores de mobilizarem fatos representacionais armazenados para processar as informações novas.

A referência à saída da música de Léo Santana e entrada de Jesus Cristo reforça parte da dicotomia retórica proposta pelo conteúdo produzido no vídeo. Porém, seus efeitos de interpretação se apoiam em fatos de conhecimento compartilhados, como os temas implicados pela canção original e a figura do Deus cristão para a comunidade evangélica. Nesse sentido, a hipertextualidade permite

recursos que otimizam módulos diversos para ativação de efeitos contextuais e alterações no ambiente cognitivo dos interlocutores.

Considerando que os usuários apliquem esforços extras para o procedimento interpretativo, o Instagram permite a interação entre hiperleitores (Xavier, 2009), assim como na maior parte das redes sociais. No caso específico da postagem em análise, temos alguns comentários que devido ao seu número de interações (curtidas e respostas) ganham posições iniciais na caixa de comentários. A Figura 37 (abaixo) apresenta um desses comentários.

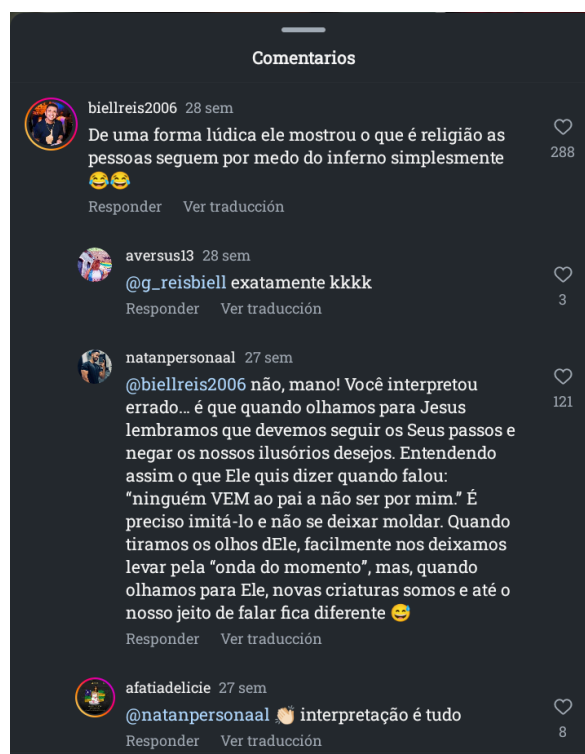
Figura 37 — Captura de tela da caixa de comentários da postagem *QUANDO LEMBRO QUE SOU CRENTE NO DESAFIO DE LÉO SANTANA!*



Desconsideramos da análise alguns comentários iniciais que aparecem na caixa de comentários devido à sua data de postagem, pois estes não fazem uso de segmentos enunciativos extras para além do uso de emojis de felicidade, como se pode observar. Por outro lado, o comentário exposto na Figura 38 (abaixo)

apresenta um tipo de interação que expande o ambiente cognitivo dos usuários e manifesta mutuamente suas implicações enunciativas.

Figura 38 — Captura de tela do comentário de @biellreis2006



Fonte: captura de tela em aparelho *Android*, 11 de agosto de 2024.

O comentário em questão foi publicado pelo perfil @biellreis2006 e conta, até o momento da produção desta análise, com 288 curtidas e mais de 31 respostas. O segmento (dd) reproduz o enunciado publicado pelo referido perfil:

- (a) De uma forma lúdica ele mostrou o que é religião as pessoas seguem por medo do inferno simplesmente 😂😂 (sic.)

O comentário de @biellreis2006 deixa evidente que a intencionalidade das implicações do vídeo atingiu seu objetivo nos termos da elaboração das suposições $S(a \in)$, $S(b \in)$ e $S(c \in)$. Este fato pode ser explicado pela seguinte relação entre as informações de entrada e as implicações derivadas de seu comentário:

Informação (i): O vídeo afirma que religião é o resultado do medo.

Explicatura (A): O medo do inferno explica o fato de os crentes evitarem a música de Léo Santana.

A Informação (i) corresponde à entrada da forma lógica do enunciado em (dd). Nesse caso, a implicação derivada deste segmento enunciativo, levando-se em consideração o contexto de produção e a manifestação mútua da intenção implicada, deve ser a que observamos em (A.1):

Implicatura (A.1): O vídeo reforça o medo do inferno, não o respeito a Jesus.

Com o seu comentário, @biellreis2006 manifesta seu processamento inferencial que resulta da derivação implicada ao processar tanto os *inputs* disponíveis no vídeo como ao se conceptualizar os segmentos enunciativos a partir do seu ambiente cognitivo. Logicamente, esse procedimento deve ser particular ao usuário no sentido de que é sua arquitetura cognitiva que o permite derivar implicaturas do tipo (A.1). Esse processamento deve ser mais bem explicado se compararmos este comentário com o postado por @nartanpersonal na forma de réplica.

(b) @biellreis2006 não, mano! Você interpretou errado... é que quando olhamos para Jesus lembramos que devemos seguir os Seus passos e negar os nossos ilusórios desejos. Entendendo assim o que Ele quis dizer quando falou: “ninguém VEM ao pai a não ser por mim.” É preciso imitá-lo e não se deixar moldar. Quando tiramos os olhos dEle, facilmente nos deixamos levar pela “onda do momento”, mas, quando olhamos para Ele, novas criaturas somos e até o nosso jeito de falar fica diferente 😊 (sic.)

A partir do comentário de @nartanpersonal, somos capazes de inferir que seu processo conceptual seguiu um direcionamento relativamente diferente do perfil mencionado antes. Sua réplica inicia com uma tentativa de correção de interpretação por literalmente afirmar que o outro não compreendera o sentido geral do vídeo (*Você interpretou errado...*).

O segmento enunciativo subsequente (*é que quando olhamos para Jesus lembramos que devemos seguir os Seus passos*) expressa que aspectos derivacionais foram extraídos da construção enunciativa geral proposta pela postagem. Segundo @nartanpersonal, a negação da Implicatura (A.1) de @biellreis2006 se explica a partir da relação entre *olhar para Jesus* e *seguir seu exemplo*. Podemos explicar essa relação lógica pela relação <<(p), então (q)>>.

onde (*p*) se refere a *olhar para o Cristo* (não literalmente), ao passo que (*q*) diz respeito a *seguir os Seus passos* (os de Cristo).

Dessa proposição, podemos extrair o seguinte conteúdo implicado de (*ee*):

+ > O vídeo de Taxista Peixoto expressa o conceito de não se deixar desviar da fé em Cristo por perder de vista seus exemplos. Uma dessas formas seria se entreter com músicas populares de cunho não cristão que devido à sua capacidade de proporcionar prazeres podem servir de laço para enganar aqueles que seguem a Jesus.

Esse processo de produção de discrepâncias inferenciais explica como os ambientes cognitivos dos indivíduos devem ativar formas de conceptualização a partir da aplicação de dispositivos mentais particulares, como os efeitos contextuais e os resgates aos conhecimentos enciclopédicos individuais. Em outras palavras, @nartanpersonal demonstra ter acumulado um conjunto de conhecimentos religiosos formulados a partir de processamentos de suposições básicas para suposições factuais (Sperber e Wilson, 1995[1986]).

Por outro lado, o comentário de @biellreis2006 tem um fundamento inferencial oposto. Seu ambiente cognitivo baseado em experiências provavelmente não filo-religiosas deve explicar como o arcabouço de conhecimentos enciclopédicos o orienta em um direcionamento não ótimo implicado no vídeo curto de @peixoto.recife.

O fato de a Teoria da Relevância prever que níveis de atenção mais concentrados devem determinar a derivação de suposições factuais (de segunda ordem) parece indicar que tanto o comentário de @biellreis2006 como de @nartanpersonal são resultantes de esforços de processamento extras. À diferença de posicionamentos, suas formas de inferenciação se devem a processos cognitivos igualmente complexos, a partir de implicaturas produzidas pelas mesclas semióticas e por seus efeitos cognitivos potencialmente manifestos.

Esses fatos devem indicar que a hipertextualidade, enquanto ambiente comunicativo, depende de procedimentos mentais complexos e recursivos. Ao mesmo tempo que permitem aos interlocutores mais dispositivos semióticos para exploração de saliências ostensivas da linguagem, as quais constituem, ao menos no gênero vídeo curto analisado nesta tese, *constituintes derivacionais* do que compreendemos como a *hiper-ostensividade* da enunciação na hipertextualidade.

Os *constituintes derivacionais* se referem ao conjunto dos segmentos enunciativos e semióticos resultantes das estratégias de mesclagem permitidas pela hipertextualidade. Nos parâmetros das plataformas de redes sociais, observamos que a relação de níveis para mais ou menos de saliência de ostensividade em relação a determinados *inputs*, em contexto enunciativo, fundamenta as expectativas de relevância em uma direção ótima, que para todos os efeitos, evita ao máximo desvios de interpretação ou reforço de falsas premissas. Nesse sentido, cabe refletirmos sobre como esses constituintes devem ser explicados como particulares à hipertextualidade em termos de processamento cognitivo. A próxima seção apresenta os argumentos finais no que tange a essas questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações elaboradas aqui se baseiam nos dados disponíveis a partir das análises desenvolvidas anteriormente. Os dados analisados parecem apontar para questões teóricas fundamentais no que se refere às premissas que se tornaram parte do problema de pesquisa discutido nesta tese, de forma que os dados nos permitiram extrair categorias analíticas não previstas nos pressupostos preliminares.

Na seção anterior introduzimos o termo *constituente derivacional* como parte do conjunto teórico aplicado às plataformas de redes sociais. Ressaltamos que nos concentramos no gênero vídeo curto, o que deve reforçar nossa premissa quanto ao fato de que a mesclagem de módulos semióticos condensa segmentos enunciativos entre si de forma a unificá-los no processo de construção propositiva. Assim, cada segmento enunciativo deve ser articulado teoricamente sempre a partir das relações de interação de uns com os outros, o que define seu conteúdo propositivo como derivado da relação de mescla, não apenas da sua decodificação como segmentos isolados.

Nesse sentido, afirmamos que esse conceito faz parte do que chamamos de Módulo Digital da comunicação hipertextual. O conjunto de elementos semióticos em relações enunciativas complementares e sob disputas de níveis de saliência ostensiva distintas caracteriza como o módulo digital expressa a aplicação de estratégias propositivas complexas e pautadas em diversos fatores comunicativos.

Dentro do escopo teórico deste trabalho, temos apontado que a linguagem humana, nos atuais parâmetros da hipertextualidade, deve ser compreendida em termos interacionais, cognitivos e técnicos. Isso representa um esforço teórico em olhar para a produção da comunicação verbal como um produto complexo da capacidade de articulação cognitiva com esforço propositivo e articulação das ferramentas simbólicas que dispomos. Ou seja, nosso objetivo ao descrever os fatos que implicam o processamento linguístico se concentra nos dispositivos de acionamento da interface comunicativa a partir de diversos módulos disponíveis aos interlocutores. Ao mesmo tempo, ressaltamos, como propõe Marcuschi (2008), que é fundamental levarmos em consideração o processamento interacional da linguagem, pois sua materialidade se encontra nas relações socialmente medidas entre indivíduos e/ou grupos e mediadas em contexto de uso.

A comunicação mediada por mídias digitais, ou melhor, a hipertextualidade, não significa uma aposta incondicional nas formas de transmissão de informações a ponto de supormos que houve uma intrínseca mudança na “tecné” linguística (Xavier, 2013). Evitamos descrever a linguagem no universo digital a partir de qualquer tipo de ótica indulgente, como se as tecnologias da informação ocupassem um espaço vago no processo comunicativo. O que procuramos compreender, no entanto, é quais tipos de esforços cognitivos que as formas de mixagem da linguagem implicam.

Algumas suposições parecem se confirmar de maneira mais evidente quando analisamos o fenômeno da hipertextualidade. Segundo Sperber e Wilson (1995[1986], p. 27) “A comunicação inferencial [...] pode envolver o uso de sinais codificados que não conseguem codificar as intenções do comunicador e apenas fornecem evidências incompletas sobre elas”¹⁷⁶. Ou seja, não há controles reais sobre todas as formas de representação das implicações disponíveis no processo de comunicação. O que qualquer interlocutor pode fazer é planejar estrategicamente o uso dos inputs que comporão o sistema de ostensividade. Afinal, o que conseguimos afirmar, em consonância com a Teoria da Relevância, é que a “comunicação é bem-sucedida não quando os ouvintes reconhecem o significado linguístico do enunciado, mas quando inferem a partir dele o ‘significado’ do falante”¹⁷⁷ (Sperber e Wilson, 1995[1986] p. 23).

Conclusões dessa natureza nos norteiam quanto à nossa pergunta de pesquisa, a qual questiona qual o processo cognitivo subjacente à produção hipertextual. Em certo sentido, com base nos dados que temos em mãos, consideramos que tanto do ponto de vista do produtor como da audiência, tendemos a lançar mão da nossa arquitetura mental modular. Isso implica que nossa compreensão está pautada nos sistemas representacionais de formulação de suposições sintéticas que têm no princípio cognitivo da relevância seu dispositivo de acionamento de base.

Além do mais, os resultados da pesquisa apontam que a construção da comunicação na hipertextualidade depende em grande medida das estratégias conscientes do processamento inferencial. É evidente que os interlocutores o fazem

¹⁷⁶ Do original: “Inferential communication [...] might involve the use of coded signals which fall short of encoding the communicator’s intentions and merely provide incomplete evidence about them”.

¹⁷⁷ Do original: “Communication is successful not when hearers recognise the linguistic meaning of the utterance, but when they infer the speaker’s ‘meaning’ from it”.

de maneira intuitiva, a partir da generalização do processamento comunicacional verbal geral. Isso demonstra nossa capacidade de gerenciar de maneira otimizada as informações que processamos, ao passo que também somos capazes de generalizar sistemas comunicativos verbais para outros tipos de sistemas mais complexos.

Dentro do nosso escopo de análise em níveis, observamos alguns fatos importantes para o estudo da ostensividade na hipertextualidade das redes sociais que estão condicionados às categorias teóricas particulares a esta:

1. Os elementos ostensivos de *reforço técnico/de movimento* (ícones / botões / destaques (*pop-ups/links*) / *hyperlinks* / *hashtags* / *tags*) funcionam como acessórios protocolares. Estes parecem servir bem aos propósitos de expectativa, antecipando em certo grau de ostensividade a relevância da produção enunciativa como um todo.
2. Quanto aos *efeitos contextuais de tipo 1*, também observamos que seu uso parece se referir à adição de implicações contextuais através das *affordances* (ícones, botões, destaques, *hyperlinks*, *hashtags* e/ou *tags*). Além do mais, esses efeitos parecem estar mais fortemente presentes no nível da interface do sistema.
3. Os elementos de interface devem sustentar um grau mais baixo de ostensividade, pois estão mais atrelados às possibilidades do sistema dadas *a priori*, oferecendo menos possibilidades para manipulações por parte dos interlocutores para além do permitido.
4. Os elementos de *reforço técnico/de movimento* devem proporcionar *inputs* complementares para o processamento da inferência, o que sugere a existência de graus de ostensividade endógena ao tipo de hipertextualidade que observamos com vídeos curtos.

Discutimos que hiper-ostensividade deve ser compreendida como um processo cognitivo sob o ponto de vista da estratégia da produção enunciativa em ambientes digitais. É evidente que a Teoria da Relevância explica que qualquer forma, ou módulo de linguagem enquanto fenômeno da comunicação humana, é pautada no Princípio Cognitivo da Relevância, o que explica por que certos *inputs* têm mais saliência de ostensividade do que outros. Todavia, o fenômeno observado na hipertextualidade é relativamente diferente da comunicação natural, por diversos

motivos, e são justamente esses os fatos que definem o porquê de a inferenciação ostensiva ser tomada sob uma abordagem também distinta.

Primeiramente, apesar de a linguagem oral, por exemplo, lançar mão de *inputs* ostensivos de reforço como a intensidade e o volume da voz, a ênfase, a inflexão e os gestos, é somente em ambiente hipertextuais que todos estes elementos podem ser mesclados simultânea e/ou concomitantemente no espaço de tempo da enunciação a partir de técnicas de manipulação e reforço de ostensividade audiovisual. A hipertextualidade permite que faixas de áudio diversas sejam acopladas ao segmento enunciativo principal, não apenas referido. Cenas podem ser recortadas de sua produção original e reconfiguradas, sobrepostas, mescladas, editadas, etc.

A tela permite que conjuntos de módulos semióticos diversos sejam mesclados à proposição principal de forma potencialmente espontânea e otimizada. A linguagem face-a-face também permite uma multiplicidade de recursos, mas normalmente estes estão condicionados às habilidades corporais do interlocutor. Na hipertextualidade os recursos estão, em parte, limitados à tecnologia disponível.

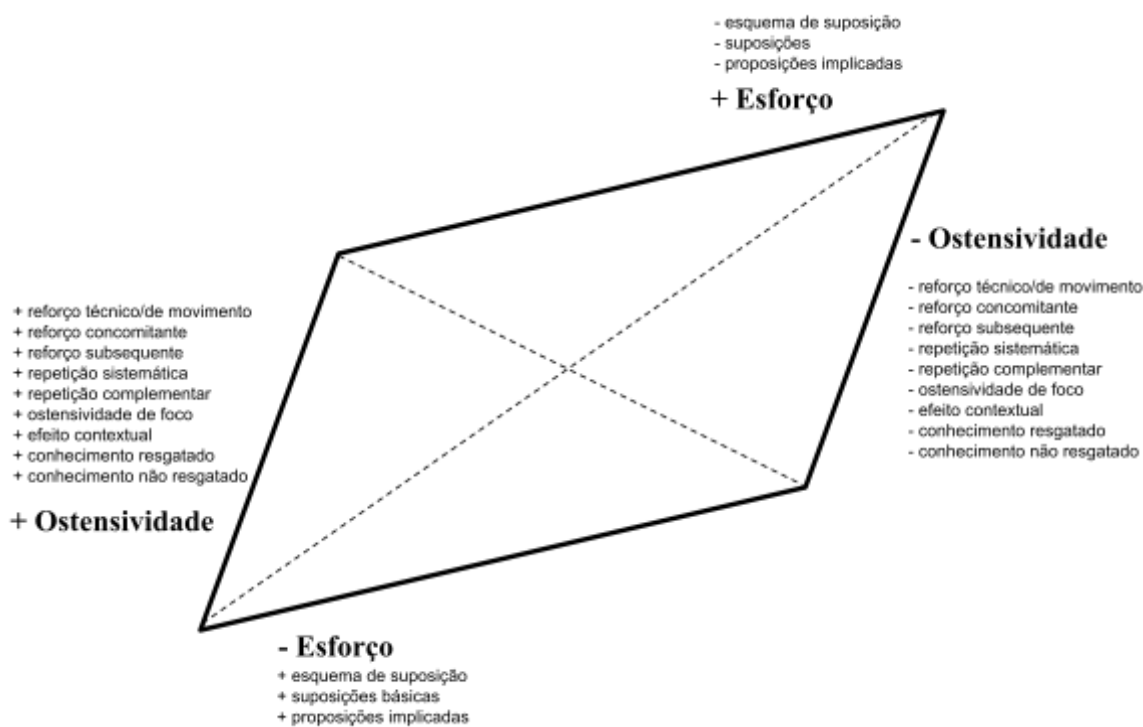
Notadamente, levamos em consideração os aspectos das *affordances* como mecanismos de coerção das possibilidades de recursos dentro das plataformas de redes sociais. Ainda assim, os elementos de antecipação de relevância produzem os efeitos contextuais necessários à otimização do seu uso. Esse processo de homogeneização das redes, como observado, aciona em certo sentido o fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas e de fatos dados por informações anteriores. Esse aspecto da sociabilidade das redes implica que a recursividade dos elementos disponíveis são conceptualizados o mais espontaneamente possível.

Esses aspectos da hipertextualidade, especialmente tendo em mente que nosso escopo de análise se concentrou em gêneros audiovisuais como os vídeos curtos, explicam que o conjunto de constituintes derivacionais são estrategicamente utilizados para otimizar o processamento inferencial tendo como base nossa arquitetura cognitiva. Nesse sentido, destacamos que não se trata, por exemplo, de apenas textos escritos, os quais em certa medida também dependem de recursos ostensivos para direcionar a interpretação. Sustentamos, todavia, que a hipertextualidade permite, e de certa forma encoraja, a utilização de mais reforços

ostensivos, constitutivos de recursos mais diversos, em relações de saliências mais dinâmicas.

Disso resulta que visualizamos o processamento ostensivo-inferencial como constitutivo de um sistema de produção em *contínuo*. Na verdade, ao nos determos à hipertextualidade, compreendemos que os hipertextos tendem a posições para mais ou para menos em termos de graus de esforço de processamento, ou melhor, de saliência de ostensividade. De acordo com nossa premissa, as plataformas de redes sociais permitem, e em certo sentido, otimizam o que classificamos como processamentos *hiper-ostensivos*. A Figura 39 (abaixo) representa graficamente os sistemas de classificação dos conteúdos hipertextuais em plataformas de redes sociais.

Figura 39 — Contínuo do sistema de hiper-ostensividade



Fonte: O autor (2024).

Notamos que o quadrante adjacente entre *+ostensividade* e *-esforço* tende a níveis mais espontâneos de processamento. Por outro lado, o ponto de encontro entre *-ostensividade* e *+esforço* parece resultar em processos de inferenciação menos otimizados e menos espontâneos, o que significa que os hiperleitores tendem

a demorar-se mais tempo e dedicar mais espaço de atenção em níveis maiores de concentração para proceder à computação inferencial.

Vídeos como o *Conhecendo Karl Marx por Rita von Hunty* parecem se encontrar em pontos de intersecção entre +ostensividade e +esforço, pois embora se constituam de elementos mesclados em sistemas de alta ostensividade, demandam do usuário hiperleitor esforços extras para computar suas suposições. Ao que tudo indica, vídeos como esse demandam reconhecimento da manifestação da proposta enunciativa, construção de um certo arcabouço de conhecimentos representacionais sobre os conteúdos principais e adjacentes, computação de suposições em níveis de segunda ordem para a interpretação das intenções cômicas e acessos a dispositivos representacionais a partir da entrada de estímulos múltiplos e simultâneos.

Por outro lado, vídeos como *The pastor just tryna get to the word #shorts*, parecem depender de saliências ostensivas menores no que se refere aos elementos recursivos da hipertextualidade. Vídeos como estes dependem de recursos semióticos menos verbais e mais semioticamente direcionados, levando em consideração conhecimentos de base e formas de conceptualização imediata a partir de recursos audiovisuais.

No entanto, o vídeo de Taxista Peixoto, *Quando lembro que sou crente no desafio de Léo Santana!*, tem proposições subjacentes menos explícitas. A apesar de recorrer em grande parte à verbalidade, seus recursos ostensivos para a inferenciação demandam efeitos contextuais e acessos a conhecimentos enciclopédicos arquivados. As relações de saliência são constituídas sob argumentos propositivos que dão base a suposições baseadas em relações de antagonia, o que exige mais esforço de processamento em relação ao vídeo de @jonathanbynoe. Por outro lado, quando comparado ao vídeo de @rita_von_hunty, menos esforço de processamento é requerido para a sua interpretação ótima.

Em termos gerais, a hiper-ostensividade deve ser o resultado do sistema de produção e difusão de informações a partir da lógica de mais estímulo e menos esforço de processamento. Naturalmente, temos visto que a comunicação visa a redução de esforço. No entanto, a hipertextualidade nas plataformas de redes sociais, nesse caso materializadas em vídeos curtos, utiliza-se de ferramentas múltiplas e linguagens variadas em sistemas de mescla para reduzir níveis desviantes de suposições não intencionadas e expandir o nível de retenção de

atenção do usuário. Desde sua concepção em termos de projeto de desenvolvimento à produção orgânica de usuários nas redes, temos visto que entre os variados gêneros, há presente elementos de ostensividade manipulados para reduzir a variação de interpretação de forma a direcionar otimamente a compreensão no sentido da intenção subjacente.

Neste caso, afirmamos que parte do trabalho de otimização da informação está pautada nos conhecimentos de usabilidade já armazenados na memória de longo prazo pelos usuários. No entanto, o acesso e o processamento cognitivos são tão bem articulados, que estes tendem a fazer uso de ferramentas hipertextuais como as plataformas de rede social quase que intuitivamente. O Módulo Digital da comunicação parece ter a capacidade de otimizar habilidades, preferências, disponibilidade de recursos e técnicas de mesclagem de forma a produzir efeitos de sentidos direcionados ostensivamente.

Dentro do escopo dessas questões, retomamos o conceito de Bazerman (2011) de padronização, ou tipificação dos textos. Apesar do autor não prever aplicações para a hipertextualidade, nos termos postulados dentro dos aspectos da Teoria da Relevância, há aproximações no que se refere às conclusões teóricas acerca do processamento da compreensão. Para Bazerman (2011), os textos são artefatos culturais que se amoldam às práticas sociais, as quais por sua vez, tendem a padronizá-los. Assim, a tipificação explicaria parte do processo de interpretação dos textos pelo fato de que os indivíduos antecipam conceitos e presumem proposições. Considerando este um aparato cognitivo, podemos afirmar que processos assim são subjacentes à interação com a hipertextualidade.

Evidentemente, não queremos transpor conceitos de uma teoria do texto escrito materializado em gêneros para a dinâmica das redes sociais. O que identificamos, porém, é o fundamento cognitivo que parece estar subjacente às práticas comunicativas. Para Bazerman (2011), a tipificação explica os mecanismos de compreensão a partir da cognição social. Para nós, a cognição é um aparato mental semi-modular que tem na antecipação da expectativa um dos seus dispositivos-chave.

A questão central discutida aqui, porém, recai sobre o fato de que são os ambientes hipertextuais das redes que fazem uso estratégico desse aparato de

antecipação de expectativa de relevância. Isso nos leva a concluir que são as categorias cognitivas de efeitos contextuais, particularmente as que processam o fortalecimento de suposições anteriormente sustentadas, são dadas por informações prévias que determinam a funcionalidade da homogeneidade da interface das redes. Ou seja, o processo de antecipação de inferência por ativação de efeitos contextuais deve ser observado na interface geral da hipertextualidade enquanto movimento comunicativo amplo, ao invés de apenas centrar-se na particularidade do hipertexto.

Supomos que as plataformas digitais, como as redes sociais, disponibilizam ferramentas de edições e mixagens as quais tendemos a identificar como efeitos de mesclagem. Porém, não conseguimos determinar com precisão quais efeitos de mesclagem ou mixagem são endógenos e quais não o são. Ou seja, para a criação dos conteúdos em plataformas de redes sociais sabemos que há uma infinidade de *softwares* e aplicações que complementam as ferramentas nativas das plataformas. Isso significa que não dispomos de técnicas precisas que nos auxiliem na identificação categórica acerca de qual nível em padrão de uso das ferramentas técnicas de interface são especificamente utilizadas em cada publicação, ou em cada parte dessas. Todavia, o fato de não conseguirmos determinar essa distinção enquanto usuários comuns é em si uma evidência da dinâmica perceptual da hipertextualidade. Estamos tão acostumados com esse tipo de linguagem que suas particularidades de construção de certa forma se invisibilizam.

Nesse sentido, compreendemos que qualquer processo investigativo em relação à hipertextualidade demanda um esforço explicativo complexo dada as características da própria hipertextualidade. Assim, o que tentamos produzir foi uma abordagem centrada em aspectos pontuais da hipertextualidade e suas implicações para a cognição. O processo investigativo produzido aqui nos leva a pensar em algumas lacunas que a pesquisa parece apontar. Essas questões têm a ver com os pressupostos teóricos discutidos e nos levam às seguintes considerações que, acreditamos, merecem atenção:

- Considerando que a hiper-ostensividade é resultado da macrorrelação dos variados *inputs* em disputa, como se poderia medir a variação em graus específicos de saliência para cada tipo de *input*?
- Partindo do pressuposto de que o conjunto de *inputs* em relação de produção de sentido proposicional caracteriza os constituintes derivacionais observáveis em segmentos enunciativos na

hipertextualidade, quais fatores particulares ao Módulo Digital determinam sua constituição enquanto partes de segmentos?

- Tomando o caráter da antecipação dos fatores de relevância como parte da constituição cognitiva da sociabilidade das práticas em redes sociais, quais processos sintéticos especificamente determinam a constituição destes fatores no ambiente cognitivo dos usuários de redes sociais? E ademais, quais processos cognitivos devem determinar a passagem de memória de curto para longo prazo na construção destes ambientes cognitivos (considerando que estes sejam parte de um processo macro de constituição da nossa cognição)?

Assim, esta tese aponta para mais perguntas do que propriamente para respostas definitivas no que se refere aos fenômenos observados com os dados aqui expostos. Compreendemos que a hipertextualidade materializada em gêneros produzidos em plataformas de redes sociais demanda dos estudos da cognição mais investigação quanto a, por exemplo, quais efeitos para a cognição de longo prazo se pode observar a partir dos usos destes hipertextos. Além do mais, parece ser fundamental que pensemos sobre quais impactos os usos de inteligência artificial devem gerar para as práticas de interação e difusão de informações em ambientes digitais. Questões assim demandam esforços investigativos fortemente pautados nos estudos da cognição humana, e neste sentido, estamos seguros de que a Teoria da Relevância deve indicar para abordagens promissoras.

REFERÊNCIAS¹⁷⁸

Acessíveis Cast. **Rita Von Hunty - Acessíveis Cast #09**. Transmitido ao vivo em 14 de set. de 2023. São Paulo: Acessíveis Cast, 2023. 1 vídeo (1:51:11 h), YouTube, son., color. Publicado pelo Acessíveis Cast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1JvY6Qgg3a0>. Acesso em: 18 fev. 2024.

Adam, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

Almeida, Tiago Lessas José de. Instagram: análise crítica das postagens jornalísticas através da Teoria da Relevância. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 11, n. 2, p.1-20 ago. 2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2045>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Allocca, Kevin. **Videocracy: How YouTube is Changing the World... with Double Rainbows, Singing Foxes, and Other Trends We Can't Stop Watching**. New York: Bloomsbury, 2018.

Amaral, Denise Meira do. Rita von Hunty: Consciência de classe com humor. **Revista Trip**, São Paulo, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/rita-von-hunty-consciencia-de-classe-com-humor>. Acesso em: 13 fev. 2024.

Araújo, Elaine Vasquez Ferreira de. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Cadernos do CNLF**, vol. XV, nº 5, t. 1, p. 633-639. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/55.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

Barton, David e Lee, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. 1º Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Barreto Filho, Ricardo Rios. **Avaliações da (im)polidez em interações no Facebook**. 2019. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Artes e Comunicação (CAC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/32958/1/TESE%20Ricardo%20Rios%20Barreto%20Filho.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2024

Bazerman, Charles. **Escrita, gênero e interação social**. Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2007.

Bazerman, Charles. **Escrita, gênero e interação social**. Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2007.

¹⁷⁸ Referências bibliográficas produzidas com base na normatização ABNT NBR 10520:2023.

Bazerman, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 4º Ed. Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio (Orgs.). São Paulo: Cortez Editora, 2011.

Beaugrande, Robert-Alain de. e Dressler, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Tradução Sebastián Bonilla. Barcelona: Editora Ariel, S.A., 1997.

Bellan, Rebecca. **The Top Social Media Apps Of 2020, According To Apptopia**. Forbes. 2022. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/rebeccaBellan/2020/12/03/the-top-social-media-apps-of-2020/?sh=4cfa52db1d4e>. Acesso em: 15 jul. 2022.

Blikstein, Izidoro. **Kaspar Hauser ou fabricação da realidade**. 18º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

Bouchardon, Serge. Des figures de manipulation dans la création numérique. **Protée**, v. 39, n. 1, p. 37–46. Québec, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1006725ar>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Boyd, Danah. e Ellison, Nicole. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, Indiana, v. 13, n. 1, p. 210-230, out. 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 07 jan. 2023.

Casimiro, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Castells, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. V. 1 - A sociedade em rede. Tradução Roneide Venancio Majer. 6º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Cavalcante, Mônica Magalhães e Custódio Filho, Valdinar. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26452>. Acesso em: 22 jan. 2024.

Cavalcante, Mônica Magalhães. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 2020. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado em Linguística, Recife, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19379>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Charney, Davida. The Effect of Hypertext on Processes of Reading and Writing. In: Cynthia L. Slefe e Susan Hilligoss (Orgs.). **Literacy and Computers**. New York: The Modern Language Association of America 1994.

Chomsky, Noam. **Linguagem e mente**. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3º Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Clark, Billy. **Relevance theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

Coscarelli, Carla Viana. Textos e Hipertextos: procurando o equilíbrio. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 549-564, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/BQKxvxwpBQPTDpynwmRnZkH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2023.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2020**. Câmara Brasileira do Livro: São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2020/>. Acesso em: 17 jul. 2022.

Dascal, Marcelo. **Pragmática e filosofia da mente 1: O pensamento na linguagem**. Tradução Rodrigo Borges de Faveri. Curitiba: Editora UFPR, 2011

Dawkins, Richard. **O gene egoísta**. Tradução: Rejane Rubino. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

European Union. European Commission. Commission Staff Working Document. **An EU initiative on Web 4.0 and virtual worlds: a head start in the next technological transition**. [Strasbourg]: European Commission, 11 jul. 2023. Disponível em: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/library/staff-working-document-information-insights-and-market-trends-web-40-and-virtual-worlds?>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Fernandes, Florestan. **Marx, Engels, Lenin: história em processo**. 1º Ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

Ferrari, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1º Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Fodor, Jerry A. Précis of The Modularity of Mind. In: **Behavioral and Brain Sciences**, v. 8, n. 1, p. 1-42 mar. 1985. Disponível em: https://www.ida.liu.se/divisions/hcs/seminars/cogsciseminars/Papers/modularity_of_mind_1985.pdf. Acesso em: 14 fev. 2024.

Geyser, Werner. **The State of Influencer Marketing 2023: Benchmark Report**. Influencer Marketing Hub. 2023. Disponível em: <https://influencermarketinghub.com/influencer-marketing-benchmark-report/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

Gibson, James J. **The theory of affordances: the ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

Gillespie, Tartelon. **A relevância dos algoritmos**. Tradução Amanda Jumo. In: **Parágrafo - Revista do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM – Centro Universitário**. v. 6. n. 1. p. 95-121. São Paulo/Brasil. jan./abr., 2018.

Gragnani, Juliana. Como planos de celular com Facebook e WhatsApp ilimitados podem potencializar propagação de notícias falsas. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43715049>. Acesso em: 18 jul. 2022.

Gregório, Léo. Rita Von Hunty, a drag queen que dá aulas de política: "Intolerância é enfraquecedora das lutas". **Revista Quem**, São Paulo, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2020/06/rita-von-hunty-drag-queen-que-da-aulas-de-politica-intolerancia-e-enfraquecedora-das-lutas.html>. Acesso em: 13 fev. 2024.

Grice, H. Paul. Meaning. In: **The Philosophical Review**, v. 66, n. 3. p. 377-388. Duke University Press: Durham/USA. jul. 1957. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2182440?searchText=grice&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3Dgrice&ab_segments=0%2Fbasic_search_gsv2%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3Acb1a1734fb2588c84dee3634bc0fe8c1. Acesso: 25 jan. 2024.

Grice, H. Paul. Lógica e conversação. Trad. de João Vanderley Geraldi. In: Dascal, Marcelo (Org). **Pragmática: problemas, críticas**. Campinas: UNICAMP/IEL. Col. Fundamentos metodológicos da linguística. [1967]1982.

Harrison, Gabriela Baldassin. **As mudanças do algoritmo do YouTube em canais gamers?** - Uma análise de percepções. f. 66. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31199/1/AS%20MUDAN%C3%87AS%20DO%20ALGORITMO%20DO%20YOUTUBE%20EM%20CANAIS%20GAMERS.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.

Herman, Edward S. e Chomsky, Norman. **Manufacturing consent: the political economy of the mass media**. Pantheon Books: Toronto, 2002.

Hjelmslev, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. 2 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019[1975].

Iqbal, Mansoor. **TikTok Revenue and Usage Statistics (2023)**. Business of Apps. 2023. Disponível em: <https://www.businessofapps.com/data/tik-tok-statistics/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

Jenkins, Henry. **Cultura de convergência**. Tradução: Susana L. de Alexandria. 2º Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

Koch. Ingedore Grünfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8º Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

Koch, Ingedore G. Villaça. Hipertexto e a construção de sentido. In: **Alfa**, São Paulo, 51 (1). pp. 23-38, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1425/1126>. Acesso em: 07 ju. 2024.

Lakoff, George. **Don't think of an elephant!:** Know your values and frame the debate: the essential guide for progressives. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

Lemos, André. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. In: **Matrizes**. v. 9, n. 1, p. 29-51 jan./jun. 2015. São Paulo/Brasil. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i1p29-51>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

Levinson, Stephen G. **Pragmática**. Tradução Luiz Carlos Borges e Aníbal Mari. 2º Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020.

Lévy, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2º Ed. São Paulo: Editora 34, 2010a.

Lévy, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 34º Ed. São Paulo: Editora 34, 2010b.

Marchi, Fernanda de. **O processo inferencial da linguagem politicamente incorreta da Web 2.0:** Uma abordagem em interfaces. Orientador: Dr. Jorge Campos da Costa. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=101831. Acesso em: 22 jul. 2022.

Marconi, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5 º Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de textos e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 10º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Marcuschi, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Linguagem & Ensino**, vol. 4, nº. 1, 2001, p. 79-111. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15529/9710>. Acesso em: 22 jul. 2024.

Marcuschi, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** 3º Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

Martins, Helena. **Comunicações em tempos de crise:** economia e política. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

Marx, Karl. **O Capital [Livro I]:** crítica da economia política. O processo de produção do capital. 2º ed. São Paulo: Boitempo, 2011[1867].

McLuhan, Marshall. **Understanding media**. London: Routledge Classics, 2001[1964].

Monteiro, Jean Carlos da Silva. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. In: **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**. V. 01, N.02 Mar./Abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/30795>. Acesso em: 03 jun. 2024.

Mpama, Enunoswo. Comedy Meets Music: Jonathan Bynoe's Adventurous Creative Journey and His Fondness for Artistic Innovation. **The Teen Magazine**, Cambridge, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.theteenmagazine.com/comedy-meets-music-jonathan-bynoe-s-adventurous-creative-journey-and-his-fondness-for-artistic-innovation>. Acesso em: 13 fev. 2024.

Netto, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1º Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

Nieborg, David e Helmond, Anne. The political economy of Facebook's platformization in the mobile ecosystem: Facebook Messenger as a platform instance. In: **Media, Culture and Society**, v. 40, n. 2, p. 163–227, mar. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.1177/0163443718818384>. Acesso em: 31 jul. 2023.

Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto; Cunha, Gustavo Ximenes de; Siqueira, Bruna Monteiro. An analysis of news headlines under the light of Relevance Theory, newsworthiness and sensationalism. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 11, n. 2, p.1-22 mai./ago. 2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2084>. Acesso em: 27 jul. 2022.

Othero, Gabriel de Ávila e Spinelli, Ana Carolina. Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado. In: **Revista letras**. Curitiba, PR. n. 96, p. 174-195, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/179070>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Paveau, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. São Paulo: Pontes, 2021.

Pêcheux, Michel. Análise de conteúdo e teoria do discurso (AAD-69). In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Françoise Gadet e Tony Hak (Orgs.). São Paulo: Editora Unicamp, 2014. p. 59-158.

Pereira, Paulo de Tarso Irigaza. **O aspecto viral das mídias digitais** - uma abordagem pragmática. Orientador: Dr. Jorge Campos da Costa. 103 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7161>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Poell, Thomas; Nieborg, David; Dijck, José van. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. v. 22, n. 1, p. 2-10 jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01>. Acesso em: 01 out. 2022.

Queiroz, Matheus. Luana Piovani e cita polêmica com ex da atriz: 'Fica quieta'. **Purepeople**, São Paulo, 9 mar. 2022. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/maira-cardi-discute-com-luana-piovani-para-dedefender-arthur-aguiar-e-barraco-agita-web-tambem-traiu_a342477/1. Acesso em: 24 fev. 2024.

Rahman, Afuar. How to Pause Instagram Reels and Use the Progress Bar?. Tech Insight Zone. Bangladesh, 12 ju. 2024. Disponível em: <https://techinsightzone.com/how-to-pause-instagram-reels/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

Ramal, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura**: hipertexto, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Recuero, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24759/4/AnaliseDeRedesPDF.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

Recuero, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2º Ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

Rocha, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e Retórica do ódio**: Crônicas de um Brasil Pós-político. 1º Ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

Rossi, Amanda, Carneiro, Julia Dias e Juliana, Gragnani. **#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos**. BBC Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-457000132018>. Acesso em: 17 set. 2022.

Saito, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**. Tradução Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2021.

Sarmiento, Gabriela. 'Posturado e Calmo': Leo Santana desafia fãs no palco e viraliza com nova música. **G1**, São Paulo, 30 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2023/06/30/posturado-e-calmo-leo-santana-desafia-fas-no-palco-e-viraliza-com-nova-musica.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2024.

Santaella, Lucia. **Comunicação ubíqua**: Repercussões na cultura e na educação. 1º Ed. Paulus Editora: São Paulo, 2013.

Saussure, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006[1916].

Silva, João Paulo Muniz da. e Cortez, Suzana Leite. A (re)construção dos referentes em memes verbo-visuais. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. p. 386-405, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32149>. Acesso em: 23 jul. 2023.

Silveira, Jane Rita Caetano da. e Feltes, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios**. 3º Ed. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2002.

Spagnuolo, Sérgio e Martins, Laís. With zero-rating, Meta prevented open internet from emerging around the world, says Frances Haugen. **Núcleo Jornalismo**, 2022. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/english/2022-07-04-zero-rating-meta-prevented-open-internet/>. Acesso em 19 jul. 2022.

Sperber, Dan e Wilson, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. Second Edition. Oxford: Backwell Publishing, 1995[1986].

Sperber, Dan e Wilson, Deirdre. Teoria da relevância. In: **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005. Tradução de Fábio José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/287/301. Acesso em: 10 de mar 2020.

Sperber, Dan e Wilson, Dierdre. Pragmatics, modularity and mind-reading. In: **Linguistics & Language**, n. 17, p. 3-23, 2002. Disponível em: <http://www.dan.sperber.fr/wp-content/uploads/2009/09/PragmaticsModularityMindReading.pdf>. Acesso, 03 fev. 2024.

Steensen, Steen e Westlund, Oscar. **What is Digital Journalism Studies?** Nova York: Routledge Taylor & Frances Group, 2021.

Stokel-Walker, Chris. **TikTok Boom: um aplicativo viciante e a corrida chinesa pelo domínio das redes sociais**. Tradução: Alexandre Raposo; Carolina Selvatici; Diego Magalhães. 1º Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

Sua, Conghui; Zhoua, Hui; Gong, Liangyu et al. Viewing personalized video clips recommended by TikTok activates default mode network and ventral tegmental area. In: **NeuroImage**, v. 237, p. 1-11. mai. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2021.118136>. Acesso em: 19 ago. 2023.

TikTok. **Sobre o TikTok**. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/about?lang=pt-BR>. Acesso em: 03 jun. 2020.

Turato, Luzia de Fatima e Santos, Célia Maria Retz Godoy dos. A polifonia do TikTok: interação e cidadania dos jovens no contexto da pandemia. In: Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã, XV., 2021, 'on-line'. **Anais** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã. São Paulo: ABPCOM - Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e

UNESP - Universidade Estadual Paulista / FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação, 2021.

van Dijk, Teun. A. **Context and cognition:** knowledge frames and speech act comprehension. In: Journal of Pragmatics. v. 1, n. 3. Amsterdam: Elsevier B. V., set. 1977, pp. 211-231.

van Dijk, Teun. A. Discourse and Manipulation. In: Discourse & Society. v 17, n3, p. 359-383. mai. 2006. Disponível em: <https://discourses.org/wp-content/uploads/2022/07/Teun-A.-van-Dijk-2006-Discourse-and-manipulation.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

Verbo Recife Campo Grande. **Verbocast #EP25 | Taxista Peixoto.** Transmitido ao vivo em 23 de dez. de 2023. Recife: Verbo Recife Campo Grande, 2023. 1 vídeo (1:01:17 h), YouTube, son., color. Publicado pelo canal Verbo Recife Campo Grande. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6i4j8HrNAo&t=558s>. Acesso em: 14 fev. 2024.

Vilicic, Filipe. **O clique de 1 bilhão de dólares:** A incrível história do brasileiro Mike Krieger, fundador do Instagram. 1º Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

Wallace, Rob. **Pandemia e Agronegócio:** Doenças Infecciosas, Capitalismo e Ciência. 1º Ed. São Paulo: Editora Elefante, 2020

Wolf, Maryanne. **O cérebro no mundo digital:** Os desafios da leitura na nossa era. Tradução Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

Vanzan, Vanessa. **What do you meme?:** Humor, comunicação, cognição e relevância. Orientadora: Dra. Ana Maria Tramunt Ibãnos. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/16683>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Xavier, Antônio Carlos. A dança das linguagens na web: critérios para a definição de hipertexto. In: Thaís Cristófaros Silva e Heliana Mello. (Orgs.). **Conferências do V Congresso Internacional da ABRALIN.** Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2007. p. 199-210.

Xavier, Antônio Carlos. **A era do hipertexto:** Linguagem e Tecnologia. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

Xavier, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: Marcuschi, Luiz Antônio e Xavier, Antônio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Xavier, Antônio Carlos. **Retórica digital:** a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador. Recife: Pipa Comunicação, 2013. Disponível em:

https://www.pgletras.com.br/_documentos/acervo/ebooks/ebook-retorica-digital_Antonio-Carlos-Xavier.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

Yahya, Hanna. **Jornais em 2021: impresso cai 13%; digital sobe 6%**. Poder 360. 2022. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impresso-cai-13-digital-sobe-6/>. Acesso em: 17 set. 2022.

YouTube. YouTube Creators, 2023. YouTube Creators - Shorts. Disponível:

https://www.youtube.com/intl/pt-BR_ALL/creators/shorts/. Acesso em: 01 nov. 2023.